

Maria Lima de Santana



O ENVELHECER NOS DISCURSOS

DE REVISTAS SEMANAIS DE INFORMAÇÃO

O ENVELHECER NOS DISCURSOS

DE REVISTAS SEMANAIS DE INFORMAÇÃO

Maria Lima de Santana



1ª edição. Teresina - PI, 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitor

José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

Superintendente de Comunicação

Jacqueline Lima Dourado

Editor

Ricardo Alaggio Ribeiro

EDUFPI - Conselho Editorial

Ricardo Alaggio Ribeiro (presidente)

Acácio Salvador Veras e Silva

Antonio Fonseca dos Santos Neto

Cláudia Simone de Oliveira Andrade

Solimar Oliveira Lima

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Viriato Campelo

Editora da Universidade Federal do Piauí - EDUFPI

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella

CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI - Brasil

Todos os Direitos Reservados

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

Serviço de Processamento Técnico

S232e Santana, Maria Lima de.

O envelhecer nos discursos de revistas semanais de informação / Maria Lima de Santana. – Teresina : EDUFPI, 2020.

242 p.

ISBN 978-65-86171-77-8

1. Discurso. 2. Envelhecimento. 3. Época. 4. Idosos. 5. Veja.
I. Título.

CDD 808.51

Capa, projeto gráfico e diagramação: Vinicius Alves - Oby Digital .

Revisão: o autor.

A Francisco Reijane da Rocha Silva, meu eterno amor, sem talvez.



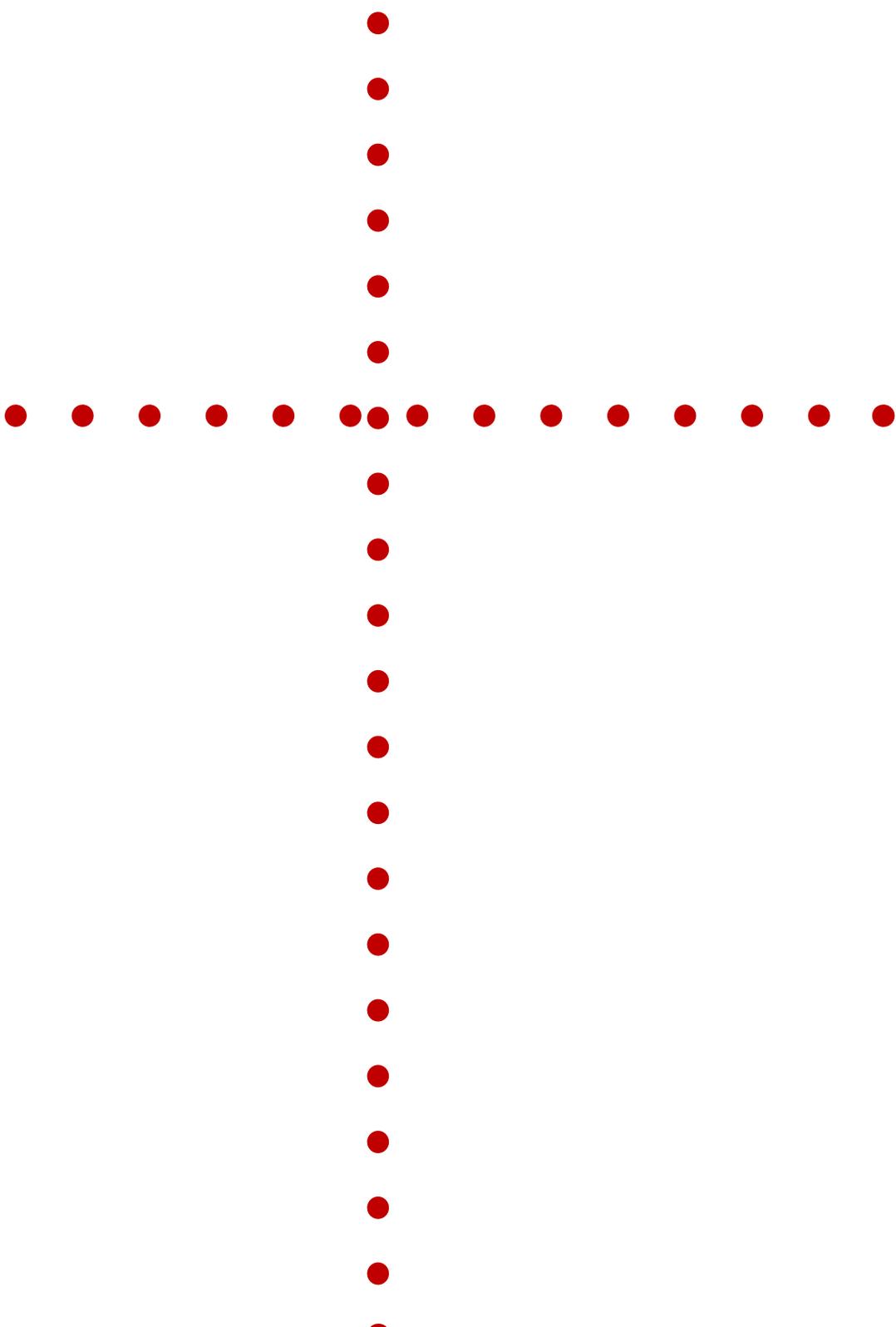
Quando a velhice chegar, aceita-a, ama-a . Ela é abundante em
prazeres se souberes amá-la. Os anos que vão gradualmente
declinando estão entre os mais doces da vida de um homem.
Mesmo quando tenhas alcançado o limite extremo dos anos,
estes ainda reservam prazeres.

Sêneca



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O DISCURSO NA PERSPECTIVA DA TEORIA DOS DISCURSOS SOCIAIS	15
2.1 REFLEXÕES SOBRE DISCURSO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS	15
2.1.1 O SUJEITO E SUAS FACES NO DISCURSO: A QUESTÃO DA DISCURSIVIDADE	24
2.1.2 ENUNCIÇÃO E DISPUTAS DE SENTIDO	29
2.1.3 POLIFONIA E HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS	32
2.2. O IDEOLÓGICO E O PODER NAS TRAMAS DO TEXTO	36
2.2.1 AS FORMAS DE DIZER, MOSTRAR E SEDUZIR PELOS ENUNCIADORES	42
2.3. A IMAGEM COMO PRODUTORA DE SENTIDOS NA RELAÇÃO TEXTO/IMAGEM/LEITOR	45
2.4. RELAÇÃO ENTRE DISCURSOS E SENTIDOS NA DINÂMICA DO CONTRATO DE LEITURA	48
3. OS MÚLTIPLOS SENTIDOS DO ENVELHECER NA CONTEMPORANEIDADE	53
3.1. O QUE É ENVELHECER	53
3.2. ENVELHECIMENTO E ATUALIDADE: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO	67
3.3. POTENCIAL CRIATIVO E ENVELHECIMENTO: A DINÂMICA EM SOCIEDADE	74
3.4. ENVELHECIMENTO E ESTÉTICA: OS EFEITOS DE SENTIDO DA MÍDIA	81
4. O ENVELHECER NO SÉCULO XXI: OS DISCURSOS DE VEJA E ÉPOCA	89
4.1. OS MODOS DE ENVELHECER EM ÉPOCA E VEJA: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA	90
4.1.1. ENUNCIÇÃO E DISPUTAS DE SENTIDO: LUGARES OCUPADOS PELOS SUJEITOS EM ÉPOCA E VEJA	91
4.1.2. ÉPOCA E O ENVELHECER: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA	92
4.1.3. VEJA E O ENVELHECER: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA	121
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS	168
CORPUS	171
SOBRE A AUTORA	241



1. INTRODUÇÃO

Culturalmente nossa sociedade demonstrou preocupação às pessoas com idade igual ou superior aos sessenta anos, no entanto, percebemos que, nos últimos anos, ela tem despertado atenção mais específica. É notório que os meios de comunicação têm se voltado com bastante ênfase para o público idoso, divulgando formas sobrenaturais que contribuem para a melhoria na qualidade de vida, bem como para adquirir o elixir da longevidade. Essa atenção é resultante do novo espaço adquirido pelo homem na faixa – etária de sessenta anos.

A crescente preocupação da mídia em apresentar questões referentes ao público acima de sessenta anos nos chamou a atenção, por isso contribuiu para a escolha do estudo deste tema. Percebemos que, atualmente, são muitos os tipos de publicações que tratam do mesmo tema nos meios midiáticos. Além disso, verificamos, também, que cada periódico utiliza uma estratégia enunciativa diferente, a fim de envolver um público específico. Nesse sentido, um dos objetivos deste trabalho é perceber como os suportes midiáticos, mais especificamente as revistas de informação semanal – *Veja* e *Época* – constroem seus discursos acerca do envelhecer e como esses discursos contribuem para a formação das identidades dos leitores.

Nesse afã, o nosso propósito está em identificar as estratégias de produção de sentidos no discurso midiático no que diz respeito ao envelhecimento, considerando os elementos responsáveis pela constituição da discursividade desses suportes midiáticos. Para tanto, analisamos como as revistas *Veja* e *Época* constroem seus discursos acerca do processo de envelhecimento, levando em consideração tanto o uso da linguagem verbal quanto o de outras semióticas.

Diante da definição do nosso objetivo, salientamos que entre os elementos básicos e recorrentes na elaboração discursiva da identidade da pessoa idosa, destacamos a ênfase dada à saúde, à estética, ao bem-estar e ao discernimento, em contraposição a do-

ente, inválido e caduquice. Essa nossa inquietação para conduzir a referida pesquisa provém de o novo olhar dispensado ao público idoso por parte dos meios de comunicação, visto que temos conhecimento de que as mídias detêm grande influência na tomada de posição e mudança de comportamento de qualquer cidadão.

Por isso nos inquietamos a investigar o problema escolhido para esta pesquisa que está pautado nos seguintes questionamentos: — Como os sujeitos enunciadores posicionam seus discursos frente ao processo do envelhecer, nos anos de 2009 e 2010, nas revistas *Veja* e *Época*? Como se dá a construção de identidades dos idosos na matéria significativa das revistas *Veja* e *Época*, com relação ao envelhecer? Como se dá a mudança discursiva nas revistas? Apontam o sujeito em processo de envelhecimento? Esse sujeito aparece sem sinais de idade avançada, mas de prestígio, respeito e vigor próprio da juventude?

Depois de definirmos os suportes midiáticos que serviram de base para esta pesquisa, quais sejam as revistas de informação semanal *Veja* e *Época*, escolhemos o *corpus* a ser analisado. Ressaltamos que o motivo da escolha dessas duas revistas deve-se ao fato de serem de grande referência enquanto meio de comunicação impressa. Além disso, são revistas muito bem conceituadas diante da sociedade brasileira e competem em busca de um público bem seletivo.

O *Corpus* de nossa pesquisa se constitui de doze reportagens veiculadas nas referidas revistas nos anos de 2009 e 2010. Assim delimitadas: quatro revistas *Época* circuladas em 2009 e duas em 2010. Quatro revistas *Veja* no ano de 2009 e duas no ano de 2010. Sendo assim, optamos por trabalhar com todas as reportagens que abordassem o tema do envelhecimento nos anos de 2009 e 2010, independentemente do foco, portanto os aspectos relacionados ao tema em questão foram os mais variados possíveis, a saber: saúde, beleza, aposentadoria, estética, comportamento e longevidade. Esse *corpus* nos proporcionou não só identificar como as revistas constroem enunciativamente discursos sobre os sentidos de envelhecimentos, mas também propicia analisar como esses se constituem discursivamente.

A leitura das revistas *Veja* e *Época* proporciona a interação entre os leitores e “o mundo dos acontecimentos”, haja vista serem veículos de comunicação que, em divulgação semanal, levam ao público leitor os mais variados tipos de informação, como política, economia, cultura, comportamento, dentre outros. A leitura dessas revistas é um hábito de grande parte da população adulta, tendo, pois, relevância na construção da imagem social. Assim, acreditando serem essas revistas um espaço discursivo, lugar de construção, contradição e reconhecimento de identidade, este trabalho procura verificar como o envelhecer é abordado nas referidas revistas. É esse, portanto, o motivo de termos feito a análise de todas as reportagens que tratam direta ou indiretamente do tema em questão.

Para tanto, destacamos o foco metodológico empregado para desenvolver esta pesquisa. O tratamento do *corpus* está pautado na perspectiva qualitativa, amparando-se na análise documental (as reportagens), com base na Análise de Discursos, mais especificamente no modelo de análise de Milton José Pinto (2002); no que se refere à organização dos capítulos, tomamos como percurso inicial a discussão teórica sobre a fundamentação teórica considerada relevante e que serviu de base à investigação do problema da pesquisa. Esse embasamento teórico foi fundamental para a realização das análises do *corpus*.

Nesse sentido, entendemos que o diálogo entre os autores evidenciados para a realização do estudo proposto é de fundamental importância para o levantamento das análises, bem como para a compreensão dos discursos suscitados pelas revistas. Portanto, buscamos o suporte teórico em Pêcheux (2009), Fairclough (2001), Foucault (2007; 2008), Verón (2004) e Pinto (2002), entre outros para evidenciar o conceito de discurso, Benveniste (2005; 2006), Bakhtin (2003), Foucault (2009a, 2009b), Ducrot (1987) sobre enunciação, enunciado e sujeito; Althusser (1991) e Bakhtin (2003) contribuíram, também, com a ideia de ideologia. Outros autores também contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento deste trabalho, a saber: Barros (2007), Bernardes (2010), Monteiro (2003), Lemos (2004) que forneceram base para a análise

do processo de envelhecer no mundo contemporâneo.

Ressaltamos que outros autores, também, deram grandes contribuições na base teórica desse estudo, por isso se farão presentes no decorrer do trabalho. Pois fazemos algumas considerações sobre a análise de discursos, perpassando por conceitos importantes utilizados pela teoria dos discursos sociais, visto que a proposta de análise aqui idealizada se ancora nos textos das revistas, considerando as estratégias enunciativas de aproximações e distanciamentos, logo, as discussões foram sustentadas em muitos autores que são estudiosos dessa teoria.

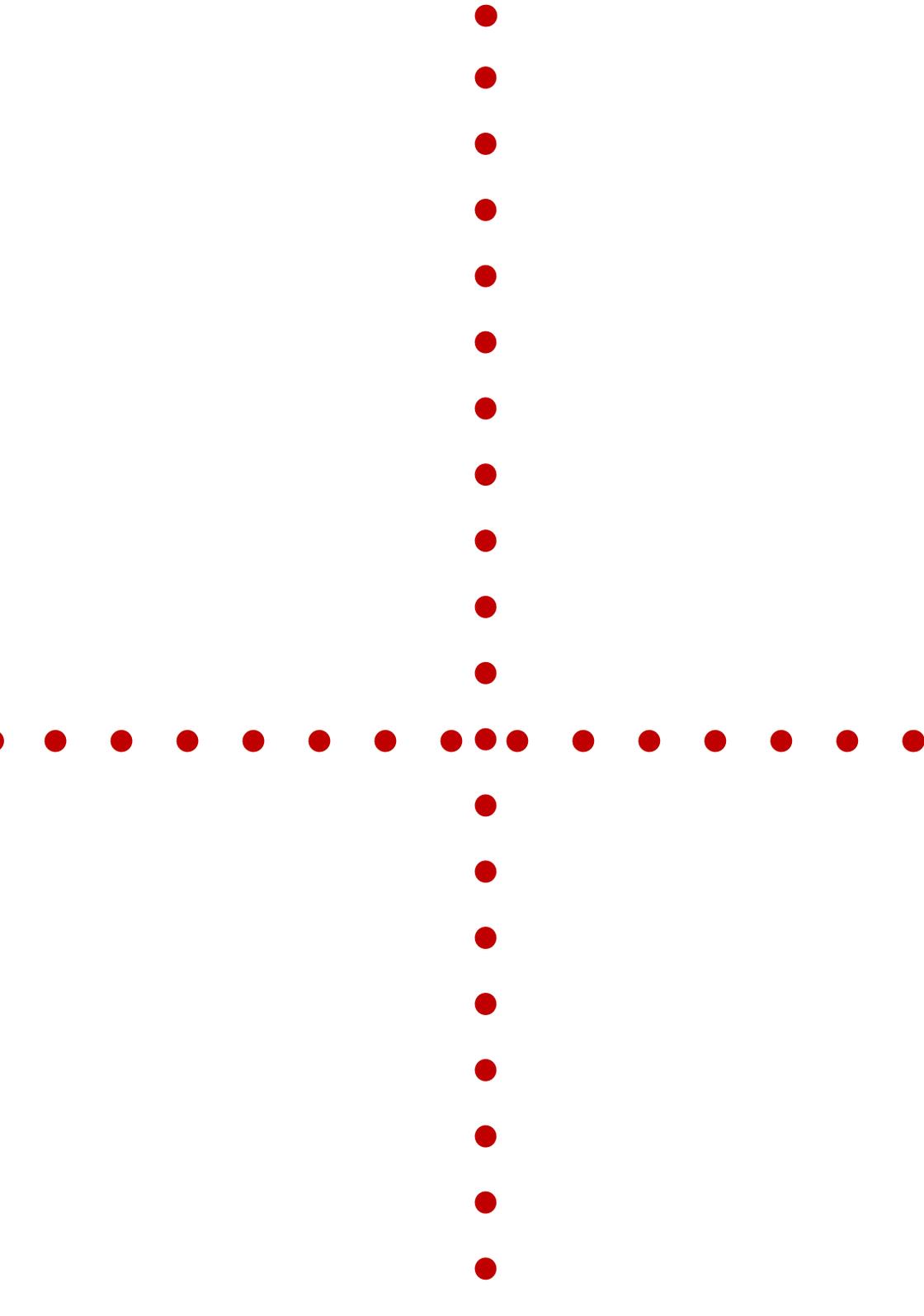
Esta dissertação está dividida da seguinte maneira: na primeira parte do trabalho, desenvolvemos uma discussão sobre *o discurso na perspectiva da teoria dos discursos sociais*. Diante disso, apresentamos a fundamentação teórica que serviu de base à investigação do problema da pesquisa. Além disso, foram realizadas algumas abordagens teóricas sobre o discurso na perspectiva da teoria dos discursos sociais que serviram para nortear o olhar da analista no processo das análises do *corpus*, bem como sobre como o sujeito se constitui a partir dos discursos midiáticos veiculados nas revistas semanais de informação.

Na segunda parte, nosso olhar foi direcionado para *os múltiplos sentidos do envelhecer na contemporaneidade*. Neste capítulo, foi feito um estudo acerca das abordagens sobre referências discursivas do envelhecer, em nível nacional, buscando, através da revisão da literatura, verificar a preocupação dos autores com a discussão sobre o tema, com a intenção de identificar e analisar a complexidade do processo de envelhecimento. Dessa forma, apresentamos o significado de envelhecer na sociedade contemporânea; na intenção de entender os sentidos de envelhecer produzidos e em circulação na sociedade. Para tanto, tecemos discussões sobre as estratégias que pessoas em processo de envelhecimento encontram para enfrentar o estilo de vida da atualidade, frente às novas tecnologias, em busca de readquirir um lugar na sociedade por terem sido deslocadas do sistema produtivo dominante.

Na terceira parte, procuramos compreender o envelhecer no século XXI: os discursos de *Veja e Época* através das análises dos

textos. Por conseguinte, foram analisados os dispositivos de enunciação das duas revistas, a fim de que nessa discussão, se perceba a dinâmica dos processos materializados nos textos das revistas em análise. Buscamos, ainda, compreender, por meio da análise dos discursos circulados nas reportagens em apreciação, a imagem do tu pelos enunciadores das revistas através da construção da imagem de um tu discursivo, materializada nas marcas deixadas na superfície das reportagens pelos enunciadores.

Por último, apresentamos considerações embasadas nas análises feitas, ou seja, fundamentadas na apresentação e análise dos dados observados, com o objetivo de confirmar os questionamentos que impulsionaram nossa pesquisa. Ademais, apresentamos as possíveis respostas para esses questionamentos, bem como para os problemas que surgiram no decorrer da pesquisa. Ressaltamos, também, considerações sobre nossa investigação.



2. O DISCURSO NA PERSPECTIVA DA TEORIA DOS DISCURSOS SOCIAIS

2.1 REFLEXÕES SOBRE DISCURSO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Neste capítulo faremos uma discussão sobre a fundamentação teórica que contribuiu relevantemente para a investigação do problema de nossa pesquisa. Abordar o discurso na perspectiva da Teoria dos Discursos Sociais é considerá-lo como prática social de produção de sentidos, um fenômeno de comunicação materializado em textos. Os sentidos dos textos são construídos na interação social, considerando aspectos sociohistóricos e ideológicos. Essa teoria segue um modelo de análise de discursos¹ que busca conciliar teorias e métodos das tradições anglo-americana e francesa, sendo pertinente compreendê-lo como um modelo híbrido. Assim, a abordagem da AD na vertente da Teoria dos Discursos Sociais é heterogênea, haja vista não se limitar a uma vertente específica. Dessa forma, pretende-se evidenciar aqui o conceito de discurso na perspectiva de autores como Pêcheux (2009), Fairclough (2001), Foucault (2007; 2008), Verón (2004), Milton José Pinto (2002) e outros.

É importante mostrar com clareza que os autores, citados anteriormente, trabalham na perspectiva da AD, mas com propostas que ora se aproximam, ora se distanciam, porém a contribuição de cada um desses autores será trabalhada, nessa pesquisa, com o propósito de se ter uma noção clara sobre discurso e outros aspectos da linguagem. Por isso, destaca-se a relevância de abordar os referidos autores. Além disso, eles mantêm o diálogo em uma linha teórica que se aproxima da apreciação da linguagem e do discurso. Logo, achamos conveniente evidenciar sua contribuição no que se refere aos estudos da linguagem.

1 – Em algumas ocasiões, ao longo do texto, usar-se-á a sigla AD para o termo Análise de Discurso.

Pêcheux (2009) contribuiu, sobremaneira, para o desenvolvimento e evolução dos estudos da AD. Como pioneiro nos estudos concernentes a essa vertente teórica, envolveu a língua, os sujeitos e a História nos seus aparatos teóricos. Então, pode-se considerar que esse teórico teve três fases importantes no percurso de sua teoria da análise do discurso; fases que revelam as mudanças no pensamento do autor. Nessas fases, ele faz uma reflexão da operação que se articula entre “a língua, o discurso, o sujeito e a História” (GREGOLIN, 2006, p. 53). Não serão percorridos aqui, com detalhes, os aspectos referentes as duas primeiras fases, visto que não são relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Os aspectos desenvolvidos na terceira fase desse autor se aproximam mais do nosso propósito de estudo, por isso esta será a fase contemplada nessa pesquisa. Essa fase marca o período em que o ponto de vista do autor se aproxima das ideias de Foucault; pode-se dizer que é o momento de um Pêcheux foucaultiano, pois o discurso na visão do autor é um acontecimento, percebido nas relações dentro de uma estrutura social. Portanto, evidencia-se aqui a noção de homogeneidade no que se refere às condições de produção discursiva, considerando então o discurso no meio sociocultural. Segundo Fernandes (2008, p. 89), nessa fase “a noção de enunciação passa a ser abordada e as reflexões sobre heterogeneidade enunciativa levam à discussão sobre o discurso-outro”. É nesse sentido que essa fase traz contribuições para o presente estudo.

Esse ponto de vista comunga com as ideias de Foucault (2007), haja vista este autor também assumir que os discursos são simultaneamente controlados, pois acontecem dentro de uma estrutura social. Para ele:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2007, p. 9).

Foucault (2007) entende que os discursos são regidos por re-

gras linguísticas e também socioculturais, pois sendo um conjunto de enunciados, mesmo pertencendo a campos diferentes, esses discursos obedecem a regras de funcionamento de mesmo valor.

Para Fairclough (2001), discurso é linguagem. Sob este aspecto, a noção de discurso é bastante ampla, visto que o homem enquanto ser social está envolvido no espaço social por meio da linguagem. Para Araújo (2000, p.123), “linguagem é resultante de uma disputa permanente de sentido entre os autores sociais, construindo-se no uso social, cultural e historicamente determinando”. Veja-se que o trabalho com a linguagem envolve aspectos sociais e históricos que influenciam em qualquer ato discursivo. Assim, ao assumir o discurso como linguagem, o teórico considera o uso dessa linguagem como prática social que se opõe à atividade meramente individual, os eventos discursivos variam conforme o meio social em que são gerados. Não existe desta forma como falar em discurso como prática individual. Discurso e meio social estão harmoniosamente envolvidos, pois, como afirma Fairclough, “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (2001, p. 91). O homem se constitui por meio da linguagem. É interessante observar que esse teórico, assim como Foucault e Pechêux, entende que o discurso não é individual e está ligado à estrutura social em que é produzido. Segundo ele, o discurso é moldado pela estrutura social, pois assevera que “os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados” (FAIRCLOUGH, 2001, 91). Nessa óptica, os teóricos dialogam, quando afirmam que o discurso é determinado pelo social.

A palavra discurso, em um conceito dicionarizado, significa conjunto ordenado de frases que se pronunciam em público, fala. Etimologicamente, essa palavra tem em si a ideia de movimento, prática de linguagem, visto que com o discurso percebe-se o homem falando, agindo. Portanto, a noção de discurso é de capital importância para a Análise de Discursos. Para a AD, falar em discurso vai além de enviar e receber uma mensagem através de um

código, considerando emissor e receptor como objeto extremo de um processo meramente mecânico. Conforme essa teoria, o discurso é uma prática social de produção de textos, e não apenas um ato de escrever ou falar, como já foi mencionado.

Segundo Pêcheux (1990), o discurso, enquanto objeto de estudo da AD, não corresponde ao simples uso individual da língua, conforme evidencia o autor, pois o discurso possui sua regularidade e seu funcionamento próprio. Implica uma exterioridade à língua, haja vista encontrar-se no social, não se reportando às questões apenas de natureza linguística. O pensamento desse teórico se aproxima de questões evidenciadas por Fairclough (2001), no que se refere ao significado de discurso; enfatize-se que por isso foi destacado. Segundo o autor, é difícil conceituar discurso, principalmente porque a ideia de discurso não é hegemônica, existem, de fato, muitas definições conflitantes e sobrepostas, formuladas de várias perspectivas teóricas; em razão disso, torna-se um objeto de contestação entre muitos autores. Este fato é resultado das diferentes concepções de linguagem nas quais eles trabalham.

O autor enfatiza que, na linguística, discurso é usado algumas vezes com referência a amostras ampliadas de diálogo falado, em contraste com textos escritos. Assim sendo, percebe-se que a análise textual e a análise do discurso se distanciam da linguística tradicional, uma vez que não estão limitadas a trabalhar apenas no âmbito da frase ou de unidades gramaticais, como essa trabalha. Tanto a linguística textual quanto a análise de discurso visam uma análise muito mais ampla e diversificada, pois focalizam as propriedades organizacionais de nível superior do diálogo, levando em consideração todo o processo de comunicação espacial e temporal. Esse autor, como defensor da AD crítica, está embasado em uma percepção da linguagem como parte irredutível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais. (FAIRCLOUGH, 2008).

Fairclough, ao usar o termo discurso, percebe-o como linguagem, e entende a linguagem como forma de prática social, e não como um ato individual ou reflexo de variáveis institucionais. Nesse sentido, discurso é uma prática social. Segundo ele, esse fato

contribui para que o discurso seja um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, e, ainda, um modo de representação; representação de objetos, pessoas e mesmo de uma dada sociedade. Assim, é possível perceber que o papel da linguagem é multifuncional, podendo ser usada como intervenção de opinião e poder, uma vez que é enfatizada a relevância dessa linguagem como prática social.

O autor salienta, ainda, uma gama de questões sobre a interação dialética de linguagem e vida social, implicadas em práticas sociais: “é importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida; de um lado, na determinação do discurso e, de outro, na construção do grupo social do discurso.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91). Conforme afirma, o discurso é modificado em sentido amplo por outras formas de relações sociais. Assim sendo, eventos discursivos específicos variam em estrutura conforme o meio social ou institucional em que são produzidos e consumidos; isso implica dizer que Fairclough (2001) conduz sua teoria centrado na dialética entre a estrutura e a ação do sujeito no discurso. O discurso não pode ser efetivado fora da realidade social, “o discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’. Segundo, contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91). O discurso é fator essencial nas relações sociais, pois, além de contribuir para a construção das relações interpessoais, contribui, também, para a construção de crenças e identidades.

Fazendo referência à prática discursiva, Fairclough (2001) afirma ser essa constituída de duas maneiras, criativa e convencional, visto que essa prática contribui tanto para produzir a sociedade como também para transformá-la. O autor chama a atenção para a importância da relação entre discurso e estrutura social ser considerada como dialética a fim de evitar equívocos de destaque indevido como afirma:

É importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida: de um lado, a determinação social do discurso e, de outro, na construção do social no discurso. No primeiro caso, o discurso é mero reflexo de uma realidade social mais profunda; no último, o discurso é representado idealizadamente como fonte do social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

Fairclough (2001) também assinala que a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias na cabeça das pessoas, mas é oriunda da prática social a qual está selada em estruturas sociais cristalizadas. Essa perspectiva dialética é, segundo o autor, uma importante maneira de corrigir os erros indevidos na determinação do discurso pelas estruturas discursivas e não discursivas.

Em busca de uma visão ampla acerca do que seja discurso, é importante fazer referência ao pensamento de Foucault (2007), teórico de grande relevância, por ter apresentado grandes contribuições para a formulação da Teoria Social do Discurso. Foucault enfatiza o discurso em uma visão constitutiva — contribuindo para a produção, a transformação e a reprodução dos objetos. Segundo Fairclough (2001), isso implica que “a linguagem significa a realidade no sentido da construção de significados para ela, em vez de o discurso ter uma relação passiva com a realidade, com a linguagem meramente se referindo aos objetos, aos quais são tidos como dados da realidade” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 93).

Nesse sentido, a grande contribuição de Foucault foi essa confirmação de que o discurso tem uma relação ativa com o meio social, com a realidade, visto que apresenta a linguagem como fator pertencente à realidade, produzindo significados.

Para examinar detalhadamente a natureza do discurso em uma visão foucaultiana, é importante reportar-se a outro conceito que norteia toda a sua obra e formação. Segundo o autor, “é um conjunto formado por um certo número de enunciados, conceitos, escolhas temáticas, que descreve sistemas de sistemas e dispersões, e busca verificar como o discurso se organiza em ordem, quais as

correlações, as posições, os funcionamentos, as transformações” (FOUCAULT, 2008, p. 57). Desta forma, compreende-se que há enunciados interligados às relações sociais, os quais o discurso põe em funcionamento. Ademais, trabalhar de forma analítica com o discurso, conforme os preceitos de Foucault é, de fato, observar as relações históricas e práticas reais expressas nos discursos de forma geral.

Nesta visão, Foucault sinaliza, já em *Arqueologia do saber*, discurso como uma prática social, vindo a deixar claro, em *A ordem do discurso*, que discurso seria produzido com base nas relações de poder.

Enfim, ao pensar-se em discurso na perspectiva foucaultiana, é pertinente compreender que para Foucault o discurso está relacionado não somente aos aspectos linguísticos, mas também aos aspectos históricos. É o que podemos perceber na seguinte definição de discurso:

Um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente lingüísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinadas (REVEL, 2005, p.37).

Foucault apresenta a linguagem como fator na constituição do discurso, por percebê-la como elemento de grande relevância, visto que a considera como uma prática social que está completamente relacionada com a construção do social dos objetos e dos sujeitos sociais. O discurso é responsável, também, pela constituição dos conceitos. Outro fator de destaque na obra de Foucault é o fato de considerar que toda formação discursiva é elaborada com base em outras formações já existentes, e é definida por suas relações com outras práticas discursivas. Para o autor, os discursos são simultaneamente controlados:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2007, p. 9).

Para o autor, por mais que o discurso pareça algo neutro ou insignificante, isto é um equívoco, visto que as interdições que o rodeiam explicitam sua real ligação com o desejo e com o poder, assim, a visão constitutiva de discurso para Foucault é trabalhada em diversas dimensões sociais. Não se tem o direito de dizer tudo, falar sobre tudo em qualquer lugar ou circunstância. A exemplo, como assinala Foucault, a fala médica não pode vir de quem quer que seja; seu valor, sua existência como fala médica não são dissociáveis do personagem. O poder que recai sobre a fala médica é institucional. Assim, segundo Foucault, busca-se no discurso um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade.

Já no entender de Bakhtin, o discurso é um fenômeno que “só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. (BAKHTIN, 2006, p. 274). Dessa forma, o discurso só pode ser constituído por meio de aspectos ideológicos dos sujeitos, sendo, pois, dialógico e historicamente construído. Portanto, é uma instância social que surge a partir de outros discursos, propondo sempre uma reação. Bakhtin afirma que interlocutores têm posições definidas no campo social, tendo o sujeito um relevante papel na discursividade. O discurso é a interação do sujeito com o social.

Na concepção de Verón, o discurso é uma instância genuinamente descritiva, enquanto unidades textuais palpáveis realizadas no cerne do social. Isso implica que todo discurso é carregado de ideologia, e essa ideologia faz parte da constituição do texto, estando, pois, marcada por estratégias enunciativas. Assim o texto é o lugar em que as forças sociais se materializam.

Verón (2004) corrobora o pensamento de Foucault acerca da referência ao discurso, e salienta que o discurso não tem unidade própria, todo discurso é na verdade “o lugar de manifestação de

uma multiplicidade de sistemas de condições, uma rede de interferências” (p.91). A produção e o sentido do discurso dependem de suas condições de produção e circulação.

À luz da Teoria dos Discursos Sociais, Pinto (2002) também insere o social ao discurso, uma vez que defende a ideia de que discurso são produtos produzidos para circular na sociedade. Deste modo, os discursos vão sendo construídos dentro de um contexto histórico; são, portanto, práticas sociais de produção de textos. Isso implica dizer que o discurso é assumido por um sujeito que aparece como responsável pelo ponto de vista, orientação ou perspectiva que o texto apresenta sobre o mundo representado.

Pinto ressalta a relevância do ideológico em toda situação discursiva; ou seja, “definir os discursos como práticas sociais implica que a linguagem verbal e as outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sociohistórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais” (2002, p. 28).

Desta forma, percebe-se que linguagem e realidade estão em uma relação constitutivamente dialética, visto que o discurso tem uma relação com a prática social e vice-versa, considerando ainda os sujeitos envolvidos no discurso, sua posição discursiva e o contexto. Nesse sentido, será adotado para a realização desse trabalho, o conceito de discurso defendido por Pinto (2002) visto que encerra a ideia de que o discurso se materializa com os sujeitos envolvidos no discurso, articulando sujeito e o meio em que este está envolvido.

Nesse propósito, compete aqui destacar algumas categorias ou noções teóricas concernentes à Análise de Discursos que serão elementos fundamentais para a construção das análises do capítulo quatro deste trabalho. É importante ressaltar que não é pretensão da pesquisadora esgotar a discussão sobre essas categorias, o que se pretende de fato é dispor espaço para a realização das análises discursivas do *corpus* deste estudo. Nesse sentido, nos tópicos seguintes, discorreremos acerca das noções teóricas fundamentais para o embasamento e desenvolvimento de nossas análises.

2.1.1 O sujeito e suas faces no discurso: a questão da discursividade

Conforme o pensamento de Costa (2009, p.153), a noção de sujeito é imprescindível para a AD, haja vista possibilitar estabelecer “a posição do autor / falante / enunciador em relação à sua atividade discursiva”.

A importância de estudos acerca do sujeito vem desde Benveniste. O autor não tinha a pretensão de elaborar uma teoria do sujeito, quando trabalhou a enunciação, porém tinha como alvo a significação. Segundo o autor, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade sua realidade que é a do ser, o conceito de ego” (BENVENISTE, 2005, p. 286). É a capacidade de o locutor propor-se como sujeito. Isso implica que só se pode compreender o homem enquanto sujeito quando este se encontra em uma ação de comunicação, interação com o outro. Esse é o aspecto da subjetividade do sujeito, determinada pela pessoa e seu conhecimento linguístico. Segundo o autor, o diálogo com o outro demonstra as semelhanças e os contrastes com o outro. Como bem advoga Benveniste (2005), os pronomes pessoais são o primeiro ponto da subjetividade, uma vez que a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Nesse sentido, o sujeito é visto como fator primordial na criação de enunciados e, o fundamento linguístico da subjetividade é descoberto a partir de uma realidade dialética entre o eu e o tu, definindo-os pela relação mútua. É a língua que fornece ao falante a estrutura linguística bem como a estrutura formal que permite o funcionamento da subjetividade. Benveniste considera o sujeito do discurso como discursivo, e afirma:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu (BENVENISTE (2005, p. 286).

Embora a relevância da noção de sujeito apresentada por Benveniste, para os estudos da linguagem, seja significativa, não contempla de forma satisfatória os aspectos históricos e ideológicos do discurso, visto que tem um caráter imanentista.

É pertinente citar, nessa discussão acerca do sujeito, o pensamento de Ducrot, pois suas discussões contribuíram sobremaneira para o entendimento da relação sujeito e discurso. Segundo o autor, antes de definir o sujeito, é importante considerar a forma e o sentido do enunciado. Para ele, o enunciado é a materialização da enunciação, assim separa locutor de enunciador. Assevera que o importante é observar como o sujeito se marca na linguagem e como se marcam os outros no discurso. Dessa forma o autor defende que toda comunicação é uma intenção.

Por sua vez, muitos autores têm procurado uma definição para a noção de sujeito que evidencie os aspectos extralinguísticos do discurso, pois o sujeito não tem existência particular, ele é constituído na relação com o outro. Costa (2009, p. 153) salienta que para se formular a noção de sujeito é importante considerar “as relações que o sujeito mantém com a situação em que se encontra, os procedimentos de construção do discurso, as opiniões e crenças que ele possui e que supõe serem compartilhadas pelos seus interlocutores”. Nesse caso, o sujeito é constituído na interação com o outro, na relação social, não sendo o cerne de seu dizer. Um conjunto de outras vozes se manifesta nos discursos, sendo, pois, constituídos por outros discursos. O sujeito não é dono absoluto de seu dizer, fala com base naquilo que vivencia no meio. Como defendeu Bakhtin (2001), o sujeito se constitui na intersubjetividade do diálogo, pois é constituído através dos outros discursos que o rodeiam.

Para Verón (2004, p.82):

O sujeito não é mais a “fonte” do sentido, mas um ponto de passagem na circulação do sentido, um relé dentro da rede das práticas discursivas. A unidade de análise mínima não pode ser outra além daquela da interdiscursividade, aquela da troca. A discursividade social aparece “presa” entre dois pólos: o da produção e o do reconhecimento dos discursos.

Nessa perspectiva, para Foucault (2008), o sujeito é historicamente construído. Segundo ele, deve-se “pensar o sujeito como um objeto historicamente constituído sobre a base de determinações que lhe são exteriores” (FOUCAULT apud REVEL, 2005, p. 84). Considera o sujeito como uma instituição, atrelado a relações de poder. Para o autor, outro aspecto relevante nas suas discussões é a linguagem, posto que a considera como prática social que está completamente relacionada com a construção do social, dos objetos e dos sujeitos sociais. Assim, o homem constrói discursivamente o mundo que o cerca através da linguagem.

É importante destacar, também, que o sujeito aqui referido não é o sujeito enquanto indivíduo de carne e osso, mas o sujeito responsável pelo discurso. Milton José Pinto (2002), inclusive, mostra a importância de se fazer essa distinção. Conforme este teórico, o autor empírico de um texto é aquele que produziu o enunciado fisicamente e o sujeito do enunciado é aquele responsável pelo enunciado, “um personagem entre outros personagens” (p.33). Pinto faz a ressalva e afirma que há momentos em que esses dois sujeitos podem até coincidir, vindo a ser o mesmo.

Pinto (2002) enfatiza a necessidade de se fazer a distinção entre autor empírico, emissor e enunciator, visto que, segundo seu ponto de vista, o emissor de um enunciado põe em cena um ou mais enunciadores. Para ele, esses enunciadores são as “posições discursivas a quem se creditam as representações copresentes no enunciado, sem que se lhes possam atribuir palavras precisas, e com as quais o emissor se identifica ou não, conforme seus interesses pragmático argumentativos” (2002, p.34). Nesse caso, o

sujeito discursivo é social, apreendido na interação com o meio, não sendo dono do seu dizer, uma vez que, ao elaborar um discurso, sofre influência do meio, não é livre, é múltiplo, haja vista ser constituído a partir de outras vozes que se marcam em seu discurso. Os discursos vão sendo construídos dentro de contexto histórico; são, portanto, práticas sociais de produção de textos, em que o sujeito autor \ ouvinte sofre as coerções ideológicas do meio, não sendo, pois, dono exclusivo de seu dizer, considerando, dessa forma, o dispositivo de enunciação que, nas palavras de Pinto, é “a explicitação dos diferentes posicionamentos ideológicos ou posições enunciativa ou ainda lugares de fala – ou seja, as diferentes maneiras de construir a representação de uma determinada prática social (PINTO, 2002, p. 33).

Por essa razão, Pinto faz a distinção dos tipos de sujeito ou sujeitos discursivos os quais são os papéis assumidos como lugar de enunciação. Assim evidenciando: sujeito do enunciado, sujeito da enunciação e sujeito falado. O sujeito do enunciado são personagens dos textos responsáveis por ele, o sujeito da enunciação que faz a imagem de si mesmo, do mundo ou universo do discurso, e o sujeito falado é a imagem do tu; essa imagem é o lugar que os co-emissores (destinatários, ouvintes) adotam ao se perceberem nos enunciadores que lhes são atribuídos pelo emissor.

Ainda na concepção de Pinto, é válido ressaltar que o autor empírico e o emissor geralmente são um só. Porém,

o emissor de um enunciado em cena um ou mais *enunciadores*, que são posições discursivas a quem se creditam as representações copresentes no enunciado, sem que lhes possa atribuir palavras precisas, e com as quais o emissor se identifica ou não, conforme seus interesses pragmáticos argumentativos. (PINTO, 2002, p. 34).

A posição dos sujeitos envolvidos no discurso é fundamental para a produção de sentidos de um enunciado. Para Foucault (2008), o discurso é o lugar no qual se verifica a regularidade das diferentes posições de subjetividade. Por isso torna-se importante analisar a posição discursiva do sujeito enunciador.

Assim, os sentidos não estão prontos nos objetos ou nas palavras, como também não nascem do nada, de maneira espontânea. Mas são produzidos em cada ação verbal, na copresença dos sujeitos, mesmo que não estejam restritos a esta. As relações sociais são “lugares” de produção de sentidos.

As relações sociais ocorrem em condições históricas, culturais e políticas, sendo intercedidas por instituições, umas e outras exercendo coações no que se refere ao processo de significação.

Possenti (2009, p.82) partindo do mesmo entendimento já mencionado, define que o sujeito “social, linguageiro, ideológico, cultural, até mesmo biológico é feito.” Para ele, o sujeito não é origem nem do sentido nem da história. Na verdade, o que é discursivizado pelo sujeito é nada mais do que o resultado de discursos anteriores, interiorizados pelo sujeito na relação sociohistórica em que está inserido, lugar onde são estabelecidas as representações dos sujeitos discursivos em relação ao mundo. Possenti comunga o mesmo pensamento de Bakhtin, quando acredita que o sujeito não é dono de seu dizer, mas constitui-se em uma relação de interação social. Dessa forma, os autores definem que os sujeitos não estão à frente, na origem de seus discursos, pois em todo discurso refletem vozes que constituem esse lugar sociohistórico.

É importante ressaltar, ainda, que, ao se considerar o discurso como prática social que sofre coerções, é visível a importância do emissor do enunciado, pois esse coloca em ação várias posições discursivas, ideológicas que lhe são peculiares, conforme seus interesses persuasivos, os quais são voltados para um leitor idealizado.

O sujeito, por conseguinte, sendo social, vai apresentar-se sempre de diferentes maneiras no discurso, visto que sua posição é marcada na discursividade. Assim, o sujeito será sempre apreendido em um espaço coletivo, produzindo seu discurso por meio da interferência do meio em que vive. Portanto, o discurso de cada indivíduo é resultado do espaço social em que está envolvido. No próximo tópico será abordado como funciona o processo de enunciação na produção discursiva e disputa de sentido.

2.1.2 Enunciação e disputas de sentido

O termo enunciação é referência na teoria de Benveniste. Segundo o autor, enunciação é colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização. Essa noção de enunciação enquanto língua em uso pressupõe um quadro enunciativo, que se configura por sujeitos – o par eu-tu – ou seja, a noção de pessoa – e situação – o espaço e o tempo. Para o autor,

o locutor se apropria do aparelho formão da língua [...], desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este *outro*. Toda enunciação é explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Essa ideia consiste na tomada de palavra, constituindo um processo de inclusão do sujeito na língua. O estudo da enunciação é efetivado por meio da materialização do enunciado. Embora essa visão benvenistiana seja de grande relevância para os estudos de linguagem, não encerra as discussões acerca do tema, pois muitos autores discutem o tema até hoje.

É importante não confundir enunciação e enunciado. Benveniste adverte: “é preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é o nosso objeto” (BENVENISTE, 2006, p.87). Dessa forma, a enunciação é vista como o ato mesmo de produzir enunciados, é um processo. Enquanto enunciado, na visão do autor, é o produto da enunciação e inclui pessoa e tempo, tendo existência na medida em que a língua é movimentada por um locutor. Benveniste deixa de fora os aspectos históricos que foram privilegiados por linguistas que vieram depois dele.

Outro autor que também merece ser lembrado nessa discussão é Ducrot (1987) para quem o sentido é produto da enunciação, nesse caso evidencia aspectos históricos e ideológicos não privilegiados na teoria benvenistiana, pois ele não vincula a noção de enunciação ao ato, mas ao fato de o enunciador aparecer.

Na perspectiva de Bakhtin (2001), a enunciação é de natureza social, haja vista que o autor evidencia a dinamicidade da linguagem. É o resultado da interação de sujeitos organizados historicamente; ele acredita na existência da enunciação dentro de um contexto; assim, “o que importa não é o aspecto reiterável da forma linguística, mas sim seu caráter de novidade, o evento, aquilo que permite a circulação de posições avaliativas de sujeitos do discurso e a permanente renovação de sentidos” (BAKHTIN, 2009, p. 99). Dessa forma, a enunciação sempre provém de um espaço em que indivíduos se enfrentam dialogicamente. Isso nos remete a entender que todo enunciado é produto da comunicação entre vários enunciados.

Diante das posições dos autores anteriormente mencionados, é importante registrar a importância de atentar para o sentido de enunciação e enunciado. Sabe-se que conforme o pensamento de Pinto (2002), enunciado e enunciação constituem e são constituídos pelas forças sociais; desta forma, pode-se destacar que, segundo esse autor, enunciado “é aquele produto cultural produzido, o texto materializado considerado, enquanto a enunciação é o ato de produção de um texto” Pinto (2002, p. 32). Portanto, o analista de discursos busca um modo de perceber a dinâmica dos processos sociais materializados nos textos. Nesse sentido, esses textos são a materialidade do enunciado.

Na mesma perspectiva, Verón (2005) define enunciado como tudo aquilo que é dito, e enunciação como sendo tudo aquilo que se refere ao dizer e suas modalidades. Entende-se, pois, que a enunciação deve ser compreendida como o ato mesmo de produzir enunciados. Ainda segundo o autor, um mesmo conteúdo pode ser enquadrado por modalidades de enunciação muito diferentes (VERÓN, 2005), pois o ato de dizer é individual, mas o processo é social, visto que a enunciação existe dentro de um “jogo social”. Verón (2005) afirma que “entrelaçado por toda parte às operações discursivas, afetando a todo instante o próprio material lexical, o dispositivo de enunciação é essa rede de traços pela qual o imaginário da História vem enxertar-se em estruturas determinadas da ordem simbólica” (2005, p. 204)

É importante enfatizar que em uma ação de enunciação nem sempre as marcas linguísticas absorvem o sentido do discurso nelas e por elas mesmas, visto que as questões sociais, históricas e ideológicas decidem as regularidades linguísticas, bem como seu uso e sua função, tornando assim, o discurso o efeito de sentido causado pelas formações discursivas e ideológicas. Pode-se dizer que enunciação é uma posição discursiva manifesta pelo sujeito no momento de enunciar, integrando lugar sociohistórico e ideológico de onde ele se marca. Essa posição do sujeito contribui para colocar os sentidos em circulação. Visto que a produção de sentidos é um modo de apresentar os objetos pelo uso referencial da linguagem. Os sentidos não são imanentes aos objetos, são produzidos nas práticas sociais de linguagem, na relação entre os sujeitos envolvidos no discurso, no qual os interlocutores ocupam posições que lhe permitem marcar seu lugar de fala, disputando os melhores lugares através das estratégias enunciativas.

O sentido é determinado na relação de um discurso com outro, na negação de um pela afirmação do outro. Nesse caso, afirma-se que o sentido se dá pela diferença. As diferenças de olhares dos sujeitos estabelecem a disputa pelo sentido dos objetos. Assim, o objeto tem múltiplos sentidos; quando o emissor fala de um objeto qualquer, ele constrói esse objeto, construindo realidades. Pode-se afirmar que é difícil adquirir-se o domínio completo do sentido, visto que ele vai se construindo a cada instante, nas relações sociais as quais envolvem sujeitos de posições diferentes. E, ademais, a incompletude é condição da linguagem. Assim, essa categoria discursiva possibilita ao analista de discursos ir a busca dos múltiplos sentidos dos discurso, considerando que o sentido se manifesta na relação estabelecida entre os participantes do processo de enunciação e produção do discurso.

No tópico seguinte serão discutidas as formas de manifestação das vozes dos sujeitos discursivos, como esses sujeitos são representados e constituídos sociohistoricamente, posto que cada enunciação é lugar de múltiplas vozes.

2.1.3 Polifonia e heterogeneidades enunciativas

Falar de discurso requer um olhar apurado para o sujeito desse discurso, visto que a presença e a representação do outro no discurso são elementos essenciais na produção de sentidos dos enunciados. Como ressaltou Authier-Revuz (1990), o outro é de capital importância na constituição do discurso, pois não é apenas um objeto exterior de que se fala, mas uma condição constitutiva do discurso.

Nesse sentido, é pertinente iniciar essa discussão fazendo referência a Bakhtin (2001), posto que esse teórico, através de seus estudos acerca do romance de Dostoiévski, evidencia pela primeira vez o termo polifonia, termo esse que vai contribuir consideravelmente para a compreensão da presença ou representação do outro no discurso. Cada fala, cada enunciação é palco de uma multiplicidade de vozes. Seria ingênuo o sujeito imaginar-se senhor de seu dizer, senhor único e absoluto de seu discurso. Essa característica não se amolda ao sujeito discursivo. Bakhtin (2001), nessa consciência da multiplicidade de vozes no discurso, apresenta a polifonia, considerando-a um fenômeno que representa a presença do outro no discurso.

É importante ressaltar que quando Bakhtin (2001) pensou a polifonia relacionando-a ao romance, denominou o romance como um gênero discursivo polifônico, visto que este gênero concebia a presença de muitas vozes discursivas que recebia do narrador aquilo que era cabível. Na AD, o sujeito discursivo não é o único responsável por seu dizer, um conjunto de outras vozes se manifesta em sua voz. Assim, todo discurso é construído com base na interação entre diferentes vozes, e a consciência e controle não estão no domínio do locutor, mas se manifestam em cada ato de comunicação. Portanto, esse sujeito discursivo é social, apreendido no meio, em coletividade. No momento de produzir seu discurso, o sujeito imagina-se dono do seu dizer, porém esse sujeito não está livre das interferências sociais que marcam seu discurso.

Conforme Bakhtin (2001), o discurso de todo sujeito é resultado de outros discursos que lhe são anteriores, internalizados por

esse sujeito em virtude da relação social e histórica na qual está inserido, lugar em que são construídas as representações discursivas do sujeito a respeito do mundo.

A polifonia é caracterizada pela polêmica dos discursos, posto que o discurso é marcado por muitos pontos de vistas, muitas vozes que se manifestam por meio da voz do sujeito discursivo. Vozes que são constituídas e integradas no lugar sociohistórico. Nesse sentido, no discurso, sempre vão estar presentes diferentes vozes que são representadas pelos sujeitos, visto que o sujeito discursivo é influenciado pelo contexto em que está inserido, assim, a presença de um texto dentro de outros textos é resultado dessa influência. O autor do texto encontra em textos anteriores a inspiração para seu texto, e esse texto é resultado de todo esse aparato histórico e social em que o sujeito discursivo se encontra envolvido.

Segundo Fiorin (2008), a polifonia representa a presença de novos e múltiplos pontos de vistas de vozes autônomas, que não são submetidas a um centro. As vozes são equipolentes, ou seja, elas coexistem, interagem em igualdade de posição. Na visão do autor, essas vozes não estão submetidas a um centro único, visto que o meio em que está inserido o sujeito discursivo vem a influenciar o ponto de vista dos enunciadores do discurso. Através da voz do sujeito discursivo se marcam outras vozes que constituem o lugar sociohistórico.

Por sua vez, Bakhtin defende:

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizada para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior (2001, p.).

Isso significa que a presença dessas outras vozes que se marcam nos discursos provém das relações entre o sujeito discursivo e o meio social. O sujeito apodera-se do discurso do outro sem perceber, pois acredita ser o dono de seu dizer, mas para o autor, “a palavra vai à palavra”. O enunciador tem interiorizado as marcas

linguísticas, bem como as marcam das relações sociais que contribuem para a constituição de seu discurso. É no interior de seu discurso que o sujeito mostra a apreciação do discurso do outro. Haja vista ser o discurso polifônico, lugar de pontos de vistas de enunciadores diferentes. Nesta linha de pensamento, Ducrot (1987), em seus estudos acerca da polifonia da enunciação, acredita que em cada texto ou enunciado existe a presença de mais de um enunciador que defende pontos de vistas diferentes. Pontos de vistas esses que representam as várias vozes presentes nos textos e que falam de forma simultânea sem que uma se sobressaia à outra.

É interessante deixar claro que a noção de polifonia privilegiada nesse trabalho deverá ser a postulada por Bakhtin, porém considera-se pertinente citar o que salienta Ducrot acerca desse aspecto polifônico, evidenciado no romance de Dostoievski em Bakhtin. Para esse teórico, “a polifonia é um fato constante no discurso, que oferece ao locutor a possibilidade de tirar consequências de uma asserção cuja responsabilidade ele não assume diretamente, atribuindo-a, portanto, a um outro enunciador” (DUCROT apud BENTES et al., 2008, p. 80). Essa afirmação corrobora a ideia de que em um enunciado estão presentes diferentes vozes, cada uma se posicionando de forma diferente conforme o lugar de onde fala.

Segundo Bakhtin, essas diferentes vozes são as representações sociais, que marcam a diversidade de grupos sociais com suas relações sociohistóricas e ideológicas.

Por conseguinte, as diferentes vozes presentes no discurso incluem textos anteriores que influenciam e inspiram os sujeitos discursivos. Haja vista considerar-se a polifonia como a pluralidade de sujeitos responsáveis pelo ponto de vista das falas em um texto. Essa pluralidade do sujeito discursivo é resultado das relações sociais, tendo em vista que a polifonia “reflete a interação do homem, como ser social, na troca de informações, nas tomadas de posição, enfim, no fenômeno da aculturação do ser humano, no decorrer de sua existência” (ANGELIM, 2007, p. 15).

Nesse sentido, compreende-se que os discursos são produtos do meio. Tudo o que envolve o sujeito discursivo é fator relevante para a produção de sentidos desses discursos. Mais uma vez

ressalta-se que não existe a unicidade discursiva, pois “toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25). Por considerar essa assertiva como fator relevante na constituição do discurso, Authier considera importante destacar as formas como, no texto, os outros, através de suas vozes, se presentificam. A autora denominou de heterogeneidades enunciativas aquilo que Bakhtin (2001) chamou de polifonia. Sob o ponto de vista da autora, devem-se discriminar as formas que essas vozes se manifestam nos textos.

Para Authier-Revuz (Id. *ibid.*), esse conjunto de vozes pode-se dividir em heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. O conjunto de formas em que o outro se inscreve na sequência do discurso por meio de discurso direto, aspas, formas de retoque, discurso indireto livre, itálicos, negritos, citações, entre outras formas explícitas, Authier designa como heterogeneidade mostrada. Por outro lado, Araújo (2000) nomeia essa forma de manifestação de heterogeneidade constituinte; segundo esta autora, essa forma de heterogeneidade são “as vozes” explícitas, que se mostram na superfície textual, corroborando o pensamento de Authier.

Por sua vez, Authier (1990) ressalta outra forma de manifestação discursiva – heterogeneidade constitutiva do sujeito – aqui as vozes aparecem de maneira implícita, haja vista se originarem no interdiscurso proveniente da cultura, da história, e podem ser identificadas, como afirma Araújo (2000, p. 125), “pelo estudo das condições de produção discursiva”. A autora aponta para o exterior como elemento que justifica o aspecto linguístico. Contudo, enfatize-se que, segundo Authier (1990, p. 26), “a fala é determinada de fora da vontade do sujeito”. A autora acrescenta que o de fora aqui enfatizado está “no exterior ao sujeito, no discurso, como condição constitutiva de existência”.

Não há como desvincular os sentidos do discurso do meio em que é produzido. O sujeito é múltiplo, visto que em seu discurso há sempre a presença do outro, do exterior. Como salienta Authier (1990, p. 29), “nesta afirmação de que, constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro, reencontram-se as concepções do

discurso, da ideologia, e o inconsciente, que as teorias da enunciação não podem, sem riscos para a linguística, esquecer”.

De acordo com o que foi visto, compreende-se que as formas de heterogeneidades defendidas por Authier (1990) são vozes presentes nos discursos, vozes essas já evidenciadas em Bakhtin (2001), as quais são responsáveis pelos sentidos propostos por esses discursos, visto que não existe discurso da realidade do sujeito. “Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos seus discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’” (BAKHTIN apud ALRHIER – REVUZ, 1990, p. 27). O sujeito está inserido em um contexto social que lhe permite sentidos diferentes para o mesmo objeto. O discurso desse sujeito é atravessado pelo social, pela cultura, pela história. Assim, toda linguagem é heterogênea, e, em consequência, todo discurso é construído a partir do discurso do outro.

Vale ressaltar, também, que segundo Pinto (2002), a heterogeneidade enunciativa manifestada em um texto é também denominada, por alguns autores, como intertextualidade, sendo esta a polifonia evidenciada em Bakhtin, revelada em dois aspectos diferentes: heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, segundo a nomenclatura de Authier-Revuz.

Nesse viés, entende-se que os sentidos de qualquer discurso são produzidos a partir do contexto em que o sujeito está inserido, assim o ideológico é fator essencial na produção de sentido de todo e qualquer discurso. Sendo assim, será feita uma discussão, no tópico seguinte, sobre o poder do ideológico na construção de sentidos do texto.

2.2. O IDEOLÓGICO E O PODER NAS TRAMAS DO TEXTO

Os textos entendidos como discursos vão sendo construídos em um contexto sociohistórico sujeitos às pressões sociais e ideologias; portanto, ressalte-se a necessidade de que se façam algumas

considerações sobre ideologia. Ou seja, mesmo não tentando fazer uma abordagem detalhada da história da teoria da ideologia, entende-se que é necessário destacar de maneira breve o entendimento de alguns teóricos da Análise de Discursos sobre a noção de ideologia.

O primeiro teórico a ser evidenciado é Althusser (1991, p. 85), que compreende ideologia como “uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. Essa ideologia interpela os indivíduos, constituindo-os em sujeitos que compreendem e aceitam sua função dentro do sistema de relações de produção. Althusser entende que essa ideologia vai intermediar a relação dos sujeitos com suas condições sociais de existência, intervindo também na imagem que esses sujeitos têm das formulações linguísticas em que estão envolvidos. Todas as produções linguísticas produzidas e compreendidas por esses sujeitos estão ligadas à ideologia de cada sujeito.

Com base na leitura de Althusser (1991), Pêcheux (2009) também lança seu olhar para a questão da ideologia, e procura verificar a relação entre discurso e ideologias. Althusser teve grande importância para o desenvolvimento dos estudos de Pêcheux (2009), embora aquele se tenha reportado bem mais à questão da ideologia do que ao discurso. Por isso, Pêcheux (2009) valoriza as contribuições do materialismo histórico no que se refere à superestrutura ideológica e ao modo de produção; mas com um olhar diferente, destaca a relevância da ideologia no processo de apreensão dos sentidos de cada discurso. Pêcheux (2009) entende o discurso como efeito de sentidos que se realiza enquanto acontecimentos entre interlocutores. Esse olhar é sugerido com base na noção de condições de produção de sentidos. Ressalta-se que essas condições de produção de sentidos são de considerável relevância na produção de textos, pois envolve todos os elementos que, de alguma forma, influenciam na construção do texto, a saber: contexto, filiações teóricas, o lugar onde esse texto é produzido, entre outros.

Assim, no momento em que Pêcheux (2009) evidencia a noção de condições de produção de sentidos, postula que o discurso é efeito de sentidos entre os participantes desse discurso; portanto,

no olhar do autor, esses interlocutores não estão livres para falar tudo conforme o seu entendimento, pois são influenciados por interdiscursos que se constituem historicamente por intermédio das relações de poder. Desta forma, esses sentidos nem sempre são assumidos pelos sujeitos discursivos, visto que vai depender da posição discursiva que cada sujeito ocupa em razão da posição ideológica. Ele advoga também que essa posição ideológica só se manifesta a partir das manifestações linguísticas de cada sujeito, que são reveladas nas formações discursivas. Portanto, são as posições discursivas que determinam o que pode e o que não pode ser dito por cada sujeito do discurso, a partir de determinada posição. As expressões linguísticas, bem como cada palavra produzida terão seus sentidos atrelados às posições discursivas nas quais são produzidas. Logo, os sentidos mudam conforme as posições e formação ideológica em que cada sujeito se encontra inserido.

Nesse sentido, para Pêcheux (2009), a ideologia se materializa no discurso, e a interpelação do sujeito se realiza na sua identificação com a formação discursiva que o domina; reitera-se, portanto, que os sentidos das palavras não dependem apenas dos sujeitos e significantes, mas se constituem por meio das “posições ideológicas que estão em jogo no processo sociohistórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, são reproduzidas)” (PÊCHEUX, 1995, p. 161).

Bakhtin é outro importante destaque para os estudos referentes à ideologia. Este teórico relacionou os aspectos linguísticos à ideologia. Para ele, todo signo é ideológico, conquanto o texto é lugar de tensão. Partindo dessa premissa, cada indivíduo terá uma ideia formada sobre qualquer aspecto da linguagem, pois a ideologia está diretamente relacionada ao valor semiótico; como advoga o autor, “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui valor semiótico” (BAKHTIN, 1999, p. 32). Não há como desvincular os aspectos da língua do social, haja vista Bakhtin postular suas concepções na relação entre o linguístico e o ideológico, sendo, portanto, impossível não relacionar esse ideológico e

o histórico do estudo da linguagem, bem como do discurso.

O sujeito discursivo sempre fará escolhas linguísticas que marcam sua formação ideológica e condição social em que se encontra inserido. Assim, essas escolhas são feitas em consequência do meio social e ideológico de cada indivíduo em determinada época, tempo ou período histórico. Conforme se pode perceber no conceito de ideologia defendido pelo grupo do Círculo de Bakhtin, “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sógnicas” (BAKHTIN apud MIOTELLO, 2005, p. 169). A autora acrescenta, ainda, que, no entender de Bakhtin, o conjunto de signos de determinado grupo social forma o universo de signos. Miotello adverte:

Todo signo representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que o signo coincidir com o domínio do ideológico. Logo todo signo é ideológico. O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas.

Percebe-se que, conforme salienta a autora, o espaço de destaque da comunicação se manifesta na interação verbal, o que institui a linguagem como lugar pertinente à materialização do acontecimento ideológico. A representação do mundo é rigorosamente bem expressa por meio de palavras, na qual necessita apenas do ser humano, enquanto meio, para ser produzida, por isso, segundo Miotello (2007), Bakhtin tomou a comunicação na vida cotidiana como meio principal para a constituição da ideologia, por ser “extraordinariamente rica e importante” (MIOTELLO, 2005, p. 171). Entende-se que a ideologia em Bakhtin engloba várias esferas ideológicas, que se manifestam na ciência, na arte, na religião, na política, e em qualquer manifestação da superestrutura.

Esse tipo de comunicação tem vínculo direto tanto com os processos de produção material da vida, no lugar da infra-estrutura, quanto com as esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas, na superestrutura, entendida como sistema de referência que troca sentido com toda a sociedade (MIOTELLO, 2005, p. 171).

Miotello (2005) caracteriza, então, a ideologia na visão bakhtiniana como a expressão e organização das relações humanas. Relação estabelecida por meio dos signos e por sua disposição nas relações sociais. Nesse sentido, esses signos são mediadores de todo evento comunicacional.

E, sempre que um sujeito se posiciona enquanto emissor ou coemissor de um evento comunicacional qualquer, concebe-o como um processo, visto que entra no mundo das representações sociais, aceitando determinada forma de controle social. Esse controle está ligado a regras e convenções inerentes aos discursos que cada sujeito domina. Portanto, é o processo que faz com que um elemento linguístico receba significação.

Ao entender o evento comunicacional como um processo, o sujeito leva em consideração a produção, a circulação e o consumo dos sentidos de um texto, evidenciando o fenômeno ideológico e o poder como fatores que influenciam nesse processo enquanto evento comunicacional. Nesse olhar, Verón (2004, p. 101) advoga que “o ideológico no discurso não consiste em propriedades iminentes aos textos, e sim em um sistema de relações entre o texto, de um lado, e sua produção, circulação e consumo, do outro”. Deste modo, o sentido de um enunciado depende das condições de produção desse enunciado, das interferências do meio. Logo, um enunciado pode ter muitos sentidos visto que, “entre a produção do sentido e seu reconhecimento, entre a produção de um discurso e seus “efeitos”, não há causalidade linear. Um discurso jamais produz um único efeito; desenha, ao contrário, um campo de efeitos possíveis” (VERÓN, 2004, p.83).

Nessa mesma perspectiva, Pinto (1999, p.45) assevera que “o ideológico de cada discurso é apenas uma pequena parte do que se chama ideologia ou formação ideológica”. É, então, pertinente

ressaltar que o ideológico é indispensável para a compreensão de qualquer discurso, seja ele científico, político, da mídia, pois o fenômeno ideológico é responsável pela produção de todo sentido social. Os sentidos são manifestações das representações sociais. Seria ingênuo imaginar a produção e compreensão de um texto sem levar em consideração a carga ideológica que se manifesta em cada expressão linguística dos sujeitos discursivos. Quando o sujeito imagina-se único responsável por seu dizer, esquece a influência que o meio social e histórico exerce sobre seu discurso.

Vale lembrar aqui a relação de poder que emana em cada discurso, pois o poder está em jogo em todo evento comunicacional. Como afirmou Pinto (1999, p. 46), “de maneira intuitiva, sabe-se que o poder está em jogo em qualquer interação comunicacional, de modo explícito como objeto em disputa, o que forjou o lugar comum a ‘dar a última palavra’, ou de modo implícito, como regras que somos obrigados a seguir”. Dessa forma, não há como considerar um discurso como transparente sem as coerções do meio.

As questões ideológicas são materializadas nas práticas discursivas, por isso Fairclough (2001, p. 117) advoga:

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas \ sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Para o autor, a luta ideológica é uma prática discursiva e os sentidos são ideológicos. É interessante lembrar que Pêcheux (2009) afirma que os processos ideológicos se materializam discursivamente.

Não se pretende aqui fazer uma abordagem detalhada sobre ideologia, encerrando todas as questões concernentes a ideologia e poder, mas tão somente elencar alguns aspectos pertinentes para a realização das análises discursivas as quais se pretende fazer nesse trabalho, por esse motivo evidenciou apenas os autores acima mencionados, ligados ao campo da Análise de Discursos posto

acredita-se que os mesmos darão conta do escopo desse estudo. Assim, na seção seguinte serão trabalhadas as formas de dizer, mostrar e seduzir de cada enunciador, considerando que essas formas têm influência do ideológico.

2.2.1 As formas de dizer, mostrar e seduzir pelos enunciadores

Nessa seção será feita uma abordagem sobre as forma de dizer, mostrar e seduzir presentes nos textos em circulação. Sabe-se que a forma como se apresenta um enunciado influencia no reconhecimento desse enunciado por parte do receptor. Logo, as operações enunciativas utilizadas na construção de qualquer enunciado é chave para convencer e seduzir tal receptor. Então, é interessante destacar que as técnicas de linguagem utilizadas no processo comunicativo para dizer, mostrar, persuadir, e seduzir são determinadas pelo enunciador que se reporta a um receptor idealizado. Receptor que se constitui por meio da linguagem e do social.

Impossível imaginar a linguagem como elemento desvinculado do social. O homem tem a necessidade de estabelecer vínculos, e a linguagem permite ao homem aproximar-se ao meio. A linguagem tem função social, visto que todo ser humano, ao produzir um texto com um propósito comunicativo, utiliza uma forma de linguagem, seja ela verbal ou não, como meio de interação social. Assim, o locutor procura encontrar formas de interagir com seus interlocutores através da linguagem, distribuindo afetos positivos ou negativos.

Segundo José Pinto (2002), o homem utiliza a linguagem com três funções básicas, a saber: função de mostração, função de interação e função de sedução. Na visão do autor, não há como desvincular essas funções umas das outras; não podem ser utilizadas de forma separada. Ao utilizar a linguagem com o propósito comunicativo, o homem constrói um referente de discurso do lugar que fala seu texto, deixando clara sua posição acerca do uni-

verso envolvido nesse discurso, como as pessoas, objetos de que se fala e como e por que se fala, considerando também o universo do receptor; ou seja, o que pensa, sabe ou acredita o receptor a respeito desse universo discursivo. Assim, ao descrever ou narrar uma situação comunicativa, o emissor está atento ao conhecimento e envolvimento de seu interlocutor.

Na concepção de Pinto (2002, p. 65), “o problema central que todo emissor resolve ao construir o universo de discurso em jogo é assim o de marcar a fronteira entre os conhecimentos que assume, os que compartilham com o receptor ou os que a ele atribui, a respeito deste universo”. Nesse sentido, percebe-se a afinidade entre emissor e receptor, pois têm uma relação de interação, haja vista que o emissor se aproxima do universo discursivo do receptor, considerando não apenas seu universo linguístico, mas também o meio sociocultural de seu interlocutor, considerando esse receptor como um coemissor ou coenunciador em todo texto em circulação.

Convém enfatizar que as revistas semanais de informação, como *Veja* e *Época*, são exemplos de texto, em que o enunciador, visando uma aproximação com o receptor, procura produzir seus textos, delimitando o universo de seu discurso, não só o de seu conhecimento, mas também aquele que acredita que seu receptor possui.

Essa posição enunciativa contribui para que haja uma interação entre os participantes do discurso, de forma que enunciador e enunciatário estabeleçam um diálogo com vistas à compreensão e transformação do meio. O enunciador utiliza estratégias enunciativas que desempenham o papel de aproximar enunciador e enunciatário, tornando este um coenunciador do discurso. São muitas as operações de enunciação utilizadas pelos enunciadores para a apresentação de um texto. Conforme Pinto (2002, p. 66), a função de mostra se realiza de maneira diferente nos textos verbais e nas imagens. “Nos textos verbais esta função se realiza por operações marcadas pelas escolhas lexicais e pelo emprego de operadores e quantificadores referenciais”. E “nas imagens esta função se realiza por antonomásia”.

Mais uma vez as revistas semanais de informação são bons

exemplos para confirmar o que assevera Pinto, pois quando o autor afirma que, no caso das imagens, a função de mostração se dá por antonomásia, afirma que há a escolha de uma imagem que cumprirá a função de apresentar essa categoria. Pensando no caso de imagens que trazem discursos sobre o envelhecer, entende-se que tal imagem vem representando toda essa categoria. Por isso, percebe-se que tanto nos textos verbais quanto em outras semióticas é importante fazer cuidadosamente a escolha das operações de enunciação.

Na interação, o emissor dirige-se ao receptor, e procura estabelecer uma relação discursiva por meio de um discurso hegemônico, no qual a busca pela última palavra é constante. Interpela o receptor através de estratégias persuasivas que tentam convencer o receptor sobre o poder que lhe é conferido. Para tanto, o emissor se dispõe a trabalhar com as regras valorizadas dentro do universo discursivo, em que o processo de comunicação se efetiva, a fim de reforçar essas regras ou modificá-las através da persuasão. Deste modo, o emissor utiliza operadores de modalização disponíveis na língua, como, por exemplo, trabalhar com as estruturas gramaticais, modificando-as de forma a encontrar uma maneira apropriada de persuadir seu interlocutor. Essa é a função da interação que, segundo Pinto (2002, p. 67):

Nos textos verbais se realiza por meio de operadores de modalização, envolvendo toda a frase, como a escolha de determinadas formas e estruturas gramaticais; realiza-se ainda pela escolha de substantivos, verbos, adjetivos e advérbios com valor modal ou de verbos com valor performativo ou ainda de outras formas de expressão que pelo contexto tenham este valor.

Assim, a forma como o enunciador se manifesta no discurso é importante para atrair e convencer o receptor, pois as estratégias utilizadas podem distribuir afetos positivos ou negativos no universo discursivo. Caso o enunciador deixe de atentar para a forma de mostrar seu discurso, pode atrair apenas afetos negativos, o que ocasiona falta de interação.

Contudo, para seduzir o receptor, o emissor precisa lançar mão de operações enunciativas que marquem os receptores de

forma positiva; enfatizando os valores divulgados em uma determinada instituição onde se processa o ato comunicativo. Desta forma, procura manter esses valores ou modifica-os por meio de estratégias que convençam uma dada sociedade sob condições de produção. Essas estratégias persuasivas reforçam para o receptor a necessidade de aderir às modificações.

Na visão de Pinto (2002, p. 67), essa é a terceira função básica, denominada de sedução, e, “nos textos verbais, esta função se realiza por meio de operações de modalização expressiva, que podem incidir sobre toda uma frase ou sobre qualquer parte dela”.

Da mesma forma que na função da interação, essa função se manifesta por meio das escolhas lexicais feitas pelo emissor. Essas escolhas também são responsáveis pela atribuição de afetos, sejam eles positivos ou não. É importante ressaltar que o olhar interpretativo do emissor também é bastante relevante nas imagens. Portanto, as técnicas utilizadas nessas imagens são de grande valor para atrair os receptores. Dessa forma, o olhar do enunciador se volta para as técnicas de manipulação a serem evidenciadas nessas imagens.

2.3. A IMAGEM COMO PRODUTORA DE SENTIDOS NA RELAÇÃO TEXTO/IMAGEM/LEITOR

É difícil definir o termo imagem, em razão disso, muitas discussões são dispensadas acerca da imagem, discorrendo sobre o que vem a ser uma imagem. Sabemos que definir de forma fechada o que vem a ser imagem tornou-se tarefa difícil para estudiosos do assunto. Dessa forma, segundo alguns pesquisadores, a noção de imagem vem gerando conflitos, isso porque o termo é empregado em significações diversas. Conforme assevera Joly (2005, p.13) “o termo imagem é tão utilizado, com tantos tipos de significação sem vínculo aparente, que parece bem difícil dar uma definição simples dele, que recubra todos os seus empregos”.

Isso nos permite compreender que o termo é bastante utilizado desde a criação da humanidade, visto que as pessoas sempre

usaram a imagem como forma de comunicação e representação de seres e coisas. A imagem, enquanto fator de comunicação está presente desde o início dos tempos. Segundo Gelb (apud Joly, 2005, p. 17), “por toda parte no mundo o homem deixou vestígios de suas faculdades imaginativas sob a forma de desenhos, nas pedras, dos tempos mais remotos do paleolítico à época moderna”.

Esses desenhos serviram como a principal fonte de informação para o homem, visto que traziam mensagens que esclareciam e desvendavam situações de comunicação sem a presença da escrita. A autora propõe ainda que a imagem é uma representação, “um instrumento de comunicação, divindade, assemelha-se ou confunde-se com o que representa (JOLY, 2005, p. 19). Inference-se, deste modo, que a abordagem articulada da imagem, entre ícone, indício e símbolo, permite que se perceba a força da comunicação através da imagem.

Para tanto, considerando a teoria semiótica, assegura Joly (2007, p.44) que “é preciso não esquecer, com efeito, que se toda imagem é representação, tal implica que ela utilize necessariamente regras de construção”. Essas regras de construção implicam em convenção para que haja compreensão e interpretação não só por parte de quem fabrica a imagem, mas também de quem a observa. por isso a autora afirma que “abordar ou estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de produção de sentido” (Id. *ibid.*). Lembrando que essas condições de produção de sentido são todos os elementos que vão influenciar no momento em que se produz um discurso, como contexto, filiações teóricas, bem como o próprio lugar em que se produz o discurso. Assim, produção de sentido é o modo de apresentar os objetos pela função referencial da linguagem. Por conseguinte, quando um sujeito qualquer cria uma imagem, este tem uma intenção comunicativa, com propósito determinado, pois nunca é um discurso neutro, inócuo; todo discurso é carregado de intenção comunicativa.

Neste olhar, toda imagem é equivalente a um ponto de vista enunciativo e ao processo de comunicação, visto que o mesmo discurso pode ser construído de forma diferente, dependendo do enunciador, posto que, para a Análise de Discurso “não exis-

tem posições discursivas isoladas de uma proposta de recepção” (PINTO, 2002, p. 60). Entende-se, portanto, que, ao ler um texto, o enunciatário se aproxima do enunciador, visto que o ideológico se presentifica nos textos, demarcando o lugar do enunciatário, esse pensamento corrobora a afirmação de Pinto (2002, p. 60), ou seja, “o lugar atribuído ao destinatário ou coenunciador é também determinante do ideológico de um texto”. Deste modo, reafirme-se que todo discurso, verbal ou não verbal, é perpassado por formas de interpretações em que se presentificam ideologias, demarcando posições e definindo as vozes sociais presentificadas.

Neste sentido, toma-se a imagem como um discurso produzido através de um trabalho de manipulação. Como assevera Pinto (1998, p.1), “toda imagem é produzida por um trabalho de manipulação, comandado por intenções comunicativas ritualizadas, conscientes e/ou não”. No olhar do autor, a imagem não deve ser considerada um simples signo, signicante/significado, visto que enquanto discurso esta é carregada de significações.

Considera-se, neste estudo, a imagem como um discurso por si própria, capaz de transmitir sentidos variados, pois, conforme advoga Pinto (2002, p. 37), como analista de discurso, “qualquer imagem, mesmo isolada de qualquer outro sistema semiótico, deve ser considerada como sendo um discurso, recusando a categoria de “signos icônicos” ou “ícones” em que são em geral classificadas pelos semiológicos”; nessa perspectiva discursiva, a imagem assim como os textos verbais são marcados por intertextualidade, enunciadores e dialogismo (PINTO, 2002, p. 37). E essa imagem é sempre contextualizada, a qual faz referência ao mundo real.

Acrescente-se que Joly chama a atenção para a imagem da mídia, no entender desta autora, o emprego contemporâneo do termo imagem remete à imagem do espaço midiático, “o emprego contemporâneo do termo “imagem” remete, na maioria das vezes, à imagem da mídia. A imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que se critica e que, ao mesmo tempo, faz parte da vida cotidiana de todos é a imagem da mídia”. Tendo em vista o objeto de estudo do presente trabalho, a ênfase dada a essa imagem nos interessa sobremodo.

Por sua vez, a imagem fala por si só, sem a necessidade verbal para torná-la explícita; podendo, dessa forma, operar discursivamente como os signos linguísticos. Por outro lado, não se deve esquecer que a imagem sofre imposição de determinadas leis, sendo impossível imaginar uma imagem de forma isolada, descontextualizada, haja vista que nem mesmo a imagem fotográfica pode ser assim considerada.

2.4. RELAÇÃO ENTRE DISCURSOS E SENTIDOS NA DINÂMICA DO CONTRATO DE LEITURA

Pensar o sentido enquanto “relação” é entender que os sentidos de um discurso não estão imanentes, mas sim construídos na relação entre os interlocutores no processo comunicativo, posto que os discursos são efeitos de sentido, pois, conforme já mencionado, ocorre na interação entre os sujeitos discursivos, por meio da relação sociohistórica e ideológica.

Afinal, muitas discussões já se realizaram sobre os discursos no processo comunicacional, considerando os dispositivos de enunciação, a fim de entender como se estabelece o contrato entre os participantes do evento comunicativo, bem como a produção de sentidos desses discursos. Sabe-se que a relação entre enunciador e enunciatário é muito importante para a produção de sentido de todo e qualquer enunciado, visto que o enunciador, ao produzir um texto, tem sempre em mente um leitor ideal. Na edificação do contrato de leitura, o receptor já está inserido no enunciado, isso porque quando o emissor cria o seu discurso, já tem *a priori* pensado em um destinatário; e assim elabora seus dizeres com base em estratégias enunciativas que permitem a esse enunciador manusear o discurso.

O receptor é seduzido pelas estratégias discursivas do emissor. Por isso é estabelecido um contrato entre os participantes do evento comunicativo, permitindo determinar a especificidade de um meio comunicacional, construindo uma relação de fidelidade entre texto e leitor. Essa relação é mantida através dos dispositi-

vos de enunciação, considerando, assim, tanto os participantes do discurso, como também o espaço social em que estes textos são produzidos, circulados e consumidos. Nesse sentido, não se pode pensar o discurso deslocado do meio social em que os interlocutores estão inseridos.

À luz da Teoria dos Discursos Sociais, Pinto (2002) também insere o social no discurso, uma vez que defende a ideia de que discurso são produtos produzidos para circular na sociedade. Desta forma, os discursos vão sendo construídos dentro de um contexto histórico; são, portanto, práticas sociais de produção de textos, nas quais o sujeito autor/ouvinte sofre as coerções ideológicas do meio, não sendo, pois, dono exclusivo de seu dizer; considerando, dessa forma, o dispositivo de enunciação que, nas palavras de Pinto, é “a explicitação dos diferentes posicionamentos ideológicos ou posições enunciativas ou ainda lugares de fala – ou seja, as diferentes maneiras de construir a representação de uma determinada prática social” (PINTO, 2002, p.33).

Com isso, percebe-se que esse teórico corrobora a afirmação de Bakhtin e Verón quanto à presença do ideológico em toda situação discursiva. Como bem enfatizou Pinto (2002, p. 28), “definir os discursos como práticas sociais implica que a linguagem verbal e as outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sociohistórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais”.

Nesta ótica, é visível a importância do emissor do enunciado, pois esse coloca em ação várias posições discursivas que lhe são peculiares, conforme seus interesses persuasivos os quais são voltados para um leitor idealizado. Essa compreensão nos remete a atentar para o sentido de sujeito, outro referencial importante para a Análise de Discursos. Para tanto, convém lembrar a afirmação de Costa (2009), que encerra a ideia de que a noção de sujeito é de suma importância para a análise de discursos, porque possibilita estabelecer a posição do autor/falante/enunciador no que se refere ao processo de atividade discursiva.

Logo, o uso que o sujeito faz da linguagem tem uma relação direta da visão que esse sujeito tem de si, do seu interlocutor

e do mundo em que está inserido. Pensando por essa vertente, o enunciador, ao produzir um discurso, deixa inúmeras marcas nos textos produzidos, seja ele escrito em uma linguagem verbal ou elaborado por meio de outras semióticas. A exemplo, o texto midiático, no caso do presente objeto de estudo, as revistas *Veja* e *Época* constroem seus discursos utilizando estratégias enunciativas diferentes.

Sabe-se que todo e qualquer texto, enquanto parecer comunicativo, têm formas particulares de apresentar-se ao público, de criar e manter um elo com seus interlocutores, criando um vínculo entre leitores e produtores. Verón (2005) chamou essa relação de contrato de leitura, o qual seria um dispositivo de enunciação escolhido para manter o contato entre publicação e público. É o que afirma as palavras do autor, “todo suporte de imprensa contém seu dispositivo de enunciação: este último pode ser coerente ou incoerente, estável ou instável, adaptado a seus leitores ou mais ou menos inadaptado”.

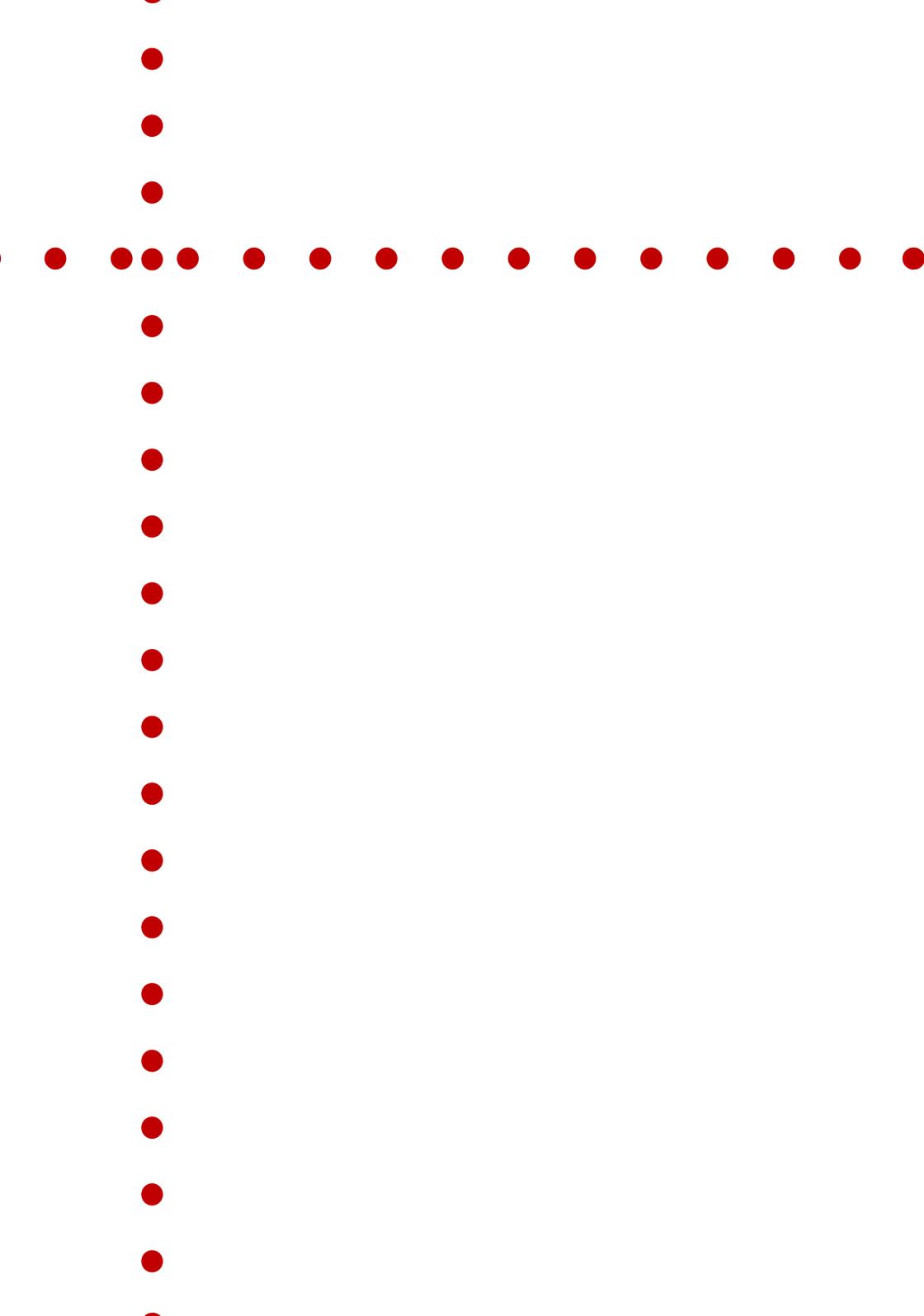
Torna-se evidente a necessidade de um suporte comunicativo qualquer; gerar um vínculo com o seu público leitor, utilizando estratégias discursivas variadas, a fim de criar e manter uma relação entre remetente e destinatário. Esta é a forma como o emissor dirige-se a seu público como sujeitos de discursos.

Com isso, “os estudos do contrato de leitura no plano da enunciação mostram, frequentemente, que dois suportes extremamente próximos do ponto de vista de conteúdo são na verdade muito diferentes um do outro” (LOPES, 2008, p. 107). Assim sendo, é válido ressaltar que a imagem de quem fala, bem como a imagem daquele a quem o discurso é direcionado e a relação entre o enunciador e o destinatário, proposta no e pelo discurso, como bem frisou Verón, são dispositivos significantes propostos pelas modalidades de dizer. Por certo, os modos de dizer de cada enunciador é fator importante para a elucidação do vínculo entre produtores e destinatários.

Nesse sentido, Verón (2004, p. 56) afirma que “sendo uma *dimensão*, aquela que diz respeito à relação do investimento de sentido com os mecanismos de base do funcionamento social enquanto

condições de produção do sentido, o *ideológico está por toda parte.*”

O contrato de leitura é, então, a relação entre um meio de comunicação e seus leitores que se firmam sobre um pacto de leitura, que será bem-sucedido dependendo das expectativas, motivações e interesses do público, e, principalmente, pelo funcionamento da enunciação; ou seja, pelas formas de dizer do suporte de comunicação. Essas formas de dizer irão aproximar ou distanciar o público leitor, pois as estratégias enunciativas de cada suporte comunicativo são, também, resultado do olhar do enunciador. Neste sentido, ressalte-se o valor do ideológico na produção de sentido de todo e qualquer texto.



3. OS MÚLTIPLOS SENTIDOS DO ENVELHECER NA CONTEMPORANEIDADE

É o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhiversamente: através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus velhos, ela desvela sem equívoco a verdade – muitas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e fins.

Simone de Beauvoir

3.1. O QUE É ENVELHECER

Questionamento acerca do que significa envelhecer circula por toda a sociedade contemporânea. Deste modo — *o que é envelhecer?* — não é uma indagação fácil de respostas que se aproximem de uma verdade absoluta, visto que envelhecer é conceito e, por isso, subjetivo por natureza. Tal conceito não constitui uma tarefa fácil de ser elaborada, pois resulta da complexidade de fatores que envolvem questões sociopolíticas, econômicas e ideológicas.

O ciclo de vida do ser humano é constituído de fases que representam o desenvolvimento físico e mental de todo ser humano, tais como a infância, a adolescência e a idade adulta; no entanto não são desenvolvidas por todo ser humano nas mesmas circunstâncias, pois o desenvolvimento social nem sempre acompanha o desenvolvimento físico. Então envelhecer representa um paradigma social. Por isso, muitas são as definições atribuídas ao envelhecer.

Essas fases da vida adquiriram novo conceito neste século, em função das novas formas de se perceberem as realidades sociais, as descobertas e evolução da ciência. O curso das realizações na vida do ser humano mudou, e, com isso, a expectativa de vida aumentou nos últimos anos. No Brasil, por exemplo, a expectativa de vida vem aumentando de tal modo que, atualmente, o percentu-

al de pessoas com idade acima de sessenta e cinco anos é relevante. Segundo o censo de 2010, esse percentual já representa pouco mais de 10% da população brasileira. Gonçalves (2010, p. 21) entende que essas mudanças trazem realidades diferentes em todos os níveis sociais. A respeito disso o autor assegura:

O período de procriação vem sendo retardado. Casar com 22 anos e ter o primeiro filho aos 23, 24 anos atualmente, é um acontecimento raro. Menos raro, é ter um filho sem programação com menos idade. Normalmente, os programados estão nascendo de mulheres acima dos 30 anos, com todos os riscos inerentes ao fato. A formação profissional que se fazia até os 26, 27 anos, é hoje completada com pós-graduações, mestrados, doutorados, pós-doutorados, cursos no exterior etc. Ter o primeiro filho perto dos 40 é considerado normal.

Toda essa mudança é consequência do aumento da expectativa de vida. O ser humano, nos dias atuais, tem mais cuidado com a saúde e, assim, permanece ativo por muito mais tempo. As revoluções tecnológicas ocorridas no século XXI têm contribuído admiravelmente para uma melhor qualidade de vida e, desta forma, a expectativa de vida do brasileiro tem aumentado significativamente no decorrer do tempo.

Atividades que nos séculos passados eram desenvolvidas apenas por pessoas bem jovens, por exemplo, hoje são executadas com naturalidade por pessoas com idade mais avançada. Estudos comprovam que o cuidado com a postura física é possibilitado ao homem avançar na idade sem perder a capacidade de realizar atividade com altivez. Os hábitos diários podem apagar traços de envelhecimento tanto físico quanto mental.

Gonçalves (2010, p. 17) evidencia que “envelhecer fisicamente é um processo de perda das funções ideais de todos os órgãos, que será mais ou menos rápido em função da genética individual e com o tratamento que cada um dá ao seu corpo e à mente”. Esse teórico afirma que o homem é responsável pelo modo como vai envelhecer, mesmo acreditando que o tempo favorece o envelhecimento físico e a perda das funções de alguns órgãos. Mesmo en-

tendendo que a evolução dos estudos genéticos ainda não permite influenciar na genética humana para retardar o envelhecimento. Acredita que a forma como trabalhamos o nosso corpo, bem com a nossa mente contribui para o modo de envelhecer.

Desta forma, o pensamento do citado autor justifica nossa afirmação de que é muito subjetivo definir o que é envelhecer. Pessoas com dezesseis anos podem se sentir velhas, ao tempo em que outras com sessenta anos ou mais sentem-se jovens, donas de suas forças vitais e possuidoras de capacidades físicas que favorecem o desenvolvimento de suas atividades do dia a dia com tranquilidade.

Se feita uma análise considerando os aspectos históricos, compreenderemos que a referência ao conceito de envelhecer passa por mudanças que resultam da dinâmica da estrutura social, dos modos de produção, das ideologias, bem como da cultura. É interessante perceber a forma como Oliveira (1999, p. 24) lança seu olhar para o envelhecimento. Para ela, “a juventude e a velhice não são concepções absolutas, mas interpretações sobre o percurso da existência. Como interpretações, em contrapartida, essas concepções se transformam historicamente”. Nesse sentido, entendemos que não devemos considerar o processo de envelhecer sob uma perspectiva absolutista, considerando aspectos fechados e limitados, visto que esse conceito é construído historicamente e está inserido na dinâmica dos valores socioculturais de uma determinada sociedade.

A consciência da idade que tem é fator relevante para o homem viver bem em uma sociedade que está preocupada com a juventude, e que valoriza o novo. Gonçalves (2010, p. 18), de forma metafórica, faz uma alusão à consciência que cada ser humano deve ter de sua idade real, quando diz que “não adianta tentar segurar o sol no poente, mas viajar sempre em direção ao oeste pode nos manter por muito mais tempo banhados pela luz do dia”. É fácil compreender que, para Gonçalves, a consciência da idade ajuda a trabalhar maneiras de envelhecer para viver bem cada fase da vida. Essas fases têm peculiaridades importantes que devem ser vividas com qualidade. Nesse mesmo sentido, Oliveira (1999, p. 27)

afirma que “a infância, a adolescência, a maturidade e a velhice constituem diferentes momentos que supõem formas e dimensões distintas de encarar e interpretar os acontecimentos que ocorrem ao longo da vida do indivíduo”.

Estudos mostram que dos trinta aos trinta e cinco anos o corpo permanece em equilíbrio, mas a partir daí começam a aparecer as perdas genéticas, naturais da própria genética de cada um. É nessa fase que o homem começa a perceber e a mostrar como entende o que é envelhecer. O envelhecimento começa bem antes dos sessenta anos.

Por essa razão, o envelhecer é visto de forma diferente por cada membro de uma sociedade, e o envelhecimento não aparece da mesma forma para todos. Gonçalves assegura que “há pessoas que, com mais de 90 anos, são portadoras de todas as suas faculdades mentais, enquanto outras, já em torno de 60 anos, apresentam-se envelhecidas com a perda de muitas de suas habilidades” (GONÇALVES, 2010, p.19). São muitos os fatores que levam a essa variedade, desde o componente genético até o modo de vida que cada um adota. A partir dos sessenta anos, a capacidade produtiva é percebida por muitos como uma forma de perda de poder. E o abandono daqueles que convivem com essas pessoas representa o aparecimento de doenças como a depressão e o isolamento.

O exercício mental é favorável ao equilíbrio físico. Para Gonçalves, “os exercícios mentais desempenham um importante papel na plasticidade cerebral” (2010, p. 19). O equilíbrio do corpo e da mente está relacionado com o agir de cada cidadão.

Segundo Bernardes (2010, p.19), “é importante que as pessoas saibam que o envelhecimento cronológico pode ser bem diferente do fisiológico”, isso demonstra que cada ser humano pode ser responsável pelo aparecimento de aspectos de velhice ou jovialidade. Por isso, os textos midiáticos que retratam o envelhecer, mesmo sendo construídos de forma diferenciada, terminam por procurar, na memória do dizer, sentidos fundantes para, dessa forma, interferir nas relações sociais e construir o conceito de envelhecer generalizado. Assim sendo, encontramos na materialidade dos textos midiáticos um modo de falar sobre envelhecer muito bem

articulado às demandas socioeconômicas vigentes.

Durante toda a história da humanidade, percebemos uma preocupação do ser humano com a finitude: — a busca por tratamentos que viabilizem o rejuvenescimento é fato milenar. Esta questão não passa despercebida por filósofos, religiosos nem pelos mais diversos setores da intelectualidade, mas os estudos sobre o envelhecer ainda são incipientes. Apesar de a discussão sobre o tema ter adquirido grande espaço nos meios de comunicação, nos últimos anos, despertando no meio midiático um interesse maior e um novo olhar voltado para os sentidos de envelhecimentos, percebemos, ainda, o pouco empenho que estudos científicos têm dispensado a este assunto. É válido salientar, também, que este novo olhar para o tema cresceu, especialmente, na década de 1990. Período, em que se percebe a velhice como um sinal de positividade, diferentemente da década de 1970 em que a velhice era sinônimo de morte, isolamento e fim.

Entendemos que a imagem do envelhecer muitas vezes esteve associada à debilidade, à morte. Podemos ratificar este fato com as palavras de Barros (2007, p. 7), “a associação óbvia que se faz entre a velhice e a morte nada tem de novo, nem é própria da atualidade, embora saibamos que se realiza diretamente em épocas e culturas distintas”. O envelhecer sempre foi motivo de desgastes tanto físico quanto emocional, visto que quando jovem acreditamos que o envelhecer é um fenômeno muito distante de nossa realidade, fato longínquo; assim sendo quando a velhice chega é como uma assolação difícil de aceitar, pois a própria família, principalmente as pessoas mais próximas, tende a se afastar, ou começa a tratar o idoso como inválido, incapaz e totalmente dependente. Assim, muitos estudiosos têm direcionado seu olhar para questionamentos e discussões que entrelaçam sentidos de velhice e novas formas de viver.

Com esse propósito, Mascaro (2004) apresenta o seguinte conceito, ou seja, a velhice é “uma fase natural da vida e não há como fugir deste ciclo: nascimento, crescimento, amadurecimento, envelhecimento e morte”. Percebemos que a autora revela um ponto de vista totalmente vinculado à perspectiva biológica,

pois se atentarmos para a velhice em uma perspectiva voltada para a antropologia, encontraremos uma distinção bem nítida daquilo que se considera universal — o ciclo de vida. Sob tal ponto de vista, a velhice é uma categoria socialmente produzida (DBERT, 2007), na qual as representações sobre velhice e envelhecimento têm sentidos e significados segundo contextos históricos, sociais e culturais diferentes.

Percebemos que há uma distinção entre o “ser velho”, dentro do campo biológico, que sistematiza as fases da vida de forma universal, como nascer, crescer e morrer, e o “ser velho”, no campo antropológico, que entende estes períodos da vida como etapas do processo biológico que acontecem diferentemente em cada indivíduo, dependendo da cultura em que estão inseridos. A antropologia busca descrever os aspectos culturais de cada sociedade e vai além, pois tenta compreender a humanidade em sua totalidade, evitando analisar apenas as particularidades, mas analisar a sociedade considerando todos os aspectos que a envolvem.

Conforme o pensamento de Debert (2007, p. 51), “a pesquisa antropológica demonstra que a idade não é um dado da natureza, nem um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem ainda um fator explicativo dos comportamentos humanos”. Acrescenta, ainda, que “a pesquisa antropológica é rica em exemplos que servem para demonstrar que fases da vida como a infância, a adolescência e a velhice não se constituem em propriedades substanciais que os indivíduos adquirem com o avanço da idade cronológica”. As palavras de Debert corroboram a ideia de que as fases da vida devem ser percebidas bem mais como uma questão relacionada a um processo biológico, que varia de sociedade para sociedade.

Com base nos estudos sobre o tema em discussão, pode-se dizer que o envelhecer é um fato bastante particular para cada indivíduo, pois nem sempre o ser humano encara a idade cronológica como envelhecimento. Logo, o “ser velho” é muito relativo, visto que sentir-se velho é não só uma questão pessoal, mas também uma questão cultural. Por isso:

Determinar a idade em que uma pessoa pode ser considerada idosa é uma tarefa difícil, pois num determinado momento histórico, numa dada sociedade e em diferentes situações sociais, uma pessoa pode ser considerada idosa aos 70, aos 60, ou até mesmo aos 40 anos (MASCARO, 2004, p. 35).

Nos dias atuais, a determinação da idade varia muito, devido ao estilo de vida de cada um. A cada ano, percebe-se maior preocupação da sociedade em encontrar a fórmula do rejuvenescimento. A mídia, por sua vez, está sempre preocupada em divulgar a velhice como sinal de equilíbrio, experiência e maturidade. Desta forma, é notória até mesmo a mudança na maneira de tratar a pessoa idosa. Denominar alguém, com idade superior a sessenta anos, de velho, tornou-se, sem dúvida, uma expressão grosseira. Apesar disso, muitas outras denominações foram surgindo, para nomear a velhice, como terceira idade, maturidade e, até mesmo, melhor idade.

Segundo Mascaro (2007), a palavra velho, que nos remete a alguém em estado depreciativo, acabado, debilitado ou alquebrado, foi substituída por idoso, vocábulo que carrega um valor semântico mais positivo quanto ao ser velho. A nova forma de nomear a categoria em questão significa apenas a passagem do tempo, alguém com idade avançada, sem a carga depreciativa, negativa. Percebemos que, nesse jogo de mudanças, a mídia tem papel relevante na apresentação dos sujeitos enquanto cidadãos. Dá ênfase à necessidade de se perceberem as qualidades e capacidades que o idoso possui. Com isso, na contemporaneidade, se presentificam normas de bem viver, divulgadas pelos suportes midiáticos, em que o dia a dia da população é regido por regras que vislumbram chegar ao rejuvenescimento, que direcionam o idoso a uma vida saudável e, principalmente, a sentir-se seguro e participante do meio em que vive. Portanto, são muitos os fatores que devem ser levados em consideração na percepção do envelhecimento, visto que se trata de um processo muito complexo, principalmente quando se tomam por parâmetro apenas aspectos cronológicos.

De fato, trabalhar a questão do envelhecimento, consideran-

do os recortes feitos na idade, é muito subjetivo, tornando superficiais as conclusões a que se podem chegar, visto que “os recortes de idades e a definição de práticas legítimas associadas a cada etapa de vida não são, portanto, consequências de uma evolução científica marcada por formas cada vez mais precisas de estabelecer parâmetros no desenvolvimento biológico humano” (DEBERT, 2006, p. 53).

Nessa visão, as questões que se referem ao envelhecer são muito relativas, por isso não podem ser vistas de forma independente. Devem ser considerados alguns aspectos de fato relevantes, para se compreender significativamente o processo de envelhecimento, posto que envolve questões sociais, culturais, psicológicas e econômicas. Nesses termos, podem ser destacadas algumas considerações a respeito do aspecto do envelhecimento cronológico, social e biológico. Estes fatores contribuem para o significado do sentido de ser velho.

Oliveira (1999, p. 25) considera que “embora as definições de velhice exponham uma confusão aparente, fruto da diversidade de enfoques existentes, elas podem ser agrupadas ao redor de denominadores comuns”. Nesse caso, devem ser considerados fatores como o biológico, o cronológico, o psicológico e o social, entre outros. Deve-se lembrar que a velhice é socialmente construída, embora aspectos genéticos determinem as condições do envelhecimento, pois o processo de envelhecimento assume características, valores e significações correspondentes à sociedade, cultura e épocas em que é enfatizado.

É imprescindível a análise dos diferentes fatores que contribuem para a definição de velhice e envelhecimento. Esses fatores variam de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, envolvendo aspectos sociais e psicológicos, vindo a ser difícil traçar limites para se definir o que é ser velho ou quais são as marcas do envelhecer. Acrescente-se que tais marcas podem variar, também, de pessoa para pessoa, bem como de cultura para cultura; nesse sentido, é considerado o aspecto cronológico. Sob este aspecto, as pessoas são identificadas como pertencentes a grupos que se encontram em processo de envelhecimento não só pela idade, mas também

pelo estado de saúde que apresenta, a forma de aceitar os estágios da vida que são influenciados por fatores como o socioeconômico e cultural. Deste modo, a idade cronológica é marcada pelos acontecimentos ocorridos na vida de cada pessoa, pois pessoas com a mesma idade cronológica apresentam estágios de envelhecimento diferentes. Nesse viés, a ideia de envelhecimento é bastante subjetiva. Assim, o envelhecimento, para muitos, começa cedo, bem antes dos trinta anos, posto que é um processo construído socialmente.

O aspecto cronológico é um dos limites mais fortes e precisos para se delimitar o início da terceira idade, mas deve-se ter bem claro que é também socialmente construído, posto que a velhice e o processo de envelhecimento assumem especificidades, papéis e significados distintos conforme a sociedade e a época em que são enfocados (OLIVEIRA, 1999, p.28).

Ressalte-se que nossa preocupação não é tomar a idade cronológica como determinação para marcar o processo de envelhecimento, mas sim entender como o ser humano percebe e compreende o processo de envelhecimento. Nesse sentido, entra em discussão outro aspecto referente ao processo de envelhecimento que é o aspecto biológico.

Convém enfatizar que não se deve marcar o envelhecimento pela idade cronológica, pois, conforme mencionado anteriormente, o grau de envelhecimento não é vivenciado por todos os indivíduos de uma sociedade da mesma maneira. O envelhecimento não é determinado pela idade cronológica, haja vista ser um efeito do modo pelo qual cada ser humano vive em uma dada sociedade.

Do ponto de vista do aspecto biológico, o envelhecimento é caracterizado por algumas marcas visíveis ao olho humano, como, por exemplo, aparecimento de rugas, lentidão do desenvolvimento de atividades físicas, aparecimento de doenças, perda da elasticidade da pele, diminuição da força muscular, aparecimento de cabelos brancos, perda de memória, corpo em desequilíbrio etc. Sabe-se que o envelhecimento não aparece da mesma forma para

todos, nem as marcas aparecem nas mesmas circunstâncias, o processo depende muito do organismo de cada um.

Conforme Oliveira (1999, p. 41), “o envelhecimento biológico desenvolve-se gradualmente, de maneira que seria arbitrário precisar o momento exato em que uma pessoa é fisicamente velha”. Dessa forma, considerando o processo de envelhecimento biológico, os seres humanos que possuem vida normal passam por estágios de vida como juventude, maturidade e velhice. Essas fases se desenvolvem em cada indivíduo de forma muito particular. A fase da velhice está bastante relacionada com o estilo de vida de cada indivíduo. Para muitos, os sinais da velhice demoram bem mais para aparecer, em consequência do modo de vida que levam e da forma como compreendem o processo. As pessoas que se inquietam com a maneira pela qual envelhecem são mais preocupadas em prolongar o aparecimento dessas marcas. Para tanto, existe atualmente uma grande tendência à valorização da juventude, da beleza física, um verdadeiro culto ao corpo jovem e saudável. Nesse sentido, a mídia vem mostrando um “mundo” em que a idade real se manifesta pelo estilo de vida de cada indivíduo, e não pela quantidade de anos vividos.

Contudo, a questão aqui é discutir o que é envelhecer, e, confirmando a ideia de que essa é uma questão bastante complexa para ser definida conceitualmente, Busse (apud OLIVEIRA, 1999, p. 42) ressalta:

Existem muitas teorias sobre o envelhecimento segundo o aspecto biológico e que a complexidade é óbvia, pois o desenvolvimento de uma teoria unificada desse assunto será extremamente difícil, uma vez que tal teoria de biossenescência deveria levar em consideração todos os processos pelos quais um indivíduo passa, bem como a sequência de interações que transpiram dentro dele durante toda a vida.

Várias teorias se entremeiam na busca de esclarecer as causas do envelhecimento, porém todas essas teorias fracassam, visto que apresentam causas que funcionam de forma independente; em contrapartida, o envelhecimento é resultado de muitas causas

que se inter-relacionam, encontrando-se e, portanto, determinando o envelhecimento.

Entende-se que o envelhecimento biológico refere-se à perda de capacidade de desenvolver determinadas atividades físicas, da diminuição de competências fisiológicas, fragilidade no que se refere às mudanças ambientais que a idade conduz. Para Oliveira (1999), o aspecto biológico compreende mudanças diversas e complexas, mudanças na composição celular, na estrutura e função dos tecidos que integram todo o organismo.

Assim, o envelhecimento tem início logo que o indivíduo nasce, é um processo natural, pois como defende Oliveira (1999, p. 45), o homem começa a envelhecer logo após o nascimento, “à medida que conquista novos aspectos, degeneram-se os estados anteriores pelo processo de desgaste natural”. Portanto, são muitos os fatores que contribuem para o envelhecimento biológico; dentre eles, pode-se citar a alimentação inadequada, que desempenha um papel importante no envelhecer humano. Mas os fatores que contribuem para o envelhecimento variam muito, e divergem de pessoa para pessoa, de organismo para organismo. Trata-se de um processo contínuo na espécie humana, que apresenta formas e tempo diferentes para cada indivíduo.

Nessa perspectiva, é importante que todo ser humano, desde os primeiros dias de vida, possa viver com dignidade, para que possa chegar à fase da velhice com saúde e bem-estar. Portanto, os aspectos políticos e econômicos de uma sociedade influenciam de maneira visível na forma que o indivíduo envelhece, tornando, deste modo, o envelhecimento um processo heterogêneo e particularizado, que vai depender de muitos fatores como o biológico, o social, o psicológico, o econômico, o histórico e o cultural. De tal modo, torna-se um conceito produzido em um contexto social, convencionalizado, que denota mudanças de cultura para cultura, de pessoa para pessoa.

Entretanto, não se pode olhar a velhice como um processo único e fechado. Mas sim como um aglomerado de outros fatores que encerram diferenças entre si; mesmo possuindo características particulares, como a perda de movimentos físicos que promo-

vem mudanças sociais e psicológicas bem específicas.

Enfatize-se que o processo de envelhecimento é detectado de forma distinta nos diferentes organismos. Nesse sentido, Oliveira (1999, p. 49) afirma que “a velhice pode ser definida como uma mudança de conduta do organismo que conduz, com a idade, a um decréscimo do poder de sobrevivência e adaptação”. Já Beauvoir (apud OLIVEIRA, 1999, p. 57) assevera que a velhice é “um fenômeno biológico com consequências que se apresentam através de determinadas condutas consideradas típicas da idade avançada”. A afirmação das autoras corrobora a defesa de que o envelhecimento, não obstante seus aspectos particulares, aparece diferentemente em cada indivíduo e apresentando características próprias do envelhecimento, mas não necessariamente da idade.

Envelhecer significa, sentir e ou assistir às mudanças regulares que ocorrem no organismo de todo ser humano, consequência das condições ambientais, sociais que comungam com a idade avançada. Assim, cabe ao homem aceitar sua idade cronológica, sua realidade, compreendendo as mudanças biológicas que ocorrem no organismo, em um dado momento da vida. Como salienta Oliveira (1999, p. 50), “o envelhecimento biológico é inerente ao processo da vida, e ninguém escapa dessas mutações prescritas pelo tempo. De certa forma, o fenômeno biológico estabelece limites ao ciclo da vida”. O envelhecer é uma ação individual que envolve muitas questões, como crenças, estilo, maneira de viver de cada pessoa.

Muitas mudanças são perceptíveis, pois se manifestam na parte externa do organismo. Nesse caso, ficam evidentes os sinais de velhice observáveis na perda de brilho da pele, nas rugas, na falta de elasticidade, no aparecimento dos cabelos brancos, nas manchas escuras na pele, a perda do tônus da pele induzindo à flacidez, entre outros. Mas é importante perceber que esses sinais não se manifestam apenas no aspecto físico. O psicológico e o social também apresentam alterações evidentes.

Provavelmente as maiores evidências de velhice no ser humano sejam as dificuldades de adaptação às novas formas de representação social; a necessidade de trabalhar com as perdas afetivas,

sociais e orgânicas; alterações no sistema psicológico que exigem tratamentos constantes. Muitas vezes, ao perceber essas mudanças, a pessoa entra em estado de depressão permanente. Sente-se fora de sua realidade, de seu meio. É como se estivesse encarando um novo mundo, com realidades totalmente diferentes. O novo olhar para o envelhecimento instiga ao seguinte questionamento: — Será que uma preparação física e psicológica para o envelhecimento, estágio da vida que todo o ser humano pretende chegar, tornaria mais fácil encarar as mudanças que chegam com o avançar da idade? Estudos mostram que esse seria um fator que muito contribui para o bem-estar na velhice. Então não existe maneira de fugir do envelhecer, mas se podem encontrar meios de se envelhecer bem, sem muitos sofrimentos. Aceitar a velhice é importante para se viver bem essa fase da vida. Hesse (apud GRÜN, 2008, p. 15) afirma que “sem este sim, sem a entrega àquilo que a natureza exige de nós, não percebemos o valor e o sentido de nossos dias — sejamos idosos ou jovens — e enganamos a vida”. A consciência de cada ser humano sobre as fases de sua vida é fator que motiva o viver bem. Para Monteiro (2003), a velhice é percebida, também, pela motivação, posto que “é possível observar velhos que perdem a motivação por perderem seus objetivos, acreditando na inércia como sendo um processo inerente à velhice” (p. 115). Quando se conhecem as condições do corpo e da mente, as possibilidades de novas descobertas para um novo sentido de viver são mais evidentes.

O homem nem sempre assume que nascemos e envelhecemos. O envelhecer é natural para todos os que nascem. O sofrimento humano é acreditar que o envelhecer é algo deveras distante no percurso da vida. O envelhecer é natural e pode ser um processo dinâmico, Monteiro (2003, p. 27) entende que:

Envelhecer é a maneira como cada organismo individual se desenvolve, definida por seus estados dinâmicos, nos quais as forças internas criam tensões produtivas, gerando expansão e crescimento em algumas dimensões, contração e degradação em outras, evitando qualquer padrão de permanência. Por isso, o envelhecimento é um processo contínuo de transformação do humano como ser único em seu próprio tempo vivido. Isto é, o ser humano envelhece com o passar do seu próprio tempo, um tempo interno, subjetivo, que pertence a cada um individualmente.

Compreende-se que o envelhecer é um aspecto humano que acarreta mudanças orgânicas, mas também está relacionado ao contexto sociocultural de cada indivíduo. Por isso, o envelhecimento é contínuo. As transformações que ocorrem no organismo têm início desde cedo, portanto, não é apenas o velho quem envelhece, mas também o jovem, a criança.

No campo social, percebe-se o avanço na tecnologia, instrumentos voltados para melhorar a qualidade de vida das pessoas em geral, bem como daquelas que se encontram na fase da velhice. Este fato vem aumentando devido ao acréscimo considerável na perspectiva de vida, que, como consequência, traz também um novo olhar da sociedade para as questões relacionadas à velhice. Exemplo disso são os meios de comunicação que estão cada vez mais voltados para esclarecer ao público o que é o envelhecimento na contemporaneidade.

Percebemos que o envelhecimento social traz modificações nas relações entre as pessoas em detrimento da perda da autoestima, consequência da perda de papel no meio social em que é inserido, dentre outros aspectos sociais.

Nessa concepção, enfatize-se que envelhecer pressupõe mudanças gradativas no organismo humano, que se manifestam no aspecto físico, psicológico e social, que, mesmo não podendo ser evitadas, podem ser trabalhadas por cada pessoa de maneira diferente, de forma que podem acabar não sendo um fardo, mas uma etapa prazerosa da vida. Conforme afirma Grün (2008, p.13), “envelhecer não é apenas um fenômeno que nos atinge exteriormente. Traz em si também um sentido, e só quando tomarmos

conhecimento desse sentido poderemos aceitar de boa vontade o envelhecimento”. Compreender e aceitar a velhice é uma tomada de posição que contribui para que se viva de maneira jovial.

Por outro lado, a preocupação acerca da velhice e do processo de envelhecimento vem de longos anos; e, ao longo do tempo, essa preocupação só tem aumentado. Pesquisadores têm-se empenhado bastante em descobrir não só os aspectos que caracterizam o que é o envelhecer, mas o elixir da longevidade saudável.

3.2. ENVELHECIMENTO E ATUALIDADE: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO

Se é difícil falar de envelhecimento, imagine-se, então, falar de envelhecimento atrelado à atualidade, posto que a corrida por novas formas de representar a sociedade têm sido frenéticas nos meios de comunicação, seja ele impresso ou não. À medida que aumenta a expectativa de vida do brasileiro, aumenta também a preocupação dos meios de comunicação em divulgar as mudanças que ocorrem durante todo o processo de envelhecimento. A mídia tem direcionado um olhar constante ao público idoso; exhibe as mudanças que ocorrem tão rapidamente em toda a sociedade, e procura mostrar as estratégias que pessoas em processo de envelhecimento encontram para enfrentar o estilo de vida da atualidade, frente às novas tecnologias, em busca de adquirir um lugar na sociedade por terem sido deslocadas do sistema produtivo dominante.

A contemporaneidade caracteriza-se pela globalização que estabelece uma rede de informações em todo o mundo. Nessa conjuntura, percebe-se um bombardeamento de informações que a mídia configura no que se refere às formas de envelhecimento. Essas informações nem sempre são compreendidas por todo o público que se encontra em processo de envelhecimento. Visto que a realidade social, cultural e psíquica de muitos não permite a compreensão dessas informações.

A mídia impressa tem grande importância na mediação da realidade social, produzindo sentidos através da linguagem, crian-

do identidades e categorias sociais materializadas pela língua. Nesse estudo, pensa-se identidade vinculada à apreensão e interpretação da realidade, como sendo um processo de representação simbólica, uma compreensão da própria posição do homem no mundo, relacionada, assim, à atribuição de valores.

Nesse sentido, a mídia tem dispensado um olhar sistemático às questões referentes ao envelhecer no século XXI. São muitos os destaques de reportagens sobre assuntos referentes ao envelhecer e ou envelhecimento não mais como fase de sofrimento, lembranças e exclusão, mas como a etapa da melhor idade, sinalizando para uma mudança discursiva em relação à mudança social e cultural. Existe uma marcante ênfase ao processo de envelhecimento ativo, positivo, que favorece à ressignificação do envelhecer, que contribui para uma maneira de perceber o processo de envelhecer.

Essas mudanças nos levam a refletir acerca do tratamento que é proposto àqueles que apresentam sinais de envelhecimento. O envelhecer é, na maioria das vezes, referenciado frente ao paradigma do jovem e do velho, e, num país onde se cultua a jovialidade, percebe-se o silenciar nas referências ao velho.

Diante desse paradigma, têm sido criadas muitas políticas que propõem discutir questões sociais que favoreçam o bem-estar de algumas categorias sociais, dentre elas o idoso. Frente a essas políticas, questiona-se se elas incluem ou excluem, do seio da sociedade, o cidadão que se considera velho. Sociedade tal que vive em ritmo acelerado de mudanças e transformações nos campos sociais, políticos, econômicos, ideológicos e culturais. Sociedade onde o ser humano, a cada ano, vive mais e com mais saúde.

Essas transformações exigem que a pessoa esteja acompanhando as mudanças, compartilhando o processo de evolução. E, caso não o faça, corre o risco de ficar à margem do meio social. O avanço no setor da informática, por exemplo, é assustador. As mudanças tecnológicas afetam até mesmo o estilo de vida da população em geral, e, mais especificamente, a vida daqueles que se encontram em idade superior a sessenta anos, pois são obrigados a aderir às mudanças para que não sejam excluídos. Isso reflete, então, mudanças na educação, na cultura.

Outro fator que chama a atenção é que as pessoas que acompanham essas mudanças se tornam mais ativas, envolvidas com o meio em que estão inseridas. Sentem-se participantes, e, como consequência, tornam-se alegres, ativas, e com aparência saudável, sentindo e vivenciando a realidade. Nesse sentido, Monteiro (2003, p. 31) afirma que “pelo sentir e pelo movimento descobrimos o mundo, adquirindo o conhecimento necessário que servirá de base para o organismo se adaptar adequadamente a cada circunstância que o envolve. Deixar pessoas mais amadurecidas à margem de sua realidade é colocá-las no caminho do sofrimento, da solidão, do isolamento, das doenças psíquicas e da morte. O homem com sessenta anos de idade tem habilidades para aprender coisas novas e desenvolver atividades que exijam esforço mental e físico; muitos chegam a essa idade com vigor físico de trinta ou quarenta anos. Esse vigor físico, conforme dito anteriormente, é muito relativo, depende de fatores físicos, sociais, entre outros.

Por sua vez, Olini (2006) concorda com o pensamento, e afirma que, quando as pessoas com mais de sessenta têm incentivo para continuarem ativas, o fazem com prazer e disposição, visto que com os instrumentos necessários conseguem praticar qualquer trabalho que lhe é imposto, haja vista que nem todas as atividades disponíveis no mercado de trabalho exigem esforços musculares rigorosos ou agilidade de raciocínio, parte mais desgastada no ser humano, e que proporciona maiores perdas e sofrimento às pessoas no processo de envelhecimento.

A autora compreende que o homem com sessenta anos ou mais, atualmente, é alguém que acompanha as transformações que ocorrem na sociedade, sem dificuldades, é alguém que procura estar incluído no meio em que vive, praticando lazer em parques, academias, conversando com familiares, vivendo normalmente no meio de pessoas mais jovens. Atualmente, as pistas de caminhada, por exemplo, estão repletas de pessoas já bem amadurecidas, praticando caminhada. Isso ajuda a prevenir doenças e contribui para o equilíbrio das habilidades físicas.

Esse novo movimento favoreceu a criação de instituições e centros sociais que oferecem atividades para um público com ida-

de superior a sessenta anos. Esses centros disponibilizam profissionais nas mais diversas áreas, fisioterapia, nutrição, medicina, artes, entre outros que incentivam o idoso a cuidar da saúde física e mental. Essa de fato é uma estratégia para incluir pessoas com idade avançada no contexto social. Pesquisas mostram que um dos fatores que mais contribuem para a finitude humana é o abandono, a exclusão social, visto que quando pessoas com sessenta anos ou mais convivem naturalmente com a família são mais afáveis e compreendem as mudanças com maior aceitabilidade, além de terem uma saúde muito mais equilibrada, seja no que se refere à mente ou ao físico.

Por entender a importância desse aspecto, questiona-se: — Como a sociedade de hoje percebe essas mudanças, como convive com o velho? A resposta a esse questionamento não é fechada. Sabe-se que muitas mudanças existem de fato; contudo, se vive em uma cultura que privilegia o novo em todos os aspectos, e, com isso, a ideia de que tudo o que é velho não presta acaba sendo internalizada por aqueles que se encontram com idade superior a sessenta anos, deixando-os tristes e impotentes diante do cotidiano. Assim, é natural que pessoas que não têm atenção na família apresentem ainda mais cedo sinais de envelhecimento. Um dos sinais que mais rápido se manifesta é o isolamento da pessoa idosa.

Entende-se que o isolamento conduz ao distanciamento de tudo aquilo que lhe possa dar prazer. Para Monteiro (2003, p. 31):

Estar sozinho e isolado é estar em silêncio, no abandono que rompe o contato vital com o mundo, favorecendo a inércia do corpo, que rouba a possibilidade do conhecer. O isolamento reduz a capacidade em adquirir sensações novas e variadas, propiciando a acomodação dos sentidos, deixando esses indivíduos entregues à privação sensorial e à fome afetiva.

Conforme a opinião do autor, o isolamento de pessoas idosas acarreta perdas irreparáveis, que serão percebidas pelo resto da vida. Viver em silêncio traz como resultado a distância entre o público idoso e o restante da sociedade, e, como entende Monteiro,

esse silêncio contribui para o distanciamento das pessoas idosas com o conhecimento da realidade, resultando em perder o contato com o mundo em que está inserido. É importante destacar que a falta de interação do idoso com o restante da sociedade é perder a capacidade de conhecer e aproveitar novas sensações e vivenciar novos valores. O autor considera que as pessoas idosas retiradas “violentamente” do convívio social sofrem de uma “fome afetiva”. Essa fome significa o vazio que prevalece na alma da pessoa idosa pelo resto da vida. A metáfora utilizada pelo autor configura a tristeza dessas pessoas. Quem nunca sentiu a sensação de fome? Imagine, então, a sensação dessa fome afetiva. Ninguém gosta de se sentir só, principalmente, longe da família, e, com o agravo de essa solidão aparecer depois de uma idade já bem avançada, momento em que a pessoa precisa da segurança da companhia dos familiares.

É importante ressaltar que este “sentir só” refere ao estado de solidão, posto que existe um estar só que significa a privacidade que muitas pessoas gostam e até necessitam para desenvolver algumas atividades, como ler um livro, assistir à TV, entre outras. Porém, há o estado de solidão que diz respeito ao abandono das pessoas próximas, queridas. Este é o momento em que pessoas com idade avançada sentem-se fragilizadas, precisam de apoio e carinho de todos, seja da família, dos amigos seja do trabalho. Momento em que buscam e precisam do apoio das pessoas mais próximas e até de instituições para viverem melhor.

Nesse sentido de “viver melhor” é que se percebem muitos discursos atualmente. Discursos esses que divulgam programas voltados para a população idosa. As instituições governamentais, bem como as instituições filantrópicas estão cada vez mais se propondo a apresentar projetos que viabilizam a interação e o bem-estar de pessoas com mais de sessenta anos na sociedade. Programas que inserem pessoas de idade avançada nas novas tecnologias do mercado estão sendo divulgados e colocados em prática de forma considerável. Nos últimos anos os cursos com este enfoque cresceram muito. Em relação aos cursos, Gonçalves (2007, p. 58) afirma:

Os mais frequentemente procurados foram e ainda são os de informática. Mais precisamente, cursos voltados ao aprendizado do uso de computador, ao aprendizado de vários *softwares* básicos como *Windows*, *Word*, *Excel*, *Power Point* e ao aprendizado de como navegar através da internet para obter informações e interagir, dentre outras, com firmas, instituições e pessoas (GONÇALVES, 2007, p. 58).

Essa realidade de que o homem, atualmente, utiliza formas de comunicação bastante diversificada, o coloca em uma situação de contraste com aquele de vinte ou trinta anos atrás.

Diante do medo do isolamento, do temor de se sentir à margem da realidade que lhe é imposta, os idosos têm procurado frequentar cursos dos mais variados níveis, a fim de interagir com o meio, com as novas tecnologias. Portanto, a necessidade de inclusão social tem levado o idoso a valorizar de forma significativa os cursos oferecidos pelas instituições. A informática, por exemplo, vem contribuindo muito para diminuir a distância entre o velho e o novo, entre pessoas consideradas idosas e pessoas jovens, posto que essa área é tida como símbolo da modernidade que aproxima as pessoas em todos os setores sociais, seja no trabalho, seja nas relações familiares, seja no lazer, entre outras.

Como interação social e fuga de isolamento, percebe-se um número de pessoas idosas cada vez maior procurando se envolver com o “mundo da informática” para interagir com filhos e netos. Trata-se de uma maneira que encontram para fugir do isolamento social e familiar, permanecendo integrados ao meio social que se encontram. O mundo da informação atualmente é muito rápido, é novo. Quem não acompanha a velocidade das mudanças tecnológicas cai no vazio do desconhecimento. É nesse sentido que Gonçalves defende a importância de pessoas com sessenta anos ou mais estarem conectadas com a realidade por meio da tecnologia da informática. Para ele:

Essas pessoas idosas procuram aprender a usar o computador porque sabem realmente o que essa ferramenta de trabalho, de informação e de lazer pode oferecer-lhes, ou simplesmente procuram o computador para atingir outros objetivos, mais sutis e subjetivos, como, por exemplo, curiosidade, escapar do isolamento, manter uma posição social ainda de liderança, obter uma maior interação social, não ser marginalizado e outros. O computador é visto como um equipamento que consolida uma tecnologia capaz de romper paradigmas, sendo considerado como um dos principais símbolos da modernidade e seu domínio como condição primordial de adequação social atual e futura (GONÇALVES, 2008, p.58).

Vale lembrar que o computador não é a única forma de inclusão de pessoas idosas; são muitos os projetos sociais que as instituições apresentam em prol do propósito de incluir o idoso socialmente. Academias destinadas ao público em idade madura estão crescendo em todo o País. Nesses estabelecimentos, são propostas muitas atividades que buscam facilitar a interação entre os grupos que participam. São atividades de socialização, como danças, espaço de narração de histórias, entre outras. Gusmão (2008, p. 115) chama a atenção para as atribuições que vêm sendo apresentadas a respeito da velhice. Para o autor, as sociedades modernas, de certa forma, se manifestam divulgando que a velhice é algo determinado, acabado, o que vem contribuindo para que cada vez mais cresçam as discussões a respeito da velhice. No seu entender, as sociedades “refletem, discutem, propõem alternativas à idade madura: atividades físicas, lazer, centros de convivência e cursos”. Essas atividades favorecem o bem-estar físico e mental de pessoas idosas.

Outro fator que marca as mudanças na atualidade é o número significativo de pessoas que procuram voltar a estudar depois dos cinquenta anos. Muitas dessas pessoas já têm o Ensino Médio completo, outras já têm uma formação acadêmica; voltam a estudar como pretexto para estar em contato com o novo, com o diferente, com as atividades desenvolvidas por filhos e netos. Além disso, ressalte-se que existem também aquelas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar enquanto jovens e retornam

à sala de aula depois de aposentados para concluírem seus estudos, e acabam interagindo com pessoas bem mais jovens, que muitas vezes são da mesma idade que seus netos. A aproximação com esse público contribui para o bem-estar de pessoas idosas. Tornam-se mais alegres, afáveis, descontraídas, dispostas para realizar as atividades do dia-a-dia e até melhoram a saúde física e mental, tendo como consequência dias de vida mais saudáveis e prolongados.

3.3. POTENCIAL CRIATIVO E ENVELHECIMENTO: A DINÂMICA EM SOCIEDADE

O Brasil é um país cuja população envelhece a cada ano. O Censo demográfico está sempre apresentando um crescimento considerável da população que se encontra na faixa etária de sessenta anos ou mais. Isso vem exigindo uma preocupação maior por parte de todos os setores da sociedade para o público idoso que está presente nos diversos setores da sociedade e que tem destaque tanto como consumidor como produtor na sociedade.

Quando falamos em potencial, somos levados a pensar em possibilidades. No caso do potencial criativo entrelaçado ao envelhecimento, é inevitável não imaginar as possibilidades que possuem pessoas com sessenta anos ou mais, tais como bom desempenho de trabalho, capacidade de desenvoltura física, dentre outras. Nessa mesma linha de pensamento, é impossível pensar em juventude sem lembrar-se de força, saúde, capacidade de produção e vigor físico. Diante das novas e variadas formas de encarar a velhice, encontra-se certo paradoxo no que diz respeito ao ser velho nos dias atuais. Muitas pessoas chegam aos sessenta, sessenta e cinco anos em pleno vigor físico, aptas a continuar desenvolvendo todas as atividades profissionais que lhes são impostas. Mas será que realmente essas pessoas continuam ativas em atividades profissionais? São muitas as questões que circulam a respeito de quem está vivendo essa idade.

Há quem defenda inclusive que essa é a fase da sabedoria, do melhor viver, visto que após os sessenta anos vem a oportunidade

de aposentadoria. Mas muitos sessentões não pensam em aposentadoria, pois veem o aposentar-se como isolamento social. Esses se sentem seguros para continuar ativos, desenvolvendo qualquer atividade no campo profissional. Encontram-se em perfeito estado de saúde física e mental, e consideram uma ofensa serem percebidos como velhos. Sob o ponto de vista desses cidadãos, a aposentadoria é sinônimo de incapacidade, de fim; por isso, depois da aposentadoria, acham que serão descartados do meio social, dos grupos que contribuem ativamente com as questões sociais, políticas e econômicas. Assim sendo preferem continuar trabalhando depois dos sessenta anos, mesmo que aposentados. Essa visão não surge de forma aleatória, ela é resultado da política trabalhista vigente no Brasil. Poucas são as chances de uma pessoa com sessenta anos ou mais continuar ativa no mercado de trabalho; todas as oportunidades são destinadas aos jovens.

Essa postura é um paradoxo diante das decisões divulgadas no estatuto do idoso. No que se refere à profissionalização e ao trabalho, o que vem expresso nos artigos é muito claro: o cidadão com sessenta anos ou mais tem o direito de continuar ativo, desenvolvendo suas atividades profissionais, dentro dos limites de suas condições físicas, intelectuais e psíquicas. Proíbe ainda qualquer tipo de discriminação à pessoa com mais de sessenta anos, tanto no que diz respeito às atividades a serem desenvolvidas como em oportunidades de ingresso em novos empregos, inclusive em concursos públicos. O estatuto do idoso é de fato um documento muito bonito, mas será que essas prerrogativas são realmente colocadas em prática? Não parece ser isso o que acontece atualmente. Muitos idosos são discriminados até mesmo nas filas de instituições públicas

No Brasil, atualmente, cada vez mais vem sendo privilegiada a capacidade de trabalho do jovem, pois a cada ano, o jovem entra no mercado de trabalho mais cedo e com potencialidades assustadoras, modernas e de qualidade. Em épocas passadas, o jovem com dezoito anos estava preocupado apenas com os estudos; no entanto, hoje, sua maior preocupação é iniciar a vida profissional, é começar a trabalhar cedo. Por isso, em muitos casos, jovens entre

dezenove e vinte anos já são responsáveis por setores importantes em grandes empresas.

Com isso as pessoas, ao completarem sessenta anos, ficam amedrontadas com o “novo”, procuram acompanhar as mudanças que surgem, fazem tudo para continuar ativas. Desse modo, o número de pessoas idosas que frequentam cursos de reciclagem, de capacitação é bastante significativo. Os idosos têm medo de se aposentar e cair na solidão, no esquecimento. Em razão disso, torna-se interessante destacar que as políticas públicas também se preocuparam com a situação do homem de sessenta anos, visto que muitas novidades surgiram de vinte, trinta anos atrás até hoje. Nesses termos, o governo, no documento citado anteriormente (Estatuto do Idoso), defende, também, a criação de cursos de aperfeiçoamento para pessoas com idade avançada. Cursos que exploram e valorizam as potencialidades do público em questão são oferecidos aos idosos a fim de deixá-los seguros para o exercício de atividades profissionais.

O homem de sessenta anos do século XXI é um cidadão consciente de suas capacidades, aproveita tudo que a nova era lhe oferece. Esse homem, na maioria, não apresenta aspectos de velhice. É forte e apresenta sinais de rejuvenescimento, de vigor físico, visto que é mais preocupado com o bem-estar e com a saúde.

Anteriormente, falou-se em uma questão que inquieta muitos brasileiros: a aposentadoria. Esse termo propõe diferentes sentidos dentro do mesmo espaço social. Muitos entendem que a aposentadoria é um momento difícil, pois denota afastamento das atividades profissionais, desemprego; outros veem como o momento de aumentar a renda, haja vista se encontrarem em situação física que lhes permite continuar trabalhando e recebendo o salário da aposentadoria. E há aqueles que nunca receberam salário algum, então a aposentadoria é esperada com ansiedade.

Na verdade, a aposentadoria é direito de todo cidadão. Um direito adquirido constitucionalmente, quando completa sessenta e cinco anos, excetuando-se os casos de algum acidente de trabalho ou doença que lhe favoreçam esse direito mais cedo. É essa uma das políticas referentes ao envelhecimento no Brasil.

No paradoxo que é o envelhecer, existem diferentes sentidos sobre a aposentadoria. Pessoas que pensam o momento da aposentadoria como um momento de conquistas adquiridas, como uma forma de aumentar a renda, conforme já mencionado, pois não veem esse momento como fase de desemprego, posto que se aposentam e continuam ativos profissionalmente por muitos anos. Recebem a renda da aposentadoria e desenvolvem atividades em outros setores. Às vezes somente depois da aposentadoria é que vão fazer o que realmente sempre desejaram. Além disso, muitos se aposentam, mas permanecem trabalhando nas mesmas atividades. Há casos em que os patrões não querem vê-los longe do setor onde atuam. Outros sempre trabalharam no setor público e quando se aposentam vão para as empresas privadas, mas continuam ativos. “Aposentadoria significa o fim de uma determinada carreira, mas não pode ser definida como época de desemprego, pois muitos aposentados continuam trabalhando em outras atividades, parciais ou integralmente” (SCHIFFERLE, 2007, p. 89).

Com relação à proposta a ser desenvolvida neste capítulo, esta se encerra com uma discussão sobre o potencial criativo de pessoas consideradas idosas na sociedade atual, verificando como a sociedade tem desenvolvido estratégias para inserir essas pessoas no meio social ativo, valorizando o potencial criativo de cada um e o processo de envelhecimento natural. Nosso propósito é entender como a mídia apresenta as capacidades produtivas do idoso, que estratégias discursivas a mídia utiliza para apresentar essas capacidades. Entende-se que houve muitas mudanças no que se refere ao processo de envelhecimento no Brasil e, principalmente no que vem a ser “velho”. É certo que durante toda a história da humanidade as questões relacionadas ao envelhecimento apresentaram desafios dos mais variados possíveis, tanto individual quanto social. Gusmão (2008, p. 113) afirma que “a maturidade e a velhice desde sempre constituem desafios a todas as sociedades humanas, sobretudo no mundo moderno, cuja dimensão social encontra-se centrada na juventude, como mito e como valor que orientam a percepção de mundo e a compreensão possível da vida”.

Em vista do culto à juventude, é possível identificar que as

oportunidades para as pessoas com idade superior a sessenta anos evidenciarem suas potencialidades criativas são poucas. Na maioria das vezes, as pessoas idosas são vítimas de preconceito e discriminação. São taxadas como incapazes e frágeis. Segundo Caldas (2004, p. 51), “velhice é uma instituição política. Nesta sociedade significa perda de poder”. Essa visão limita o estado de envelhecer, bem como de perdas e incapacidades. Na sociedade atual torna-se imperativo inserir a mão de obra de pessoas com mais de sessenta anos no economicamente ativo, até para fazer valer o documento público que apoia a categoria. (Estatuto do Idoso).

Grosso modo, pode-se dizer que no Brasil são muitos os estereótipos criados acerca do processo de envelhecimento. Basta chegar aos sessenta anos para ser considerado como velho incapaz. As habilidades orgânicas do indivíduo são desconsideradas. Não é levado em conta se este indivíduo se encontra em condições favoráveis à permanência efetiva no trabalho, se possui condições físicas e mentais de continuar ativo; e, em muitos casos, este indivíduo é descartado de forma brutal.

Mesmo assim, muitas políticas públicas são criadas com o propósito de favorecer a inclusão de pessoas com idade acima de sessenta anos na sociedade. Contudo, essas políticas não têm apresentado grandes resultados, posto que são muitas as pessoas nesta faixa etária que vivem isoladas, sobrevivendo apenas com a aposentadoria, mesmo em condições de desenvolver atividades profissionais com habilidade. Deste modo, estas pessoas são rigorosamente excluídas do meio social, e a atuação de pessoas idosas acaba sendo muito limitada, mesmo com a criação dessas políticas públicas. Segundo afirmou Caldas (2004, p. 53), “o contexto atual, no entanto, não parece favorecer esta atuação: a baixa prioridade atribuída aos idosos pelas políticas públicas (assistências previdenciárias e de ciência e tecnologia) evidencia uma percepção inadequada das necessidades específicas deste segmento populacional”.

São muitos os estigmas que rodeiam a vida das pessoas quando chegam a um momento da vida em que as marcas da idade se tornam mais evidentes. Por isso, as questões que retratam o envelhecimento exigem reflexões acerca das atitudes que promovem

tais estigmas. Faz-se imperativo que a sociedade se volte para as questões que fazem referência a pessoas com idade acima de sessenta anos, pois é visível o aumento considerável da população com idade avançada, bem como dos problemas que tal realidade acarreta à sociedade. O Censo de 2010 revela o crescimento da população idosa, hoje constituindo pouco mais de 10% da população brasileira. Desse modo, as mudanças na estrutura da população brasileira propõem um novo olhar para os estereótipos relacionados ao envelhecimento.

É notório que a postura do homem atual diante das questões referentes ao envelhecimento tem contribuído para que ocorram mudanças significativas nas discussões relativas ao processo de envelhecimento. Esse novo olhar apresenta novas significações a respeito do potencial ativo de pessoas com idade acima de sessenta anos. Encontram-se pessoas com mais de sessenta anos em plena atividade de trabalho nos mais variados setores da economia.

Conforme Olinó (2006, p. 12), as mudanças são evidentes, pois, antes, quando se falava em trabalho para pessoas com idade superior a sessenta anos, a ênfase era para o trabalho de voluntário; segundo ele, isso mudou, e, “atualmente, algumas empresas, principalmente do segmento comercial e de serviços, têm aberto postos de trabalho para esta população”. Além disso, as pessoas com sessenta anos ou mais, com o aumento da expectativa de vida do brasileiro, tornaram-se um público consumidor de peso, portanto “de olho nesse mercado, muitas empresas, principalmente no ramo de hotelaria e turismo, têm investido em programas específicos para estes consumidores” (OLINO, 2006, p.13). Não se há de estranhar tal preocupação das empresas, posto que as pessoas idosas, além de disponibilizarem tempo, têm maior probabilidade de terem uma renda fixa e melhor.

Uma política de estímulo a essa prática tem sido divulgada na mídia com frequência. Programas de TV, como o Globo Repórter, por exemplo, têm tido a preocupação de apresentar pessoas nessa faixa etária que desenvolvem atividades em repartições públicas, privadas, nos mais diversos campos profissionais. Há a preocupação de apresentá-los como pessoas ativas, felizes, tranquilas

e capazes. Essa visão trouxe a abertura de Universidades específicas para pessoas na faixa etária dos sessenta anos, como resposta à capacidade dessa população.

Esse fato é a constatação de que o homem com sessenta anos de idade pode estar em perfeita condição de trabalho, pois não é a idade cronológica que vai definir as potencialidades do homem com idade igual ou superior a sessenta anos, mas sim suas condições físicas e mentais. É por isso que se percebem uma transformação nos hábitos de pessoas nessa faixa etária atualmente. Elas são preocupadas em manter o organismo em perfeita saúde física e mental; e, para conseguir, não medem esforços em praticar atividades que favoreçam resultados positivos. Hoje, estão mais atentos à alimentação, a praticar exercícios físicos, a frequentar sessões terapêuticas, entre outras. Tudo isso contribui para um resultado favorável à melhoria na qualidade de vida e, conseqüentemente, um aumento na expectativa de vida. Dessa forma, mais uma vez defende-se a tese de que a idade cronológica é diferente da idade fisiológica.

Bernardes assegura que “o ritmo de envelhecimento varia muito de indivíduo para indivíduo. Há uma série de estudos relativos à longevidade e à qualidade de vida que nos mostra que podemos escolher tanto colocar anos em nossas vidas quanto vida em nossos anos” (BERNARDES, 2010, p. 20). Este fato mostra que a ciência vem evoluindo muito e descobrindo soluções para os incômodos que podem surgir durante o processo de envelhecimento. Todo esse avanço da ciência tem sido válido para o desempenho dessas pessoas nas atividades profissionais.

Gonçalves (2010, p. 21) afirma:

Com a vigilância da postura física é possível avançar na idade sem ficarmos envelhecidos. Isso demanda esforço pessoal para deixarmos para trás posturas impostas pela observação do envelhecimento biológico dos que nos antecederam”. É preciso apagar os traços de envelhecimento, tanto de nossas posturas físicas como de nossa subjetividade.

A consciência dos sujeitos que se encontram com idade superior a sessenta anos vem dando um novo rumo ao potencial criativo de pessoas idosas. Mudanças significativas têm ocorrido em todas as áreas profissionais; e as pessoas consideradas velhas estão se destacando como profissionais ágeis e competentes. O preconceito ainda existe, certamente, pois as restrições continuam existindo em muitas áreas; mas a evidência na nova postura da sociedade é marcante. A mudança ocorreu em todas as instâncias institucionais, tendo em vista que a família também apresenta postura diferente em relação ao processo de envelhecimento dentro do espaço familiar. Com isso compreende-se que, apesar das modificações na dinâmica do envelhecer, muitas coisas ainda precisam ser analisadas para que o potencial criativo de pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos seja visto de forma positiva e dinâmica. Em uma sociedade na qual o ser humano é respeitado em todas as faixas etárias, tendo relevância suas particularidades e valores, o potencial criativo e o envelhecimento andam em dinamismo. Para compreender melhor todo esse processo de envelhecimento, levantaremos, no próximo tópico, uma discussão acerca do envelhecimento e estética, observando os efeitos de sentidos ocasionados pela mídia, meio comunicacional que cria e transforma opinião.

3.4. ENVELHECIMENTO E ESTÉTICA: OS EFEITOS DE SENTIDO DA MÍDIA

Foi mencionado em tópicos anteriores que o elixir da juventude é uma busca constante; o desejo de encontrá-lo está no inconsciente de muitos. Ou por que não dizer de toda a humanidade? A preocupação pela longevidade vem desde os antigos gregos. Na mitologia grega, Hebe, a deusa grega, era sagrada por ter o privilégio da juventude, e, por isso, desenvolvia muitas tarefas domésticas. É certo que essa deusa representava um mito, mas fazendo uma analogia com a busca da juventude, bem como da beleza atualmente, percebem-se muitos mitos, não obstante a evolução da ciência.

Mito ou ciência, o certo é que muitas são as discussões acer-

ca da longevidade; e questões relacionadas à estética são evidentes nessas discussões. Dessa forma, o propósito desse tópico é refletir sobre os sentidos de envelhecer, considerando a relação com a estética, a fim de entender como os discursos midiáticos percebem e compreendem o que é envelhecer numa época em que a ciência evolui em ritmo acelerado.

O homem continua à busca de rejuvenescer com saúde e beleza. O ritmo da humanidade mudou muito em consequência do novo olhar que é proposto ao que é ser “velho”. A cultura do antienvelhecimento tem sido divulgada pela mídia nos últimos tempos. Nos Estados Unidos, em meados da década de 1990, teve início a medicina do Antienvelhecimento. Essa perspectiva médica teve como propósito favorecer maior qualidade de vida e mais produtividade. Desde então, muitas foram as associações que surgiram em prol do mesmo objetivo: encontrar a “fórmula” do antienvelhecimento. A proposta dessa Medicina é aliar o conhecimento às novas tecnologias, objetivando proporcionar ao ser humano unir a quantidade de anos já vividos com uma boa qualidade de vida, no intuito de adquirir anos de vida com qualidade.

São muitas as estratégias propostas pela sociedade, pelas instituições, em geral, para desenvolver essa cultura de que, melhorando a qualidade de vida, se ganha anos de vida e bem-estar. Os cursos oferecidos pelas Universidades direcionadas para o público idoso é um exemplo. Foi uma estratégia que favoreceu um maior equilíbrio físico e mental depois dos sessenta anos de vida. Pesquisas comprovam que pessoas que frequentam os cursos oferecidos por essas Universidades vivem mais e melhor. Melhor no sentido de terem mais disposição, mais consciência de sua realidade, mais prazer em viver, visto que vivem em um espaço que proporciona uma interação entre pessoas da mesma idade, com os mesmos problemas, as mesmas dúvidas, os mesmos medos. A Universidade permite uma socialização e valorização das habilidades dessas pessoas. “Pessoas que frequentam esses cursos relatam que percebem melhoria na qualidade de suas vidas, pois eles contribuem para o desenvolvimento e a manutenção das habilidades cognitivas (como a memória), para a integração e o reconhecimento social”

(OLINO, 2006, p.13).

São muitas as mudanças e propostas apresentadas à sociedade como forma de rejuvenescimento. Na concepção de Stpansky (2007), existe uma “revolução silenciosa” que está mudando a cara da população de todo o mundo. A população está ficando mais velha e com qualidade de vida. Os avanços da ciência proporcionam cada vez mais ganhos à humanidade. As pessoas estão tendo mais dias de vida com qualidade. São muitas as técnicas utilizadas para envelhecer com qualidade. E a mídia tem sido responsável pela divulgação dessas técnicas.

Percebe-se que, no meio midiático, são muitos os tipos de publicações que tratam do tema do envelhecimento, utilizando estratégias enunciativas das mais variadas possíveis, com o objetivo de atrair o público específico. Embora nossa sociedade apresente uma preocupação com essa etapa da vida, observa-se que ela tem despertado uma atenção mais específica nos últimos anos: envelhecer bem física e mentalmente. Para tanto, os meios de comunicação vêm divulgando formas milagrosas que contribuem para a melhoria da qualidade de vida. É importante enfatizar que essa atenção e ou preocupação é o resultado do aumento da expectativa de vida e, em consequência, um aparente crescimento desse grupo etário na população socioeconômica.

Esse novo olhar chama a atenção de muitos estudiosos de temas relacionados ao envelhecimento. Stepansky afirma:

O envelhecimento relativo da população dá-se no bojo de profundas transformações econômicas, sociais, políticas e ideológicas, também impulsionadas pela revolução científica. Na ordem fundada na produção industrial globalizada e no consumo de massa, entretanto, a ideia do novo, do descartável e do movimento acelerado se impõe, da produção à vida privada, e problematiza a sobrevivência do local, do permanente e do velho (STEPANSKY, 2007, p. 73).

Assim, a longevidade vem acompanhada da necessidade de um novo olhar para o envelhecimento; a mídia vem propondo novos sentidos para o envelhecer. Os suportes midiáticos “Veja” e

“Época”, por exemplo, propõem o entendimento de que ter mais idade não é representação de caduquice ou fragilidade, estereótipos que circularam na sociedade por muito tempo. Culturalmente, as crenças acerca do envelhecer sempre foram marcadas por predicados negativos. Stepansky (2007, p.73) ressalta que o aumento dos dias de vida vem junto da “necessidade de desconstruir a antiga identidade de velhos de outras gerações e de reconstruí-la sob novos parâmetros de juventude e beleza”. Esses novos parâmetros são o resultado do avanço da ciência e da tecnologia que permitiu ao homem a realização de cirurgias, próteses, implantes, aplicações a laser, cremes que recuperam a textura e elasticidade da pele, entre outros.

Todas essas mudanças na forma de perceber e entender o envelhecimento dão um novo sentido ao envelhecer, visto atualmente de forma bem diferente de vinte anos atrás. Para Gonçalves (2010), as mudanças no modo de pensar o envelhecimento hoje são bem evidentes em relação a épocas passadas. Para ele, “envelhecer no século XXI é diferente do que foi envelhecer no século passado. A mídia, a política e tantos outros segmentos da nossa sociedade vêm esclarecendo e apontando muitas possibilidades de envelhecermos com mais dignidades e alegria” (p.78). O homem busca, atualmente, organizar o seu cotidiano de forma mais leve. Novos hábitos são incluídos na rotina diária: alimentação balanceada, com alimentos que contêm substâncias que favorecem o bem-estar do organismo de maneira geral. A mídia se encarrega de apresentar as vantagens que possuem esses alimentos. E aqueles que proporcionam rejuvenescimento são prioridade. O exercício físico também tem sido outro aliado para se envelhecer bem. Preparadores físicos têm-se voltado para o público com mais de sessenta anos, apontando as vantagens da prática de atividade física. Antigamente não se presenciava a preocupação desses profissionais com pessoas na faixa etária dos sessenta anos. Nos dias atuais, o olhar é outro. A mídia mostra as vantagens que os exercícios físicos trazem ao organismo humano. Chamando a atenção para que o cuidado com o corpo começa desde cedo. Então, o envelhecimento se torna um processo natural, sem dores nem angústias e menos

desconfortável. Vivemos em uma sociedade na qual se cultua a beleza e o bem-estar.

O corpo saudável e belo tornou-se uma crença. Muitas pessoas não medem esforços para cultivar essa crença. A mídia está sempre divulgando maneiras de encontrar-se a fórmula do belo e do saudável. E sua preocupação não é apenas com o público jovem, mas também com pessoas em idade acima de sessenta anos. Portanto, mostra como estratégia de confirmação, de sedução, um público com idade bem acima dos sessenta em excelente forma física. Muitas pessoas com setenta, setenta e cinco até oitenta anos praticam atividades das mais variadas, com muita qualidade. E isso é resultado da forma de viver o cotidiano. Logo, reafirma-se o que se mencionou em tópicos anteriores: a velhice é uma prática social. E o processo de envelhecimento é contínuo e acontece em um todo. A posição dos sujeitos que se encontram em processo de envelhecimento é resultado de práticas sociais, bem como de discursos veiculados nos suportes midiáticos. A mídia tem grande influência na produção e circulação de sentidos sobre a formação de identidades. Além disso, tem o papel de levar o homem a refletir sobre o seu “ser” e “estar” no mundo. Enquanto suporte comunicacional a mídia vai além da função apenas de informar. Ela cria e modifica opinião. A mídia deve ser considerada como reprodutora de articulações de sentidos de toda espécie, até mesmo do que vem a ser envelhecimento e como aliar envelhecimento e estética.

A produção e divulgação de um enunciado pela mídia têm a capacidade de confirmar significados e apresentar novos estilos de vida para a sociedade, por meio da representação de uma condição ideal de se viver. Dessa forma, a mídia encadeia, em suas projeções simbólicas, transformação de valores socialmente desenvolvidos culturalmente, contribuindo de forma participante na identificação entre pessoas, modificando as formas de pensar e agir da sociedade, criando novos sentidos para algumas representações sociais, como no caso de ser velho, de ser belo.

É importante analisar-se de que forma a mídia vem criando as representações de beleza e de velhice. A publicidade, por exemplo, tem-se voltado mais frequentemente para esse público,

sempre apresentando pessoas com idade superior a sessenta anos, em momentos euforizantes, disputando espaço com pessoas mais jovens. Faz-se necessário que se observe como atua esse aspecto euforizante no que se refere às representações sociais do envelhecimento, por meio das análises das representações sociais presentes nos anúncios e enunciados da mídia que retomam à pessoa acima dos sessenta anos de idade.

Conforme já mencionado, a população com faixa etária igual ou superior a sessenta anos tem crescido significativamente nos últimos anos; isso como consequência da melhoria nas condições de vida, e na preocupação mais acentuada por parte da sociedade atual em “parecer bem ou em estar bem”, em consequência, também, dos avanços da ciência, que tem contribuído sobremodo para o aumento na expectativa de vida do ser humano. Esse aumento tem despertado grande interesse no meio midiático, devido à participação ativa do público idoso no setor econômico. Na opinião de Souza (200), é importante que se reconheça a importância da população idosa para o futuro da sociedade. Assim, a mídia tem procurado apresentar a fase dos sessenta, sessenta e cinco anos, como o momento de “melhor idade”; entretanto, sabemos que o processo de envelhecimento se acompanha de perdas estruturais e funcionais, que facilitam o aparecimento de doenças, interferindo na qualidade de vida.

Apesar disso, são cada vez mais frequentes as tentativas de a ciência e estudiosos minimizarem ou eliminarem esses efeitos negativos, tentando proporcionar às pessoas com mais de sessenta anos maior autonomia e bem-estar. Dessa forma, a mídia vem colaborando significativamente no processo de apresentação do envelhecimento e estética dentro da sociedade que valoriza a jovialidade, procurando sempre mostrar a imagem de pessoas “velhas”, mas felizes e saudáveis. A cada dia, a ciência avança em descobertas de produtos estéticos que proporcionam bem-estar à população de idade avançada.

É importante ressaltar que a procura por esses produtos começa muito cedo. Atualmente, é comum a mulher e o homem procurarem tratamentos estéticos, produtos cosméticos que favo-

recem o rejuvenescimento antes mesmo de chegar aos trinta anos. Este é um fato que tem contribuído para um envelhecimento saudável. Nesse sentido, a mídia tem favorecido de forma considerável a divulgação e adesão desses produtos, por pessoas de todas as idades. Outro fato que deve ser destacado é que essa preocupação tem sido alvo não só do universo feminino, mas também, principalmente nos últimos tempos, do universo masculino. O homem do século XXI tem um cuidado bem mais acentuado com a saúde física, mental e espiritual. Pratica atividades físicas, cuida da alimentação, frequenta sessões com profissionais terapeutas, faz tratamentos estéticos, entre outras estratégias. O avanço na tecnologia muito tem facilitado o processo de envelhecimento saudável, bem como para o aumento na expectativa de vida. Para Stepansky (2007, p. 73):

O prolongamento da vida veio acompanhado da necessidade de desconstruir a antiga identidade de velhos de outras gerações e de reconstruí-la sob novos parâmetros de juventude e beleza, possibilitados pelas próteses, tratamentos e cirurgias e exigidos pelas novas identidades dos idosos urbanos.

É possível entender que esse avanço na ciência e na tecnologia trouxe um novo sentido para a percepção do envelhecimento por parte da maioria da população. Hoje o olhar da sociedade para o envelhecer tem novas significações. A construção do sentido de envelhecimento vem mudando junto a mudanças que ocorrem na sociedade de maneira geral. Os avanços na ciência vêm contribuindo de forma marcante para o aumento da expectativa de vida em todo o mundo. E percebe-se que a preocupação atual gira em torno de como fazer com que o ser humano viva bem, com alegria os anos de vida ganhos com o avanço científico. O desafio é proporcionar anos de vida com qualidade e prazer.

Esse avanço tecnológico e científico tem contribuído para a melhoria do cotidiano do idoso, tanto no que diz respeito ao aumento na expectativa de vida como também na melhora dos anos vividos. Os avanços no concernente à estética deram nova vida às pessoas com idade superior aos sessenta anos, pois o envelhecer é uma construção social e cultural.



4. O ENVELHECER NO SÉCULO XXI: OS DISCURSOS DE VEJA E ÉPOCA

O envelhecer compreende não apenas fatores físicos ou biológicos, mas também, fatores culturais e sociais. Como já foi discutido em capítulos anteriores, a compreensão do estado de envelhecimento é um tanto quanto particular. Porém, os discursos sobre envelhecimento têm sido alvo dos meios de comunicação, posicionando a sociedade para uma visão mais condensada sobre a velhice.

A corrida da humanidade em busca da longevidade é um fato consumado na sociedade contemporânea. Antes mesmo de completar 30 anos de idade, já se percebe que homens e mulheres iniciam tratamentos que prometem aumentar anos de vida com qualidade. Conforme pontua Figueredo (2009, p. 21) “o aumento da longevidade da população constitui-se um dos maiores desafios para o século XXI, principalmente para os países em desenvolvimento, como o Brasil”. Esse fato é evidenciado pela mídia que tem voltado páginas e páginas com reportagens que incitam o ser humano a ir em busca dessa longevidade. A autora antes citada ainda ressalta que “o ideal da longevidade não é mais um simples sonho que a humanidade ambiciona desde os primórdios da história. É uma realidade incontestável que está presente em todas as sociedades no mundo inteiro”. (p. 21)

Mesmo sendo um grande desafio para o século XXI, o envelhecimento da população é sem dúvida, uma das maiores conquistas para a humanidade, visto que esse sempre foi um desejo humano, desde os primeiros povos. Quem não sonha em chegar aos sessenta anos com disposição e, por que não com aparência de quarenta? É essa uma realidade possível? Sem dúvida. A ciência tem evoluído consideravelmente, num ritmo acelerado, para que a humanidade consiga essa proeza e as revoluções tecnológicas ocorridas no século XXI têm contribuído admiravelmente para uma melhor qualidade de vida e, com isso, a expectativa de vida do brasileiro tem aumentado também significativamente no decorrer dos tempos.

Todas essas questões sobre envelhecimento nos chamam atenção para as posições enunciativas das revistas semanais de informação acerca do que seja envelhecer.

Portanto, iniciaremos a partir desse ponto a quarta parte de nosso trabalho que são as análises do *corpus*. Lembramos que estaremos utilizando o método de análise proposto pela Teoria dos Discursos Sociais defendido por Pinto (2002), considerando a perspectiva do Contrato de Leitura de Verón(2004), assim nos voltaremos para a produção de sentidos aos quais os discursos propostos pelos enunciadores das revistas nos proporcionam.

4.1. OS MODOS DE ENVELHECER EM ÉPOCA E VEJA: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA

Antes de fazer a análise do *corpus* desse trabalho é preciso enfatizar o pensamento de Pinto (1999, p.26) quando defende que o ponto de partida de qualquer análise de discursos entendidos como produtos criados para circular na sociedade produzidos por eventos comunicacionais vistos como texto, é buscar os sentidos na superfície do texto, nas quais “são encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar”. O autor acrescenta, ainda, que se faz necessário que o analista observe cuidadosamente para a “textura”(grifo do autor) dos textos, seja referente ao uso apenas da linguagem verbal ou de outras semióticas, pois é aí onde se percebe os sentidos veiculados pelas vozes que se presentificam nos textos.

Ainda ancorado no pensamento de Pinto (2002, p.12), ressaltamos que a análise de um texto midiático deve ser feita levando em consideração as condições sociais de produção, que engloba, também, circulação e consumo dos sentidos.

Ressaltamos, também, que nas análises que realizaremos daremos atenção à relação entre suporte midiático e leitor, pois entendemos que essa relação é estabelecida a partir da construção de um leitor ideal. Visto que estamos trabalhando na perspectiva do contrato de leitura de Verón (2004.) e, na edificação do contrato

de leitura, o receptor já estar inserido no enunciado, isso porque quando o emissor cria o discurso, já tem, a priori, pensado em um destinatário e, assim elabora seus dizeres com base em estratégias enunciativas que permitem a esse enunciador manusear o discurso.

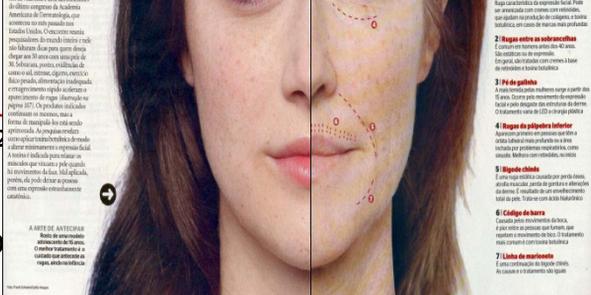
4.1.1. Enunciação e disputas de sentido: lugares ocupados pelos sujeitos em *Época* e *Veja*

Começaremos nossas análises partindo da observação daquilo que Verón considerou o enquadramento do discurso, ou seja, o título, verificando como são feitas as chamadas para o tema envelhecer. Assim, nossa análise será feita observando os sentidos produzidos através dos títulos, subtítulos, imagens, e as chamadas que remetem ao tema do envelhecimento. Portanto não tomaremos como base a matéria completa da revista, pois nossa análise não se trata de uma análise de conteúdo, mas, sim, de uma análise de discursos.

Ressaltamos que o enunciador constrói sua imagem utilizando estratégias diferentes para cada discurso, a respeito disso, Pinto (1999) afirma que a imagem que define o sujeito enunciador inclui a imagem que define o sujeito enunciador inclui a imagem que o enunciador faz de si e do mundo.

A análise aqui proposta está voltada para identificar como discursivamente são apresentados aspectos ideológicos nas reportagens, atentando à verificação do como é dito e por que é dito um fato qualquer. Portanto, verificaremos nessa seção os modos de envelhecer construídos pelos emissores de *Veja* e *Época*. Assim, nos propomos a identificar como os sujeitos enunciativos de *Veja* e *Época* se posicionam frente ao envelhecimento.

4.1.2
REPO



unciativa

Figura 01. Fonte: revista Época, 11 de maio de 2009

A primeira reportagem analisada trás o título “*Como adiar as rugas*”, vem no caderno denominado *Vida Útil*, no dia 11 de maio de 2009. Traz uma reportagem que apresenta um Congresso de Dermatologista. O enunciador dessa reportagem interpela diretamente o interlocutor, tanto através da imagem, quanto através do título. A priori o enunciador parece ter como alvo as mulheres, visto que não há nenhuma imagem ou chamada que remeta ao sexo masculino, mas no decorrer da reportagem mostra que as rugas inquietam também os homens. Esse fato nos faz inferir que o enunciador acredita que as mulheres têm uma maior preocupação com os cuidados com a pele e, ou se preocupam mais em adiar as marcas do envelhecimento. Pois nessa reportagem, encontramos um enunciador preocupado em mostrar aos leitores como fazer para adiar as marcas da velhice ou da idade. O enunciador apresenta as características das rugas, bem como seus principais causadores, além da idade.

Apresenta um manual que traz sugestões de como evitar essas rugas. Ao observamos a imagem do rosto da personagem da reportagem, percebemos que se trata de um rosto jovem, não percebemos marcas de idade, de um dos lados do rosto, pois o enunciador apresenta o rosto dividido, a fim de destacar como é o rosto jovem e como é o rosto envelhecido. O personagem da reportagem está olhando fixamente para os leitores em uma atitude de alerta, preocupação e, pela firmeza desse olhar transmite, também, uma segurança para o leitor. A preocupação do enunciador propõe um diálogo com a sociedade em geral, visto que como afirma Figueredo (2009, p. 59) “o culto à beleza é aceito na sociedade moderna, mas é na fase da velhice que percebemos as principais mudanças no corpo, como rugas...”. O corte feito no rosto do personagem é

uma estratégia utilizada pelo enunciador para mostrar que atualmente a sociedade está se preocupando muito cedo com as marcas da idade, procurando meios para evitá-las.

Quanto às marcas linguísticas evidenciadas, identificamos nas expressões um enunciador pedagógico que procura enumerar os segredos para envelhecer sem rugas, para tanto, destaca no título, um enunciado que propõe a existência de uma forma categórica de conseguir tal intento. É como se o leitor conhecendo o momento e a causa do aparecimento dessas rugas e seguindo as orientações indicadas pelo enunciador todos pudessem chegar à velhice sem sinais da idade. A primeira estratégia enunciativa utilizada pelo enunciador para chamar a atenção do leitor é a forma como escreve o título, em negrito e letras garrafais, inicia com a marca lexical “como” que já deixa clara a ideia de que existe um caminho para conseguir eliminar as rugas. Esta marca anuncia que o enunciador vai ensinar como o leitor deve fazer.

Logo abaixo do título vem o seguinte enunciado “*Já é possível controlar o envelhecimento da pele. O segredo? Cuidados precoces e técnicas pouco invasivas*”. Se observarmos as escolhas das marcas enunciativas utilizadas por esse enunciador, vamos perceber que suas escolhas foram bem específicas para convencer o leitor. O uso da expressão “já é possível” bem no início do enunciado é uma expressão enfática que propõe ao leitor inferir que houve novas conquistas quanto ao controle do envelhecimento da pele. O “já” permite compreendermos que a descoberta da qual o enunciador faz referência é uma conquista extraordinária. Uma vontade anterior. E podemos inferir ainda que essa é uma conquista revolucionária, que está à frente do tempo. Ainda no subtítulo, o enunciador interpela o enunciatário, ao enunciar “o segredo?” supõe ou prevê que esse enunciatário vai ficar interessado em saber como conseguir tamanha façanha e logo em seguida já responde.

A escolha das marcas linguísticas é importante porque “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva.” (BAKHTIN, 2005, p. 272)

Essa é uma marca de que o enunciador conhece o seu leitor.

Percebemos aí a relação que o enunciador tem com seu leitor, um vínculo, um compromisso.

Continuando usando a estratégia enunciativa para seduzir o leitor, o enunciador inicia o primeiro parágrafo com a expressão “*UMA CONSTATAÇÃO*” com letra maiúscula. Essas marcas propõem uma verdade científica como corrobora o texto em seguida. O enunciador quer deixar claro que não é um “disse me disse”, mas uma verdade comprovada. Em toda a reportagem os enunciadores mostram como deve agir o enunciatário que deseja acabar as rugas existentes no rosto ou evitar que elas apareçam. O enunciador afirma, inclusive, que o encontro reuniu pesquisadores do mundo inteiro e nele não faltaram dicas para quem deseja chegar aos 50 anos com uma pele de 30. O enunciador apresenta para o leitor os segredos de cada idade.

É importante ressaltar que há a presença de enunciador que apresenta um discurso de autoridade que é representado pela Academia Americana de Dermatologia, para validar a voz do primeiro enunciador. Outras vozes se manifestam confirmando a nova descoberta e procurando seduzir o leitor, a exemplo a voz de Flávia Addor, da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Érica Monteiro também da SBD. A presença e a representação desses sujeitos no discurso são elementos de grande importância para a produção de sentidos dos enunciados da reportagem, visto que essa voz exterior é parte constitutiva do discurso. Pois, segundo Pinto (2002, p.31) todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de “vozes” ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes contemporâneos ou do passado”.

A ideia de eliminar as rugas é reforçada pela imagem utilizada no corpo da reportagem, onde observamos o rosto jovem e ao mesmo tempo marcado pelos sinais de rugas. Nesse propósito vem ao lado dessa imagem uma chamada que, com o título em letra garrafais “A ARTE DE ANTECIPAR”, dialoga com o título da reportagem “COMO ADIAR AS RUGAS”. O enunciador antecipa afirmando que antecipando os cuidados com a pele, o leitor estará adiando o aparecimento dos sinais de envelhecimento. Esse enun-

ciador defende a ideia de que o cuidado que cada um tem com o corpo influencia diretamente no rejuvenescimento. Chama a atenção para as principais rugas do rosto e como elas são tratadas. Com essa apresentação, o enunciador deixa claro que o leitor é responsável pelo aparecimento ou não de rugas na pele. Para confirmar sua fala, o enunciador apresenta um raio x da pele que mostra a estrutura interna da pele preservada e da pele enrugada. Ao ver essa estrutura o leitor tem a possibilidade de analisar a extensão do problema, bem como a complexidade dos danos causados pelas suas ações diárias.

Analisando a imagem da reportagem, percebemos os efeitos de sentido que ela causa frente ao olhar do leitor. Segundo Pinto (1998, p. 1) “toda imagem é produzida por um trabalho de manipulação enunciativa, comandado por intenções comunicativas ritualizadas, conscientes e/ou não.” O fato de o enunciador utilizar o rosto “cortado”, mostrando-o jovem e enrugado mostra o olhar crítico que esse enunciador tem quanto à velhice, bem como conhece o olhar da sociedade para o problema. E, nesse sentido Figueredo (2009, p. 59) entende que

o preconceito para com os velhos e as velhas está arraigado nas nossas ações falas, enfim, no nosso cotidiano e nos conduz ao entendimento de que a marca social da velhice é estar em oposição à juventude, sendo esse o motivo de constantes depreciações, mesmo que mascaradas...

A fala de Figueredo (2009) confirma a preocupação da sociedade atual em busca da beleza e jovialidade que diante do discurso do enunciador da reportagem nos lava a crê que essa é também a sua preocupação. A imagem que ele tem de seus leitores é a de que são pessoas que anseiam por envelhecer com aspecto jovem. Esse culto pela beleza tem contribuído de forma considerável para o crescimento da indústria dos cosméticos.

Essa reportagem se remete apenas ao envelhecimento da pele, ou seja, a preocupação é apenas com a questão estética.

REPORTAGEM 02

Diferentemente da primeira, a segunda reportagem está direcionada para a questão da saúde, enquanto a primeira estava voltada apenas para aspectos estéticos. Intitulada “*Vida longa e cheia de remedinhas*” a reportagem traz um enunciador pedagógico que demonstra um olhar um tanto quanto negativo quanto ao envelhecimento, visto que aponta o crescimento da população velha, mas aliada a esse crescimento aponta, também, o crescimento de doenças e dívida para o Estado geradas pelo custeio de políticas de saúde para o idoso, incluindo gastos com tecnologia para manter o idoso em condições plenas de saúde. Essa reportagem de Época de 25 de maio de 2009 apresenta a difícil situação que as pessoas que estão envelhecendo enfrentam e\ou enfrentarão. No canto esquerdo da página em que é divulgada a reportagem, apresenta um enunciador preocupado com a situação do Brasil em 2020 e, dentre essas preocupações está a situação dos velhos, principalmente no que se refere à saúde. Considerando o contexto dessa reportagem, entendemos que essa preocupação deve-se ao fato do grande crescimento da população velha no país, segundo dados da própria reportagem, em 2020 a população velha ocupará 14% da população geral. O crescimento da população velha no país é um fato que vem fazendo com que instituições como um todo direcionem seu olhar para as causas e consequências da situação. Crescimento esse que só tem aumentado desde a década de sessenta do século passado, segundo (Sousa) isso é “reflexo de um aumento na expectativa de vida, com uma população brasileira de idosos e idosas que supera 15 milhões de pessoas”. (p.23).

O enunciador da reportagem mostra-se preocupado com esse crescimento e, conseqüentemente com os problemas que os velhos e a sociedade de modo geral enfrentarão futuramente, basta atentar para a chamada “Brasil Saúde 2020” no topo da reportagem. Esse enunciador lista os principais problemas causados pelo envelhecimento da população. À medida que cresce o número de velhos e velhas no país, cresce também os problemas, principalmente, em relação à saúde. Assim, percebemos que as marcas enunciativas utilizadas pelo enunciador, logo no início, nos fazem inferir que seu olhar para o envelhecimento não é muito positivo, diante das

circunstâncias e consequências do envelhecimento. O enunciado “Vida longa e cheia de remedinhos” propõe a posição do enunciatador acerca do crescimento do número de velhos no país, como podemos perceber em toda a reportagem. Para Bakhtin (2006, p. 289), “todo enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido.” Assim, conforme o expresso no enunciado, para esse enunciatador, o envelhecimento está atrelado à doenças, entende que o aumento nos dias de vida vem por meio do uso de muitos remédios. No subtítulo da reportagem vem o enunciado “Mais idosos, mais doenças crônicas, mais custos. O Brasil enfrentará esse desafio e também a tentação de adotar novas, maravilhosas e caras tecnologias.” O enunciatador deixa explícito que o crescimento da população idosa trará problemas que exigirão melhorias na área tecnológica a fim de que esses problemas possam ser resolvidos. Ao questionar o interlocutor com a pergunta “Como pagar a conta?”, o enunciatador insinua que o governo terá prejuízos com o crescimento da população de velhos, que pagará a conta.

Diferentemente de muitas outras reportagens, essa reportagem não apresenta imagens de velhos, isso porque, nesse momento, não tem uma imagem muito apreciável do velho. Vê o velho sempre atrelado a doenças.

Outro aspecto que nos chama a atenção são as vozes que se manifestam para corroborar a voz do enunciatador. A saber, Luiz Roberto Ramos professor de medicina preventiva da Universidade Federal de São Paulo que há tempos vem preocupado com essa situação e acredita nas soluções que a medicina preventiva pode trazer. A voz de Florisval Meinão da Associação Médica Brasileira também se presentifica reforçando a preocupação dos demais enunciatadores. Por fim, o professor Marcos Bosi Ferraz, do Centro Paulista de Economia da Saúde mostra que os investimentos que o governo deve fazer para controlar os problemas de saúde que a população idosa enfrentará em 2020.

A imagem de si que a revista constrói é de uma instituição que se preocupa com as políticas públicas de saúde, dentre elas aquelas que envolvem o velho. Imagem de um meio de comuni-

cação que avalia a situação de seu país em todas as instâncias políticas. Que entende que o país pagará um preço muito alto para ter uma população com vida longa, acredita que para que o país tenha uma população velha deve investir em tecnologias que fabriquem remédios que atendam às necessidades da população velha. População que apresentará doenças como obesidade, doenças cardiovasculares, câncer e doenças neurodegenerativas que serão solucionadas com as mudanças na medicina, que serão tratadas por meio de altas tecnologias.

Ao construir sua imagem de si, *Época* se utiliza de dois quadros, como se vê na figura:



Figura 02. Fonte: revista *Época*, 25 de maio de 2009

os quais revelam um enunciador pedagógico, que informa ao leitor sobre *o custo, os problemas e as respostas* que configuram todos os investimentos que devem ser feitos para que a população mantenha vida longa. Muitas novidades ocorrerão com o propósito de se adquirir longevidade. O gráfico seguinte mostra que em 2020 a população com idade superior a 60 anos será bem maior do que em 2009, o que significa que a população idosa cresce sem parar. O fundo amarelo presente no gráfico representa a esperança de que a população idosa de 2020 tenha vivacidade e alegria devido às novas tecnologias que proporcionam drogas modernas.



Figura 03. Fonte: revista *Época*, 25 de maio de 2009

A revista *Época*, enquanto influente meio de comunicação, propõe através do título da matéria e de outras iconografias, uma imagem de um tu (idosos) totalmente dependente de remédios

para ter uma vida longa e que ao mesmo tempo não poderão custear esses remédios. Portanto ressalta que esses custos cairão na conta do governo, há um enunciador que diz que para que o Brasil seja um país de pessoas com alta expectativa de vida, os investimentos do governo serão altos.

Este enunciador procura mostrar de forma categórica os problemas que a vida longa pode trazer ao ser humano e apresenta dados concretos, como mostra a figura que aponta os resultados das pesquisas que convencem os leitores a aceitarem a situação. Os problemas são muitos como podemos vê:

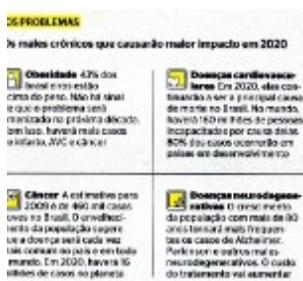


Figura 04. Fonte: 25 de maio de 2009

Levando em consideração a produção de sentidos no e pelo discurso, a construção da imagem de si e a construção da imagem do leitor com esta matéria passa pelo viés da necessidade de altas políticas públicas dispensadas ao idoso e por outro lado demonstra o sentido de envelhecer que dependendo de tais políticas, onerando os cofres da nação.

REPORTAGEM 03

A terceira reportagem trás o título “País das anciãs superpoderosas”. Título esse que já aponta para um enunciador que ver o envelhecimento de forma diferente do enunciador da reportagem anterior. Ressaltamos que essa reportagem também é da revista Época de 25 de maio de 2009, divulgada na seção Comportamento, assim como a reportagem anterior. Mas ao contrário da reportagem anterior, essa reportagem vem apresentar o velho de forma positiva.

O enunciador da reportagem em estudo apresenta o velho num aspecto de vida saudável, alegre e com atitude, se distanciando da construção identitária de que a pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos é uma pessoa triste inválida ou sem atitude. Essa nova forma de agir do idoso exige que o país tenha novas atitudes em relação ao envelhecimento. O enunciador assume que o Brasil é um país que envelhece. As marcas enunciativas “País das anciãs” apontam essa mudança. Percebemos a posição discursiva do enunciador bem no título “País das anciãs superpoderosas”. O Brasil é um país onde as mulheres têm adquirido espaço em todos os setores: políticos, econômicos e sociais. Adquiriram posição e respeito nos mais variados setores do país. E, as pesquisas mostram que as mulheres vivem mais que os homens, em média oito anos. Conforme o enunciador as mulheres estão dominando todos os setores, por isso serem consideradas como superpoderosas. Alencar (2009, p. 24) confirma o pensamento do enunciador, pois segundo ela, “as mulheres brasileiras vivem, em média, oito anos a mais que os homens. Por isso, muitas idosas responsáveis pelos domicílios (93%) vivem sem o conjugue, mesmo que ainda morem com filhos ou outros parentes.” O enunciador da reportagem já define o Brasil como um país com maioria de mulheres. As mulheres dão mais atenção à qualidade de vida, tem trabalho mais leve e por isso vivem mais.

As marcas enunciativas expressas no subtítulo mostram que as mulheres estão mudando o status, tomando posição que antes era considerada aceita apenas para homens. Essa mudança no status da mulher trará mudanças no comportamento da sociedade.

O enunciador deixa nítida a nova forma de viver das pessoas idosas e daquelas que estão em processo de envelhecimento na pós-modernidade. As marcas linguísticas utilizadas comprovam que hoje as pessoas idosas vivem melhor, sabendo aproveitar cada etapa da vida, aceitando as mudanças e fazendo mudanças “a alteração do status da mulher vai liderar as mudanças de comportamento social no Brasil”. Com a participação da mulher no mercado de trabalho muitas mudanças foram evidenciadas no comportamento da sociedade brasileira. A mulher do século XXI é

A escolha das cores utilizadas na reportagem não foi feita de forma aleatória ou sem intenção, tendo em vista que as cores são utilizadas pela mídia impressa como técnica de estratégia enunciativa. São cores alegres que se encaixam no perfil dos personagens da reportagem.

As mulheres que estão enquadradas de forma mais vivível na reportagem estão usando roupas que possuem algum traço na cor branca. Assim no que se refere ao uso dessa cor infere-se que é utilizada como representação de sinceridade, saúde, bem como forma de repulsão de negatividade, vindo a confirmar os sentidos veiculados pela mensagem da matéria. Já a cor laranja que também é destaque na imagem analisada transmite a ideia de agilidade, encorajamento, robustez e prosperidade. Esses sentidos são vislumbrados pelos enunciadores. A posição em que se encontram os senhores (idosos) da matéria produz efeito de sentidos. O fato de estarem em posição de dança reafirma a capacidade desses idosos, principalmente das mulheres. Portanto, o objetivo das vozes presentes na matéria é convencer as mulheres idosas de que podem muito. Na parte superior direita da reportagem aparece um enunciado que confirma a capacidade das mulheres anciãs. São as letras maiúsculas escritas na cor vermelha com os seguintes dizeres: *“ELAS PODEM – Baile da terceira idade no centro de São Paulo. As mulheres serão maioria e viverão mais, com maior poder econômico.”* Esse discurso casa-se com a imagem da matéria, mostrando que as mulheres são poderosas. Mas, por outro lado, como o enunciado “ELAS PODEM” está escrito na cor vermelha e em letras garrafais, visualizamos a presença de dois enunciadores. Um que afirma e acredita na nova posição da mulher e outro que entende como perigo o novo comportamento feminino.

Na parte inferior da reportagem, a linguagem verbal vem corroborar a linguagem não verbal disposta na imagem que está ao lado. Centralizado e vazado em letras vermelhas, lê-se *“Brasil mais feminino, com outra atitude”*. Recurso linguístico que leva o leitor a inferir que o Brasil tem um número de mulheres maior que o número de homens e essa mulher a que se refere o enunciador consegue perceber o seu valor na sociedade. A marca enunciativa

“outra” deixa implícita a ideia de que essa é uma nova fase e\ou visão da mulher brasileira. Mulher que defende a redução da natalidade, por isso tem maior expectativa de vida, transformando o Brasil em um país de mulheres mais velhas e com domínio financeiro.

Outro fator que nos chama atenção é a marca iconográfica que se encontra à esquerda da imagem dos idosos. A marca vem com as cores que representam a bandeira do Brasil com o ano 2020 sobreposto o que produz sentidos de que o Brasil acredita e apoia o crescimento dessa população, contribuindo para que em 2020 o país seja um país com mulheres poderosas.

O texto apresenta gráficos de pesquisas feitas pelo IBGE, há nesse caso a presença de um enunciador institucional que demonstra a situação do país em relação ao crescimento do número de mulheres no Brasil, portanto uma leitura interdiscursiva é necessária no contexto de produção e circulação da reportagem. Esses gráficos produzem efeitos de sentidos relacionados às imagens.

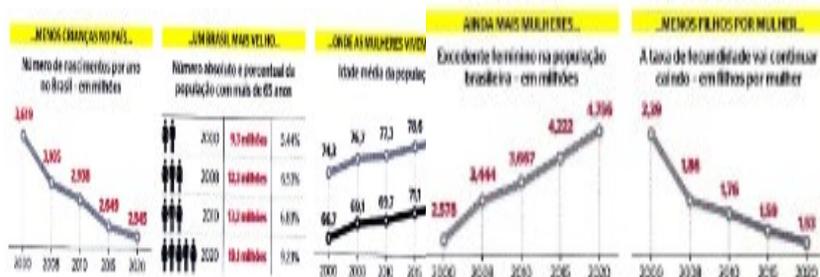


Figura 06. Fonte: revista Época, 25 de maio de 2009

Os discursos são práticas sociais, portanto a imagem que Época passa sobre o idoso é o reflexo das mudanças que ocorrem na sociedade. As imagens dos personagens mostram felicidade e disposição. Os idosos dançam alegremente em sinal de bem-estar. Isso é um sinal positivo que a revista constroi sobre o velho, mostrando pessoas idosas em estado de prazer. A imagem de si que a revista deixa transparecer é de que acredita na nova posição da mulher, aceita a força da mulher no domínio social, acompanha a realidade de seu público.

A multiplicidade de vozes presentes neste texto denuncia a posição dos diferentes enunciadoreos marcados nos enunciados. A defesa do enunciadoreo que acredita que as mulheres serãoo em maioria e mais influentes que os homens é credibilizada pela voz do enunciadoreo institucional representado aqui pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nessa reportagem, o entrelaçar de vozes é bem marcado. Aparece a voz de especialistas de áreas diversas mostrando que a postura da mulher do século XXI é diferente da postura da mulher do século XX.

Um aglomerado de idosos é cenário de alegria e descontração, percebemos que o número de mulheres na festa apresentada na imagem de Época é bem maior, isso reflete a situação do número de mulheres no país. Se observarmos a posição em que se posicionam os personagens, veremos que as mulheres, em maioria, se voltam para o personagem masculino que se posiciona de costas, dançando no meio das mulheres. Percebemos que existem outros personagens masculinos no espaço enunciativo, mas se encontram sentados ou sem movimento. As mulheres estão todas em posição de altivez. O enunciadoreo dá ênfase às mulheres e mostra, também, que no futuro existirãoo muitas mulheres disputando um número bem pequeno de homens.

Os sujeitos idosos ocupam posição de destaque em Época. Essa posição interpela os interlocutores de forma bem informal. Os personagens não fixam diretamente o olhar para o leitor como fazem personagens de outras reportagens, mas o seduz pela expressão de alegria e bem-estar. Isso por que o enunciadoreo é um sujeito que conhece e entende o seu interlocutor, assim sabe como seduzi-lo. Essa é uma estratégia de sedução. Certamente o idoso que se depara com a imagem acima vai admirar a jovialidade do grupo. Logo no título da reportagem, o enunciadoreo cria a imagem da mulher do século XXI. Ao utilizar O título em letras garrafais e em negrito, deixa clara a nova posição da mulher brasileira. Uma mulher que tem atitude e se orgulha da sua condição de mulher.

Um aspecto que chama atenção é a questão da diversidade representada na imagem, pois em posição de destaque, há dois idosos brancos e uma negra em posições “iguais”, participando do

mesmo evento, nas mesmas condições, isso transmite ao público a noção de que a realidade discutida, a ascensão da mulher, não faz distinção de raça, todas terão oportunidade.

O close nos personagens que estão dançando também é uma estratégia enunciativa, já os três que se encontra em posição de maior destaque demonstram vitalidade, saúde e disposição, que contribui para seduzir o público alvo.

Podemos constatar que o enunciador dessa reportagem, através de todas as estratégias enunciativas utilizadas, constrói para o leitor, a imagem de que acredita nas mudanças ocorridas nas atitudes das mulheres e na capacidade as mulheres idosas.

REPORTAGEM 04

A quarta reportagem analisada a qual vem com o título: *Sem medo de andar – As quedas que assustam os idosos podem ser evitadas com novos hábitos*. A forma verbal “podem” é um pressuposto de que há possibilidades de melhora. O enunciador apresenta um discurso direcionado a um público bem específico, idosos acima de sessenta e cinco anos de idade que costumam cair, representado, na reportagem pela figura feminina, Ema Javurek. Não interpela diretamente o leitor pelo olhar, nem especifica o público a que se destina através do enunciado escrito que faz referência a um aspecto físico que atinge boa parte da população com idade acima de sessenta e cinco anos, o medo de cair e fraturar ossos, nem através da imagem disposta. Mas a posição de Ema Javurek aliada ao título e subtítulo da reportagem chama a atenção do leitor.

A reportagem em análise é de Época de 23 de novembro de 2009 divulgada na seção *Vida Útil*. Vale salientar que o nome da seção dialoga com os sentidos produzidos a partir da imagem de Ema, que se prepara para fazer atividade física. O enunciador deixa implícita a ideia de que a vida “útil” do idoso depende dos movimentos físicos que pratica.

A imagem de Ema está enquadrada de forma a tomar basicamente quase todo o espaço. Essa imagem é um fator marcante na produção de sentidos. Um ponto que nos chama atenção é a posição

de equilíbrio em que se apresenta Ema, olhando para frente com firmeza como quem espera o futuro com segurança, bem como a confiança e tranquilidade que manifesta em fazer o alongamento.



Figura 07. Fonte: revista Época, 23 de novembro de 2009

A imagem de Ema nos permite entendê-la como uma mulher forte, determinada que acredita que pode evitar problemas como quedas e fraturas. Ema está vestida de forma simples, leve, preparada para fazer atividade física. A escolha por cores suaves, destacando a cor branca, fortalece a ideia de verdade e equilíbrio que Ema confirma em posição de alongamento. O equilíbrio que Ema demonstra dialoga com os dizeres que aparece logo abaixo de sua foto: “*EQUILÍBRIO – Ema Javurek faz alongamento no Parque da Água Branca, em São Paulo. Ela quer evitar novos tropeços.*” A palavra equilíbrio chama atenção por está escrito em caixa-alta e na cor vermelha o que mostra que existe perigo, riscos de novas quedas, visto que Ema tem o hábito de cair. A expressão “*quer*” reforça a ideia de perigo proposta pelo enunciador.

A imagem está bem centralizada, apresentando Ema com disposição e autoconfiança. Enquadrada de frente, Ema está posicionada como se estivesse mostrando às pessoas idosas que devem fazer o mesmo que ela: tomar uma atitude de agir, se proteger e confiar, não se entregar jamais ao medo e ao sofrimento.

Outro aspecto que se percebe através das marcas enunciativas do enunciado “*Sem medo de andar*” é que há a presença de enunciador que tem consciência de que os idosos têm medo de andar, devido às quedas frequentes depois de certa idade, então se posiciona como um enunciador pedagógico que relaciona os modos ou atitudes que os idosos devem seguir para evitar essas quedas e suas consequências. Tenta reeducar o idoso a praticar atos bem simples como andar. É como se esse enunciador tivesse usando a expressão “*sem medo de andar*” para convencer seu público de que existe uma maneira certa de evitar o problema e, para isso elenca as atitudes que os idosos precisam tomar.

É relevante, também, analisar as marcas enunciativas presentes no subtítulo da reportagem “*as quedas que assustam os idosos podem ser evitadas como novos hábitos*”, mais uma vez o enunciador confirma que conhece o seu público leitor e que esse público vive inseguro com medo de cair, mas ao mesmo tempo tenta convencer esse leitor a adquirir uma nova postura para evitar as quedas. O enunciador condena os hábitos antigos desses leitores como causadores de mal-estar e intranquilidade. A posição do enunciador é fazer com que seu leitor mude a forma de agir diante da idade avançada. Como afirma Sobrinho (2007, p. 136), “o processo discursivo da\ sobre a velhice é produzido por\ para sujeitos e retomado por\ para sujeitos”, evidenciando os sentidos existentes em cada um. Sua intenção é, através da linguagem, convencer o leitor a agir. Vale ressaltar, ainda, que essas marcas linguísticas “*as quedas que assustam os idosos*” marcam enunciativamente o leitor a que se refere o enunciador.

Quanto à imagem da personagem da reportagem em análise há algumas estratégias enunciativas utilizadas pelo enunciador que nos chamam a atenção, a saber: os cuidados que teve para iniciar sua atividade física, aparentemente uma caminhada. Para se proteger do sol e evitar outros desconfortos, usa um chapéu na cor branca, para sentir mais equilíbrio na caminhada usa um tênis adequado. Tudo isso contribui para que Ema sinta segurança ao andar. O alongamento que ela faz como demonstração, também é essencial para andar com segurança.

Para validar a voz do enunciador e confirmar a postura de Ema, várias vozes se presentificam no texto escrito. A voz de um enunciador institucional representado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que comprova através de pesquisas que os idosos caem com frequência, a voz de vários idosos que já caíram e continuam caindo, dentre outras, estão presentes no discurso.

O enunciador, por meio da reportagem se manifesta através do efeito de sentidos da confirmação de que as quedas podem ser evitadas, vai depender da atitude de cada idoso, por isso usa a marca linguística “*podem*”, ele acredita na mudança, mas espera novas atitudes de seus leitores. Por isso deixa implícita a noção de que muitos idosos poderão continuar caindo, àqueles que não tomarem a atitude de adquirir novos hábitos.

O enunciador procura manter um vínculo com uma leitora de idade igual ou superior a sessenta e cinco anos e que tem dificuldades de equilibrar-se e por isso caem com frequência.

A imagem que a revista constrói de si é de uma instituição preocupada com a situação social dos leitores, bem como busca o bem-estar de seu público, visto que discute e procura soluções para questões que interferem na vida de pessoas velhas e\ou em processo de envelhecimento. Pois constroi a imagem de um tu inseguro diante de situações corriqueiras, propõe um leitor que precisa ser alertado para a sua realidade, um leitor que pode mudar de atitude. A revista está atenta ao conhecimento e envolvimento do interlocutor.

A revista constroi um referente de discurso, deixando clara sua posição acerca do universo envolvido nesse discurso. O sujeito discursivo faz as escolhas linguísticas que marcam sua posição ideológica a respeito do processo de envelhecimento e, sobre os hábitos dos idosos, constrói a imagem do idoso como alguém capaz de reagir diante de situação de desconforto.

REPORTAGEM 05

A quinta reportagem traz um título bem sedutor, que atrai a atenção de muitos leitores, posto que, como falamos anteriormen-

te, desde o surgimento da humanidade, o homem busca o privilégio da longevidade.

Divulgada em cinco de julho de 2010, na seção Ciência & Tecnologia Genética, com o título “*O segredo da longevidade*” traz um enunciador que se mostra empenhado em apresentar aos leitores quais os caminhos para conseguir viver muito e com saúde. As marcas lexicais *segredo* e *longevidade* causam impacto, grafadas em negrito e com letras grandes, impressionam os leitores, visto que denotam sentidos de que encontraram a “chave” para se chegar à vida longa. Essas marcas retratam o interesse da sociedade de todos os tempos.

O enunciador interpela o leitor através do enunciado escrito: “*Seremos capazes de retardar nosso envelhecimento*”? Ao tempo em que ele questiona seu interlocutor, demonstra surpresa em relação à descoberta e ao mesmo tempo dúvida (*seremos capazes?*). A marca linguística “*seremos*” no futuro do presente do indicativo demonstra a interação entre enunciador e enunciatário, acreditando numa verdade futura, ao tempo em que o enunciador se inclui no processo. É importante ressaltar que o enunciador não foca seu discurso apenas em pessoas que já estão velhas, mas também àquelas que estão em processo de envelhecimento, àquelas que pretendem ter vida longa.

O dêitico “nós” implícito na forma verbal “seremos” produz um sentido de inclusão dos sujeitos discursivos propostos na matéria significativa dessa revista. A revista se inclui nessa busca pelo segredo de ampliar os dias de vida.

O subtítulo da reportagem traz os dizeres “*Pela primeira vez, cientistas identificaram o conjunto de genes que nos faz viver mais*”. Um fato novo aparece nesta matéria – diferentemente de outras – apresenta a questão genética como condição para se ampliar os dias de vida e não apenas cuidados com a saúde, atividade física e alimentação balanceada, que dependem de cada um individualmente. O enunciador afirma que a genética de alguns seres humanos tem no próprio organismo um gene que é responsável pela vida longa.

Outro aspecto que se percebe através das marcas enunciativas do enunciado “*pela primeira vez, cientistas identificaram o conjunto de genes que nos faz viver mais*” é que há a presença de dois enunciadores, um que defende a descoberta dos cientistas e que tem consciência de que outras tentativas já foram feitas para descobrir o segredo, mas só agora depois de muitas tentativas consegue e, outro que tem dúvidas em relação ao fato descoberto. É como se o enunciador que tem dúvida tivesse usado a expressão “pela primeira vez” para convencer ao outro enunciador, percebemos neste caso a polifonia discursiva, representada por diversas vozes.

Nesse trecho, confirmamos o entendimento de Pinto (1999, p. 31) ao considerar o texto como híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, pois ao nos depararmos com a expressão “*pela primeira vez*” percebemos o caráter híbrido dos discursos da revista no que diz respeito às diversas vozes que aí se presentificam. A exemplo, localizamos a voz de um enunciador (E1) que deixa claro que estudos anteriores já foram realizados como tentativa de descobrir como ampliar os dias de vida do ser humano, mas nunca houve nenhuma descoberta, por isso não se sente seguro e um enunciador (E2) que apenas confirma e acredita na primeira descoberta dos cientistas nessa tentativa de encontrar o segredo da longevidade. Assim, um dos efeitos de sentidos possíveis que o enunciatário pode inferir é que a preocupação em descobrir uma fórmula para ampliar os dias de vida vem sendo objeto de estudos e avanços, buscando levar segurança para as pessoas que se propõem a viver mais e melhor.

Outra marca enunciativa que chama nossa atenção é o fato de o enunciador iniciar o parágrafo utilizando a letra “A” em letra maiúscula, escrito em branco sobre um fundo preto, diagramada de forma a pegar parte do texto. Este “a” remete à atenção que o leitor deve ter às formas de se conseguir vida longa, bem como mostrar que nem todos têm a mesma disposição genética para conseguir tal propósito.



Figura 08. Fonte: revista Época, 05 de julho de 2010

O título dessa reportagem aliado à imagem produz diferentes sentidos para o leitor. A imagem traz a foto da mão de uma criança segurando na mão de uma pessoa velha. As duas mãos estão sobre um fundo preto. Podendo denotar segurança, confiança, apoio e tranquilidade para a criança como também demonstra a experiência que o idoso representa pelos muitos anos vividos. É possível ainda se fazer uma leitura interdiscursiva em relação aos sentidos dessa imagem, através da intertextualidade nela presente, podemos perceber um diálogo dessa imagem em análise com pintura de Michelangelo “A criação do homem”, do século XVI, obra que representa um período da humanidade em que o homem é valorizado pela sua capacidade de criação. Uma leitura parecida se pode fazer do homem contemporâneo que acredita que pode “transformar” o mundo.

O quadro de Michelangelo representa a criação do homem (Adão) e a paródia representada na imagem em análise representa o início de uma grande descoberta do homem em relação a vida humana. Segundo Pinto (1999, p. 37), “a mídia impressa, em especial nas capas de revistas e na primeira página dos jornais, utiliza diversas técnicas de tratamento de imagens e diagramação para definirem posições enunciativas”. A escolha da imagem é uma

estratégia enunciativa utilizada pela mídia como forma de convencer o público leitor. Pinto ressalta, também, que o “enunciador mobiliza dispositivos enunciativos pelos quais cria de acordo com seus interesses, universos de referência que deseja compartilhar com seu(s) interlocutor(es), estabelecendo relações entre objetos, propriedades e características supostamente existentes nesse universo”. (p. 74)

O enunciador, ao apresentar as pesquisas de cientistas que descobrem que o segredo da longevidade depende em partes do gene de cada indivíduo, quebra a expectativa de muitos leitores, pois apresenta posição de velhos centenários com hábitos nada comuns. Olívia da Silva tem hábitos que a medicina atual condena para qualquer pessoa que queira ter vida saudável, por exemplo, não é nada recomendável a dieta de Olívia. Mas mesmo não seguindo o ritual que a medicina aponta para viver mais e com saúde, Olívia passou dos cem anos com muita disposição e saúde. Isso porque, segundo pesquisas feitas, seu gene tem predisposição para uma vida longa.



Figura 09. Fonte: revista Época, 05 de julho de 2010

Olívia não se preocupa com hábitos “saudáveis” e aparenta ser forte e saudável. Encontra-se em posição estratégica para seduzir o leitor, está de frente para o interlocutor. Nesta posição, Olívia evidencia jovialidade e saúde, sem esquecer-se de se cuidar.

De cabelos bem arrumados, sentada, usando roupas em tons azuis, contrastando com o fundo amarelo da parede evidencia, também, ser uma mulher vaidosa e tranquila, aparece com um sorriso estampado no rosto. Em trajes joviais, ela demonstra viver bem. Em contraste aos hábitos de Olívia, está José Prado que não fuma, tem uma alimentação rigorosamente balanceada e tenta cultivar hábitos que considera saudáveis e, que o ajudaram viver tanto e, tão bem. Senhor que aparenta ter vigor físico e muita saúde, olha para um futuro distante.



Figura 10. Fonte: revista Época, 05 de julho de 2010

Com um sorriso maroto, um olhar firme e distante demonstra muita tranquilidade e bem-estar. José Prado assim como Olívia não demonstra problemas de saúde. A firmeza do olhar dos dois velhos surpreende o leitor. Assim como Olívia e José Prado, João Rocha, centenário de Maués, é símbolo de bem-estar. João Rocha tem disposição de um homem de trinta. Mesmo sem olhar diretamente para o leitor, João aparenta ter um olhar firme, bem como um sorriso cativante que demonstra alegria e funciona como uma estratégia de sedução.



Figura 11. Fonte: revista Época, 05 de julho de 2010

Segundo Pinto (1999), a interpelação pelo olhar é uma operação enunciativa que marca as pessoas por meio da sedução, demonstrando uma reação favorável ou desfavorável aos acontecimentos e coisa. João Trabalha na roça, sem aparentar cansaço ou indisposição. É forte e saudável, “*Não sinto fraqueza. Estou sempre forte*”. Cientistas acreditam a longevidade de João Rocha não é resultado apenas do seu estilo de vida, mas também do resultado de sua genética. Segundo pesquisas desses cientistas, existe um gene que é associado à longevidade que nem todos os seres humanos têm o privilégio de ter. Por isso o enunciador defende a ideia de que devemos ter cuidados com a saúde e alimentação, posto que nem todos são agraciados com o gene, mas podem, através de hábitos saudáveis, ampliar os dias de vida.

Acima da imagem de João aparece uma tarja com os nomes Ciência e Tecnologia escritos na cor branca com fundo vermelho e a palavra genética escrita também em branco com o fundo na cor preta produzindo sentidos de que não só a ciência e a tecnologia contribuem para uma vida longa saudável, mas a genética também é fator favorável.

Várias vozes se presentificam para confirmar a voz do enunciador, dentre elas Thomas Perls, Ivana da Cruz, Bradley Willcox, Euler Ribeiro, dentre outros.

Outro aspecto que nos chama atenção nessa matéria é a dis-

posição do enunciado “*Por que envelhecemos*”. Escrito em letras garrafais, interpela o leitor, pois ao tempo em que o enunciador responde ao interlocutor porque envelhecemos, também o questiona através de uma pergunta indireta. Essas marcas linguísticas nos permitem identificar um enunciador pedagógico que procura enumerar os segredos do envelhecimento do organismo, apresentando em seguida os fatores que favorecem o envelhecimento das células do organismo humano.

Depois de apresentar esses fatores, o enunciador, mais uma vez, interpela seu interlocutor por meio da indagação: “*o que influencia a longevidade?*”. Pois, “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva”. (BAKHTIN, 2003, p.272). Através desses questionamentos, o enunciador procurar manter, firmar um vínculo com o leitor, visto que conhece o perfil de seus leitores, leitores que estão curiosos em saber quais os segredos da longevidade. Com esse questionamento, o enunciador apresenta-se como desconhecedor desse segredo, mas que como se preocupa com seu leitor vai à procura de descobrir e dá voz a um enunciador institucional – *Genome: the autobiography of a species* (Matt Ridley), *Cancer: the evolutionary legacy* (Met Greaves). *Genetic signatures of exceptional longevity in humans* (Science).

A revista se posiciona como preocupada em informar seu leitor sobre as causas do envelhecimento, constrói uma imagem de si voltada para questões que dizem respeito às pessoas de todas as idades, pois a imagem que tem de seus interlocutores é de pessoas que querem viver muito e com saúde, pessoas que anseiam chegar aos 90, 100 anos com disposição e saúde. Pessoas preocupadas em como envelhecer bem. O enunciador de *Veja* se posiciona ideologicamente frente aos seus leitores, pois segundo Verón (2005, p. 101), “o ideológico no discurso não consiste em propriedades imanentes aos textos e sim em um sistema de relações entre o texto, de um lado, e sua produção, circulação e consumo, de outro”.

Os discursos de *Época*, enquanto prática social, estão voltados para informar seus leitores, conscientizando-os sobre questões que envolvem pessoas de todas as idades.

REPORTAGEM 06

No caso da sexta reportagem analisada a qual vem com o título: *Os disc jockeys sessentões*, divulgada na seção *comportamento* da revista *Época*, há a *priori* um chamado bastante interessante através do título. As marcas lexicais *disc jockeys sessentões* parecem impactar, grafadas em negrito e com letras grandes denotam sentidos surpreendentes: DJ aos sessenta anos, não é muito comum, mas retrata os novos interesses da sociedade idosa do século XXI. Esse enunciador entende os sujeitos idosos como pessoas fortes e capazes de fazerem muitas coisas que os jovens fazem. Ao usar a palavra *sessenta* no aumentativo, compreendemos que enunciador percebe a força e disposição do homem de sessenta anos. É interessante observar que não existe traço de decadência no perfil dos idosos a quem se refere esse enunciador de *Época*. Esse é um fato interessante visto que vai contra ao pensamento que durante muito tempo reinou no seio da sociedade capitalista, o de que o ser humano ao completar sessenta anos está impossibilitado para uma vida útil.

De forma bastante interessante, o enunciador interpela o leitor no subtítulo da reportagem. De forma indireta questiona e ao mesmo tempo apresenta os novos discjockeys quando diz: *Quem são os vovôs e as coroas que adoram música eletrônica e frequentam o primeiro curso para DJs da terceira idade do Brasil*. Logo no início do enunciado o enunciador utiliza o “quem” que permite que muitos leitores se incluam nesse grupo e respondam “eu”, mesmo não estando matriculado no curso, mas que também são amantes da música eletrônica e se reconhecem nos vovôs apresentados pelo enunciador. Essa é uma estratégia enunciativa pelo enunciador como forma de interpelar e trazer o mesmo para a realidade apresentada. As estratégias utilizadas pelo enunciador fazem parte da disputa de sentidos existentes nos textos.



Os disc jockeys sessentões

Figura 12. Fonte: revista Época, 26 de julho de 2010

Percebemos que o enunciador da reportagem em análise utiliza diversas estratégias enunciativas que definem a posição desse enunciador, dentre elas podemos notar o tratamento dispensado às imagens dos personagens da reportagem. Personagens esses apresentados em boa aparência, em espaço físico “moderno” e em posição de total capacidade física e mental. Essa imagem tem grande importância enquanto estratégia enunciativa, a posição da imagem é marcante na produção de sentidos. Está numa zona de visão centralizada e vem corroborar o texto que segue. Para Pinto (2002, p. 37), “a análise de discursos defende a ideia de que qualquer imagem, mesmo isolada de qualquer outro sistema semiótico, deve ser sempre considerada como sendo discurso.” Assim, essa imagem proporciona ao leitor fazer deduções sobre suas posições a respeito de ser velho.

O enunciador apresenta um discurso direcionado para homens e mulheres com sessenta anos ou para aqueles que se aproximam dessa idade. Esse enunciador interpela o leitor através, principalmente, da posição de Ângela Vela que direciona um olhar carismático e um sorriso espontâneo e convidativo para o leitor. Ângela aparenta ser uma mulher forte e consciente de sua posição de mulher que se aproxima dos sessenta anos .Usa uma camisa

azul marinho que configura a clareza mental de Ângela, bem como sua calma, tranquilidade, ternura, paz de espírito e segurança. Tudo isso é reforçado pela sua própria fala “Eu não sou mosca morta”. Ângela tem cinquenta e três anos de idade, mas apresenta um sorriso e um olhar energizante de trinta. A imagem de Ângela é de uma mulher ativa e feliz.

Os discursos de Ângela confirmam os sentidos percebidos através da imagem. Ângela declara que gosta de movimento, o que lhe traz jovialidade. “Eu curto esportes radicais, rafting, trilhas, vou a cavernas caçar morcegos com minha filha bióloga. Meu sonho é escalar o Everest”. Atitudes não muito comuns às mulheres com cinquenta e três anos de idade, mas atitudes que retratam a saúde que pode ter uma mulher com essa idade. “Tem gente que diz que quero me achar jovem, mas são uns caretas. Acham que a gente envelhece e vira mosca-morta. Eu não.” Um aspecto que podemos perceber através das marcas enunciativas do enunciado “Tem gente” é que há a presença de dois enunciadores, um que acha normal a atitude de Ângela e outro que condena, ou acha feio. Aqueles que acham feio assumem a posição de que quando envelhecemos estamos proibidos de fazer aquilo que gostamos, devemos nos satisfazer com o que a sociedade acha bom para o velho. Essa fala marca a presença do preconceito com que a sociedade, na maioria das vezes, percebe alguém com cinquenta, sessenta anos. A marca enunciativa do enunciado “que quero me achar jovem” produz efeitos de sentidos. Os sentidos produzidos nos fazem inferir que ela não quer ser jovem, ela se sente jovem. Afinal, o sonho que ela tem não é muito comum: escalar o Everest. Ângela constrói a imagem de uma mulher ativa, endossada pela posição em que é focada na foto.

É válido ressaltarmos, ainda, que Ângela encontra-se em posição estratégica para seduzir o leitor, pois se posiciona de frente para o interlocutor.

Outro fato que nos chama atenção é a relação que existe entre o texto escrito e a diagramação como um todo. Se observarmos, logo abaixo da imagem de Rodrigo e Ângela existe uma chamada que traz o nome *EMPOLGAÇÃO*, escrito em letra de forma e na cor

vermelha. Essa chamada vem corroborar o estado em que Rodrigo e Ângela se encontram: empolgados.

O outro personagem da reportagem é Rodrigo Ruiz. A posição que ele aparece na reportagem nos chama atenção. Em meio sorriso, está mais preocupado em mostrar a afinidade com os equipamentos eletrônicos do olhar para o leitor. Apresenta controle total com as novas tecnologias do ramo musical. Não interpela o leitor pelo olhar, mas pela forma como manuseia os equipamentos. Chama atenção pela concentração, pois denota está altamente empenhado pelo que está fazendo. O enunciador inicia a reportagem descrevendo Rodrigo “professor de relações internacionais com doutorado em história econômica pela Universidade de São Paulo” que gosta de techno e house. Vozes diferentes se manifestam em posição social diferente que confirma a flexibilidade do ser humano. A voz do “sessentão” que frequenta o curso de disc jockeys a frente da voz do professor doutor de relações internacionais. Essa posição do enunciador aparece em defesa da escolha do personagem, prevendo aí um possível preconceito. A descrição feita pelo enunciador demonstra que ele se surpreende, ou espera que o leitor se surpreenda com o que Rodrigo faz depois do trabalho, visto com essa descrição o enunciador deixa nítida a ideia de que na posição social de Rodrigo não é muito comum frequentar curso dessa natureza.

Mais uma vez percebemos através das marcas enunciativas presentes na reportagem que há a presença de diferentes enunciadores. Nesse entendimento frisamos o pensamento de Pinto (1999, p. 31) que considera o texto como híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, pois nessa reportagem nos deparamos com diversas vozes. Dentre essas vozes localizadas na reportagem, a professora de música Lisa Bueno, que deixa claro que as pessoas mais velhas se sentem desconfortáveis juntas a pessoas mais novas, Ruth Flowers que representa energia e jovialidade.

Todos os discursos são direcionados ao público idoso. Os enunciadores focalizam diretamente o público que pretende atingir. Há uma relação de fidelidade entre o texto e os leitores. Todos os depoimentos são favoráveis às pessoas acima dos cinquenta

anos. O enunciador tem em vista o público que deseja atingir, cria um contrato com o seu interlocutor. É esse contrato vai despertar, nos leitores, o prazer de ler. Em destaque aparece o seguinte enunciado: “a música é a maior adrenalina. Rejuvenesce”. A marca enunciativa *rejuvenesce* está direcionada para o público leitor que tem esse propósito. Essa marca vai seduzir o leitor que pretende rejuvenescer, a tomar a mesma posição, mudando, talvez a maneira de pensar em relação ao tipo de música em questão. Nesse sentido, Pinto (2002) advoga que (2002, p.28),

os discursos têm papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade, pois é por meio dos textos que se travam as batalhas que, ao nosso dia-a-dia, levam os participantes de um processo comunicacional a procurar ‘dar a última palavra’, isto é, a ter reconhecido pelos receptores o aspecto hegemônicos do seu discurso.

Os discursos veiculados pela mídia seduzem os leitores de modo a influenciar na tomada de posição desse leitor. As estratégias utilizadas pelos sujeitos discursivos reforçam a ideia defendida pelo enunciador.

Ainda nessa reportagem, é possível verificar as posições dos sujeitos discursivos através da construção da imagem de si da revista que é uma revista que apresenta para a sociedade a imagem positiva do processo de envelhecimento, de ser idoso. Os sentidos produzidos a partir dos discursos dos enunciadores nos levam a crer que os enunciadores são favoráveis a posição dos idosos.

Percebemos, através das análises das seis reportagem da revista *Época* que os enunciadores dessa revista procuram criar uma aproximação com o seu público leitor a partir marcas linguísticas e iconográficas. Os enunciadores variam muito quanto às formas de apresentação do tema, ora se aproximam do leitor, ora se distanciam. As reportagem de *Época* estão voltadas mais para questões estáticas e também para pesquisa que mostram como chegar à longevidade.

4.1.3. Veja e o envelhecer: uma análise enunciativa

REPORTAGEM 07

Beleza

QUER UM CAFEZINHO...

...NO ROSTO?

E grão de café verde virou matéria-prima
de cosméticos que combatem o envelhecimento



Figura 13. Fonte: revista *Veja*, 3 de junho de 2009

No caso da sétima reportagem analisada a qual vem com o título: “*Quer um cafezinho... No rosto?*” Veiculada na seção “Beleza”, em *Veja* de três de junho de 2009, o enunciador apresenta um discurso direcionado para mulheres, não interpela diretamente o leitor, nem especifica o público a que se destina através do enunciado escrito, que faz referência a um aspecto que incomoda mulheres de todas as idades, a preocupação com o aparecimento de marcas do envelhecimento. Mas a interpelação é feita às leitoras por meio da imagem discursiva que constroem sentidos positivos ou negativos acerca do “cafezinho no rosto”.

Logo no enunciado-título da reportagem, o enunciador uti-

liza a diagramação e a cor dispostas no enunciado como estratégia de sedução. As letras grandes escritas na cor amarela, significa a representação da beleza e bem-estar, propondo pensamentos otimistas em relação aos resultados dos grãos de café verde. Essa reportagem nos remete a uma leitura interdiscursiva no contexto histórico e social em que foi escrita. *A priori* nos surpreendemos com a ideia de usar café no rosto. Visto que a matéria significativa dessa reportagem apresenta dois enunciadores de lugares de fala diferentes.

As marcas enunciativas “QUER UM CAFEZINHO...” faz referência a um hábito comum dentro de um discurso hegemônico materializado no hábito antigo de se servir cafezinho em reuniões entre amigos, reuniões de trabalho e reuniões familiares como meio de distração e “intervalo” para uma conversa e\ou descanso. Esse “cafezinho” que durante muito tempo foi discussão sobre os malefícios que poderia causar a seus amantes, em recentes descobertas de pesquisadores das Universidades de Harvard, em Boston, Estados Unidos, e de Madri, Espanha foi comprovado que esse proporciona ânimo e energia, além de reduzir o risco de derrame cerebral, doença frequente em pessoas acima de sessenta anos de idade.

Em contrapartida, aparece outro enunciador que ao questionar o leitor com o enunciado “QUER UM CAFEZINHO NO ROSTO” que vê o cafezinho como um “remédio” que combate o envelhecimento da pele.

Esses sentidos são percebidos no enunciado que vem no subtítulo da reportagem “E grão de café verde *virou* matéria-prima de cosméticos que combatem o envelhecimento”. A marca linguística “*virou*” mostra ao leitor que antes esse grão era utilizado com outro objetivo. O enunciador ao interpelar o leitor com essa pergunta direciona seu discurso para àqueles que estão preocupados em adiar o aparecimento de marcas da idade principalmente no rosto. Portanto esse enunciador interage com pessoas de todas as idades. Pois os discursos produzidos sobre o envelhecimento, nessa reportagem, evidenciam sentidos diferentes para cada um, de forma distinta. Segundo Verón, (2004) nunca vai produzir um úni-

co efeito, mas ao contrário cria possibilidades para “efeitos possíveis”. Assim, os sentidos nunca se fecham, dependem do contexto histórico e social, ou seja, do lugar de fala. Os discursos são práticas sociais construídas dentro de um contexto histórico e social. Assim, os sentidos desses discursos dependam de suas condições de produção, bem como de suas condições de circulação.

Mais uma vez há a presença de dois enunciadores nessa reportagem. Ao analisarmos o enunciado “efeitos anti-idade”, seguido dos dizeres “*os supostos benefícios do extrato da semente de café verde para a pele*”. Percebemos mais uma vez a presença de dois enunciadores. Um (E1) que pedagogicamente apresenta os efeitos anti-idade da semente e outro enunciador (E2) que não tem total segurança dos benefícios que esta semente proporciona à pele. Ao utilizar a expressão “*supostos*” torna duvidoso o resultado das pesquisas, é como se estivesse afirmando que esses resultados ainda não foram comprovados na prática. Mas identificamos diferentes vozes que confirma a voz do enunciador que defende os efeitos positivos do café. A voz de um enunciador institucional se presentifica através da “*Easten Virginia Mediacal*” que apresenta pesquisas que comprovam os efeitos. A Universidade Católica de Campinas, representada por Adilson Costa, que, também, comprova os resultados do extrato. Também se presentifica a voz médica, Eliana Relvas, confirmando os efeitos positivos do café.

Do ponto de vista enunciativo, outro aspecto nos chamou atenção na construção de sentidos propostos na reportagem. A forma como foram dispostos imagem e texto produz sentidos diversos. A letra “U” escrita com letras grandes e em negrito está dialogando com o formato do rosto da personagem da revista, o que chama a atenção do leitor para ler o texto escrito associando à imagem. Jovem, bonita, vaidosa, confiante e decidida, não espera chegar as marcas de envelhecimento para testar a nova descoberta que combate o envelhecimento. A personagem não fixa o olhar para o leitor, mas em atitudes de aplicação do produto antienvelhecimento convida o leitor a experimentar a descoberta.

A imagem discursiva da revista, também é responsável pela produção de sentidos. A imagem traz o rosto de uma jovem

que demonstra preocupação em continuar jovem e bonita. A cor branca da camiseta que está usando representa sinceridade, saúde e confiança, vindo a confirmar os sentidos veiculados pela mensagem da reportagem como um todo. Por trás da imagem da jovem está disposta a representação de um pé de café. Os grãos aparecem viçosos e bem cuidados, em galhos com folhas verdes confirmando sua potencialidade. O vermelho do café está dialogando com a chamada em destaque “*efeitos anti-idade*”, ou seja, a beleza e jovialidade presentes no rosto da personagem vêm do uso dos produtos fabricados com o café verde.

A imagem que a revista constrói sobre seus interlocutores é de que são mulheres que se preocupam em adiar as marcas da idade, mulheres que se preocupam com beleza e bem-estar. Mulheres que se cuidam e acreditam nas descobertas da ciência no que se refere à estética. E a imagem que a revista constrói de si é de um meio midiático antenado com as novas tecnologias e descobertas científicas, além de, enquanto meio de comunicação influente, preocupa-se com seus leitores, informando-os sobre tudo que se refere aos seus interesses. Os sentidos produzidos através das estratégias enunciativas que a revista apresenta ao seu público com o objetivo de criar um vínculo entre ela e seus interlocutores. O sujeito discursivo dessa reportagem faz suas escolhas enunciativas que marcam sua formação ideológica, propondo o contexto histórico e social em que está inserido, nesse caso o sujeito dessa reportagem também se preocupa com o envelhecimento.

REPORTAGEM 08

A reportagem agora em análise tem abordagem diferente das reportagens analisadas anteriormente. Divulgada em *Veja* de 15 de outubro de 2009, traz um caderno especial com o tema Longevidade. Com o título do caderno “*LONGEVIDADE – Como viver mais e melhor*”, o enunciador mostra passo a passo como devemos agir, logo desde cedo, para conseguir juventude e saúde, bem como ampliar os dias de vida. Esse caderno é dividido em várias reportagens com títulos específicos que levam a construção do sentido de envelhecer. Por isso faremos uma análise diferente daquelas

que fizemos até então, haja vista não ser interesse nosso fazer uma análise de conteúdo, mas sim uma análise de discursos de como a revista se propõe a construir sentidos sobre envelhecimento. Os temas dessa reportagem estão relacionados à construção de sentidos para o envelhecer. Pelo seu caráter “Edição Especial”, a revista retomou alguns sentidos produzidos sobre o processo de envelhecimento em edições anteriores e traz para este caderno uma ênfase a vários aspectos que contribuem de forma positiva ou negativa na representação do envelhecer através das imagens construídas discursivamente na e pela linguagem. Assim, tomaremos apenas trechos das reportagens que nos permitem perceber o olhar de *Veja* para a questão, de forma bem ampla. Logo no início, as marcas linguísticas presentes no título do caderno “Como viver mais e melhor”, percebemos a posição ideológica do enunciador. Segundo Pinto (2002, p. 45)

uma parte do ideológico também transparece num texto sob a forma de *preconstruídos*, que são inferências e pressuposições que o coemissor deve fazer para suprir as lacunas e dar coerência à interpretação que faz, interligando entre si as frases e partes do texto e ligando-o a um “mundo”.

Esse enunciador é um enunciador pedagógico que se propõe a ensinar como se pode conseguir viver muito e com saúde. Ele entende que seu enunciatário percebe os sentidos proposto pelas marcas enunciativas. O operador enunciativo “*como*” nos remete aos caminhos que o enunciador irá apresentar ao leitor para conseguir tal façanha.

No título da primeira reportagem do caderno “*Os sem – idade desafiam o calendário*” nos chama a atenção a expressão “*Os sem – idade*”, pois essa expressão nos remete ao comportamento do idoso do século XXI. A expressão, metaforicamente, representa a nova forma de viver do homem moderno e não que ele não tenha uma idade. De fato a marca “*sem*” denota que esse homem possui expressão e comportamento que não mostra a idade que tem. Assim, a idade cronológica nem sempre aparece nas expressões. O homem moderno se preocupa com a saúde, com a forma de viver, pois a busca pela conservação da juventude é um fator marcante

nesse homem. Com o avanço da ciência, da tecnologia e uma nova educação para a forma de viver, hoje é possível que uma mulher e\ou homem de 60, 65 de idade tenha aparência de 40, 50. É o caso de Mara Lúcia, mulher que aparenta ter uma idade bem inferior à idade cronológica que tem.

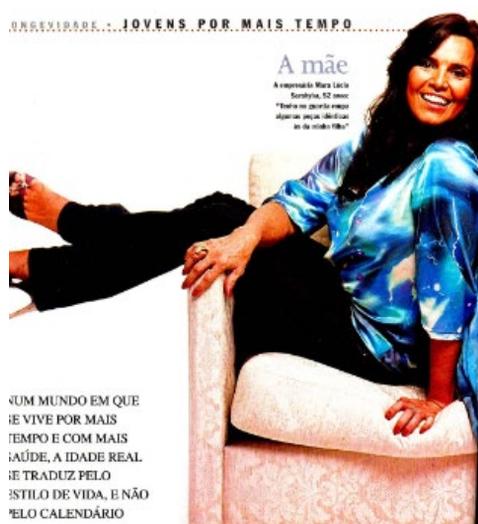


Figura 14. Fonte: revista Veja, 15 de julho de 2009

O enunciador procura convencer o leitor desse comportamento, bem como dessa possibilidade através das estratégias discursivas que utiliza. Interpela diretamente o leitor através da imagem de Mara Lúcia e Daniela Sarahyba. As duas estão enquadradas de frente para o leitor, sorridentes e em posição de descontração e bem-estar. Olham fixamente para o leitor como se estivessem confirmando para esse leitor o que veem na imagem. O enunciado que aparece do lado esquerdo da imagem de Mara Lúcia e Daniela Sarahyba, escrito em letras grandes e em negrito chama a atenção do interlocutor “NUM MUNDO EM QUE SE VIVE POR MAIS TEMPO E COM MAIS SAÚDE, A IDADE REAL SE TRADUZ PELO ESTILO DE VIDA, NÃO PELO CALENDÁRIO”. O enunciador constrói a imagem de um mundo de pessoas que se preocupam com qualidade de vida, bem como com a conservação da juventude, o que aumenta a expectativa de vida. Assim, cada vez menos as pessoas aparentam a idade que têm, tornando-se difícil considerar

uma pessoa, seja homem ou mulher, com 65 anos de idade como velha. O comportamento das pessoas nessa faixa-etária, atualmente, são comportamentos que não divulgam a idade que têm. Por isso, Debert (2007) afirmar que as representações sobre velhices e envelhecimentos têm sentidos e significados conforme contextos históricos, sociais e culturais diferentes. E Mascaro (2004) reforça revelando que é difícil determinar uma pessoa como idosa, pois o estilo de vida que cada pessoa leva faz variar o comportamento de cada indivíduo. Portanto uma pessoa com 65 anos muitas vezes age como uma de 40. A imagem de Mara Lúcia é exemplo dessa realidade.

Há, também, a presença da voz do gerontologista Alexandre Kalache que reforça essa realidade, segundo ele, “No mundo de hoje, em que vivemos mais e melhor, a idade cronológica deixou de ser tão relevante para determinar o modo de vida de uma pessoa”. Outra voz que se presentifica na matéria de *Veja*, reforçando o discurso do enunciador é a voz de Ruth Marshal. Esse novo jeito de “ser” mostra comportamentos diferentes do homem atual comparado a épocas anteriores. Dentre esses comportamentos, o enunciador de *Veja* apresenta pessoas que procuram praticar atividades físicas depois dos 40 anos que contribuem para conservar a juventude e bem-estar, a exemplo “Estudo no exterior depois dos 40”, montar seu próprio negócio, que demonstra autoafirmação. A metáfora utilizada pelo enunciador “*Dono do próprio nariz*” constrói a imagem de que a pessoa depois dos 40 anos, atualmente, sente-se bem e capaz em comandar seu próprio negócio, com o aumento da expectativa de vida, o homem de 40 anos se sente jovem e ativo.

As marcas lexicais “Não me chame de senhora” representam bem a personalidade da mulher atual. Mulher que se cuida, que está sempre preocupada com a aparência e, por isso não aceita certas denominações, como por exemplo, “senhora” que remete à velha. A forma verbal “chame” no imperativo denota uma ordem para o leitor: que ele também tenha essa postura, de tal modo que a sociedade aceite sua postura. Essa leitora quebra o estigma de que o termo “senhora” denota respeito. O respeito que essa nova mulher quer é ser considerada jovem, por isso impõe sua forma de

ser. Ideologicamente, o enunciador mostra que o termo “senhora” remete a um tempo passado e que as forças sociais agem nos discursos de cada pessoa.

Esse enunciador constrói a imagem de um enunciatário que vive mais e melhor porque toma os cuidados necessários para que isso ocorra. Vê o enunciatário como pessoa consciente de sua condição humana.

A segunda reportagem desse caderno, dessa edição de *Veja* remete à longevidade a categoria saúde. Com o título “*A ciência da vida longa*”, mostra os avanços da ciência aos quais contribuíram para um aumento na expectativa de vida do ser humano de todo o mundo. A ciência tem procurado, através de pesquisas científicas, encontrar meios de ampliar os dias de vida com saúde e bem-estar.

O operador enunciativo “A” que antecede a palavra ciência – artigo definido – deixa claro para o enunciatário que existe uma linha de pesquisa específica voltada para questões que remetem ao envelhecimento, procurando melhorar a qualidade de vida do ser humano, bem como aumentar a expectativa de vida.

Percebemos, nessa reportagem, a atuação das forças sociais nos discursos de *Veja*, essa reportagem é um dialogismo com reportagens anteriores que apresentam descobertas sobre o aumento da expectativa de vida e defendem a busca pela longevidade. Esse dialogismo forma uma cadeia discursiva, o que remete ao conceito de dialogismo de Bakhtin (2003, p. 272) que “todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo”. Assim, os discursos desse caderno retomam a outros discursos de reportagens anteriores, até mesmo da revista *Época*.

No enunciado “A EXPECTATIVA DE VIDA AUMENTOU EM TODO O MUNDO. O DESAFIO É FAZER COM QUE ESSES ANOS A MAIS SEJAM VIVIDOS COM SAÚDE E ALEGRIA”. O enunciador assume que a expectativa de vida aumentou, mas as marca linguísticas “*O desafio é fazer*” propõe ao leitor sentidos de que esse aumento na expectativa de vida acarretou uma situação-problema que é encontrar meios para que esses dias a mais sejam vividos

com saúde e tranquilidade. O enunciador mostra ao leitor as contribuições da medicina que ajudam a retardar o processo de envelhecimento. O enunciador enumera as conquistas da medicina que ajudaram no aumento da expectativa de vida. Mas esse mesmo enunciador defende que uma alimentação balanceada, o sono e a prática de atividade física são fatores fundamentais para se viver mais e com saúde, não existindo tempo certo para se iniciar uma atividade física. O enunciado “ANTES TARDE DO QUE NUNCA”, pressupõe sentidos de que o importante é praticar atividade física, não importa a idade.



Figura 15. Fonte: revista Veja, 15 de julho de 2009

Como estratégia de sedução do leitor, o enunciador, condenando o sedentarismo como fator negativo no processo de envelhecimento, e defendendo a prática de exercícios físicos como fator positivo nesse processo de envelhecimento saudável, traz a imagem da atriz Ana Paula Arosio praticando exercícios e em ótima forma, pressuposto de que terá um envelhecimento saudável. Ana Paula Arosio representa sentidos de que a prática de exercícios físicos é favorável ao envelhecimento com saúde e tranquilidade. O *close* de Ana Paula com um perfil de mulher linda e saudável, ágil, apresentando leveza nos gestos e vivacidade na prática de exercícios reforça a ideia de que o exercício físico contribui para

um envelhecimento saudável.

Como defendeu Pinto (2002), a caracterização de personagens públicos é constante na mídia. Portanto, a imagem de Ana Paula Arosio vem corroborar o discurso escrito em letras grandes, destacadas “O inimigo se chama sedentarismo”, ora esse enunciado é um chamado para o eleitor derrotar esse inimigo, o enunciador constrói a imagem de que esse leitor pode combater esse inimigo e mostra como fazê-lo. O subtítulo da reportagem é mais uma interpelação ao leitor. Também escrito em letras graúdas, mostra como combater esse inimigo, afirma que “uma forma eficaz de combatê-lo é a corrida, que faz bem para todo o organismo e não exige equipamentos”. O enunciador acredita na existência de um inimigo que age negativamente no processo de envelhecimento que é o sedentarismo, atitude que afeta grande parte da população. Outro aspecto que nos chama atenção nesse enunciado é a afirmação “e não precisa de equipamentos”. Percebemos a preocupação do enunciador de atingir toda a população, até aqueles que não podem comprar equipamentos para praticar exercícios físicos. Assim seu discurso é direcionado a todas as classes sociais. E esse mesmo enunciador antecipa uma explicação para aqueles que dão a desculpa de que não praticam atividade física porque não possuem os equipamentos necessários. O enunciador defende a corrida como uma atividade que faz bem ao corpo e à mente.

O close na foto do arquiteto Marcelo Falsal, também, funciona como estratégia de enunciação, distribuindo afetos positivos frente ao leitor. A pose do arquiteto denota disposição, saúde, bem-estar e jovialidade. Segundo ele, a corrida é a fonte dessa juventude. O enunciado “A CORRIDA DA BOA SAÚDE” dialoga com a imagem de Marcelo Falsal, produzindo sentidos de que os resultados dessa corrida é uma boa saúde, leva a se ter uma boa saúde, saúde expressa no físico de Marcelo Falsal. O enunciador enumera os resultados da corrida, tais como juventude prolongada, menor risco de vida, bom humor, vale dizer expressos no olhar de Marcelo Falsal, visão preservada, melhor capacidade respiratória e articulações saudáveis. Resultados que favorecem longevidade com alegria.

A CORRIDA DA BOA SAÚDE

Correr é a atividade física cujo número de adeptos mais cresce no país. Calcule-se que 4 milhões de brasileiros praticam corrida, esporte que proporciona benefícios como...

...JUVENTUDE PROLONGADA

Centro de envelhecimento da UCLA afirma de um corredor acima de 50 anos a 50% mais lento que o de um sedentário

...MENOR RISCO DE VIDA

A probabilidade de morte por infarto, diabetes e câncer é 60% menor nas pessoas com mais de 55 anos

...BOM HUNDR

Atividades aeróbicas intensas, como a corrida, reduzem pela metade os sintomas da depressão

...VISÃO PRESERVADA

Centro de saúde de longevidade israelita, a principal causa de cegueira em pessoas com mais de 60 anos, cai 20% para quem corre 2 ou mais quilômetros por dia

...MELHOR CAPACIDADE RESPIRATÓRIA

Ele pode aumentar 50% em composição do fôlego do treinado

...ARTICULAÇÕES SAUDÁVEIS

Problemas de articulações, como artrite reumatoide e artrose, manifestam-se, em média, dez anos após a falta de exercícios

Um estudo da Universidade de Michigan mostrou que pessoas que correm regularmente têm menos problemas de saúde e vivem mais tempo. Portanto, o canal é uma excelente estratégia

O arquiteto Marcelo Farah, que faz 20% do seu trabalho sentado, "é a melhor prova da juventude"

10 | A PRÁTICA DO ARQUITETO

Figura 16. Fonte: revista Veja, 15 de julho de 2009

A imagem do arquiteto representa todos esses resultados basta observarmos sua postura em posição de corrida. A perna em movimento mostra sua capacidade física e disposição, nada próximo a uma velhice sofrida. Ainda com intenção de convencer o enunciadário, o enunciador mostra o resultado de um teste com duas pessoas, um que pratica exercícios físicos e outro que tem uma rotina sedentária, a capacidade de resistência de Gabriel Salomão é bem maior do que Flávio Jancowski, pois aquele pratica esporte, enquanto este não.

A terceira reportagem desse caderno de *Veja* traz o título “*A receita de quem parece não envelhecer*” é marcada pela presença de um enunciador pedagógico que se preocupa em apresentar o processo de envelhecimento de forma bastante positiva. O título remete o leitor a encontrar os passos, através de uma receita, para chegar a “fórmula” da juventude. O substantivo “receita” leva o leitor a acreditar que encontrará esta fórmula. As estratégias utili-

zadas pelo enunciador são pistas que induzem ao leitor perceber os sentidos propostos.

Assim, quando o enunciador, usa a expressão “parece não envelhecer” lança pressupostos de que estas pessoas aparentam ter uma idade inferior à cronológica. A exemplo, o enunciador utiliza mais uma vez a imagem de pessoas públicas, Raí de Oliveira, Carla Marins, José Otávio Marfará, Anuar Tacach, esses dois últimos não tão conhecidos publicamente quanto os demais, mas são exemplos de conservação da juventude, e Totia Meireles e Astrid Fontenelle, essas duas últimas, assim como os dois primeiros são conhecidas publicamente, usadas pelo enunciador como estratégias de sedução e convencimento.

Os seis personagens mostram jovialidade, disposição, vivacidade e alegria, jovialidade que não demonstra a idade cronológica que têm. Vale ressaltar que o enunciador mostra o cotidiano de cada um desses personagens, apontando o que fazem para conservar tanta juventude e, cada um atribui essa juventude a um aspecto individual, o que demonstra que o processo de envelhecimento depende do estilo de vida de cada pessoa, por isso percebemos que o texto é um lugar de tensão, visto que são considerados aspectos ideológicos, cada indivíduo tem uma ideia formada sobre a noção de envelhecimento. As vozes que se manifestam são resultados de posições ideológicas.

A quarta reportagem do caderno “LONGEVIDADE” de *Veja* continua com o propósito da reportagem 03, mostrar os caminhos para adiar as marcas do envelhecimento. O enunciador presente nessa reportagem também se mostra como um enunciador pedagógico, assinalando os motivos de não aceitar o envelhecimento antes da hora, ou seja, ainda estando em condições de continuar atuante no meio social. Com o título bem categórico “7 razões para não vestir o pijama”. O enunciador evidencia que apontará as razões para a não aposentadoria. O título pressupõe um discurso anterior, como alguém se tivesse duvidado da importância de continuar trabalhando depois da aposentadoria. Do lado direito de Raul Boesel, ex – piloto, que defende a vida ativa mesmo depois de aposentado, vem escrito em letras destacadas o enunciado “FOI-

-SE O TEMPO EM QUE SE APOSENTAR SIGNIFICAVA TROCAR O BATENTE PELO ÓCIO. CONTINUAR TRABALHANDO É BOM PARA O CORPO E A MENTE.” O enunciador defende uma nova era, uma nova postura, frente à aposentadoria, num mundo onde a expectativa de vida só aumenta.



Figura 17. Fonte: revista Veja, 15 de julho de 2009

A foto de Raul Boesel aparece por trás das sete razões destacadas pelo enunciador, sobreposto a um fundo azul bem forte, o que produz sentidos de que Raul continua trabalhando por todas essas razões, o que permite tanta jovialidade aos 51 anos de idade. Raul aponta o dedo para o leitor como sinal de chamamento, alerta, apontando as razões para continuar ativo depois dos 60, 65 anos de idade. A saber, é a chance de mudar de profissão, manter a renda mensal, não chatear a família, não perder sua turma, trabalhar faz bem à saúde, evitar a depressão e não desperdiçar a experiência profissional. Essas razões são formas de convencimento para que o leitor tome a atitude de viver mais e melhor. Vários depoimentos de pessoas aposentadas reforçam os sentidos propostos pelo enunciador, são as vozes que se manifestam no texto.

fende os cuidados com a saúde. Não basta ter o carinho das pessoas que ama, é importante, também, cuidar da saúde.

A multiplicidade de vozes que se manifestam no texto denuncia a posição dos diferentes enunciadores marcados nos enunciados. A defesa do enunciador que acredita que a sensação de bem-estar e segurança que provém do bom relacionamento é credibilizada pela voz do geriatra Renato Maia Guimarães e pela voz do enunciador institucional representado pelas Universidades Flinders, pela Universidade da Califórnia, pela Universidade de Harvard e pelo Hospital Albert Einstein.

O enunciador de *Veja* enfatiza a imagem de Carlos Carriel e um grupo de amigos, mostrando que as atitudes positivas contribuem para uma vida longa e feliz. A imagem de Carlos remete, também, a outro aspecto importante no processo de vida longa saudável, que é a união de pessoas mais velhas a grupos de pessoas mais jovens, com oportunidade de troca de experiências.

A sexta reportagem do caderno “LONGEVIDADE” discute uma questão que inquieta grande parte das mulheres a partir dos quarenta anos, algumas até antes – a aparência. Por isso, seu título “Transformação em 5 horas” seduz e produz sentidos diversos acerca dos efeitos causados pelos cuidados da aparência. Escrito em letras grandes e, centralizado, separando o “antes” e o “depois” dos cuidados dispensados, o enunciado “OS EFEITOS DA IDADE NO ROSTO PODEM SER ATENUADOS POR UM BANHO DE SÃO DE BELEZA”. O enunciador de *Veja* continua mostrando que os efeitos do envelhecimento podem ser modificados, dependendo apenas da atitude de cada indivíduo.

O caderno já mostrou vários fatores que contribuem para amenizar as marcas da idade. Esse enunciador se dirige para o público feminino, especialmente aquele grupo que não se sente bem com as marcas da idade, porém esse enunciador não vai atingir a todas as mulheres que estão insatisfeitas com os efeitos do envelhecimento, posto que nem todas as leitoras têm condições de fazer as transformações que a acupunturista Márcia Cirne. Mas certamente os resultados da atitude de Márcia são bastante sedutores.



Figura 19. Fonte: revista Veja, 15 de julho de 2009

O enunciador de *Veja*, de forma pedagógica, mostra todos os cuidados que as leitoras devem observar e seguir suas orientações para conseguir boa aparência. Além de destacar as dicas da consultora de moda Charla Krupp que mostra conselhos de como ser jovem por mais tempo. Conselhos esses que estão no quadro abaixo.



Figura 20. Fonte: revista Veja, 15 de julho de 2009

Os conselhos produzem efeitos de um discurso de autoridade, pois além de consultora de moda é autora do livro que tem como título “*Como não parecer velha*”, chamada que deve produzir efeitos de sentidos para um público bastante amplo.

Para credibilizar os conselhos de Charla Krupp, o enunciador mostra a imagem de duas atrizes famosas que procuram, através da maquiagem, melhorar a aparência.



Figura 21. Fonte: revista *Veja*, 15 de julho de 2009

E conseguem. Por isso o enunciado em destaque “QUANTO MAIS IDADE, MELHOR”. Ressaltando, também, o valor da experiência. Assim, a revista apresenta uma imagem positiva do envelhecimento natural. A expressão escrita em letras grandes e na cor azul chama a atenção das leitoras para o fato de que essas mulheres estão envelhecendo com alegria e bem-estar.

A sétima reportagem que trata a questão da longevidade nesse caderno de *Veja* evidencia as mudanças positivas que ocorreram nas cirurgias plásticas, os avanços que as novas técnicas de cirurgia plástica apresentam atualmente, contribuindo para melhorar a aparência da mulher. O título “*Chega de puxa-estica*” está interpelando diretamente a leitora, em forma de alerta, parada que o enunciador ordena que as leitoras façam através da forma verbal “chega”, evidencia um diálogo direto entre enunciador e enunciatário. Essa fala marca a posição de fala do enunciador, bem como a posição do enunciatário (as leitoras), ou seja, o enunciador conhece bem o seu público leitor, por isso fala com tanta ênfase.

As marcas linguísticas “A plástica do século XXI” têm função marcante na produção de sentidos propostos pelo enunciador. Pois as marcas linguísticas utilizadas pelo enunciador propõem efeitos de sentido relacionados a um determinado contexto, visto que os sentidos não estão prontos, mas como afirmou Araújo (2000, p.120) os sentidos “são produzidos em cada ato verbal, na co-presença dos sujeitos, embora a ele não se restrinjam”. Pois o contexto social e histórico influencia na produção de sentidos. Portanto, a marca linguística “do” que antecipa o substantivo “século XXI”

mostra o lugar de fala do enunciador, bem como o contexto histórico e social de ocorrência da cirurgia plástica, apontando para um novo século, novas posições.

Ao afirmar que “*Rosto excessivamente esticado, denunciando a cirurgia, é coisa do passado*”, o enunciador evidencia um fator negativo nas cirurgias feitas anteriormente e remete para uma prática positiva atualmente. Esses sentidos dialogam com propositos no enunciado “*As novas técnicas de cirurgia estética preservam parte das rugas e da flacidez. O objetivo é deixar o rosto mais natural*”, os pressupostos linguísticos marcados nesse enunciado mostram a posição do enunciador, qual seja a negatividade das cirurgias plásticas de outrora e a positividade das práticas cirúrgicas modernas. O pressuposto “mais” antecedendo a marca linguística “natural” evidencia sentidos de que as cirurgias plásticas anteriores eram menos eficazes que as de então.

Algumas vezes se presentificam nessa matéria, confirmando o ato enunciativo, a saber: a voz dos médicos cirurgiões plásticos Luiz Eduardo Abla e Natale Gontijo de Amorim. Essas vozes marcam que os discursos são espaços de confrontos, que determinam posições sociais e ideológicas. Essas vozes reforçam a voz do enunciador.

Os modos de dizer do enunciador servem como estratégias de sedução, forma de aproximação enunciador\leitor. O enunciador ao usar o verbo no imperativo “Chega”, logo no título da reportagem marca-se como enunciador pedagógico, o que dá continuidade ao elencar como acontece a cirurgia plástica do século XXI.

O uso de imagens também é uma forma discursiva de sedução do leitor. No caso da reportagem em análise, o enunciador usou a imagem da atriz Sônia Braga e Barbara Eden como estratégia de convencimento. A imagem de Sônia Braga representa os resultados positivos da cirurgia plástica realizada nos dias de hoje.



Figura 22. Fonte: revista Veja, 15 de julho de 2009

A imagem da atriz que está enquadrada de modo a ocupar basicamente todo o espaço da página. Essa imagem é fator marcante na produção de sentidos. O olhar da atriz, fixo, sério e firme para o leitor é um pressuposto de que ela está segura com os resultados obtidos através da cirurgia. Sobreposto à imagem de Sonia Braga, aparecem as vantagens da plástica do século XXI produzindo sentidos de que esses efeitos estão reproduzidos na aparência de Sonia Braga. E para confirmar mais ainda os discursos do enunciador, está a foto de Sonia Braga quando bem jovem, sem intervenção cirúrgica, evidenciando que seus traços jovens permanecem.

Já a imagem da atriz Bárbara Eden representa os resultados negativos das cirurgias plásticas de tempos anteriores. O enunciador usa a mesma estratégia que usou para mostrar os resultados da cirurgia plástica em Sônia Braga – traz a foto de Bárbara de antes e depois da cirurgia, traços totalmente diferentes são evidenciados na aparência de Bárbara.

A diferença dos traços da imagem de Bárbara jovem e idosa são marcantes e mostram a negatividade das técnicas da cirurgia plástica antiga, pois a cirurgia plástica a que se submeteu a atriz deixou marcas irreversíveis, como podemos perceber na imagem de Bárbara Eden. Um rosto envelhecido, sem vivacidade, nem tão pouco jovialidade, depois da cirurgia.

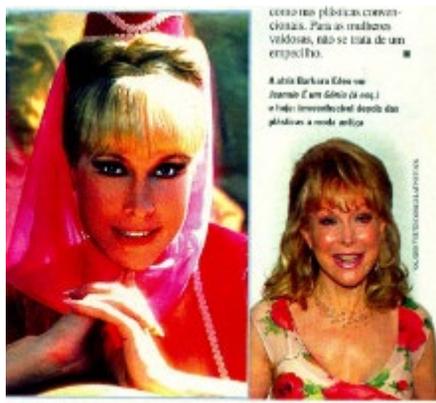


Figura 23. Fonte: revista Veja, 15 de julho de 2009

O enunciador constrói uma imagem de si como meio de comunicação comprometido com seu público leitor, pois mantém um contrato de fidelidade ao apresentar a opção de escolha para seu leitor.

A oitava reportagem apresentada no caderno especial “LONGEVIDADE” de *Veja* “*A hora certa da plástica*”, encontramos um enunciador que apresenta um discurso de autoridade, visto que dialoga com seus enunciatários a partir de uma entrevista onde quem fala é alguém que tem estudos específicos sobre cirurgia plástica. A revista traz uma linha de pensamento bem próxima do que foi discutido nº 07 desse mesmo caderno. Esses enunciadores estão em dialogismo, posicionando-se enquanto sujeitos discursivos. Segundo Bakhtin (2006, p. 27), “o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva”.

Percebemos nessa reportagem que mais uma vez se presentifica um enunciador que tenta seduzir o leitor, levando-o a acreditar que existe o momento certo de fazer uma cirurgia plástica.

Segundo Robert Rey, “um médico tem de saber identificar se a cirurgia é necessária ou não, inclusive, rejeitar o paciente.” O cirurgião plástico defende que existem outras formas para se conseguir uma aparência jovial, nem sempre a solução é a cirurgia plástica. Mais uma vez esse enunciador de *Veja* dialoga com outros enunciadores evidenciados nesse estudo.

O enunciador interpela, dialoga com leitor, apresentando as razões para se analisar bem a hora de fazer uma cirurgia plástica em busca das causas que favoreçam o rejuvenescimento. No momento em que apresenta essas causas, indica através do enunciado-título, bem como das repostas dadas que existe a “hora” certa de fazer uma cirurgia em prol de rejuvenescer.

Na penúltima abordagem de *Veja* no caderno “LONGEVIDADE” a qual aborda o tema da vida longa, o enunciador se marca de forma diferente das demais reportagens presentes nesse caderno. *Veja* traz as discussões acerca do envelhecimento por meio de um artigo de Manoel Carlos. O escritor discorre sobre o que é o envelhecimento hoje e o que foi no século XIX.

O título “Viver” escrito em letras grandes, destacadas em cor rosa e vermelha chama atenção do leitor, pois remete a efeitos de sentidos positivos acerca do tema envelhecer.

O escritor marca sua fala através da heterogeneidade marcada, presente na intertextualidade que faz dos sentidos proposto pela palavra “Viver” com o sentido de viver para alguns poetas da literatura brasileira, que devido ao contexto social em que estavam inseridos, viver largamente era um milagre. O escritor faz uma relação intertextual, também, a evolução do homem. Por meio da imagem dos idosos em processo de evolução de aumento de expectativa de vida longa e saudável. Essa imagem representa as grandes conquistas do homem moderno em relação à longevidade. O homem conseguiu, por meio dos avanços da medicina e da tecnologia, aumentar os dias de vida, com qualidade, vindo a ter vida longa e saudável. Segundo Manoel Carlos essa é uma realidade possível a todos “*Vida longa e feliz para todos!*”

A última discussão proposta no caderno “LONGEVIDADE”

de *Veja* acerca do processo de envelhecimento traz a dieta alimentar como aliada ao envelhecimento saudável. O título “*A prova que faltava*” produz efeitos de sentidos sobre os avanços da ciência no prolongamento da juventude.

As marcas enunciativas “a prova que faltava” com a presença do verbo no pretérito imperfeito do indicativo é um pressuposto linguístico que evidencia que a ciência já tem outras provas, outros estudos que comprovam a eficiência da dieta alimentar no favorecimento do prolongamento da vida. O enunciador se dirige ao enunciatário insinuando que se o enunciatário tinha dúvidas, agora não deve mais ter, pois há comprovação científica dos benefícios da dieta alimentar. O substantivo “prova” encerra qualquer dúvida que o leitor tenha.

O subtítulo da reportagem comprova, através das marcas linguísticas que a ciência já tem prova suficiente para afirmar que a redução de calorias prolonga a vida-. Nesse trecho, “menos comida, mais vigor” percebemos os discursos do enunciador que acredita que a alimentação saudável favorece ao homem mais dias de vida com prazer e alegria.

A multiplicidade de vozes presentes no texto marca as forças sociais que atuam nos efeitos de sentidos.

Esse caderno mostra, de forma bem ampla, várias formas de abordar o tema do processo de envelhecimento. Usou diferentes gêneros textuais a fim de atingir seu público leitor. O caderno é um resumo de todos os temas trabalhados em outras reportagens de *Veja*, bem como de *Época* a respeito do tema envelhecer.

REPORTAGEM 09

No caso da nona reportagem analisada, refere-se ao envelhecimento no Japão, país onde a cada ano cresce mais o número de velhos.

A reportagem que traz o título “*O Trofeu que encolheu*” nos remete a uma leitura interdiscursiva. Considerado como um país que tem uma população com grande percentual de velhos, sempre incentivou as pessoas a envelhecer o que levou a ser um país que já

apresentou uma expectativa de vida das maiores do mundo. Tem cultura milenar de premiar as pessoas centenárias.

As marcas linguísticas apresentadas no título “*O trofeu que encolheu*”, escritas em letras grandes marca um sujeito discursivo que vê uma mudança negativa no que se refere ao processo de envelhecimento. O enunciador ao utilizar estas marcas deixa implícita a noção de que houve uma mudança na forma do governo valorizar as pessoas que chegam aos cem anos de idade, não porque o Japão deixou de reconhecer o valor que é chegar a viver cem anos de vida, mas por conta do país ter atravessado uma queda paulatina nas taxas de natalidade, a população de idosos tem aumentado consideravelmente, cresceu tanto que para o governo continuar premiando como fazia anteriormente, com ouro e prata, terá gastos muito altos, resultando em prejuízos. Esse discurso está dialogando com o que está escrito à direita da imagem “corte de gastos”. O que mostra que o prêmio para os centenários não tem mais a pompa de outrora, visto que a população de longevos cresce em disparada no país, com perspectiva para um número de velhos em 2020 de 12 670 como podemos verificar no gráfico abaixo o qual mostra o crescimento da população de longevos no Japão.



Figura 25. Fonte: revista Veja, 12 de agosto de 2009

No subtítulo da reportagem, “*O Japão, cuja população envelhece mais rapidamente no mundo, economiza na festa anual que homenageia os centenários*”. Se presentifica um enunciador que vê um Japão como um país competitivo e que essa competição de certa forma influenciou positivamente no crescimento da população

idosa no país.

Culturalmente, se pensava no Japão como o lugar em que envelhecer era acumular saberes e experiências, assumindo por isso a importância de um consultor, alguém sempre solicitado para dar conselhos e dizer o que fazer diante de qualquer situação. Com isso os brasileiros eram levados a acreditar que a terceira idade neste país era respeitada e admirada. Porém um artigo da revista *Veja* veiculado no dia 12/08/2009 compromete essa romântica ideia. Conforme esse artigo intitulado “Um troféu que encolheu”, o enunciador apresenta uma crise sofrida pelos idosos japoneses. Logo no subtítulo o Japão é apresentado como um país que muda seus valores, procurando economizar na festa anual que homenageia os centenários.

A imagem da japonesa que aparece na reportagem é apresentada na 3ª zona de visualização da página. Esta imagem é um fator marcante na produção de sentidos. Um ponto que nos chama atenção é a vivacidade de seu olhar. Firme e para frente, aparentando disposição, equilíbrio e força. A seriedade de seu rosto parece demonstrar decepção e/ou preocupação pela mudança da premiação que antes tinha àqueles que completavam cem anos.



Figura 26. Fonte: revista *Veja*, 12 de agosto de 2009

A imagem da centenária em posição de levantamento de alferes chama a atenção do interlocutor. Os alferes nas mãos dessa japonesa representam a força e equilíbrio que tem o povo Japonês. Mostra através do gráfico o aumento da expectativa de vida do ja-

ponês a cada dia, tornando o Japão um país de idosos. A imagem também transmite calma e passividade.

A imagem da centenária dialoga, também, com o gráfico, posto que as curvas do gráfico mostram como cresce a população de idosos no Japão e a mulher da foto na posição em que se encontra inclui a mulher dentro dessas condições de crescimento.

No enunciado “*A TURMA DOS LONGEVOS*” escrita na cor verde mostra o vigor e o frescor que possui o grupo de pessoas com cem anos no Japão. Essa cor representa, ainda, que a esperança de crescimento dessa turma é que cresça mais e a cada ano. Mais uma vez esse fato pode ser comprovado pelo gráfico disposto. O enunciador se comporta como um enunciador estatístico, ao apresentar através de gráfico, a rapidez com que cresce a população velha no Japão, corroborando o texto escrito na matéria jornalística “O trofeu que encolheu.”

Na construção da imagem de si de *Veja*, essa matéria sobre longevidade releva um enunciador que informa seu leitor sobre as questões que dizem respeito ao envelhecimento, chamando atenção para a relação que há entre envelhecimento, taxas de fecundidade, taxas de natalidade, aumento de população, decréscimo da população e expectativa de vida. A revista programa um leitor curioso em saber todas as informações que dizem respeito ao envelhecer, questões essas que dizem respeito não só ao envelhecimento no Brasil, mas também em outros países. Assim, a revista permite um leitor capaz de se posicionar frente ao tema do envelhecimento.

O enunciador tem, a priori, o perfil de seu interlocutor, tem uma relação de proximidade com esse interlocutor, pois o leitor se aproxima do enunciador através do ideológico que está presente nos textos, definindo o lugar desse leitor. Assim, podemos dizer que o leitor dessa reportagem é um leitor que se insere na situação de envelhecimento ou se preocupa com todas as questões que tratam do envelhecer. O ideológico presente em cada texto, seja ele escrito ou imagético, determina a posição de cada leitor.

Vale ressaltar mais uma estratégia enunciativa presente nes-

sa reportagem. A disposição da imagem da japonesa sobre a taça (símbolo do prêmio) de quem chega aos cem anos disposta intencionalmente. Como todo discurso é uma prática social, a relação que existe entre essa imagem e os sentidos produzidos mostra que o grupo dos longevos japoneses vive de olho nesse prêmio.

Nesta reportagem, o enunciador não faz referência nenhuma a doença ou mal-estar do idoso japonês, o que nos faz inferir que o país incentiva à longevidade, dando condições para que esse idoso tenha vida saudável.

REPORTAGEM 10

Chegar aos 50 com corpinho, e o resto, de trinta? Recursos estéticos não faltam. Difícil mesmo é não passar 1dos limites



Figura 27. Fonte: revista Veja, 16 de setembro de 2009

ELAS SÃO UM ÓTIMO EXEMPLO...

Assim como na reportagem 07, onde a preocupação da revista era com questões relacionadas à beleza, a reportagem agora em análise vem, também, tratar a questão do envelhecimento pelo

viés da beleza (estética). Esta reportagem de 16 de setembro de 2009 seduz as leitoras não só pelo enunciado-título, mas também, pela imagem das mulheres famosa que apresenta. O enunciador se dirige diretamente para o público feminino. As estratégias enunciativas utilizadas pelo enunciado marcam ideologicamente seu público leitor.

Com a indagação “*Chegar aos 50 com corpinho de 30?*”, o enunciador interpela diretamente a leitora, deixando implícita a ideia de que isso é possível, depende apenas da atitude de cada leitora. Esse enunciador tem a convicção de que suas leitoras têm esse desejo. É como se ao fazer essa indagação estivesse esperando a resposta das mesmas dizendo sim. Então ele responde “*Recursos estéticos não faltam. Difícil mesmo é não passar dos limites*”. Há nesse enunciado a presença de dois enunciadores, um (E1) que tem consciência dos avanços da tecnologia estética que contribui no processo de rejuvenescimento e “beleza”. E outro enunciador (E2) que marca sua fala defendendo a ideia de que muitas mulheres abusam dessas tecnologias e ao invés de melhorar a aparência física, piora, ele afirma que a variedade de técnicas que contribuem para mascarar as marcas de envelhecimento são tantas que as mulheres se descontrolam e abusam excessivamente dessas técnicas.

O enunciador usou como estratégia enunciativa a imagem de personalidades famosas que vai reforçar os sentidos de beleza que se propõe a passar. O uso dessa imagem tem uma intenção na produção de sentidos, pois segundo Pinto (1999, p.38), “a caracterização de personagens públicos, obtida por meio da escolha da foto, recorte, escolha de bordas coloridas, colocação de textos e legendas com determinadas características tipográficas, para criação de iconografias é uma constante na mídia”. O *Close* das mulheres da reportagem demonstrando jovialidade, elegância, bem-estar e, acima de tudo beleza, apresentando leveza nos gestos, vivacidade e brilho no olhar, faz a diferença, é uma operação enunciativa que contribui significativamente para a persuasão do público alvo.

O enunciador dessa reportagem mesmo sem expressar explicitamente, deixa claro que as mulheres que se cuidam chegam aos cinquenta anos belas e saudáveis, basta ter os cuidados neces-

sários. Ao afirmar “*Elas são um ótimo exemplo...*” o enunciador deixa implícito, que Elle, Demi Moore, Sharon Stone e Carine Roitfeld encontraram a “chave” do rejuvenescimento. A escolha das celebridades da reportagem foi uma estratégia enunciativa que serviu como reforço para os sentidos propostos pelo enunciador. A imagem das celebridades está centralizada, tomando basicamente toda a página e, conseqüentemente chamando a atenção das leitoras.

De fato as mulheres da reportagem são bonitas e de atitude. Enquadradas de frente para as leitoras interagem com o leitor pelo olhar firme, vibrante e cheio de vida, bem como pelo sorriso estampado no rosto. É como se estivessem chamando as leitoras para seguirem seus exemplos, corroborado pelo dizer do enunciador ao afirmar que elas são ótimo exemplo.

Um fato que nos chama atenção, enquanto estratégia de produção de sentidos é o modo como essas mulheres se posicionam. A perna de todas elas está em posição de equilíbrio e segurança. Com uma perna à frente, em posição de caminhada (desfile) marcando a elegância, a jovialidade que elas têm, bem como mostra que elas acreditam que ainda estarão nessa situação por muito tempo. Essa posição em que colocam a perna representa que confiam no charme, na sua beleza e elegância que têm, são firmes e fortes.

A foto de Elle MacPherson está de frente para os interlocutores, assim como todas as outras. Perto dos 50 anos de idade, tem jovialidade de 30. Encara a leitora de frente com um sorriso exuberante, o preto do seu vestido representa a ausência de insegurança, bem como o poder que exerce entre as mulheres no que se refere à beleza feminina. Já Demi Moore optou pela cor azul, o que representa que sua mente e corpo estão em ordem, é jovem e espirituosa. A cor escolhida pela atriz demonstra a segurança de sua beleza e jovialidade. Sharon Stone optou também pela cor preta como o fez Elle MacPherson. Como essa cor favorece a autoanálise, inferimos que a atriz elegeu o modelito curtinho porque tem segurança e autoconfiança da boa forma de seu corpo, não que as demais também não tenham, mas Sharon Stone resolve deixar clara a sua segurança em relação ao seu corpo. Ela se posiciona como

se estivesse interpelando a leitora de frente, acreditando que chegará muito mais longe com a mesma elegância e jovialidade. Ela tem um olhar firme e inquietor, assim como Elle MacPheeson. Já Carine Roifeld se mostrou bem mais ousada com idade superior a das demais, mostra sua ousadia e jovialidade pela forma como se veste. Nada convencional, optou pelo colorido estilo “oncinha” que demonstra luxo e sensualidade aos cinquenta e quatro anos de idade. Enquadrada de lado para dá destaque ao detalhe de sua roupa que deixa à mostra a boa forma de suas pernas. Com um sorriso carismático demonstra segurança a autoconfiança.

Ainda em diálogo com as marcas enunciativas “ELAS SÃO UM ÓTIMO EXEMPLO... vem a idade de todas elas, logo abaixo do nome de cada uma. Escrito na cor vermelha, detalhe que nos chama atenção, posto que essa cor não foi escolhida de forma aleatória. Primeiro chama a atenção do interlocutor, segundo, demonstra altivez de todas elas, bem como representa a energia física que cada uma aparenta ter, remetendo para sexualidade, a força de vontade e senso de autoestima. Todas essas qualidades podem ser percebidas no olhar e na disposição física de todas elas.

...E ELAS, NEM TANTO ASSIM



Figura 28. Fonte: revista Veja, 16 de setembro de 2009

O EXCESSO DO EXCESSO

*Veronica, Donatella e Cristina:
Maquiagem demais, boca demais, pele
lisa demais. Sem falar no cabelão*

O enunciador apresenta às leitoras a outra “face” que a busca pelo rejuvenescimento pode trazer. Destaca o rosto de mulheres, também, famosas que não “felizes” nas intervenções estéticas que fizeram. O que constrói sentidos de que a mulher deve ter muita cautela ao decidir fazer qualquer procedimento estético, avaliando anteriormente o que deseja com o procedimento e o que pode acontecer depois de sua realização. Como adverte o cirurgião plástico Ricardo Marujo “*Um lifting pode refrescar o rosto, mas não transformar uma mulher feia em uma mulher bonita. Ela ficará muito melhor, mas a beleza natural ajuda 200% no envelhecer bem*”.

Neste enunciado percebemos a presença de dois enunciadores de lugares de fala diferentes. Um enunciador (E1) que defende os meios de se conservar a juventude, através de tratamentos estéticos e, um enunciador (E2) que defende a importância da beleza natural no processo de envelhecimento saudável. Defende os cuidados e limites que a mulher deve respeitar quando pretende fazer tais tratamentos. Percebemos neste enunciado uma arena de disputa pelos sentidos que podem seduzir o leitor, as forças sociais na voz dos enunciadores.

Podemos perceber, ainda, nas marcas linguísticas “...E ELAS, NEM TANTO ASSIM” que o enunciador, mesmo que implicitamente, constrói a imagem de Veronica, Donatella e Cristina como mulheres que fracassaram na busca pela beleza e juventude. Ao contrário, conseguiram exagerar de tal forma que conseguiram uma aparência “feia” em exageros. Abusaram dos disponíveis, perderam o controle, noção que corrobora o trecho do enunciado do subtítulo da reportagem “*Difícil mesmo é não passar dos limites*”. O enunciador, nesse trecho faz um alerta às leitoras: que tomem cuidado e vejam até onde podem ir para melhorar a aparência e retardar as marcas da idade.

Um fato marcante na imagem das três mulheres é que nenhuma encara o interlocutor totalmente de frente, como se estivessem inseguras, por isso têm um olhar distante e no caso, especialmente de Veronica, até meio triste. Cristina é a que mais aponta um sorriso mais aberto, além ter um olhar mais próximo do leitor, talvez pela função que desempenha na sociedade em que está inserida.

Veronica, em meio sorriso, aparentemente triste e olhar distante e absorto, demonstra preocupação e descontentamento. O caído de seus cabelos também contribui para a leitura feita. O enunciador compreende que as intervenções a que se submeteu Veronica não deram muito certo, como é confirmada pela voz do médico Farid Hakme ao dizer que “*Ela é o cúmulo da mal operada: encheu demais os lábios, fez os olhos, mas não retirou direito as bolsas, pode até ter feito um lifting, mas já caiu tudo. O rosto está murcho e há preenchimento em excesso.*” Neste caso, a imagem da reportagem é construída a partir da junção da linguagem verbal com a linguagem não verbal culminando para a produção de sentidos do texto como um todo.

Assim como Verônica, Donatella, também, não fixa diretamente o olhar para o interlocutor. Mas com um sorriso mais solto transmite a noção de que ela é uma mulher mais segura de si, apesar dos exageros. O exagero da cor do cabelo, amarelo dourado, demonstra sua esperança em continuar jovem.

O enunciador que em alguns momentos age pedagogicamente, através de seus discursos, interpela, mais uma vez a leitora de forma bem direta, quando faz o seguinte questionamento: “Por que, dispondo de vastos recursos e acesso aos maiores especialistas, umas conseguem e outras não? Declara para o interlocutor que os procedimentos estéticos não são cem por cento confiáveis. Alerta mais uma vez os interlocutores para analisarem cada situação. Pois cada caso têm suas particularidades.

Algumas vozes se presentificam confirmando o pensamento do enunciador como a voz dos cirurgiões Ricardo Marujo, Carlos Fernando Gomes de Almeida, Fábio Carramaschi e Farid Hakme, bem como Juha Antero, especialista em cabelos. Estas vozes marcam a heterogeneidade dos discursos presentes nos textos midiáticos, visto que cada fala, cada enunciação é lugar de uma multiplicidade de vozes. Essa multiplicidade de vozes presente no texto denuncia a posição dos diferentes enunciadores marcados nos enunciados.

A imagem de si de “*Veja*” construída através de seus discursos é de um meio de comunicação que não tem apenas a função

informativa, mas com atenção procura orientar os leitores dos passos que devem tomar quanto à conservação da juventude. Torna-se um meio de comunicação com intenção educativa. Tem uma atitude de alerta para com seus interlocutores. Pois cria a imagem de interlocutor (o tu) disposto a encontrar meios para conservar a juventude, em alguns casos sem se preocupar com os problemas que as intervenções estéticas podem trazer a aparência física e até mesmo a saúde. Os valores ideológicos desses interlocutores estão presentes na postura que tomam diante da “necessidade” de se sentir jovens.

A revista cria um vínculo de confiança com as leitoras, posto que apresenta as vantagens e desvantagens da cirurgia plástica. Esse enunciador busca um vínculo com a leitora por meio de referências a partir dos discursos de autoridade, citando o nome de uma atriz brasileira, Suzana Vieira, que se encontra em estado “incrivelmente” bem conservada aos sessenta e sete anos de idade. Esta referência é uma forma de aproximação entre enunciador e enunciatário, visto que como as demais personalidades citadas na reportagem não são brasileiras e a revista em análise é de circulação nacional, o nome de Suzana Vieira deve chamar a atenção da leitora brasileira, situando-a no contexto social.

Os sentidos propostos nessa reportagem são de que para permanecer jovem, outras atitudes podem ser tomadas, além das cirurgias plásticas, a saber: cuidados com alimentação para não vir a engordar. O enunciador não se assume contra ou a favor da cirurgia plástica, apenas defende que é um procedimento que requer uma análise.

REPORTAGEM 11

A revista *Veja* volta a discutir sobre a questão da cirurgia plástica e antienvelhecimento, assim como trabalhou na reportagem analisada anteriormente, na revista de 16 de setembro de 2009. Também na secção “Beleza”, volta a discutir o tema nessa reportagem de 23 de junho de 2010. A cultura do antienvelhecimento é tema de discussões frequentes nos meios midiáticos. Pois a sociedade contemporânea tem dispensado grande parte de sua vida

em busca de soluções para não envelhecer. Conforme Vilar (2009, p). “A ideia do que é ser velho que povoa o imaginário social traz aquilo que é descartável, que não tem utilidade, que precisa ser modificado, isso é ser rejuvenescido”. Por isso a busca pelo rejuvenescimento. A autora acrescenta “a medicalização que a nossa sociedade vivencia atualmente disponibiliza remédio e solução para tudo, inclusive para a velhice...”. A afirmação de Vilar (2009) vem corroborar a noção que o enunciador tem do envelhecer – o ser humano envelhece se quiser e como quiser. Os discursos presentes na reportagem abaixo confirmam essa imagem de envelhecimento.

BELEZA

Você quer envelhecer ...

Quem pode e gosta de cuidar da aparência consegue cruzar os 60 muito bem – desde que respeite seus limites

...assim ... assim ...ou assim?



Figura 29. Fonte: revista Veja, 23 de junho de 2010

MAIS OU MENOS LISO

Variações sobre o bisturi: Brigitte, que nunca usou, Ursula, que usou demais, e Helen, que fez a coisa certa

O enunciador começa a interagir com o interlocutor a partir do enunciado-título “*VOCÊ QUER ENVELHECER... ASSIM ... ASSIM ...OU ASSIM?*”. Deixando claro que o interlocutor pode optar por

“envelhecer”, envelhecer bem, ou envelhecer mal. As reticências, estratégias enunciativas, marcam a hesitação do enunciador ao questionar o interlocutor. O enunciador interpela diretamente seu interlocutor que são as mulheres. Essa interpelação é feita através do enunciado escrito, bem como através de outras semióticas como a imagem das mulheres olhando diretamente para as leitoras.

A marca linguística “*você quer*” coloca a leitora como responsável pela maneira que vai envelhecer. Tem a escolha e\ou decisão nas mãos de como vai envelhecer. Como chegar aos sessentas é uma opção das leitoras. A marca linguística representada pelo pronome pessoal “*você*” deixa implícito que o enunciador conhece seu interlocutor e se posiciona diretamente para ele. Essa marca deixa implícita até certa “intimidade” com o público leitor, bem como certo respeito por essa leitora que é seu público alvo. Constrói a noção de que conhece muito bem essa leitora, por isso a interpela de maneira tão direta, questionando-a se ela quer envelhecer e como pretende envelhecer. O uso desse pronome, nesse contexto discursivo, aponta também para um alerta às leitoras: cuidado como vai chegar aos sessenta anos.

No enunciado que se encontra disposto no subtítulo “*Quem pode e gosta de cuidar da aparência consegue cruzar os 60 muito bem – desde que respeite os limites*”, o enunciador propõe ao enunciatário uma possibilidade de chegar bem aos 60. Entendemos que todo enunciado é construído a partir de forças sociais que remetem a questões históricas, culturais e sociais. Portanto, considerando o lugar enunciativo em que foi produzido o enunciado em análise, percebemos que nem todas as pessoas podem chegar aos 60 em boa aparência, visto que não podem se valer de meios que levam a isso. É importante ressaltar que o enunciador ao utilizar o pronome interrogativo “*Quem*” marca o enunciatário que vai atingir: apenas aqueles que têm condição financeira e\ou física para fazer cirurgia plástica, assim o enunciador não atinge a todos aqueles que estão envelhecendo, visto que nem todos que passam pelo processo de envelhecimento têm condições de fazer intervenções cirúrgicas e chegar bem aos 60 por esse meio.

Outra estratégia enunciativa utilizada pelo enunciador para

delimitar o seu público Foi o uso da marca linguística “*gosta*”, ou seja, ficaram de fora desse processo não só àqueles que não podem, mas também aqueles que não gostam de intervir na conservação da juventude por meios cirúrgicos. Muitos preferem envelhecer naturalmente, assumindo todas as marcas da idade e nem por isso são menos felizes. Exemplo desse grupo é Brigitte Bardot que optou por envelhecer naturalmente – “*a beldade francesa que hoje, aos 75 anos, expõe todas as rugas e manchas de quem não passou pelo bisturi*”.

Neste enunciado, percebemos que o enunciador constrói uma imagem de que quem se cuida tem a possibilidade de viver mais, posto que não afirma que quem se cuida chega aos 60, mas sim cruza os 60, ou seja, passa por ele, vive mais e melhor, desde que tome as atitudes corretas. Não basta apenas se cuidar, mas cuidar-se corretamente, observando as limitações do organismo. Nesse trecho há, assim como na reportagem analisada anteriormente, uma posição de alerta do enunciador. Preocupado com seu interlocutor mostra as vantagens de se cuidar dentro dos limites possíveis. A conjunção adversativa “*desde que*” mostra que existe uma condição para conseguir viver mais e melhor.

Estas marcas enunciativas, referidas anteriormente, são estratégias de interação entre enunciador e enunciatário. Parecem está dialogando diretamente enunciador e enunciatário. Haja vista, o uso que o sujeito enunciativo faz da linguagem tem uma relação direta da visão que esse sujeito tem de si, do seu interlocutor e do mundo em que estão inserido.

O uso de cores enquanto estratégia de enunciação é frequente nos discursos de textos midiáticos, por isso, nessa reportagem a cor azul presente no enunciado: **Você quer envelhecer...assim ... assim ...ou assim?**, nos chama atenção, posto que essa cor remete a noção de calma, clareza mental, tranquilidade e segurança. O que traduz o sentimento que as três mulheres possuem sobre sua condição de “velhas”, cada uma escolheu envelhecer de forma diferente, mas parecem tranquilas com os resultados, mesmo no caso de Ursula Andress que exagerou um pouco nas intervenções plásticas. Outro aspecto enunciativo que, também, nos chama

atenção é a diagramação que foi utilizada para destacar a idade das personalidades. Números escritos em letras garrafais bem destacadas e na cor branca, o que demonstra sinceridade nas referidas idades.

As fotos de Brigitte Bardot, Ursula Andress e Helen Mirren foram enquadradas de frente, numa zona de visualização privilegiada, sendo chamada principal para o olhar do interlocutor. A imagem das três é um fator marcante na produção de sentidos sobre o processo de envelhecimento.

Primeiro o enunciador pergunta à leitora se deseja envelhecer assim como Brigitte Bardot, com rugas e dependendo de uma bengala, o que marca a posição de envelhecimento que Brigitte assume. Não demonstra arrependimento por não ter tentado conservar a juventude através de cirurgias plásticas. Apesar das rugas apresenta traços de vaidade, o que reforça a ideia de que é satisfeita com a escolha que fez, usando sapatos com saltos, calça comprida com blazer e acessórios como colar mostra que procura está vestida conforme sua idade. A cor azul de sua roupa mostra a segurança que Brigitte tem de sua condição de velha.

O enunciador propõe outra posição para as leitoras: envelhecer como Ursula Andress. Em busca da juventude, por meio de plásticas, correndo o risco de ficar “deformada”, perdendo seus traços naturais. Enquadrada de frente, Ursula encara a leitura com firmeza, não demonstra insatisfação pela sua aparência. Vestida de forma jovem, não aparenta os 74 anos que tem. A cor preta de sua roupa mostra que Ursula tem consciência de sua idade. Um fato marcante na foto de Ursula é que sua imagem está à frente de muitas pessoas e logo atrás de sua foto aparece uma jovem olhando fixamente para Ursula. Isso mostra que ela chama atenção de alguma forma, seja pelas roupas, vestida de James Bond, ou pelos exageros das intervenções plásticas.

O enunciador ao produzir um discurso deixa enumeráveis marcas nos textos produzidos, seja ele elaborado numa linguagem verbal ou elaborado por meio de outras semióticas. Faço essa referência considerando o modo que o enunciador de *Veja* apresenta Helen. É importante percebermos a ênfase que ele dá “*OU ASSIM?*”

corroborando com o restante do texto, essa ênfase mostra que o enunciador defende a escolha de Helen. Helen tomou todos os cuidados para conseguir o aspecto jovial aos 64 anos de idade. Ela demonstra segurança e equilíbrio, bem como confiança. A pose de elegância sustenta nossa afirmação. Helen harmoniza todo o seu visual: acessórios, roupa penteado, tudo contribui para expressar sua jovialidade. A cor prata que está usando no vestido representa o equilíbrio de suas atitudes.

O enunciador mantém um vínculo com as leitoras revelado nas formas de dizer do suporte de comunicação *Veja*. Essas formas de dizer aproximam ou distanciam o público leitor.

A revista constrói uma imagem de si como entidade que se preocupa com o bem-estar de suas leitoras, mostra que conhece os desejos do seu público leitor. Pois percebe suas leitoras como mulheres antenadas e preocupadas em continuar jovens e bonitas.

Existe um entrelaçar de vozes presente na reportagem confirmando a voz do enunciador de *Veja*, dentre elas destacamos a voz da cirurgiã plástica Bárbara Machado, do cirurgião plástico Volney Pitombo e do cirurgião plástico Paulo Muller. Estas vozes promovem polêmica na opinião dos discursos, haja vista a multiplicidade de ponto de vistas, o que deixa a leitura consciente das vantagens e desvantagens de se decidir fazer uma cirurgia plástica.

Para finalizar a discussão sobre o como envelhecer proposto pelo enunciador de *Veja*, é destacada a imagem de Raquel Welch. Enquadra de frente, na 3ª zona de visualização da reportagem, a imagem de Raquel interpela diretamente o leitor, com olhar fixo e firme encara o enunciatário. Sua imagem mostra que chegar aos 69 anos, jovem e bonita é só uma questão de determinação. Os sentidos produzidos a partir da imagem de Raquel são importantes na construção da noção de envelhecimento proposta pela revista, um ponto que nos chama atenção é a posição de suas pernas. Uma à frente da outra mostra o equilíbrio e segurança que Raquel tem.

A posição de sua mão suspensa sobre a cintura representando elegância e altivez. Raquel apresenta pele viçosa e bem cuidada, sinal positivo de seus cuidados para conservar a juventude. A

forma como Raquel está vestida representa, também, jovialidade e elegância. Em pé, em cima de um tapete vermelho, demonstra autoestima e liderança no lugar onde pisa, conquistas que provêm dos cuidados com a beleza. Abaixo da foto de Raquel, escrito na cor azul aparece “*Barbie aos 69*”, dizer que confirma a ótima forma em que se encontra Raquel. A referência à boneca Barbie não deixa mais dúvida para a leitora de *Veja* de que é possível envelhecer muito bem, com aparência de “boneca”.



Figura 30. Fonte: revista *Veja*, 23 de junho de 2010

BARBIE AOS 69

**Raquel: postura de quem gosta
do que vê no espelho**

REPORTAGEM 12

A décima segunda reportagem analisada traz um título sedutor “**UM BRINDE À VIDA LONGA**”. Divulgada na seção geral de *Veja* de 20 de outubro de 2010, traz o tema Longevidade para discussão. Diferentemente das duas reportagens anteriores que tratam da questão do envelhecimento relacionado à estética, essa reportagem vem discutir as descobertas da ciência acerca da longevidade.

O título dessa reportagem sugere que houve alguma descoberta e\ou novidade que favorece a vida longa, descoberta essa que merece um brinde. Culturalmente temos o hábito de brindar quando em comemoração a uma vitória. Posto que as marcas linguísticas “UM BRINDE” nos remete a um discurso hegemônico de que o brinde representa comemoração. No caso dos sentidos produzidos no título da reportagem a vitória de uma chance à longevidade, aliada ao prazer. Essa noção está implícita no desejo de muitos, por isso, o enunciador envolve as pessoas a partir desse título. Afinal, quem não deseja viver muito e bem?

Partindo do enquadramento do discurso, o título, compreendemos que o enunciador dessa reportagem direciona seus discursos a todas as pessoas que desejam viver muito, indiferentemente de sexo.

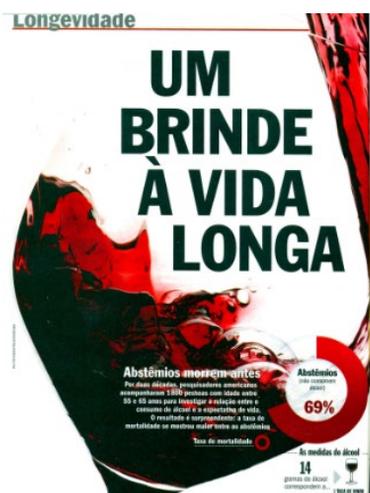


Figura 31. Fonte: revista Veja, 20 de outubro de 2010

Enquadrada em posição de brinde, a taça de vinho traz sentidos marcantes. O enunciado “UM BRINDE À VIDA LONGA” está disposto como se estivesse saindo de dentro da taça, o que enunciativamente constrói a noção de que uma taça de vinho pode contribuir para se adquirir vida longa. Outro aspecto que chama nossa atenção é que o enunciado a que nos referimos está escrito em letra maiúscula, bem destacado e na cor verde. Mais uma vez o enunciador se utiliza de estratégias enunciativas que possibilita

a construção de diversos sentidos. A cor verde no contexto desse enunciado está representando, além da esperança, a perseverança dos pesquisadores em descobrir a relação que há entre o álcool e a longevidade.

Nessa reportagem encontramos um enunciador preocupado em apresentar ao leitor, em forma de gráfico, os resultados de pesquisas acerca das vantagens e desvantagens do consumo do álcool no prolongamento dos dias de vida. Ao apresentar onde e como negativamente atua o uso excessivo do álcool e os benefícios da bebida de forma controlada, o enunciador de *Veja* se comporta como um enunciador pedagógico que procura enumerar os resultados da pesquisa, alertando seu leitor para os problemas causados pelo álcool. Vale ressaltar que esse enunciador é movido pelas forças sociais que agem em seu contexto social, posto que essa reportagem dialoga com outras de edições anteriores que, assim como essa, discutiram questões relacionadas ao uso do álcool como benéfico à saúde, assim nessa reportagem o enunciador já “brinda” à essas descobertas.

Outro aspecto que nos chama atenção nessa reportagem são as técnicas utilizadas pelo enunciador no tratamento à imagem as quais definem as posições enunciativas. A taça está enquadrada meio virada (propondo a ideia de um brinde) e dentro dela estão as marcas linguística “UM BRINDE À VIDA LONGA”, pressuposto de que o álcool na proporção certa contribui para uma vida longa e prazerosa. A escolha da posição da taça certamente tem a ver, intertextualmente, com o modo como brindamos em comemoração a alguma coisa. Pois “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” (BAKHTIN, 2003, p272). Com letras destacadas, em negrito sobreposto a taça há, também os seguintes dizeres: “*Abstêmios morrem antes*”, marcas que pressupõem que aqueles que bebem vivem mais. O operador enunciativo “antes” marca a posição ideológica do enunciador que defende o valor positivo do álcool no organismo humano.

O enunciador deixa claro para o leitor que muitas pesquisas, durante muitos anos foram feitas para se chegar a essa conclusão: “*Por duas décadas, pesquisadores americanos acompanharam 1800*

peças com idade entre 55 e 65 anos para investigar a relação entre o consumo de álcool e a expectativa de vida. O resultado é surpreendente se mostrou maior entre os abstêmios”. Ao mostrar, por meio dos gráficos, a relação entre a taxa de mortalidade e a quantidade de álcool consumida pelos participantes da pesquisa, o enunciador mostra seu lugar de fala, ampara o seu discurso em dados concretos.

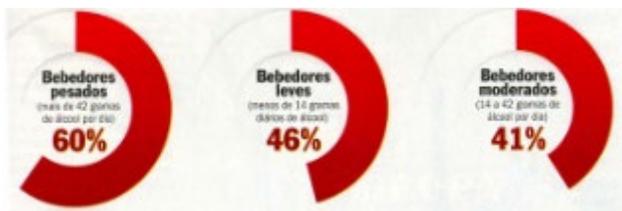


Figura 32. Fonte: revista Veja, 20 de outubro de 2010

Os gráficos trazem a porcentagem das descobertas na cor vermelha, o que serve de alerta aos leitores, requer cuidado e demonstra que as pesquisas não estão encerradas.

Centralizado com letras grandes e em negrito o enunciado “O mais longo estudo já feito sobre o consumo de álcool a estatística de que os bebedores vivem mais do que os abstêmios. Isso não é sinal verde da medicina para encher a cara. É um enigma que vai merecer ainda muita pesquisa” interpela o leitor de forma direta.

O operador enunciativo “mais longo” deixa claro para o leitor o pressuposto de que outros estudos já foram feitos a respeito das consequências do álcool no organismo humano, relacionando a expectativa de vida, mas nenhum tão consistente quanto esse. Porém, o enunciador tem a preocupação, mais uma vez, de alertar o leitor para a segurança do resultado da pesquisa. Faz uma referência à semiologia das cores “*não é sinal verde*”. Hegemonicamente “sinal verde” constrói a noção de está livre, por isso o advérbio de negação “não” pressupor o cuidado que o leitor deve ter acerca do consumo do álcool, confirmando que mais estudos precisam ser feitos para assegurar de fato o leitor: “É um enigma que vai merecer ainda muita pesquisa”. Nesse trecho aparece um enunciador que não confia nos resultados divulgados pela pesquisa.

A forma verbal “vai merecer” produz sentidos de inseguran-

ça para o leitor, os pesquisadores ainda não entraram em consenso a respeito da positividade ou negatividade do consumo do álcool, mas os resultados até então são satisfatórios, o que não significa fechado: “É um enigma”. As escolhas lexicais do enunciador mostram seu ponto de vista ideológico. Pois segundo Miotello (2005, p.169), “todo signo representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa boa ou má, positiva ou negativa, o que o signo coincidir com o domínio do ideológico”. O lugar de fala do sujeito enunciativo marca seu ponto de vista a partir de posições sociais históricas e culturais.

Nesse sentido, o enunciador procura marcar sua posição ideológica no enunciado através das marcas linguísticas que utiliza no enunciado “Os malefícios do excesso de álcool... e os benefícios de beber com parcimônia.” A cor vermelha aponta para os males que o álcool pode causar ao organismo. À esquerda da figura que representa o corpo humano, esse enunciado vem apontando justamente os locais onde o álcool atua de forma negativa. A pontuação usada pelo enunciador (...) representa a interrupção de pensamento dele que logo em seguida é completado com outro pensamento, positivo, do uso ao álcool. Essas reticências representam uma forma de interpelar o leitor. Segundo Chacon (1990, p.161), “os sinais de pontuação mostram-se como marcas enunciativas do processo de escrever, revelando aspectos rítmicos desse processo, bem como da atividade do escrevente de organizar sua produção gráfica e de, simultaneamente, marcar-se como sujeito da escrita.” O azul do enunciado representa, ainda que, o álcool acalma e tranquiliza. Em controvérsia ao discurso hegemônico de que o álcool é comprovadamente prejudicial à saúde.



Figura 33. Fonte: revista Veja, 20 de outubro de 2010

Outra estratégia enunciativa utilizada pelo enunciador é a imagem de duas pessoas, um homem e uma mulher, consumindo álcool, estas estratégias, vem confirmar que os efeitos do álcool não são os mesmos para todos, a exemplo, muda do gênero feminino para o masculino.

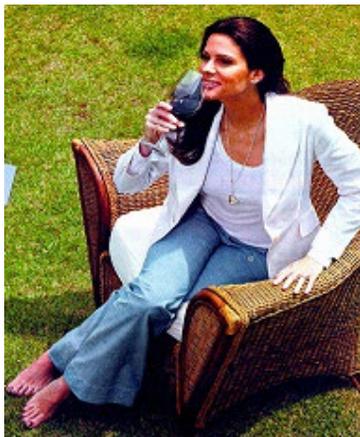


Figura 34. Fonte: revista *Veja*, 20 de outubro de 2010

A foto de uma mulher com uma taça de vinho, taça na mesma posição da taça de chamada da reportagem, constrói a imagem de que o hábito de tomar uma taça de vinho é saudável. A foto da mulher está enquadrada de frente para o leitor, em posição privilegiada de visualização. Demonstra satisfação e tranquilidade ao tomar o vinho. Com um sorriso estampado no rosto, Carla Godinho, retrata bem-estar. O branco de sua camisa dialoga com os sentidos propostos pelo enunciador que o consumo do álcool pode ser saudável. Essa cor remete ao pressuposto de que as pesquisas são confiáveis, verdadeiras. O tratamento dado à imagem de Carla Godinho é uma estratégia de enunciação utilizada pelo enunciador com a intenção de dar ênfase aos sentidos propostos.

Mais uma vez a imagem aparece como estratégia enunciativa empregada pelo enunciador de *Veja* como produção de sentidos. A imagem do cirurgião vascular Marcelo Cury aparece como um discurso de autoridade. Posto que Marcelo Cury como médico, acredita nos benefícios que o álcool traz para o organismo, por isso está, assim como Carla Godinho, consumindo álcool e com aparência

de saúde e bem-estar. O olhar firme, fixo e altivo de Marcelo para o leitor, interpela-o diretamente, agindo como forma de sedução. A mão do médico apontando para o copo de cerveja é uma forma de convite ao leitor para acompanhá-lo. A voz do médico fortalece a voz do enunciador de *Veja* que acredita nos benefícios do álcool “*Como médico, sei ela tem os mesmos efeitos benéficos para a saúde que o vinho*”.

A polifonia é marcada nos textos através do entrelaçar de vozes que se presentificam nos discursos de *Veja*. Há a voz de um enunciador institucional representado pelas Universidades do Texas e Stanford responsáveis pelas pesquisas, marcadas na fala de Rudolf Moos. A voz médica representada pelo cardiologista Robert Kloner, psiquiatra Ronaldo Laranjeiras e por Marcelo Cury. Estas vozes fortalecem a voz do enunciador.

A imagem de si que a revista *Veja* constrói é de um meio de comunicação atuante, preocupado com a saúde e bem-estar de seu leitor. Constrói a imagem de um leitor que gosta de consumir álcool como forma de lazer, então a revista, ao publicar os malefícios e benefícios que o álcool causa no organismo humano cria um vínculo de cumplicidade com seu leitor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, confirmamos que a linguagem enquanto discurso é interação, é um modo, podemos assim dizer, de produção e transformação social, uma forma de ação entre as pessoas de todas as idades. A proposta metodológica baseada nos preceitos de Pinto (1999; 2002) nos proporcionou fazer a análise comparativa dos textos midiáticos aqui em evidência, observando as marcas linguísticas e outras semióticas materializadas nesses textos, produzindo sentidos diversos.

Os discursos referentes ao processo de envelhecimento aparecem na mídia efetivamente, conduzindo o leitor ao reconhecimento de novos sentidos de envelhecer. Observamos, nessa pesquisa, que a mídia impressa, representada aqui pelas revistas *Veja* e *Época*, por meio de sua discursividade dialoga com seu público leitor, independente de faixa-etária, num jogo de persuasão e de identificação. O jogo de sentidos produzidos pelas imagens analisadas atua de forma a constituir e reproduzir identidades, interferindo nas práticas sociais e influenciando no (re) direcionamento dos sujeitos sociais, influenciando na maneira de ser e agir de cada um.

Análise das marcas linguísticas, bem como de outras semióticas presentes nas reportagens analisadas nos permitiram inferir que a mídia, ao falar sobre o processo de envelhecimento procura seduzir pessoas com idade superior a 50 anos, mais próximas da aposentadoria, interferindo em suas ações fazendo-as cúmplices dos efeitos de sentidos.

Encerramos a discussão dessa pesquisa afirmando que a velhice é uma condição social. A posição dos sujeitos que se encontram em processo de envelhecimento é resultado de práticas sociais, bem como de discursos que são veiculados nos suportes midiáticos. As matérias analisadas, através da neutralidade dos enunciadores e dos resultados das pesquisas de alguns institutos, destacam a necessidade do ser humano em procurar a forma adequada ao seu organismo para prolongar seus dias de vida com saú-

de, jovialidade, prazer e confiança.

Verificamos, ainda, que o veículo de comunicação aqui evidenciado para a realização do estudo proposto, revistas *Época* e *Veja*, apesar de ter como foco principal reportagens de cunho geral e informativo, preocupam-se também com assuntos como comportamento, saúde, estética, alimentação, afeto, dentre outros. No caso, do tema referente às velhices e aos envelhecimentos é tratado nas revistas não só como informação geral, mas como discursos que levam o leitor a refletir sobre sua imagem frente à imagem do outro, tomando a linguagem como referência para agir enquanto sujeitos envolvidos enunciativamente nos discursos.

Nas nossas análises, pudemos perceber que atualmente, os discursos das referidas revistas estão voltados para o envelhecimento do ser humano de forma geral, não discriminando o assunto para alcançar mais diretamente homens ou mulheres. A preocupação das revistas é mostrar à população humana que envelhecer não é sinônimo de doença ou mal-estar como culturalmente foi disseminado por anos e anos, mas dá ênfase ao tema do envelhecimento saudável, considerando que os avanços na ciência, na medicina e na tecnologia proporcionaram ao homem do século XXI ampliar os dias de vida com saúde e bem-estar.

Outrossim, percebemos que as duas revistas, em determinados contextos, procuram influenciar no comportamento de seus leitores por meio da linguagem e dos dispositivos de enunciação. Trabalham temas semelhantes, na maioria, relacionados à beleza e ao bem-estar. Os mesmos temas foram trabalhados pelas duas revistas, mesmo que em meses diferentes, estando sempre em dialogismo, o que comprova a disputa pelo espaço entre os leitores. As análises nos proporcionaram perceber que há uma grande preocupação das revistas com o processo de envelhecimento, pois apresentam à sociedade formas de rejuvenescimento. Ademais, percebemos que a revista *Veja* tem uma preocupação mais intensa com questões relacionadas à estética, o que não a impediu de fazer referência a outros aspectos referentes ao tema envelhecer.

A partir das propostas de análises feitas, foi possível constatar que as estratégias utilizadas nas operações de enunciação e

na construção dos discursos das revistas analisadas contribuem, consideravelmente, para a formação de identidades dos leitores, pois verificamos que os sujeitos enunciativos das reportagens analisadas procuram construir imagens positivas do envelhecer, colocando sempre a questão do envelhecimento como um processo necessário e saudável. O ser considerado velho é apresentado como alguém capaz de viver bem e feliz no seio da sociedade, desenvolvendo atividades de forma bem ativa. A abordagem dada ao tema deixa inferir, também, que as duas revistas analisadas, no período observado, deram maior ênfase à busca de uma fórmula para se conseguir envelhecer com saúde e prazer.

As duas revistas tentam apresentar, através das discussões de temas relacionados ao envelhecimento, à população sentidos de ser “velho” sem marcas de doenças ou melancolia, mesmo utilizando operações enunciativas diferentes, as duas revistas levam ao seu público leitor, formas de viver mais e de maneira saudável.

Pudemos concluir que tanto a *Veja* quanto a *Época* produzem discursivamente uma imagem positiva sobre o velho com sessenta anos ou mais. Os enunciativos das duas revistas posicionam-se favoráveis a se procurar meios de envelhecer com saúde e prazer. Por isso, percebemos que tanto uma quanto a outra apresentam inúmeras formas de se procurar chegar aos sessenta e cinco anos ou mais com aspectos e atitudes de jovialidade.

Podemos confirmar que as revistas analisadas têm grande papel relevante na sociedade, enquanto suporte midiático, haja vista que a construção de valores ideológicos, de papéis sociais variados e de comportamentos distintos, encontrados nas reportagens das revistas, é reflexo do comportamento de nossa sociedade.

Ressaltamos, outrossim, que os resultados alcançados nessa pesquisa, por meio das análises dos discursos veiculados pelas revistas, não são fechados, pois devido aos amplos estudos na produção de sentidos encontrados na materialidade discursiva das reportagens, apresentamos como resultado apenas um olhar parcial da realidade. Deixamos, assim, a nossa pesquisa aberta a críticas e sugestões.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARAÚJO, I. **A reconversão do olhar**. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2000.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: LIMA, L. C. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- BERNARDES, H. **As fontes da longevidade**: previna e desacelere seu envelhecimento para ter uma vida longa e saudável. São Paulo: Academia, 2010.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução Isabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Paulo: Clara Luz, 2008.
- FOUCAULT, M. A. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2007.
- GONÇALVES, R. P. **Envelhecer bem**: recriando o cotidiano. São Paulo: Aquariana, 2010.
- GUIMARÃES, L. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: AnnaBlume, 2000.
- GONÇALVES, Z. C. O novo mundo do passa cartões e aperta botões. In: NEGREIROS, T. C. de Góis (Org.). **A nova velhice**: uma visão multidisciplinar. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 9. ed. Campinas-SP: Papirus, 2005.

- LAGNEAU, G. **A sociologia da publicidade**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- LE MOS, M. T. T. B.; ZABAGLIA, R. A. (Org.). **A arte de envelhecer**. Rio de Janeiro: Ideias & Letras, 2004.
- MONTEIRO, P. P. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MORAES M.; BARROS, de L. **Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.
- MÜLLER, C. A.; GIARETA, G. **O discurso publicitário e o envelhecer**. Intercon, 2008.
- NEGREIROS, T. C. de Góis (Org.). **A nova velhice: uma visão multidisciplinar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.
- NERI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2008.
- OLINO, R. Quem é o idoso hoje? In: BERTELLI S. B. (Coord.). **O idoso não quer pijama! Aprenda a conhecer e como tratar esse novo cliente**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas-SP: Pontes, 2008.
- PINTO, M. J. **As marcas linguística da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do Português**. Rio de Janeiro: Numen, 1994.
- _____. Semiólogia e Imagem. In: BRAGA, J. L. (Org.). **A encenação do sentido**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.
- _____. A imagem e seus mitos. In: **Pré-textos**. Revista Eletrônica da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pretextos>. Acesso em: 10 nov. 2005.
- _____. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hacker, 1999.
- REVEL, J. Foucault. **Conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Pio-

vezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos-SP: Clara Luz, 2005.

SARDINHA, B. T. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SOBRINHO, H. F. da S. **Discurso, velhice e classes sociais**. Maceió: UFAL, 2007.

SKINNER, B. F.; VAUGHAN, M. E. **Viva bem a velhice**: aprendendo a programar a sua vida. 6. ed. São Paulo: Summus, 1983.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2005.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Vida Útil

Gastronomia | Turismo | Saúde | Tecnologia | Dinheiro

EDIÇÃO LUCIANA VICÁRIA
e-mail: vidautil@edglobo.com.br

ESTÉTICA

Como adiar as rugas

Já é possível controlar o envelhecimento da pele. O segredo? Cuidados precoces e técnicas pouco invasivas

UMA CONSTATAÇÃO científica dramática encheu de culpa quem abusa do sol e confia no poder de recuperação dos cosméticos: a vida que se leva – e não a genética – é responsável por 80% das rugas que vão marcar o rosto até o fim da vida. Essa é uma das conclusões do último congresso da Academia Americana de Dermatologia, que aconteceu no mês passado nos Estados Unidos. O encontro reuniu pesquisadores do mundo inteiro e nele não faltaram dicas para quem deseja chegar aos 50 anos com uma pele de 30. Sobraram, porém, evidências de como o sol, estresse, cigarro, exercício físico pesado, alimentação inadequada e emagrecimento rápido aceleraram o aparecimento de rugas (*ilustração na página 107*). Os produtos indicados continuam os mesmos, mas a forma de manipulá-los está sendo aprimorada. As pesquisas revelam como aplicar toxina botulínica de modo a alterar minimamente a expressão facial. A toxina é indicada para relaxar os músculos que vinculam a pele quando há movimentos da face. Mal aplicada, porém, ela pode deixar as pessoas com uma expressão estranhamente catatônica.



A ARTE DE ANTECIPAR
Rosto de uma modelo adolescente de 16 anos. O melhor tratamento é o cuidado que antecede as rugas, ainda na infância

Foto: Frank Schwere/Getty Images





A boa notícia do congresso é que está cada vez mais fácil manter o controle sobre o envelhecimento da pele. “Já é possível chegar aos 50 anos sem marcas profundas e pele flácida – mesmo quando a genética não colabora”, diz Flavia Addor, da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD). O segredo é começar na infância. O efeito cumulativo da exposição solar responde por 90% da destruição provocada pelo ambiente. Evitar os horários mais quentes e se proteger com filtro solar ainda é a dica mais relevante dos dermatologistas.

As marcas do tempo - e do sol

As principais rugas do rosto e como elas são tratadas

1 | Frontais da testa

Ruga característica da expressão facial. Pode ser amenizada com cremes com retinóides, que ajudam na produção de colágeno, e toxina botulínica, em casos de marcas mais profundas

2 | Rugas entre as sobrancelhas

É comum em homens antes dos 40 anos. São estáticas ou de expressão. Em geral, são tratadas com cremes à base de retinóides e toxina botulínica

3 | Pé de galinha

A mais temida pelas mulheres surge a partir dos 15 anos. Ocorre pelo movimento da expressão facial e pelo desgaste das estruturas da derme. O tratamento varia de LED a cirurgia plástica

4 | Rugas da pálpebra inferior

Aparecem primeiro em pessoas que têm a órbita (olheira) mais profunda ou a área inchada por problemas respiratórios, como sinusite. Melhora com retinóides, no início

5 | Bigode chinês

É uma ruga estática causada por perda óssea, atrofia muscular, perda de gordura e alterações da derme. É resultado de um envelhecimento total da pele. Trata-se com ácido hialurônico

6 | Código de barra

Causada pelos movimentos da boca, é pior entre as pessoas que fumam, que repetem o movimento de bico. O tratamento mais comum é com toxina botulínica

7 | Linha de marionete

É uma continuação do bigode chinês. As causas e o tratamento são iguais

Já existem produtos que ajudam a retardar – e até substituir – a perda natural de gordura, músculos e estrutura óssea do rosto. Mas aí vale a regra: rugas iniciais (linhas finas) são mais fáceis de ser tratadas – e o resultado é melhor. Saber reconhecê-las é o primeiro passo para atuar enquanto é tempo. Há dois tipos de ruga: as de expressão, que ocorrem em áreas de contração muscular, e as estáticas, sulcos que aparecem com o rosto relaxado, como o bigode chinês (ilustração à esquerda). No primeiro caso, o tratamento pode ser à base de toxina botulínica. Nas

rugas estáticas, usa-se o ácido hialurônico. A novidade é que rugas recentes respondem bem ao uso do LED (um tipo de luz que estimula a produção de colágeno).

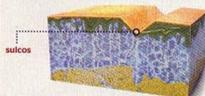
“É possível que duas mulheres que se queixem de pés de galinha recebam diagnósticos diferentes”, diz a dermatologista Érica Monteiro, da SBD. “Vai depender da cor de pele (as mais morenas manham com o laser), da idade da paciente (jovens respondem aos cremes) e de características da pele, como cicatrização ruim, o que pode inviabilizar uma cirurgia.”

RAIO X DA PELE

A estrutura interna da pele preservada e enrugada



A pele saudável tem estrutura uniforme. Não há perda de fibras elásticas, colágeno e ácido hialurônico, que sustentam a pele



Com a ação do tempo e de agentes externos, como o sol, há morte celular e formação de sulcos na pele que se refletem na epiderme

OS ALIADOS DAS RUGAS

Os seis grandes vilões – e como eles agredem a pele



Sol Causa dano às células da pele e acelera o envelhecimento



Cigarro Diminui a vascularização e acelera a morte celular cutânea



Exercício pesado O exagero leva à oxidação da pele e à liberação de radicais livres



Alimentação inadequada A pele sofre com a falta de vitaminas e antioxidantes



Estresse Libera radicais livres que envelhecem a pele antes do tempo



Emagrecimento rápido A pele não se reestrutura com a perda de gordura

Os segredos de cada idade

Especialistas ensinam a adiar para depois dos 50 anos – ou mesmo evitar – as intervenções radicais na pele



De 0 a 20 anos
Proteção solar diária, baixa exposição ao sol e uso de cremes hidratantes



De 20 a 30 anos
Cremes hidratantes com proteção solar, retinóides, vitaminas A e C e descamações



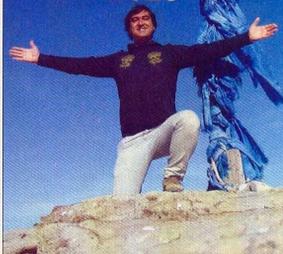
De 30 a 40 anos
Hidratantes com proteção solar, aplicações de LED e laser, em casos graves



De 40 a 50 anos
Proteção solar, hidratantes, ácidos de preenchimento e toxina botulínica

Fotos: Frank Schwero/Getty Images

DESCUBRA POR QUE TUDO ISSO É SEU



Com seu texto leve, bem-humorado e envolvente, Zeca Camargo descreve os monumentos, as riquezas culturais e naturais de cada região, mas, acima de tudo, ele conta a história de pessoas que vivem nos **Patrimônios da Humanidade**.

Já nas livrarias ou pelo site www.globolivros.com.br



GLOBO
MULTIMÍDIAS
EDITORA
GLOBO



Vida longa e cheia de remedinhos

Mais idosos, mais doenças crônicas, mais custos. O Brasil enfrentará esse desafio e também a tentação de adotar novas, maravilhosas e caras tecnologias

Cristiane Segatto

Uma difícil equação precisa ser enfrentada

Os brasileiros estarão mais velhos e sofrerão de doenças que necessitam de tratamento contínuo. Novas tecnologias – como drogas modernas e análise do genoma – serão exigidas pela sociedade. Como pagar a conta?

Na próxima década, o Brasil enfrentará três desafios na saúde: cuidar de uma enorme população de velhos, manter sob controle várias doenças crônicas e fazer as duas coisas sem quebrar os cofres públicos nem o bolso dos contribuintes. Em 2020, as pessoas com mais de 60 anos serão 14% da população (atualmente são 10%). Viveremos mais – o que é um sinal de que as condições de saúde melhoraram. Mas passaremos muitos desses anos extras sofrendo de doenças crônicas – o que não é tão animador. Cuidar da saúde ficou mais caro e complexo. Para o

sistema de saúde isso é ruim. Antigamente, bastava dar antibióticos e despachar os doentes para casa. Havia dois desfechos possíveis: eles saravam ou morriam. Na próxima década, será cada vez maior o contingente de pessoas que precisarão de cuidados médicos e remédios caros para o resto de uma longa vida.

É possível, porém, que a sociedade consiga se preparar para a nova realidade. “Sou otimista”, diz Luiz Roberto Ramos, professor de medicina preventiva da Universidade Federal de São Paulo. “Há 20 anos, quando começamos a apontar o desafio de cuidar de uma população idosa, as pessoas ainda achavam que o Brasil seria um país jovem para sempre”, diz. “Hoje, os governos reconhecem o problema e estão se preparando para isso.” Ramos afirma que as unidades básicas de saúde precisarão se reestruturar para atender idosos. Com famílias cada vez menores, haverá menos gente para cuidar dos velhos em casa. Se não tiverem onde buscar ajuda, vão sobrecarregar os prontos-socorros e comprometer o atendimento das urgências.

Em 2020, as principais preocupações de saúde serão a obesidade, os males cardiovasculares, o câncer e as doenças neurodegenerativas (Alzheimer, Parkinson etc.).

O CUSTO

Cuidar de uma população idosa que precisará de remédios caros por muito tempo será o desafio do Brasil. Veja o que é preciso investir até 2020 apenas para manter o nível de atendimento atual

OTIMISTA	Cenário	PESSIMISTA
5%	Se o crescimento médio anual do PIB for de	3,5%
10%	Se a inflação de gastos em saúde anual média for de	14%
5%	Se a inflação geral anual média for de	7%
8% Isso é o que o país já investe hoje	O Brasil precisará investir em saúde Somados os gastos do setor público e do setor privado	14% Isso é bem mais do que o país investe hoje

ENVELHECEREMOS

As projeções do quadro acima levam em consideração que a população estará mais velha

% da população acima de 60 anos em 2009



% da população acima de 60 anos em 2020



É possível que até lá a sociedade passe a valorizar medidas de prevenção, como alimentação correta e atividade física. Mesmo que isso ocorra, efeitos positivos não devem ser observados num prazo curto. Pense na obesidade. Hoje, 43% dos brasileiros estão acima do peso. Não há sinal de que a proporção cairá na próxima década. O problema avança entre os adultos e, o que é pior, entre as crianças. A obesidade produz eventos de controle custoso: diabetes, infarto, acidentes vasculares cerebrais, câncer, depressão etc.

Além das doenças crônicas que se tornarão mais frequentes (leia o quadro abaixo), sempre haverá o imponderável – o surgimento de vírus e doenças. “Há 30 anos achávamos que doenças infecciosas seria a gripe seriam controladas e o câncer seria o grande problema. Hoje, muitos tumores são curados e há pessoas morrendo com novas formas de gripe”, diz Florival Meião, da Associação Médica Brasileira.

De onde sairá o dinheiro para bancar o tratamento das doenças da próxima década? O professor Marcos Bosi Ferraz, do Centro Paulista de Economia da Saúde, oferece algumas projeções (leia ilustração abaixo) no livro *Dilemas e escolhas do sistema de saúde* (editora Medbook).

No cenário otimista – se o PIB brasileiro crescer 5% ao ano e a inflação também ficar em 5% –, o Brasil precisará continuar investindo em saúde 8% do PIB (somados os gastos dos setores público e privado). Esse é o valor necessário para manter o tipo de atenção à saúde de que dispomos hoje. Para melhorar a qualidade dos serviços e bancar novas tecnologias e drogas mais caras, será necessário gastar mais. Bosi acredita que em 2020 o Brasil estará investindo 11% do PIB em saúde. “A pressão social por melhores serviços e a tentação de consumo de novas drogas e tecnologias só vão aumentar”, afirma.

O ritmo de inovação será irresistível. É possível que a análise do genoma se torne tão corriqueira quanto um exame de sangue. Hoje é possível receber uma avaliação de risco genético para o desenvolvimento de dezenas de doenças por US\$ 1 mil. Mas a capacidade preditiva desses testes é muito limitada. O sequenciamento completo do genoma é oferecido por uma única empresa, a americana Knome. Pelo serviço, ela cobra a fortuna de US\$ 350 mil. Os especialistas preveem que o preço caia drasticamente. “Em dez anos, esses testes serão comuns e acessíveis”, diz o professor George Church, da Universidade Harvard.

Outra tendência que veio para ficar é a

Leia
reportagens sobre o impacto da análise do genoma e da medicina digital nos próximos anos em epoca.com.br

medicina digital. A maioria das pessoas busca na internet informações sobre sua doença antes de ir ao médico ou depois de sair do consultório. Na próxima década, acessar prontuários médicos pela internet ou pelo celular será algo comum. “Os hospitais brasileiros estão investindo em digitalização e se preparando para isso”, diz Henrique Salvador, presidente da Associação Nacional de Hospitais Privados. Em caso de emergência em qualquer lugar do planeta, o paciente terá acesso a suas informações médicas pela internet. Poderá também enviar facilmente todos os seus exames a qualquer profissional quando quiser ouvir uma segunda opinião médica. O futuro nos reserva ferramentas maravilhosas. Só o tempo dirá se elas atenderão nossas expectativas. E se o custo delas será compatível com a nova realidade da saúde brasileira. ♦

OS PROBLEMAS

Os males crônicos que causarão maior impacto em 2020

Obesidade 43% dos brasileiros estão acima do peso. Não há sinal de que o problema será amenizado na próxima década. Com isso, haverá mais casos de infarto, AVC e câncer

Câncer A estimativa para 2009 é de 460 mil casos novos no Brasil. O envelhecimento da população sugere que a doença será cada vez mais comum no país e em todo o mundo. Em 2020, haverá 16 milhões de casos no planeta

Doenças cardiovasculares Em 2020, elas continuarão a ser a principal causa de morte no Brasil. No mundo, haverá 160 milhões de pessoas incapacitadas por causa delas. 80% dos casos ocorrerão em países em desenvolvimento

Doenças neurodegenerativas O crescimento da população com mais de 80 anos tornará mais frequentes os casos de Alzheimer, Parkinson e outros males neurodegenerativos. O custo do tratamento vai aumentar

AS RESPOSTAS

As transformações na prática da medicina



DOUTOR DIGITAL
Prontuários médicos de cada paciente estarão disponíveis na internet. Eles poderão ser acessados pelo celular. A troca de opiniões entre os médicos será mais fácil



GENOMA PESSOAL
A análise do genoma poderá se tornar tão corriqueira quanto um hemograma. O preço da análise de DNA deverá despencar na próxima década



ANTIBIÓTICOS
A prescrição será muito mais restrita. A preocupação com o surgimento de superbactérias e a falta de drogas potentes tornarão seu uso mais racional



PREVENÇÃO
O discurso da prevenção será reforçado. Deverá crescer a consciência de que vale mais investir em atividade física e alimentação adequadas que em remédios

País das anciãs superpoderosas

A alteração do status da mulher vai liderar as mudanças de comportamento social no Brasil

Fernanda Colavitti

As pessoas estão acostumadas a pensar no próprio comportamento como uma questão de escolhas: elas são o que são e fazem o que fazem porque querem. Parece simples, mas a realidade é outra. Quando se olha para o país como um todo, e para os grandes movimentos demográficos em curso, percebe-se que opções individuais são influenciadas (se não determinadas) por um cenário mais amplo: o das grandes mudanças sociais. Para imaginar como se comportarão os brasileiros de 2020 – como serão as famílias, como serão os casamentos, como serão as relações entre jovens e entre os gêneros –, é imperioso entender que o país será moldado por três fenômenos de grande envergadura: a redução da taxa de natalidade, o aumento da longevidade e a preponderância das mulheres.

Um país com menos crianças, mais idosos e com mulheres mais numerosas e influentes – essa é, em grandes linhas, a cara do Brasil de 2020, pelo que se depreende dos dados e

das projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “O Brasil caminha para ser um país de pessoas mais velhas, com famílias menores e mais mulheres chefes de família”, afirma Ana Lucia Saboia, chefe da divisão de indicadores sociais do IBGE.

A redução e a transformação da família já são visíveis. Dez anos atrás, a família brasileira média tinha 3,6 pessoas. Atualmente, tem 3,2. Dentro de uma década, o núcleo social básico será ainda menor – e mais diverso. Uma tendência clara registrada pelos demógrafos é do casamento sem filhos. São os chamados Double Income, no Children (Duas Rendas, Nenhum Filho). Há cerca de 35 milhões de casais no Brasil, e, desses, 2 milhões já não têm filhos. Essa é uma tendência mundial que o Brasil está copiando. Da mesma forma, tende a crescer o número de divórcios e de casamentos entre pessoas já separadas. Os divórcios já somam todos os anos um quarto do número de casamentos, proporção que tem subido ano a ano desde 1984, quando o divórcio foi instituído no país. Simulta-



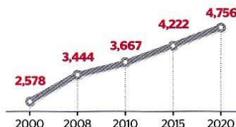
Brasil mais feminino, com outra atitude

A redução da natalidade, associada ao prolongamento da vida, vai criar um país de gente mais velha – sobretudo mulheres – que terá outro comportamento social

Fonte: IBGE, Projeção da População do Brasil – Revisão 2008

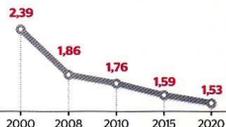
AINDA MAIS MULHERES...

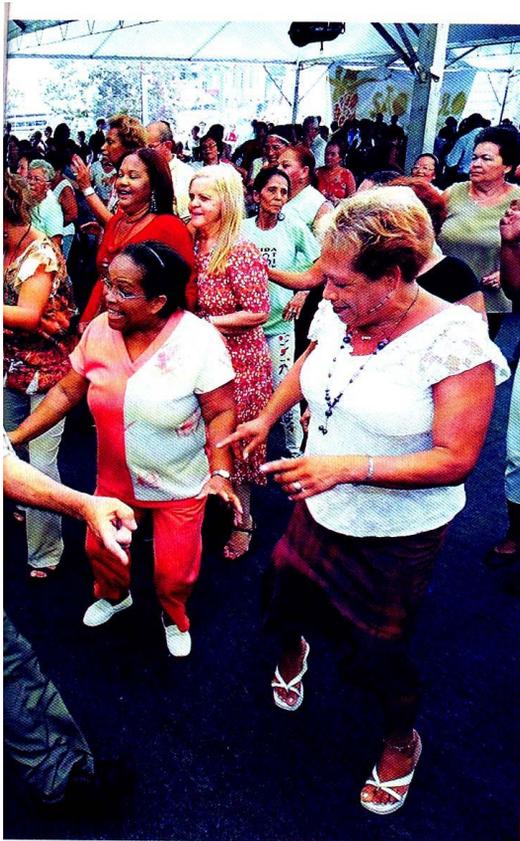
Excedente feminino na população brasileira – em milhões



...MENOS FILHOS POR MULHER...

A taxa de fecundidade vai continuar caindo – em filhos por mulher





ELAS PODEM
 Baile da terceira idade no centro de São Paulo. As mulheres serão maioria e viverão mais, com maior poder econômico

neamente, cresce o número de casamentos entre pessoas que já foram casadas. Eles já são 17%, dobraram na última década e, segundo os especialistas, tendem a dobrar de novo até 2020. "Atribuo isso a uma tolerância maior das pessoas que buscam o casamento. Houve uma ruptura com a ideia do casamento eterno", afirma Cláudio Crespo, gerente de estatísticas vitais e saúde do IBGE.

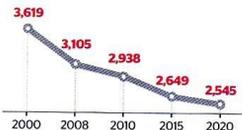
Outra mudança diz respeito aos homossexuais. Mudou a compreensão da sociedade brasileira desse fenômeno, que poderá aceitar o melhor não só na família, mas também na escola e no mercado de trabalho. "Daqui a dez anos haverá ainda mais respeito à diversidade sexual", afirma Maria Luisa Heilborn, doutora em antropologia sexual e coordenadora do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. "Digo respeito, e não tolerância, porque a palavra tolerar é fraca. O que se deseja é respeito."

Muitas das novas configurações na sociedade decorrem diretamente da emancipação feminina. A ascensão social das mulheres – que o historiador britânico Eric Hobsbawm já havia identificado como um dos grandes fenômenos do século XX – seguirá sendo uma das forças de mudança na primeira metade do século XXI. Cresce a independência feminina, aumenta sua presença no mercado de trabalho e sua escolaridade. Isso tudo influencia nas escolhas que elas fazem (e farão) na vida particular e afetiva. Das decisões das mulheres resultam taxas de natalidade menores – eram 2,39 filhos por mulher em 2000; será 1,53 filho por mulher em 2020 – ▶

Foto: Estúdio de Fotografia

...MENOS CRIANÇAS NO PAÍS...

Número de nascimentos por ano no Brasil – em milhões



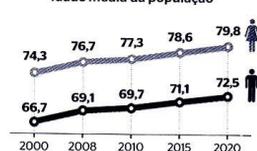
...UM BRASIL MAIS VELHO...

Número absoluto e percentual da população com mais de 65 anos



...ONDE AS MULHERES VIVEM MAIS

Idade média da população





SOLTEIRAS
Movimento dos Sem Namorados e sua marcha em São Paulo. Mais mulheres significa mais solteiras

e famílias menores. Mesmo o casamento, que costumava chegar para as mulheres por volta dos 24 anos, na próxima década deverá acontecer aos 28. “As mulheres não podem mais ficar em casa tendo filhos”, afirma Ana Sabaio, do IBGE. “Cada vez mais, elas vão trabalhar.”

Desse movimento de profissionalização feminina já resultou o crescimento do número de mulheres como principais provedoras das famílias. Trinta por cento dos lares brasileiros têm essa conformação econômica, uma tendência que tende a se fortalecer. Entre outras razões para que isso aconteça está o fato de que elas são maioria – em 2020, o excedente de mulheres em relação aos homens no Brasil será de quase 5 milhões – e, adicionalmente, vivem mais. Enquanto a expectativa de vida masculina será de 72 anos em 2020, as mulheres chegarão em média aos 80. Logo, temos pela frente um país com mais mulheres – que serão mais prósperas e mais velhas do que são hoje. Por pressão demográfica, é provável que cresça o número de mulheres solteiras no Brasil.

O que significa, para o comportamento dos jovens, uma sociedade de pessoas mais velhas e mulheres poderosas? A primeira mudança, óbvia, é a ampliação do contato entre gerações. No passado recente, muitas pessoas não conheciam os próprios avós. Agora, é comum que as crianças conheçam seus bisavós. No futuro, virão a conhecer seus tataravós. As crianças, muitas delas filhos únicos, receberão boa parte

do investimento e da atenção doméstica – mas terão, quando adultos, a imensa responsabilidade de cuidar de seus velhos em uma sociedade que não se preparou para isso. Se o modelo espanhol e italiano prevalecer no Brasil – como os demógrafos imaginam –, os jovens viverão mais tempo na casa dos pais, retardando o início da carreira e a formação da própria família. Encontrar trabalho será mais difícil.

Filhos únicos, criados em abundância de recursos, significam mais vida digital. Os relacionamentos sociais pela internet serão cada vez mais importantes – embora os instrumentos que o tornarão possível talvez nem tenham surgido. Poucos especialistas imaginam que dentro de uma década as pessoas usarão a internet por meio do computador e do celular. Mas certamente haverá uma internet. “As pessoas tendem cada vez mais a viver imersas no fluxo de informações”, diz o professor Silvio Meira, da Universidade Federal de Pernambuco. Os adolescentes e as crianças de hoje já estão desenvolvendo códigos de conduta e relacionamento próprios para a rede, com muito exibicionismo e pouco cuidado com a privacidade. Isso vai se acentuar: “Sim e não”, diz Raquel Recuero, professora da Universidade de Pelotas. “As pessoas vão se expor mais na rede, mas, gradualmente, vão descobrir que os limites da privacidade são importantes.” Espera-se que em 2020 a influência das redes de relacionamento digital sobre a vida social seja ainda maior. ♦

Filhos únicos, criados com abundância de recursos materiais, significam mais vida social na internet

O segredo da longevidade

Pela primeira vez, cientistas identificaram o conjunto de genes que nos faz viver mais. Seremos capazes de retardar nosso envelhecimento?

Marcela Buscato e Aline Ribeiro

A

gaúcha Olivia Franco da Silva faz questão de manter os costumes nutridos ao longo de seus 101 anos. Assim que acorda em sua casa em Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre, acende um cigarro. A única diferença é que ela trocou há 15 anos o fumo enrolado em palha, igual ao que roubava da mãe desde os 8 anos, pelos cigarros industrializados. Torresmo, ovo frito e linguiça fazem parte do seu café da manhã. “Se não tiver isso, ela não come”, diz Hevelin Ferreira, de 28 anos, uma de suas mais de 20 netas. Olivia não gosta de comidas “finas” – como chama o arroz e feijão feito com pouco óleo. Para ela, os alimentos devem ser preparados em banha de porco, como seus pais faziam quando moravam na roça. Nos finais de semana, Olivia não recusa uma dose de cerveja preta. Caipirinha só se for de cachaça artesanal, porque a industrializada “parece água de tão fraca”. Com seus costumes simples Olivia cruzou a fronteira dos 100 anos, o que só acontece com uma em cada 6 mil pessoas. Mais. Ela fez isso contradizendo a fórmula da vida longa prescrita pelos médicos: alimentação equilibrada, atividade física e uma existência livre de vícios. Apesar de seus hábitos pouco saudáveis, Olivia nunca foi internada nem toma remédios (diz se proteger com reza e chá caseiro). Não tem sequer colesterol alto. ►

O segredo da longevidade

Pela primeira vez, cientistas identificaram o conjunto de genes que nos faz viver mais. Seremos capazes de retardar nosso envelhecimento?

Marcela Buscato e Aline Ribeiro

A

gaúcha Olivia Franco da Silva faz questão de manter os costumes nutridos ao longo de seus 101 anos. Assim que acorda em sua casa em Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre, acende um cigarro. A única diferença é que ela trocou há 15 anos o fumo enrolado em palha, igual ao que roubava da mãe desde os 8 anos, pelos cigarros industrializados. Torresmo, ovo frito e linguiça fazem parte do seu café da manhã. “Se não tiver isso, ela não come”, diz Hevelin Ferreira, de 28 anos, uma de suas mais de 20 netas. Olivia não gosta de comidas “finas” – como chama o arroz e feijão feito com pouco óleo. Para ela, os alimentos devem ser preparados em banha de porco, como seus pais faziam quando moravam na roça. Nos finais de semana, Olivia não recusa uma dose de cerveja preta. Caipirinha só se for de cachaça artesanal, porque a industrializada “parece água de tão fraca”. Com seus costumes simples Olivia cruzou a fronteira dos 100 anos, o que só acontece com uma em cada 6 mil pessoas. Mais. Ela fez isso contradizendo a fórmula da vida longa prescrita pelos médicos: alimentação equilibrada, atividade física e uma existência livre de vícios. Apesar de seus hábitos pouco saudáveis, Olivia nunca foi internada nem toma remédios (diz se proteger com reza e chá caseiro). Não tem sequer colesterol alto. ►



Foto: Renato Stockler/Natalia/EPGA

A vida longa e saudável de Olivia não inspira só aqueles que não conseguem abdicar de seus pequenos pecados cotidianos. Para muitos cientistas, gente como ela guarda o segredo da longevidade. Por que essas pessoas, com tantos anos a mais, parecem ter menos problemas de saúde do que a maioria de nós – que, já no meio da vida, sofremos com hipertensão, colesterol alto, diabetes e doenças cardíacas? “Os centenários são um modelo de como envelhecer porque conseguem postergar o aparecimento de doenças”, diz o geriatra Thomas Perls, pesquisador da Universidade de Boston, nos Estados Unidos. “Cerca de 90% permanecem sem problemas de saúde pelo menos até os 93 anos.”

Na semana passada, Perls levou um grupo de cientistas ao mais próximo que a ciência já esteve de revelar o segredo da longevidade. Sua equipe publicou na revista científica *Science*, uma das mais importantes do mundo, uma análise da genética de 1.055 idosos entre 95 anos e 119 anos. Os cientistas investigaram o genoma dos centenários de Boston e arredores que integram um dos mais importantes projetos de pesquisa sobre envelhecimento, o New England Centenarian Study. Também participaram da análise genética idosos recrutados por uma empresa de biotecnologia americana.

Frente a frente com um grupo tão singular, os cientistas tiveram a chance de avaliar se a receita para uma vida longa estava escondida entre as letras químicas do nosso código genético. Eles compararam os genes encontrados nesses voluntários centenários aos genes de filhos de pessoas que morreram com menos de 73 anos. O resultado da pesquisa mostrou que o grupo de centenários compartilha cerca de 150 variações de genes, que seriam os responsáveis pela longevidade fora do comum – ou excepcional, como chamaram os pesquisadores.

Trata-se da vida longa, sem grandes problemas de saúde, experimentada pela brasileira Olivia e por vários velhinhos ou velhinhas que andam por aí. Se houver em desses em sua família, há bons motivos para comemorar, segundo o estudo liderado por Perls. A descoberta de genes mais frequentes entre as pessoas longevas mostra que, nesses casos, os fatores genéticos são mais importantes na determinação da duração da vida do que os ambientais (o tipo de alimentação e a prática de atividade

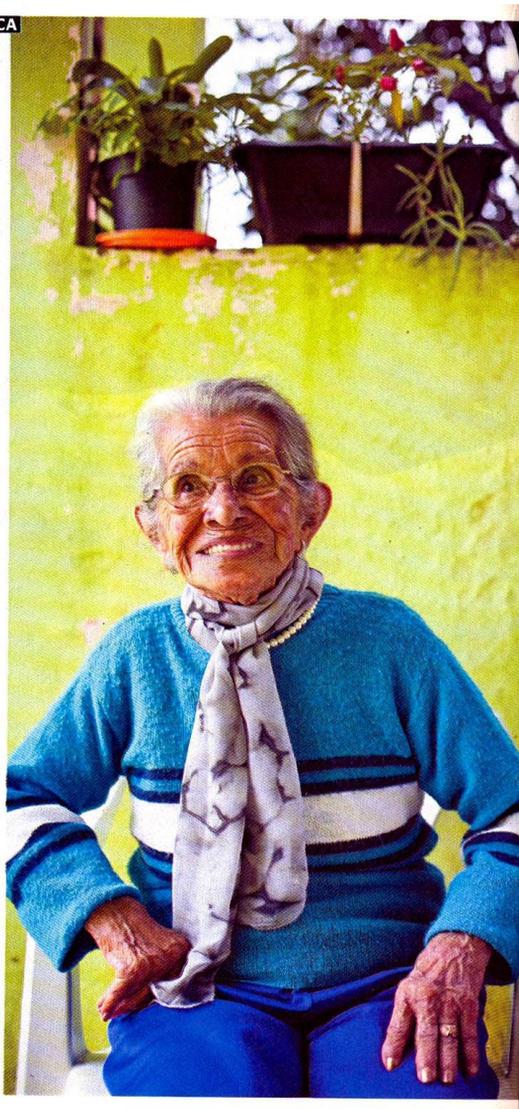


Foto: Ricardo J. Angier/EPOCA e Renato Stockert/Imagem/EPOCA



José Prado
94 anos

O aposentado paulista não gosta de cigarros e bebida. Passa longe de doces e refrigerantes. Cultivar hábitos saudáveis o ajudou a envelhecer sem perder o vigor

des físicas). Mas atenção: esses casos são exceção. Para a maioria dos mortais, os genes determinam apenas 30% da extensão da vida. Os outros 70% ficam a cargo de nossas escolhas, de como nos cuidamos.

Os cientistas descobriram que não existe uma só configuração genética associada à vida longa. Eles constataram que há 19 tipos de combinações possíveis entre os 150 genes encontrados nos centenários americanos. Cada um dos voluntários se encaixava em um desses 19 perfis genéticos. Uma das configurações conferia maior resistência na velhice a doenças cardiovasculares. Outra diminuía as chances de sofrer de demência. Uma terceira protegia contra o desenvolvimento de tumores. "É como se nós ganhássemos um bilhete de loteria ao nascer", diz a bióloga Ivana Da Cruz, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e referência brasileira no estudo dos mecanismos biológicos do envelhecimento. "Ganha o prêmio da longevidade excepcional quem tirar uma dessas 19 combinações."

A pesquisa é um marco na ciência que estuda o envelhecimento humano (*leia sobre o processo na página 64*). Pela primeira vez conseguimos um retrato tão abrangente dos fatores genéticos que influenciam na longevidade. O mapeamento genético dos centenários dá aos cientistas a chance de bisbilhotar por entre os vãos dos intrincados processos que resultam no colapso de nosso organismo. Os pesquisadores acreditam que, ao entender

os mecanismos que fazem nossas células se degradar, será possível desenvolver tratamentos para retardar esse processo. E, quem sabe, atuar para congelar nossa idade biológica, acrescentando algumas dezenas de anos à vida de quem não tirou o bilhete genético premiado dos centenários. "Acredito que em um futuro não muito distante muitos de nós teremos a chance de adicionar uma década ou duas de vida saudável a nossa existência", afirma o geriatra americano Bradley Willcox, pesquisador da Universidade do Havaí.

A convicção de Willcox se deve em parte a sua contribuição na pesquisa sobre o envelhecimento. Ele coordena um dos maiores projetos do tipo, o Okinawa Centenarian Study. O programa acompanha moradores que chegaram aos 100 anos nas ilhas que compõem a província de Okinawa, no sul do Japão. A população de lá tem características peculiares: uma das menores taxas de mortalidade por doenças crônicas do mundo e uma das maiores concentrações de velhinhos centenários. Só o projeto já estudou mais de 900 deles. Ao analisar seus genes, Willcox descobriu que os homens que apresentavam uma determinada variação em um gene do processamento do hormônio insulina tinham até três vezes mais chances de se tornar centenários. É com base nessas descobertas que os pesquisadores sonham com a possibilidade de desenvolver drogas que prolonguem a vida.

As populações mais isoladas, como a de Okinawa, são vistas pelos cientistas como a chave para chegar até os genes que rendam tratamentos para retardar o envelhecimento. Por causa das limitações impostas pela geografia, haveria menos mistura dos genes dos habitantes desses locais com pessoas de outros lugares, o que facilitaria a preservação das sequências genéticas associadas à longevidade. Isso explicaria por que há tantas pessoas de 100 anos em ilhas como Okinawa, Sicília, na Itália, e na Islândia. Ou em Maués, uma cidadezinha brasileira de 47 mil habitantes que já despertou a curiosidade de pesquisadores.

Localizada a 267 quilômetros de Manaus, Maués tem o dobro da média nacional de pessoas com mais de 80 anos: 1% contra 0,5%. O município até criou um centro de convivência e atendimentos médico e odontológico exclusivos para atender ao perfil inusitado de seus moradores. São pessoas como João Rocha Gomes, que nasceu e cresceu na zona rural ▶

Olivia da Silva
101 anos

A gaúcha fuma, come torresmo no café da manhã e não dispensa uma calpirinhá. Apesar dos maus hábitos, nunca foi internada e mantém o colesterol normal

de Maués. Em fevereiro, ele completou 100 anos. Como vários de seus conterrâneos centenários, Gomes tem uma disposição difícil de encontrar em gente com 30, até 40 anos a menos. Acorda perto das 3 da manhã. Às 7 horas, já está na roça. Assim ele ajudou a sustentar cinco filhos, três bisnetos e uma quantidade de netos que o fez perder as contas. Numa manhã de domingo, de sol a pino e sob o calor escaldante do Norte, ele trabalhava na lavoura de guaraná. "Não sinto fraqueza", diz, instantes antes de colocar nas costas um saco com 30 quilos de guaraná e sair andando a passos largos. "Estou sempre forte."

Maués só ganhou fama de terra da longevidade há três anos, quando o número elevado de aposentadorias no município chamou a atenção do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Havia a suspeita de que as pessoas forjavam a idade para receber o benefício. Por dois anos seguidos, os auditores da Previdência foram até lá investigar. Bateram de casa em casa para visitar os idosos e constataram que todos estavam bem vivos. O episódio atraiu a curiosidade dos pesquisadores de universidades do Amazonas, do Rio Grande do Sul e de León, na Espanha, que estão estudando o caso desde 2008. "Ainda não sabemos as causas, mas os idosos de Maués, além de viver mais, têm menos diabetes, hipertensão, câncer e obesidade", diz o coordenador da pesquisa, o médico Euler Ribeiro, diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade.

Os cientistas não descartam a contribuição preciosa do estilo de vida dos moradores de Maués. Eles não consomem produtos industrializados, ricos em gordura e pobres em nutrientes. Abusam do guaraná, fruto com componentes estimulantes do sistema nervoso central. A alimentação é baseada em hortaliças, legumes e raízes plantadas pelos próprios moradores, para quem também não faltam exercícios físicos. Lavradores em sua maioria, eles vão para a roça, caminham pelas florestas carregando a colheita, sobem e descem morros. Mas, se as hipóteses ambientais ainda são vagas e não comprovadas, o componente genético da longevidade dos habitantes de Maués pode estar perto de ser desvendado. "Os habitantes de lá são fruto de uma mistura de 60% de índios, 20% de europeus e 20% de árabes, judeus e

Por que envelhecemos

O envelhecimento do organismo está relacionado com a progressiva deterioração das células. **Quanto mais uma célula se reproduz, maiores as chances de haver erros na cópia de seu material genético.** Isso aumenta a probabilidade de que essas novas células deixem de funcionar corretamente. Com o passar dos anos, os mecanismos encarregados de corrigir essas possíveis falhas também deixam de funcionar



Células

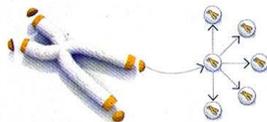
Fatores que influenciam no envelhecimento celular

1 Telômeros



DNA que codifica proteínas

Nos extremos de cada cromossomo existem porções de material genético que não exercem nenhuma função ativa no organismo. São os **telômeros**



Cada vez que uma célula se reproduz, ela perde um pedaço do **telômero**. Durante anos, esse corte não afeta as funções dos genes porque não atinge o corpo do cromossomo

2 Mutações



Fatores externos

Poluentes, nicotina, raios solares podem **agredir o material genético**, quebrando as sequências e provocando mutações ruins. Há mecanismos que reparam danos, mas eles nem sempre resolvem tudo



Fatores internos

A célula gera energia por uma reação química entre o **oxigênio e a glicose** obtida com a ingestão de alimentos. Essas reações também produzem outros compostos, conhecidos como radicais livres

O que influencia a longevidade?

Na longevidade normal, fatores ambientais e genéticos têm pesos importantes



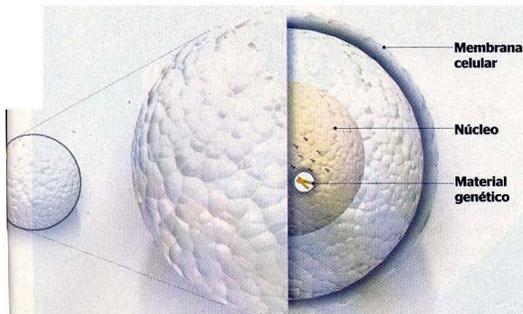
Cerca de **70%** dos fatores que afetam a duração da vida são ambientais. Estão associados a alimentação saudável, prática de exercícios físicos, ausência de vícios

Os **30%** restantes dependem da combinação genética com que nascemos

Na longevidade excepcional (além dos 95 anos), os fatores genéticos são fundamentais



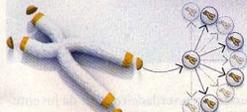
Os pesquisadores identificaram **150 variações de genes que parecem influenciar na duração da vida.** A presença de uma parte delas, ou de todas, em uma pessoa ajuda a adiar o aparecimento de doenças, como problemas cardiovasculares e câncer, aumentando as chances de chegar a uma idade avançada



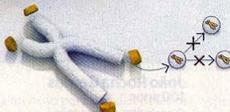
Membrana celular

Núcleo

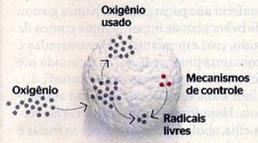
Material genético



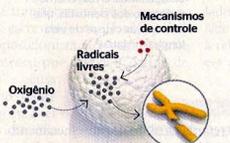
Mas, após anos de duplicação, os telômeros ficam tão curtos que os cortes **podem afetar parte do material genético**, o que pode alterar a ação dos genes



Por isso, à medida que os telômeros vão ficando mais curtos, o organismo **retira da célula sua capacidade de se reproduzir**



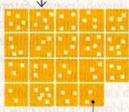
Estima-se que **5%** do oxigênio encontrado na célula **se transforma em radicais livres**. Em circunstâncias normais, eles são usados pelo organismo em várias funções metabólicas



Com a idade, os **mecanismos de controle dos radicais livres** se tornam ineficientes e a quantidade deles no organismo aumenta. Eles podem **enfraquecer o DNA das células e facilitar o surgimento de doenças**

- Essas variações genéticas** estão relacionadas com
- Desempenho cognitivo e doenças como Alzheimer
 - Doenças como diabetes, hipertensão, variação do peso corporal
 - Reparo do DNA e câncer
 - Metabolismo ósseo
 - Desempenho do sistema imune

Os pesquisadores definiram **19 possíveis combinações dessas 150 variações** de genes. A presença de uma pessoa é um bom indicio de que ela poderá ultrapassar os 95 anos de idade. Dos centenários estudados, **90%** deles possuem uma dessas **19 combinações**



Fontes: *Genome: the autobiography of a species* (Matt Ridley), *Cancer: the evolutionary legacy* (Mel Greaves), *Genetic signatures of exceptional longevity in humans* (Science) Texto e arte: Alberto Cairo e Gerson Mora

negros”, diz Ribeiro. “São populações ricas em genes associados à longevidade.”

Graças a pesquisas como a de Ribeiro, os cientistas estão conseguindo reunir as peças do complexo quebra-cabeça do nosso processo de envelhecimento. Essa área de pesquisa permaneceu dormente até o início da década de 1990, quando a medicina anti-envelhecimento ainda era considerada por muitos um assunto para curandeiros. Com a descoberta em 1993 de um gene que aumentaria a duração de vida de um verme, o interesse pelo tema floresceu. Desde então, os cientistas anunciaram a existência de pelo menos uma dúzia de genes da longevidade. Era o que se tinha de mais avançado na área, até a semana passada.

Os pesquisadores ainda não tiveram tempo de analisar cuidadosamente cada um dos genes encontrados no novo estudo. A função de alguns é conhecida. Já a associação de outros à longevidade é uma novidade. No geral, eles parecem corroborar as teorias existentes sobre como os genes influenciam nosso envelhecimento. Eles teriam um papel importante nas reações químicas que produzem energia para nosso corpo. Essas transformações geram compostos químicos que vão se acumulando nas células – os radicais livres, que podem se ligar a nosso DNA e causar erros de funcionamento. Nosso organismo conta com genes encarregados de fazer faxinas periódicas no DNA para livrá-lo dos radicais livres. Mas, com o passar do tempo, esses genes deixam de funcionar.

As pessoas com uma das 19 versões da genética premiada teriam variações desses genes mais eficientes na produção de energia. Elas manteriam as células funcionando como se estivessem no modo de economia, gerando menos radicais livres. Os centenários também contariam com genes que promoveriam a faxina no nosso DNA por mais tempo, mantendo seu funcionamento perfeito. “O que faz essas pessoas viver muito mais não é a ausência de genes causadores de doenças”, afirma a pesquisadora italiana Paola Sebastiani, coautora do estudo publicado na *Science*. “As chances de ter genes causadores de doenças é quase a mesma entre os centenários e a população normal. A diferença é que os centenários têm variações de genes que parecem anular a ação dos genes que causam doença.”

A ciência ainda precisa decifrar essa intrincada rede de ação dos genes do envelhecimento para alcançar tratamentos capazes de interferir na duração da vida. ▶



João Rocha Gomes

100 anos

O agricultor em sua casa em Maués, no interior do Amazonas, ao lado da mulher. A cidade concentra o dobro da média nacional de idosos octagenários. O fato chamou a atenção dos cientistas, que estudam as causas da vida longa em Maués

“A pesquisa mostra que há genes demais desempenhando pequenos papéis na longevidade”, afirma o biólogo americano Leonard Guarente, pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de Massachusetts, responsável pela descoberta, na década de 1990, de um dos primeiros genes da longevidade.

Os pesquisadores já pensaram ter chegado perto de controlar uma das variáveis genéticas que afetam o envelhecimento. Eles descobriram que uma substância encontrada nas sementes das uvas, nas cascas de uvas pretas e no vinho tinto, chamada resveratrol, seria capaz de ativar o gene que coloca a célula no modo de economia de energia. A descoberta causou constação no meio científico. Um grupo de cientistas chegou a fundar em 2004 uma empresa de biotecnologia, a Sirtris, para desenvolver uma droga baseada no resveratrol.

Em 2008, a empresa foi vendida por US\$ 720 milhões para o gigante farmacêutico GlaxoSmithKline, mas os avanços das pesquisas não seguiram no mesmo ritmo de valorização da empresa. Em janeiro, cientistas de uma farmacêutica concorrente divulgaram não ter conseguido comprovar em um novo estudo em laboratório os efeitos antienvelhimento do resveratrol. Em maio, a própria Glaxo suspendeu uma de suas pesquisas com o molécula em razão de possíveis efeitos colaterais.

Mas ainda há esperança de que esse seja o caminho para alcançar um tratamento

que retarde os efeitos do envelhecimento. “A tendência mais atual é pesquisar formas de colocar o organismo nesse modo de economia de energia”, afirma Maria Luisa Tagliaro, professora de gerontologia biológica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A tarefa é complicada. Além de entender como a ação de cada gene reflete nos demais, os pesquisadores também terão de descobrir como fatores ambientais desencadeiam reações em nosso organismo capazes de alterar o funcionamento dos genes. “Poluição, alimentação, estresse influenciam no funcionamento dos genes”, afirma Sang Won Han, professor da Universidade Federal de São Paulo, especialista em terapia gênica. Por isso, quem não nasceu com o bilhete premiado precisa dar uma forcinha à própria genética. “Uma dieta saudável, a prática de atividades físicas e o controle do estresse

ainda são o verdadeiro elixir da juventude”, diz Ivana, da UFSM.

O paulista José Aparecido Rodrigues Prado, de 94 anos, pode até ter ganhado na loteria genética da longevidade, como a idade avançada permite supor. Mas ele preferiu não pagar para ver. Nunca gostou de beber nem de fumar. Sempre comeu de tudo, mas em quantidades moderadas e com uma preocupação: “Se a comida me fez mal uma vez, nunca mais como”, diz. Com a idade, o zelo com o corpo aumentou. Hoje Prado come pouca carne vermelha, aboliu a margarina, adora frutas e não chega perto de doces e refrigerantes. Todos os dias, com assiduidade religiosa, caminha mais de 2 quilômetros.

Aqueles que não têm a disposição de Prado podem sonhar com o dia em que a ciência chegará a tratamentos que confiram as benesses de uma genética privilegiada. Bem antes desse dia, é provável que os mais ansiosos possam ter uma ideia da sorte que tiraram no bolão genético – pelo ritmo da evolução tecnológica nessa área, não deverá tardar até que laboratórios estejam prontos para oferecer testes acessíveis para rastrear os 19 perfis genéticos associados à longevidade. Mas os próprios pesquisadores avisam: o melhor modo de chegar bem à terceira (ou quarta) idade ainda é, e continuará sendo, cuidar bem da própria saúde. ♦

Com Daniella Cornuchione



Os disc jockeys sessentões

Quem são os vovôs e as coroas que adoram música eletrônica e frequentam o primeiro curso para DJs da terceira idade do Brasil

Rodrigo Turrer

Professor de relações internacionais com doutorado em história econômica pela Universidade de São Paulo (USP), o chileno Rodrigo Ruiz, de 63 anos, segue o figurino-padrão de seus colegas de ofício. Camisa social por dentro da calça de sarja, óculos discretos, sapatos pretos bem lustrados, uma malha de lã cáqui jogada sobre os ombros e uma pasta de couro preta nas mãos. E com essa

roupa que ele dá suas aulas – e é também assim que ele chega, uma vez por semana, ao curso em que aprende os macetes para animar uma pista ao som de... música eletrônica. Isso mesmo. Ruiz é um dos alunos da primeira escola de disc jockeys para a terceira idade, no centro de São Paulo.

Quando está no comando dos toca-discos (ou pickups, como se diz entre os DJs), ele jamais põe para tocar um dis-



EMPOLGAÇÃO
Rodrigo Ruiz, de 63 anos, e Ângela Vela, de 53, atacam os toca-discos no curso para DJ. Eles dizem que estão na idade de agitar

co de tango, salsa ou bolero. Ruiz só tem ouvidos para as batidas que se ouvem em festas rave. “Eu sou louco por techno e house. É demaissss!”, diz, com um sotaque que sobrevive aos 32 anos vividos em São Paulo.

O curso para DJ que Ruiz frequenta é exclusivo para pessoas acima de 50 anos. “Muita gente dessa faixa etária vinha na escola perguntar se tinha curso para DJ”, afirma Lisa Bueno, DJ há 13 anos, coordenadora do curso em sua escola, e-djs. “Quando o Rodrigo me procurou, estava até disposto a fazer aulas particulares. Como a demanda cresceu, decidi criar o curso especial, para que os alunos mais velhos não ficassem desconfortáveis ao lado dos jovens.”

Em três meses do curso, com aulas semanais de uma hora e meia, Lisa fica à frente dos pickups para mostrar o que faz um DJ. Ela prepara os alunos para lidar com equipamentos como o equalizador, que permite melhorar o som balanceando as diferentes frequências da gravação, e o mixer, usado para fazer a passagem de uma faixa para outra sem que um corte seco, ou um “buraco”, as separe. Para isso, Lisa mostra a importância de sentir a batida das músicas e sincronizá-las. Enquanto dá uma geral em todas as vertentes eletrônicas, ela ainda traduz os termos usados pelos DJs, a maioria em inglês. Suas aulas para a terceira idade só não ensinam a fazer scratch, aquele movimento de vaivém com as mãos sobre o disco de vinil que costuma ser o ponto alto de muitas apresentações, dependendo da habilidade do DJ. “Isso é para um nível avançado”, diz. Os alunos podem levar a música que quiserem. Ninguém tira do baú os vinis de Julio Iglesias, Lucho Gatica ou Ray Conniff. “Eles são bem modernos, uns trazem funk, outros jazz, mas em geral é house e eletrônico, mesmo.”

A escolha surpreende ainda mais quando se leva em conta o perfil dos alunos. Na primeira turma há uma dona de casa que se matriculou em solidariedade ao filho (ele quer ser DJ, mas enfrenta a resistência do pai). Outra senhora, fascinada por música desde a infância, quer cantar jazz e mixar as próprias músicas. Rodrigo Ruiz faz parte dos apaixonados por techno. Com seus fones de ouvido, ele comprime

os olhos ao sincronizar a batida das músicas, enquanto dobra os joelhos no ritmo do que ouve. “Sente esse som!”, diz, com o volume no máximo. Quando terminar o curso, ele pretende comandar apresentações próprias em um show pouco convencional: “Quero sincronizar música e iluminação na batida, acho irado!”, afirma, usando uma linguagem inesperada para um mestre em relações internacionais.

Para realizar seu ambicioso projeto, Ruiz comprou todo o aparato necessário para treinar em casa: pickups profissionais, aparelho para mixar e caixas de som enormes. Antenadíssimo, ele garimpa seu repertório em 300 estações de rádio da internet e usa algumas em suas mixagens caseiras. Quinzenalmente, grava coletâneas de seus sons para as quatro netas, que moram no Chile. “Elas recebem e adoram, me incentivam”, diz. Sua mulher, de 55 anos, é menos receptiva ao entusiasmo do marido DJ. “Quando começo a tocar, ela reclama. Até já conheço a desculpa: diz que está

“A música é a maior adrenalina. Rejuvenesce”, diz uma aluna de 53 anos. “Eu não sou mosca-morta”

com dor de cabeça”, afirma. “Sei que ela gosta mais de samba e de bolero, mas eu acho cafona.”

O marido da artista plástica Ângela Lelia Vela, de 53 anos, também não é chegado ao som bate-estaca que a mulher põe para tocar nas aulas. Mas achou natural quando ela comunicou que faria o curso. “Ele se acostumou comigo, sabe que eu gosto de um agito”, diz Ângela. “Eu curto esportes radicais, rafting, trilhas, vou a cavernas caçar morcegos com minha filha bióloga. Meu sonho é escalar o Everest.”

Fã de todos os tipos de música, Ângela “pirou” no eletrônico depois de uma festa em que acompanhou as filhas, há quatro anos. “Fui a uma rave com elas e achei incrível, era empolgante.” Encantada com o batidão, Ângela quis aprender a comandar os pickups, por puro divertimento. Teve de desistir pela falta de cursos. Procurou de novo meses atrás, quando conheceu a DJ Mammy Rock, ou Ruth Flowers, uma senhora inglesa de 69 anos que lançou um álbum eletrônico e lota discotecas em apresentações pela Europa. “Ela é a prova de que música é a maior adrenalina, rejuvenesce”, afirma Ângela. “Tem gente que diz que quero me achar jovem, mas são uns caretas. Acham que a gente envelhece e vira mosca-morta. Eu não.” ◆

Vida Útil

Gastronomia | Turismo | Saúde | Tecnologia | Dinheiro | Consumo | Moda

EDIÇÃO: FRANCINE LIMA
e-mail: vidautil@edglobo.com.br



SAÚDE

Sem medo de andar

As quedas que assustam os idosos podem ser evitadas com novos hábitos

Francine Lima

DIZ A SABEDORIA popular que quem cai deve levantar rápido, sacudir a poeira e dar a volta por cima. A lição pode servir bem aos adultos jovens, mas na terceira idade erguer-se do chão pode não ser uma tarefa tão simples. No mundo todo, 30% das pessoas com mais de 65 anos levam pelo menos um tombo por ano, e 5% dessas quedas resultam em uma fratura. O fenômeno é preocupante, porque os idosos se machucam muito mais que os adultos mais jovens quando caem. As quedas são a quinta principal causa de morte entre os idosos.

EQUILÍBRIO
Ema Javirak faz alongamento no Parque da Água Branca, em São Paulo. Ela quer evitar novos tropeços

Foto: Mariana Cuchato/POCA

VidaÚtil



Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) revelam que, após os 80 anos, 40% dos idosos vão ao chão ao menos uma vez ao ano. Quando o idoso tem medo de cair de novo, tende a não sair de casa e diminui a atividade física – o que aumenta o risco de cair de novo, num ciclo vicioso. E isso não é uma característica natural da idade, ao contrário do que diz o senso comum. As causas de tantos tombos estão tanto no ambiente quanto no corpo e no estilo de vida dos idosos. Todas elas podem ser evitadas. Segundo profissionais de saúde preocupados com o envelhecimento da população (o número de brasileiros com mais de 80 anos cresceu quase 70% em dez anos), é possível preparar-se para enfrentar as armadilhas do tempo e evitar as quedas mesmo depois dos 100 anos.

Desde março deste ano, o Hospital das Clínicas de São Paulo (HC) tem um ambulatório de prevenção de quedas. O trabalho, que consiste em palestras e atividades semanais e dura 12 semanas, aborda quatro pontos de perigo: o ambiente inadequado (principalmente a residência), os comportamentos de risco, a baixa capacidade física e as doenças que comprometem os sentidos e outras funções cognitivas.

Sobre o ambiente, os inscritos no programa aprendem que sua casa pode estar cheia de armadilhas que devem ser removidas, como tapetes escorregadios e móveis pequenos em áreas de circulação. Um manual com uma série de dicas é dado aos idosos para ajudá-los nessas mudanças. Os participantes dizem gostar das recomendações – mas nem sempre seguem todas.

Na casa de Hermenegildo Garcia Filho, de 82 anos, há um poodle. ▶

Proteção antiqueda

Como remover as armadilhas que favorecem tombos na terceira idade dentro de casa



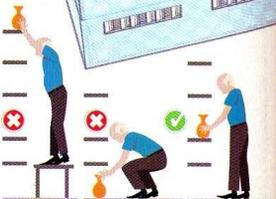
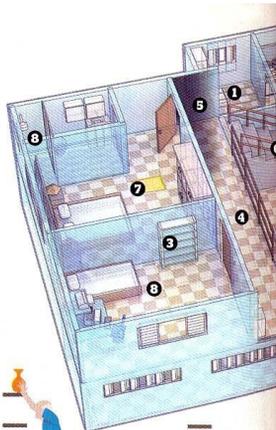
1 Piso escorregadio Chão molhado faz qualquer um escorregar. Recomenda-se que alguém varra as folhas depois da chuva e mantenha o piso bem seco



2 Piso irregular Chão maltratado e desnivelado favorece tropeços. A residência amiga do idoso tem tacos e lajotas no lugar, sem buracos e remendos



6 Escadas Degraus escuros e sem corrimão não são seguros. Sinalizá-los com faixas coloridas nas bordas ajuda o idoso a enxergar melhor onde pisa



3 Tudo longe Objetos no alto de um armário ou na altura do chão obrigam o idoso a se arriscar. É melhor posicionar as coisas do dia a dia em móveis de altura média, que ele alcance de pé

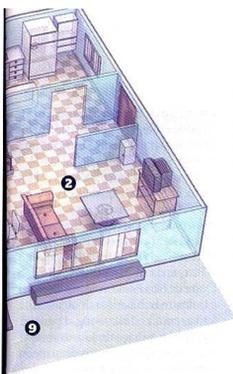


7 Tapetes Se não tiverem antiderrapante embaixo, os tapetes não são bem-vindos. É muito comum escorregar neles e tropeçar naquela ponta que levanta. O ideal é não tê-los em casa

NA POLTRONA

Para sentar, encoste as pernas no assento e apoie as mãos. Para levantar, arraste o bumbum para a beirada, apoie bem os pés, afaste os joelhos e incline o tronco





POSTURA O idoso tende a andar com passos curtos, tronco inclinado e os pés duros. Quem se empenha em andar direito se arrisca menos



PAÍS MAIS VELHO

População de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil - em %



Fontes: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1998/2008.
 (1) Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá

No conjunto do país, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Pnad 2008, do IBGE, revela que o contingente de pessoas com mais de 60 anos somava cerca de

21 milhões

Esse número supera a população de idosos de vários países europeus, entre os quais a França, a Inglaterra e a Itália (entre 14 milhões e 16 milhões), de acordo com as estimativas das Nações Unidas para 2010

40% das mulheres e 20% dos homens com mais de 60 caem pelo menos uma vez ao ano



Após os 80 anos, os homens caem tanto quanto as mulheres

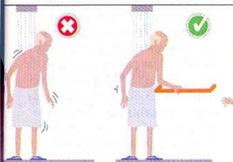
1% das quedas produz fratura de fêmur e 1% causam algum tipo de lesão - incluindo ferida na pele, dor e entorse



4 Fraqueza Dores nas "juntas", pernas fracas e outros problemas desequilibram a caminhada. Usar bengala ou andador é melhor que cair



5 Escuro Os tombos são comuns na escadaria noturna até o banheiro, de luz apagada. Uma luz acesa ou minuteria no corredor pode salvar na hora da pressa



8 Azulejo molhado O banheiro é o lugar da casa onde os idosos caem mais. Barras de segurança ao lado do chuveiro e do vaso dão mais firmeza



9 Animais Gatos, cães pequenos e outros bichos que roçam nas pernas podem facilitar a queda dentro de casa. Tirá-los da área de circulação é uma boa

NA CAMA Para deitar, sente-se de costas perto do travesseiro e incline-se lateralmente. Para levantar, fique de barriga para cima. Traga o queixo até o peito, depois erga os ombros, apoie os cotovelos e depois as mãos, até sentar-se



Fonte: Guia de Prevenção de Acidentes Domésticos para os idosos da Fundação Mupre e Ambulatório de prevenção de quedas do Hospital das Clínicas

23 de novembro de 2009, **ÉPOCA** 135

Vida Útil

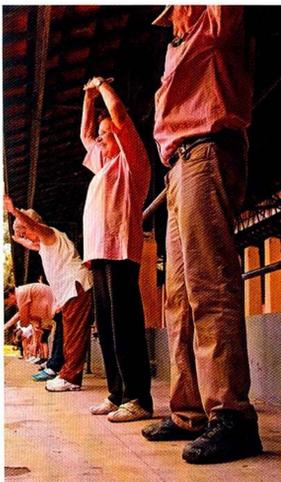


Como Garcia já tropeçou na guia que usa para passear com o cão, foi orientado a tomar mais cuidado durante os passeios e agora leva uma bengala nas caminhadas. "Estava andando meio torto", diz. Outro perigo que ele abriga em casa – e que ainda não resolveu – é uma escada em caracol e sem corrimão que leva ao 2º andar, onde mora a filha. Segundo o geriatra Sérgio Paschoal, que coordena o trabalho no HC, degraus podem ser perigosos para os idosos, especialmente na descida. Com a perda da visão de profundidade, é comum o idoso não perceber um degrau e pisar em falso. Por isso se recomenda sinalizar todos os degraus com faixas de cor diferente na borda.

A sonolência, a depressão e a ansiedade também costumam levar a quedas. Por isso, diz Paschoal, quem toma medicamentos como calmantes ou tem doenças que alteram o nível de atenção precisa ter cuidados extras, principalmente quando sai de casa.

Em matéria de comportamento de risco, alguns idosos são recordistas. Quem não conhece alguma senhora que despencou na cozinha ao tentar alcançar um utensílio na parte alta do armário escalando uma banqueta? Segundo Paschoal, essa teimosia é cultural, tipicamente brasileira, e vem de uma noção de que ser velho é ser decadente. Com isso, em vez de adaptar seu cotidiano às novas limitações, os idosos continuam agindo como se ainda fossem jovens. A fisioterapeuta Ingrid Mazeto, da ONG Olhe (Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento), observa o mesmo: "Quando ele não se reconhece como idoso, tende a não tomar precauções". Além de banquetes e escadinhas portáteis, os chinelos são grandes inimigos da vida doméstica. O ideal é usar, mesmo dentro de casa, um calçado fechado ou uma sandália bem firme no pé. "O chinelo altera a marcha e o equilíbrio, porque faz andar arrastando os pés", diz Paschoal.

Andar corretamente é crucial para não cair. Mas, para aqueles idosos que já perderam parte im-



MOBILIDADE

Maria de Lourdes Ribeiro (de rosa) faz exercício com o marido a quilômetros de casa. Parques com atividades para idosos ajudam a fazer uma cidade mais amiga

portante da mobilidade dos membros inferiores, cada passo é um desafio. Além do calçado, o sedentarismo contribui muito para que o idoso perca a capacidade de se locomover com segurança. "Depois dos 80 anos, os joelhos vão dobrando e o tronco vai caindo para a frente. Eles vão perdendo o hábito de balançar os braços ao caminhar, andam arrastando os pés. Ficam como robôs e com isso perdem o equilíbrio", diz Paschoal.

A hora de sentar e de levantar também passa a ser preocupante. Sem força nas pernas, fica mais difícil se equilibrar até para usar o banheiro. Não por acaso, a escapada noturna ao banheiro é uma das situações campeãs em número de quedas. A perda da capacidade funcional (dificuldade em atividades básicas como se vestir ou caminhar) aumenta o risco de queda em 14%, segundo cálculos do HC. Por isso, os

Só haverá segurança contra quedas quando o espaço urbano for adequado às necessidades do idoso

exercícios de recuperação dos movimentos articulares, de fortalecimento muscular e de equilíbrio são indicados para prevenção de quedas.

Em Javurek tem 79 anos e coleciona histórias de "tombos espetaculares", dentro e fora de casa. Já quebrou o nariz duas vezes e fez até uma plástica. Para se prevenir de novos acidentes, ela frequenta diariamente o Parque da Água Branca, na Região Oeste de São Paulo, onde se alonga e treina marcha. Além de aulas coletivas como o Lian Gong, o parque conta com a Praça do Idoso, um espaço com equipamentos de madeira ao ar livre voltado para esse tipo de exercício. Ema reconhece que precisa andar com mais atenção. "As nossas calçadas não são as melhores, mas sei que não levantamos os pés o suficiente. Não sei se a gente desaprendeu ou se nunca aprendeu. E o andar da preguiça", diz.

A Praça do Idoso foi instalada há pouco mais de um ano e promete ser a primeira de várias no Estado de São Paulo. Desde que descobriu os equipamentos, há cerca de um mês, Maria de Lourdes Ribeiro de Souza saiu do centro da cidade e vai até lá de ônibus com o marido. Foi o estímulo que encontrou para largar a vida sedentária.

A existência de mais parques e praças com atividades físicas e sociais específicas para as necessidades dos idosos faz parte do conceito de Cidade Amiga do Idoso, estabelecido pela OMS. Só haverá segurança verdadeira contra quedas quando essa população que está envelhecendo contar com um espaço urbano e com um conjunto completo de serviços adequados a suas necessidades. Em uma pesquisa feita em Copacabana, no Rio de Janeiro, bairro com a maior concentração de idosos do país, os moradores se queixaram de transporte público agressivo (motoristas que não têm paciência para esperar que subam cuidadosamente no ônibus), dificuldade de atravessar a rua, calçadas estreitas e cheias de obstáculos (buracos, pedras, árvores, postes e camêlas), laideiras e escadarias. Como diz Laura Machado, que coordena a pesquisa, "a rua está cheia de perigos". ♦

QUER UM CAFEZINHO... ...NO ROSTO?

E grão de café verde virou matéria-prima de cosméticos que combatem o envelhecimento

Uma semente crua, com 7 milímetros de diâmetro, é atualmente uma das matérias-primas mais valorizadas pela indústria cosmética. Trata-se do grão de café verde, fonte de substâncias supostamente capazes de minimizar a ação dos radicais livres, a desidratação e a inflamação das células da pele. Um dos trabalhos sobre as propriedades da semente foi conduzido nos Estados Unidos, por médicos da

Eastern Virginia Medical School, um dos centros de referência em pesquisas de tratamentos anti-idade. Durante seis semanas, eles acompanharam mulheres de 30 a 70 anos. As pacientes usaram uma quantidade de creme à base de café verde equivalente ao tamanho de uma noz para cada metade do rosto, três vezes ao dia. Ao término dos estudos, elas apresentavam uma redução de 24% das marcas de expressão e de 15% das manchas na pele. "Tais resultados são superiores à ação de produtos antio-

xidantes e antimanchas já consagrados, como os que utilizam as vitaminas C e E", diz Adilson Costa, dermatologista da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Os benefícios do extrato de semente de café verde se devem à presença de dois polifenóis — ácido clorogênico e ácido ferúlico. Os polifenóis são compostos que combatem os radicais livres, as moléculas tóxicas que comprometem o funcionamento das células do organismo. No caso da pele, os efeitos se tornam visíveis sob a forma de pés de galinha, sulcos ao redor da boca (o famigerado bigode chinês) e manchas. A quantidade de polifenóis do café verde é, de acordo com seus entusiastas, 50% superior à do chá-verde.

As primeiras pesquisas sobre os benefícios do extrato para a pele datam do fim dos anos 80, nos Estados Unidos. Apesar de o Brasil ser o maior exportador de café verde do mundo, os produtos de beleza feitos a partir de sua semente só começaram a ganhar mercado no país há dois anos. Por enquanto, a substância é usada principalmente em cremes elaborados em farmácias de manipulação, mediante receita médica. Ao contrário do que ocorre no processo de transformação do café em bebida, o grão utilizado para a cosmética não é torrado. "Durante a torrefação, muitas substâncias antioxidantes são reduzidas drasticamente", diz Eliana Relvas, engenheira de alimentos. No processo de aquecimento do grão, cuja temperatura chega a 200 graus, as sementes perdem, em média, 20% de seus polifenóis. É a torra que confere ao café sabor e aroma. Cafezinho feito com o grão cru tem sabor de terra. ■ **ADRIANA DIAS LOPES**



RITA NEE/CORBIS LATINTECK

EFEITOS ANTI-IDADE

Os supostos benefícios do extrato da semente de café verde para a pele

■ Antioxidante e clareador

É rico em polifenóis. Ao combaterem os radicais livres, tais substâncias contribuem para a redução das rugas e marcas de expressão e o controle da produção de melanina, que, em excesso, causa manchas

■ Anti-inflamatório

Reduz o ritmo de secreção de prostaglandina pelas células da pele. Em demasia, essa substância produz rugas

■ Hidratante

Contém ácidos graxos essenciais, como o linoleico, que ajudam a reter água dentro das células e, consequentemente, evitam a sua desidratação

Fontes: dermatologistas Adilson Costa, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e Érica Monteiro, da Universidade Federal de São Paulo

LONGEVIDADE • JOVENS POR MAIS TEMPO

A mãe

A empresária Mara Lúcia
Saraíba, 52 anos:
"Tenho no guarda-roupa
algumas peças idênticas
às da minha filha"



NUM MUNDO EM QUE
SE VIVE POR MAIS
TEMPO E COM MAIS
SAÚDE, A IDADE REAL
SE TRADUZ PELO
ESTILO DE VIDA, E NÃO
PELO CALENDÁRIO

Os sem

62 | 15 DE JULHO, 2009 | veja



A filha

A modelo Daniella Saraiva, 25 anos: "Minha mãe é jovial e ativa, o que faz dela uma ótima companhia para qualquer hora"

LAILSON SANTOS

as últimas três décadas, a expectativa de vida aumentou mais do que em qualquer outro momento na história na maioria dos países. No Brasil, ela pulou de 62 anos, em 1980, para 73, hoje. Essa evolução fez com que o próprio conceito de velhice fosse reformulado. Já não se espera dos sessentões que se aposentem e passem os dias de pijama numa cadeira de balanço. Cada vez mais aposentados

voltam ao mercado de trabalho por motivos diversos, como manter-se atualizado ou complementar o orçamento. O aumento da longevidade propiciou o surgimento de outro fenômeno, desta vez no terreno do comportamento — o de pessoas maduras que cruzam as fronteiras entre as gerações e não apenas agem, mas também se sentem como se fossem mais jovens.

São homens e mulheres que já passaram dos 40 ou 50 anos, gozam de boa saúde, disposição e acreditam que os hábitos de vida e a forma de se expressar não devem se atrelar à idade, mas à personalidade de cada um. Os americanos, sempre rápidos em dar nome aos fenômenos culturais, os chamam de *ageless* (sem idade, em português). "No mundo de hoje, em que vivemos mais e melhor, a idade cronológica deixou de ser tão relevante para determinar o modo de vida de uma pessoa. O que mais importa é sua capacidade no terreno funcional, social e emocional", diz o gerontologista carioca Alexandre Kalache, conselheiro da Academia de Medicina de Nova York e ex-diretor do programa de envelhecimento da Organização Mundial de Saúde.

Com essa espécie de democratização da juventude, produtos e serviços antes direciona-

-idade

dos exclusivamente ao público adolescente ou jovem começam a ganhar adeptos entre os mais velhos. A carioca Mara Lúcia Sarahyba, de 52 anos, mãe da modelo Daniella Sarahyba, de 25, é uma típica representante dos sem-idade. Mara e Daniella, apesar da diferença de geração, compram roupas nas mesmas lojas, costumam viajar juntas e não raro frequentam as mesmas festas. "Minha mãe é jovial e ativa, o que faz dela uma ótima companhia para qualquer hora", afirma Daniella. "Temos algumas peças idênticas no guarda-roupa, apesar de a Dani policial os meus decotes", conta a mãe. "Os *ageless* rompem com o padrão convencional em que o comportamento é ditado pela faixa etária", disse a VEJA a inglesa Ruth Marshall, da consultoria internacional WGSN, especializada na análise e previsão de tendências de consumo.

A ascensão dos sem-idade pode ser notada na publicidade. Grande parte dos anúncios deixou de se dirigir ao público com mais de 50 anos com base na noção obsoleta de que ele só consome cremes anti-rugas, tintura para cabelo e fixadores de dentadura. "O público com mais de 50 anos é hoje o grande centro de mudanças na publicidade. É o grupo demográfico que mais cresce. Seus integrantes sabem que têm muita vida pela frente e não querem ser tratados como velhinhos", diz Thiago Lopes, gerente de planejamento da Oxygen, célula de pesquisa de consumidor e tendências de mercado da agência de publicidade Talent.

Independentemente do comportamento que se adote, todo mundo quer passar os anos a mais ganhos no calendário com boa qualidade de vida, livre das doenças associadas à velhice. A série de reportagens que VEJA apresenta nas páginas seguintes traz as mais recentes e relevantes conquistas da ciência na prevenção de males que costumam surgir com o avanço dos anos. Elas servem como um manual sobre como agir na juventude e na meia-idade para atenuar as consequências das inevitáveis mudanças que ocorrem no corpo e na mente com o passar do tempo. As reportagens foram elaboradas com base em consultas a um corpo de setenta especialistas e trazem depoimentos de quem se empenha em manter a juventude através de tratamentos preventivos e estéticos. Juntas, elas formam um programa para conquistar a longevidade. ■

O jeito sem-idade de ser



Estudo no exterior depois dos 40

Curso de línguas e hospedagem em casa de família em país distante não são mais só para adolescentes. Nos últimos dois anos, as empresas que promovem esse tipo de viagem no Brasil registraram um aumento de 45% na procura por parte de pessoas com mais de 40 anos. Uma delas é o paulista João Gabriel Crivellente, operador de bolsa de valores, 46 anos, casado e pai de três filhas, com idade entre 11 e 21 anos. Durante 45 dias, ele morou com uma família em Vancouver, no Canadá, para estudar inglês. Acordava às 8 horas e levava quarenta minutos para chegar de ônibus ao curso, com

a mochila nas costas. Sua inspiração para a aventura foram as filhas mais velhas. Uma delas morou no exterior e outra ainda estuda na Nova Zelândia. "Foi uma experiência inesquecível. Convivi com gente muito mais nova e aprendi sobre o seu universo. Posso dizer que *rejuvenesci*", conta Crivellente. O intercâmbio para pessoas maduras pode, em média, ser 50% mais caro se comparado com o mesmo programa na versão adolescente. "Isso se deve a aulas com menos alunos e a atividades recreativas, como jogos de golfe", diz Marcia Mattos, gerente de cursos no exterior da STB.

Não me chame de senhora

Amparadas em pesquisas de mercado com mulheres acima de 50 anos, muitas lojas treinam as vendedoras para que tratem suas clientes de maneira informal. Chamá-las de senhora, por exemplo, pode ser interpretado como um desaforo. Esse tipo de loja não tem roupas específicas para mulheres de determinada idade. Vende peças que vestem, com adaptações sutis, o corpo de mães e filhas. "Ninguém corre o risco de cair no ridículo ao usar algumas roupas iguais às da filha ou mesmo da neta. Basta respeitar a silhueta de cada um", diz a modelo e apresentadora Isabella Fiorentino, que ensina mulheres a se vestir em seu programa de televisão. Os homens alinhados com o comportamento sem-idade, por seu turno, não veem problema em usar calças jeans e sair à rua de camiseta. "Nossas vendedoras são orientadas para tratar a compradora pelo nome ou por você. As mulheres vão fazer compras para se sentir bem, e não para se sentir velhas", afirma a paulista Isabella Giobbi, estilista da marca que leva seu nome.



Dono do próprio nariz



ILUSTRAÇÕES: ROBERTO ALVAREZ

Entre os brasileiros à frente de negócios próprios abertos há menos de quatro anos, a porcentagem dos que têm de 45 a 54 anos dobrou nesta década — de 7% em 2001 para 15% hoje. "Com o aumento da expectativa de vida, as pessoas nessa faixa de idade têm atualmente mais audácia do que no passado para mudar de vida e começar um novo empreendimento", diz Ricardo Tortorella, diretor do Sebrae de São Paulo. No ano passado, após três décadas de trabalho em grandes empresas, o engenheiro paulista Rinaldo Amorati Jr., 56 anos, decidiu abandonar um cargo executivo para abrir seu próprio negócio, uma franquia de loja de alimentação. "Já estava me preparando havia seis anos para ser empresário. Chega um momento da carreira e da vida em que você quer ter autonomia. Minha mulher administrava outras franquias, e me atraíam a flexibilidade de horário e as possibilidades de crescimento", ele conta.

* FONTE: GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR

veja | 15 DE JULHO, 2009 | 65

NOVO NATURA CHRONOS MULTI PROTEÇÃO MAIS PROTEÇÃO, MENOS SINAIS

O novo Natura Chronos Multi Proteção regenera a pele,
neutralizando os radicais livres e protegendo
a membrana, as proteínas e o DNA da célula.



96% BLOQUEIO DOS RADICAIS LIVRES*
93% MELHORA DA APARÊNCIA GERAL DA PELE
91% RESTAURAÇÃO DA PELE
84% MELHORA DOS SINAIS**

100% VERDADE

TESTADO EM 1.500 MULHERES BRASILEIRAS

*Testes in vitro.

**Porcentual de voluntárias de 30 a 45 anos que declararam percepção dos resultados após 14 dias utilizando Natura Chronos Passiflora Dermotivo 30+ Dia.

Fale com sua Consultora Natura sobre Chronos. 0800 11 55 66 www.natura.net/chronos



Maria Roberta, 36 anos

VOCÊ SEMPRE PODE
MUDAR MUITA COISA.
ATÉ A SUA PELE.

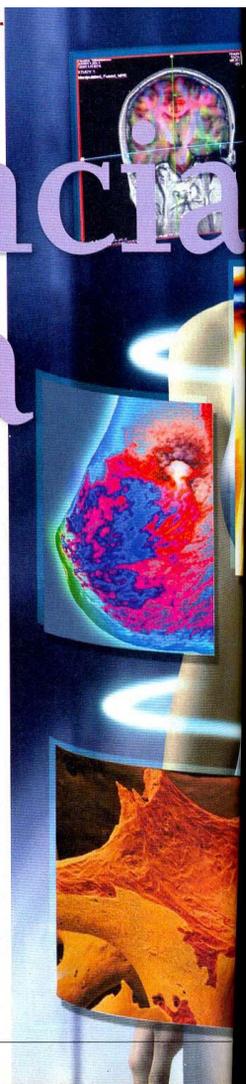


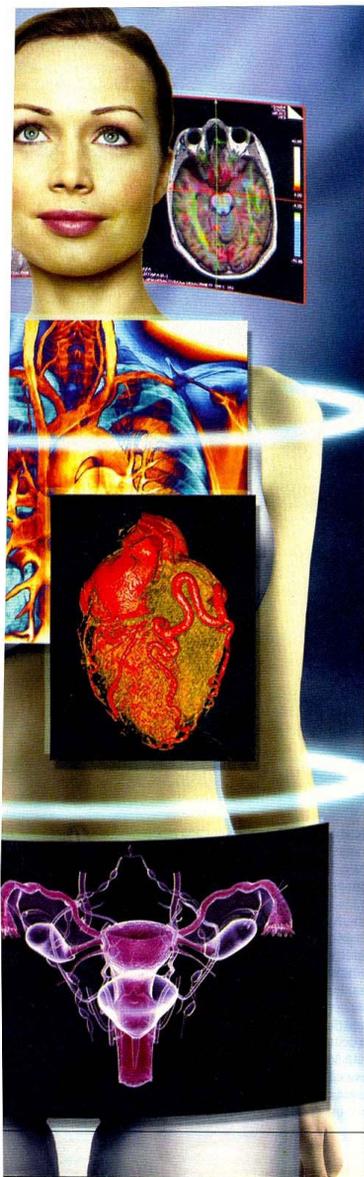
A ciência da vida longa

A EXPECTATIVA DE VIDA AUMENTOU EM TODO O MUNDO. O DESAFIO É FAZER COM QUE ESSES ANOS A MAIS SEJAM VIVIDOS COM SAÚDE E ALEGRIA

A fantasia de permanecer jovem para sempre acompanha o homem, provavelmente, desde o início da civilização. Embora seja impossível deter a marcha do calendário, nos últimos 100 anos a medicina deu passos largos no sentido de retardar processos ligados ao envelhecimento. Primeiro vieram as melhorias nas condições sanitárias, a descoberta das va-

cinas, a invenção dos antibióticos e dos recursos para combater doenças como o diabetes, os males cardíacos e alguns tipos de câncer. Todos esses avanços resultaram na adição de anos na expectativa de vida da população. Agora, está em curso um novo e revolucionário capítulo da ciência da longevidade. O que se procura é proporcionar qualidade de vida e uma existência feliz às populações que estão vivendo mais. Nas últimas três décadas, a expectativa de vida aumentou em onze anos no





QUINZE ANOS DE CONQUISTAS

Avanços que ajudaram a aumentar a expectativa de vida

■ HUMOR

- O stress, a depressão e a ansiedade diminuem a resistência imunológica, o que deixa o organismo mais vulnerável. Descobriu-se que encarar a vida positivamente reduz os riscos de depressão e ansiedade
- Os medicamentos para tratar esses distúrbios estão mais eficientes e com menos efeitos colaterais

■ ARTÉRIAS

- Novos exames, como a angiotomografia, o ultrassom de carótidas e a ressonância magnética, permitem devarar o interior e a parede das artérias com grande precisão. Medicamentos como os anti-hipertensivos e as estatinas, que reduzem o colesterol ruim, o LDL, ficaram mais potentes e seguros
- Os exames e os medicamentos de última geração auxiliam os médicos a criar estratégias personalizadas para prolongar a boa saúde cardiológica

■ MAMA E ÚTERO

- Mamografias digitais, com qualidade de imagem superior, permitem a detecção de tumores de 1 milímetro. A vacina contra o HPV, lançada em 2006, evita até 99% dos casos de câncer de colo de útero
- Tumores na mama, se detectados em fase inicial, têm 90% de chance de cura. O papilomavírus humano, o HPV, é responsável por 99,8% dos casos de câncer de colo de útero

■ OSSOS E ARTICULAÇÕES

- Exames mais modernos detectam precocemente inflamações articulares. Novos remédios ajudam a tratá-las. Nos últimos cinco anos, surgiram medicamentos contra a osteoporose que requerem doses menores, combatem a perda óssea e ajudam a construir novo tecido ósseo
- A artrite reumatoide é incapacitante e diminui a expectativa de vida em dez anos. O diagnóstico precoce e os novos medicamentos podem curar a doença. A osteoporose também pode ser medicada preventivamente

■ PRÓSTATA

- Foram criados exames de sangue para medir o PSA (prostate specific antigen), um tipo de proteína produzida em maior quantidade em próstatas cancerosas
- Apesar de não substituírem o exame de toque retal, os exames de sangue que medem o PSA são aliados na detecção precoce do câncer, o que ajuda os médicos a elaborar tratamentos individualizados

Fontes: Otávio Coelho e Raul Santos, cardiologistas; Wilian Chahade, reumatologista; Nelson Vespa, ginecologista; Paulo Hoff, oncologista; e Geraldo Ballone, psiquiatra

FOTOS: PHILIPPE PAULA, ZEPHYR, ANTOINE ROBERT, TONY BRUNSON/LAISTOCK, MEDICALF, DIMITRI YERVITSKIYS, BL END IMAGES/GETTY IMAGES

A HISTÓRIA A FAVOR DA LONGEVIDADE

Fatores que contribuíram para o salto na expectativa de vida



■ HIGIENE

Em meados do século XIX, o médico húngaro Ignaz Semmelweis descobriu que lavar as mãos diminuía o risco de propagação de doenças. O procedimento tornou-se obrigatório em hospitais e entrou nos hábitos da população em geral

■ SANEAMENTO BÁSICO

A partir do século XIX, obras de saneamento, que incluem acesso a água potável e esgoto tratado, reduziram drasticamente o risco de proliferação de doenças infecciosas



■ INSULINA

Até o início do século passado, o diabetes era uma doença fatal. O isolamento da insulina, em 1921, mudou a expectativa de vida dos doentes

■ ANTIBIÓTICOS

Em 1928, o bacteriologista escocês Alexander Fleming observou, por acaso, que uma substância produzida por fungos era bactericida. Nascia, assim, o primeiro antibiótico, a penicilina, que colocou sob controle as doenças infecciosas

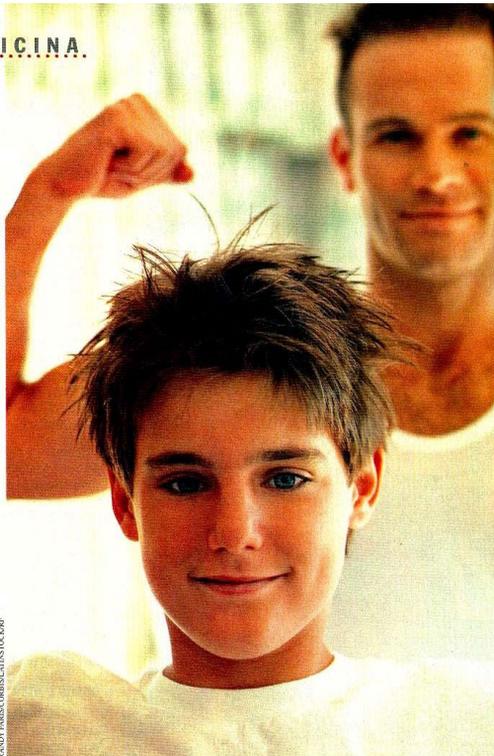


■ ESTUDOS EPIDEMIOLÓGICOS

Iniciados nos anos 50, ajudaram a mudar os rumos da medicina baseada em evidência. O estudo de Framingham, em andamento desde 1948, que acompanha moradores de uma cidade americana, possibilitou a descoberta de que o colesterol alto é um inimigo da saúde do coração

■ VACINAS

A primeira vacina, contra a varíola, foi criada pelo inglês Edward Jenner, em 1796. As vacinas estão entre as principais armas contra a mortalidade infantil, prevenindo 2 milhões de mortes por ano

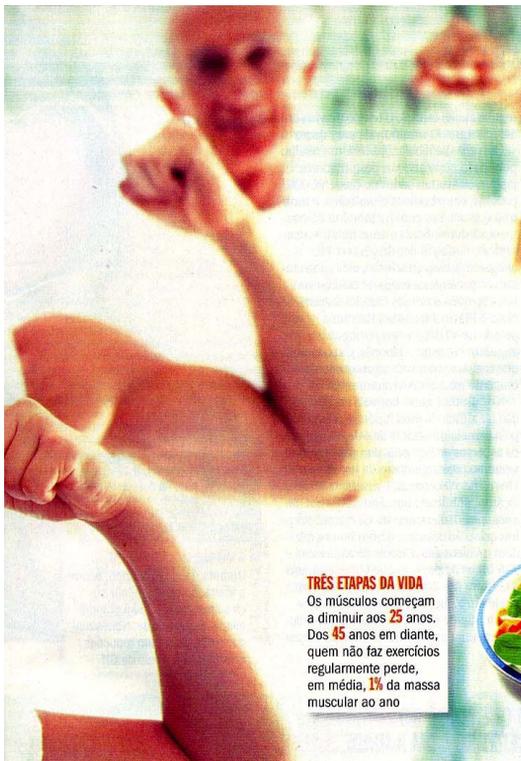


RANDY JAMES/ORBIS/ISTOCKPHOTO

Brasil. As doenças crônicas do coração e dos pulmões, bem como as artrites, aparecem, hoje, entre dez e 25 anos depois do que surgiam em gerações passadas. Os 60 anos de idade são os novos 50. Os 50, os novos 40, e assim por diante. Esse atual cenário, em que os males associados à idade chegam cada vez mais tarde, promove mudanças profundas na maneira de encarar o envelhecimento. "A idade cronológica está deixando de ser um parâmetro determinante da juventude de uma pessoa", diz o geriatra Renato Maia Guimarães, presidente da Associação Internacional de Gerontologia e Geriatria. Hoje, vivemos mais e queremos

viver cada vez melhor. Para que isso seja possível, o estudo da velhice adquiriu um caráter de urgência.

Estamos fadados a envelhecer. O nascimento é o início desse processo irreversível. As incontáveis reações químicas e divisões celulares que se dão ao longo da vida são, cada uma, pequeninas etapas que levam, em último grau, à senescência das células e do organismo como um todo. Recentemente, descobriu-se que o envelhecimento, ao contrário do que se acreditava, não é produto de uma única variável, mas de uma equação complexa. Nela se incluem fatores tão diferentes quanto os genes, a alimentação e a quantidade de exposição ao sol ao longo da



TRÊS ETAPAS DA VIDA

Os músculos começam a diminuir aos **29** anos. Dos **45** anos em diante, quem não faz exercícios regularmente perde, em média, **1%** da massa muscular ao ano



ANTES TARDE DO QUE NUNCA

Hábitos saudáveis são a garantia de juventude prolongada e de melhor qualidade de vida na velhice — mesmo quando são adotados mais tarde

■ ATIVIDADE FÍSICA

Começar a praticar uma atividade aeróbica aos 50 anos aumenta a expectativa de vida em até 3,5 anos. O exercício regular também pode ajudar a retardar em três anos o aparecimento de doenças cardíacas



■ DIETA BALANCEADA

Alimentação regrada aumenta em três anos a expectativa de vida. Um corte no consumo de sal, gorduras saturadas e carboidratos ajuda a diminuir a barriga, a taxa de açúcar no sangue e o colesterol. Isso significa prevenir ou controlar problemas como o diabetes em pessoas acima de 40 anos

■ PARAR DE FUMAR

Depois de dez anos sem fumar, o risco de um ex-fumante desenvolver tumores de pulmão já é igual ao de uma pessoa que nunca fumou. Mesmo na idade avançada, abandonar o fumo melhora o desempenho em atividades físicas



■ MEDICAÇÃO CORRETA

Respeitar as doses e os horários indicados pelo médico é uma forma de evitar reações adversas ou doenças que fogem do controle. Em outras palavras, automedicação é um perigo



vida. Sabe-se, também, que o peso de cada um dos fatores para o ritmo com que um organismo perde o viço não segue um único padrão — ele muda de uma pessoa para outra. Mas, afinal, o que nos faz envelhecer? Por que as células não se mantêm saudáveis indefinidamente?

As teorias que tentam explicar o envelhecimento se dividem em dois grupos. O primeiro abrange aquelas segundo as quais ele obedece a um cronograma pre-estabelecido pela natureza — o mesmo que determina, por exemplo, que o cérebro das crianças se desenvolva e que o aparelho reprodutivo dos adolescentes amadureça. O outro grupo de teorias aposta no ambiente como o grande vilão

da juventude. Segundo elas, o impacto de agentes externos ao organismo causaria danos às células que, acumulados, inviabilizariam o funcionamento a contento do corpo. A maioria dos cientistas considera que as duas vertentes que explicam o envelhecimento não se excluem — provavelmente, o processo é resultado tanto da máquina pré-programada pela natureza quanto de fatores ambientais que a alteram.

Aos avanços no que se sabe sobre a biologia do envelhecimento, somam-se descobertas cujo efeito é de ordem prática. Muitos estudos científicos recentes se

Fonte: Rogério Teixeira da Silva, fisiologista

FOTOS: ALEX SILVA E RAFAEL PALAVUENA

ocupam da identificação de fatores de risco e de formas eficazes para prevenir doenças ou aumentar a chance de ter uma vida saudável por mais tempo. Os primeiros estudos ambiciosos desse tipo tiveram início nos anos 50, e seu foco eram as doenças cardiovasculares. Nessa época, o fumo, o colesterol alto e a hipertensão entraram na lista negra dos cardiologistas. Os estudos que identificaram esses fatores como inimigos da juventude do organismo marcaram o começo de uma revolução que ainda está em curso na medicina e não tem data para acabar. Nos últimos anos, criaram-se exames que possibilitam a detecção de tumores minúsculos e descompassos hormonais mínimos. Com isso, aumenta-se a probabilidade de cura de cânceres ou de melhorar as condições de quem sofre de hipotireoidismo, que deixa a glândula tireoide mais preguiçosa e compromete a qualidade de vida dos pacientes.

Descobriu-se, não faz muito tempo, que apenas 35% da longevidade conquistada por uma pessoa se deve à herança genética. Mais determinantes que os genes para prolongar a vida são os hábitos. Abandonar as 5 000 substâncias tóxicas que cada bafada de cigarro leva ao organismo pode fazer com que se viva cinco anos a mais. Praticar atividades físicas

regularmente estende o tempo de vida em até três anos. O mesmo vale para quem segue uma dieta balanceada. Um trabalho publicado neste ano por pesquisadores japoneses avaliou dados de quase 90 000 pessoas, entre homens e mulheres, e mostrou que aqueles com melhor condicionamento físico sofriam menos infartos, derrames e outros males do gênero. Para chegarem a essa conclusão, eles submetem os pacientes a testes de esforço similares ao que os primos Gabriel Salomão Neto e Flávio Jancowski fizeram a pedido de VEJA (veja reportagem na pág. 80). No estudo japonês, os pacientes que registraram níveis de consumo de oxigênio mais altos viveram mais.

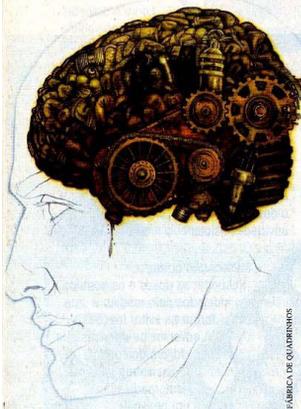
Nos últimos anos, houve a comprovação científica de uma hipótese formulada pela ciência na década de 60 — a de que os aspectos emocionais têm papel relevante no prolongamento da juventude. Um estudo recente da Universidade de Boston, publicado em abril no *Jornal da Sociedade Americana de Geriatria*, revelou que o otimismo e o bom humor ajudam a viver mais. Depois de avaliarem 246 filhos de pessoas que ultrapassaram a barreira dos 100 anos, todos eles com idade em torno de 75, os cientistas descobriram que os traços de personalidade tinham uma importância maior na longe-



PASCAL BRIZGHEITTI/ALAMY

A IMPORTÂNCIA DO SONO

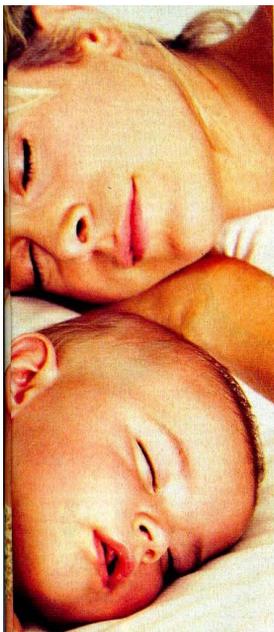
Durante o sono profundo, ocorre a liberação do hormônio do crescimento, o **GH**, um grande aliado da juventude. Noites mal dormidas provocam reduções drásticas nos níveis de GH



O QUE MUDA NO CÉREBRO COM A IDADE...

- PERDA DE MEMÓRIA** A partir dos 40 anos, o hipocampo, que processa a memória, diminui de volume. O ritmo de conexões entre os neurônios cai. Surgem, assim, os "brancos", os famosos lapsos de memória, e aumenta o risco de doenças como Alzheimer
- DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM** O córtex pré-frontal, que responde pela consciência e capacidade de planejar entre outras funções, é uma das últimas áreas a se formar durante a infância e uma das primeiras a sofrer com a idade. A partir dos 30 anos, tarefas como argumentar e organizar uma festa podem se tornar mais difíceis
- RACIOCÍNIO MENOS ÁGIL** A rapidez das conexões cerebrais diminui com a idade. Substância branca, região sob o córtex que acelera os impulsos neurais. Pequenas lesões nas artérias podem comprometer a agilidade de raciocínio
- CORPO EM DESEQUILÍBRIO** A postura e a precisão em trabalhos manuais são responsabilidade sobretudo do cerebelo, cujas funções decaem após os 19 anos. O resultado é o gradual desequilíbrio ao andar, além do desempenho ruim em atividades como pintar
- MAU HUMOR** A produção de neurotransmissores como a dopamina, relacionada à recompensa, e de serotonina, ligada à satisfação, diminui a partir dos 20 anos. Essa redução afeta o bem-estar e a alegria de viver

FABRICA DE QUADRINHOS



vidade e no bem-estar do que a predisposição genética a desenvolver doenças ou mesmo seus hábitos alimentares. Os menos neuróticos e extrovertidos, que lidavam melhor com o stress, tinham menos diabetes, hipertensão e doenças cardíacas. Dormir bem também ajuda na conquista da longevidade. Durante o sono profundo ocorre a liberação de hormônio do crescimento, o GH. Essa substância é uma das grandes fontes de juventude do corpo: favorece a fixação da massa muscular e dos minerais nos ossos, melhora o desempenho físico, a sustentação da pele e até mesmo o brilho do cabelo. Dos 16 aos 50 anos, a concentração de GH sofre uma queda natural de 35 para 10 microgramas por litro de sangue. A falta de sono causa uma redução ainda mais drástica. Em adultos jovens, uma noite de sono ruim leva a taxa de hormônio do crescimento para 5 microgramas por litro — metade do nível normal de um adulto mais velho. “Essa é uma das razões de nos sentirmos envelhecidos depois de dormir mal”, afirma a biomédica Deborah Suchecki, da Universidade Federal de São Paulo, especialista em bioquímica do sono.

O futuro da ciência da longevidade acena com recursos que vão muito além de um receituário com bons hábitos de

vida. À medida que o conhecimento sobre o organismo avança, uma nova gama de teorias emerge. Algumas pesquisas mostram que certos genes se manifestam na velhice e encurtam a longevidade. Saber como as mutações nos genes ocorrem, por sua vez, pode ter um papel fundamental no alongamento da vida das células. Há, inclusive, um ramo de pesquisas que tenta entender como o corpo conserva as moléculas de DNA que dia a dia são danificadas e por que, ao longo dos anos, ele perde essa capacidade. Uma pista veio à luz em 2004, quando pesquisadores da Universidade da Califórnia descobriram que o stress encurta o telômero, a tampa bioquímica que fica na ponta dos cromossomos. Sua função é manter a integridade do DNA e impedir que a molécula se destaque. Cada vez que uma célula se divide, o telômero fica um pouco menor, até atingir um ponto crítico. A partir daí, a célula não se reproduz mais e acaba morrendo — a falta de reposição das células que morrem é um dos fatores cruciais do declínio da vida saudável. Enquanto a ciência não desvende por completo os mecanismos do envelhecimento, o mais sensato é seguir as recomendações que hoje se tem para manter a máquina humana funcionando sem pane — e por mais tempo. ■

...E COMO ATENUAR OS EFEITOS DESSAS MUDANÇAS

TURBILHÃO DE IDEIAS

“Praticar atividades intelectuais, como ler, escrever, jogar cartas ou videogame, contribui para uma reserva cognitiva que ajuda a prevenir a perda de memória”, diz a neurologista Lea Grinberg

UM MILHÃO DE AMIGOS

Durante a evolução, o cérebro humano aumentou de tamanho, sobretudo no córtex pré-frontal, tornando o homem apto ao convívio social, à linguagem e ao pensamento abstrato. Uma boa maneira de preservar essa área é se relacionar frequentemente com amigos

COMIDA DE VERDADE

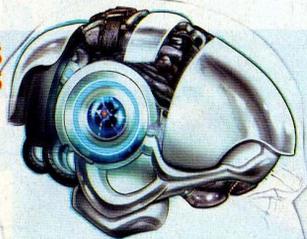
“Controlar a ingestão de gorduras, carboidratos, açúcar e sal ajuda a prevenir doenças que prejudicam o bom funcionamento do cérebro”, afirma o neurologista Li Li Min, da Unicamp

GUERRA AO SEDENTARISMO

“Os exercícios físicos aumentam o fluxo de sangue no cérebro e ativam novas redes neurais”, diz o radiologista Edson Amaro. Os exercícios aeróbicos melhoram a orientação espacial e o equilíbrio

CORAÇÃO EM PAZ

Invista em lazer para afastar o stress, a depressão e a ansiedade. “O bem-estar contribui para a produção de neurotransmissores”, diz o biólogo molecular Martin Cammarota, da PUC do Rio Grande do Sul



LONGEVIDADE • EXERCÍCIOS

O inimigo se chama sedentaris

76 | 15 DE JULHO DE 2009 | VEJA



UMA FORMA EFICAZ DE
COMBATÊ-LO É A CORRIDA,
QUE FAZ BEM PARA TODO
O ORGANISMO E NÃO
EXIGE EQUIPAMENTOS

O tempo cobra do corpo um preço alto. A partir dos 30 anos, o metabolismo fica mais lento, a capacidade pulmonar diminui, coração e vasos sanguíneos perdem elasticidade.

Ossos e articulações tornam-se mais frágeis, o que mais tarde pode comprometer a mobilidade e o bem-estar. Combater de maneira eficaz os efeitos da idade é um dos grandes desafios da medicina. Para os especialistas, o recurso que mais se aproxima de um elixir da juventude é simples: a prática regular de exercícios físicos. Os médicos são unânimes em afirmar que as pessoas que se exercitam vivem mais e com melhor qualidade. Como escolher o exercício ideal? Depende do gosto de cada um, mas os que mais ajudam a melhorar o condicionamento físico e desenvolver a capacidade cardiorrespiratória são os aeróbicos, ou seja, aqueles que fazem suar. No Brasil, o exercício que mais tem adeptos, depois do futebol, é a corrida. Calcula-se que, hoje, 4 milhões de brasileiros corram regularmente. A corrida se tornou um sucesso porque todos podem praticá-la. Tomadas as precauções necessárias em qualquer esporte — como exames cardiológicos e uma avaliação física —, basta colocar um par de tênis apropriado e preparar o fôlego.

Quem corre costuma falar de sua atividade com entusiasmo. A atriz Ana Paula Arosio, de 33 anos, começou a correr em 2001. Ela precisava treinar a respiração para ensaiar uma peça na qual ficava em cena por duas horas, sem interrupção. Desde então, tornou-se fã incondicional da corrida. Diz ela: "Correr é um comprometimento consigo

A atriz Ana Paula Arosio, que há oito anos corre todo dia: "Correr é um comprometimento consigo mesmo, uma forma de ser mais cuidadoso com o corpo e a mente"

veja | 18 DE JULHO, 2009 | 177

BRUNO M. ALMEIDA

A CORRIDA DA BOA SAÚDE

Correr é a atividade física cujo número de adeptos mais cresce no país. Calcula-se que 4 milhões de brasileiros pratiquem corrida, esporte que proporciona benefícios como...

...JUVENTUDE PROLONGADA

O ritmo de envelhecimento do organismo de um corredor acima de 50 anos é 50% mais lento que o de um sedentário

...MENOR RISCO DE VIDA

A probabilidade de morrer por infartos, derrames e cânceres é 60% menor nas pessoas com mais de 50 anos

...BOM HUMOR

Atividades aeróbicas intensas, como a corrida, reduzem pela metade os sintomas da depressão

...VISÃO PRESERVADA

O risco de sofrer de degeneração macular, a principal causa de cegueira em pessoas com mais de 60 anos, cai 20% para quem corre 2 ou mais quilômetros por dia

...MELHOR CAPACIDADE RESPIRATÓRIA

Ela pode aumentar 50% em comparação ao início do treinamento

...ARTICULAÇÕES SAUDÁVEIS

Problemas articulares, como artrite reumatoide e artroses, manifestam-se, em média, doze anos mais tarde entre corredores

Fontes: Daniel Magnoni, cardiologista e nutrólogo; Maria Cecília Damasceno, química médica; Rene Abdalla, ortopedista; e Carlos Hoesli, cardiologista

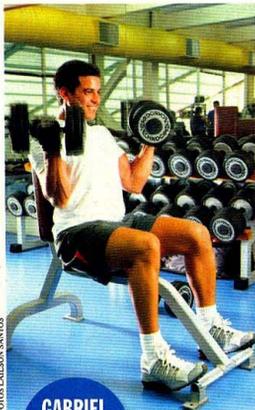
LAILSON SANTOS

O arquiteto Marcelo Falsal, que faz 20% de seus trajetos correndo: "É a minha fonte da juventude"

mesmo, uma forma de ser mais cuidadoso com o corpo e a mente. Às vezes corro mais de uma vez por dia, pois nunca sei se no dia seguinte terei tempo disponível". A corrida beneficia o organismo de diversas formas. O médico fisiologista Rogério Teixeira da Silva, coordenador do Núcleo de Estudos em Esportes e Ortopedia, explica: "Correr diminui os riscos de doenças cardiovasculares, respiratórias e das articulações. Além de tudo, ajuda a manter o humor em alta, porque aumenta os níveis de serotonina, neurotransmissor associado às sensações de bem-estar e felicidade. Uma pessoa livre de todos esses problemas certamente vive mais e melhor". A corrida, quando aliada a uma alimentação saudável, torna-se uma das melhores atividades para enxugar as gordurinhas, o que contribui, também, para a boa relação com o espelho.

Muita gente tem dificuldade em conciliar as atividades diárias com a prática de exercícios físicos. Vale a pena tentar, já que os riscos do sedentarismo são consideráveis. A Organização Mundial de Saúde recomenda a prática de, no mínimo, vinte minutos de atividade aeróbica vigorosa — como a corrida — três vezes por semana. O sedentarismo, somado a outros fatores de risco, como o fumo ou os maus hábitos alimentares, pode resultar em doenças como a hipertensão e favorece a ocorrência de derrames. Esses males afetam 23 milhões de pessoas no Brasil e estão entre as principais causas de morte no país.

O arquiteto paulistano Marcelo Faisal, de 47 anos, corre desde os tempos de colégio. Há um ano, passou a abdicar do carro para ir trabalhar — vence correndo os 8 quilômetros do percurso. Faz o mesmo quando vai a locais próximos de sua casa, como o parque e o supermercado. Segundo seus cálculos, hoje ele faz 20% de seus trajetos correndo. Diz ele: "Correr e trabalhar são as minhas duas fontes de juventude. Tive de integrar a corrida à minha rotina de trabalho para não abandonar essa prática, que me faz tão bem". Qualquer folguinha durante o dia é suficiente para dar o primeiro trote. Basta ter força de vontade para começar. ■



FOTOS: LAURIN SANTOS

GABRIEL COMPLETOU O TESTE



FLÁVIO PAROU NO MEIO

Primo atleta X primo sedentário

VEJA SUBMETEU AMBOS AO TESTE ERGOMÉTRICO

O empresário Gabriel Salomão Neto, de 31 anos, e o arquiteto Flávio Jancowski, de 35, são primos de primeiro grau. Ambos são saudáveis e têm biótipo parecido — mas estilo de vida completamente diferente. Gabriel é esportista. Faz sete horas de ginástica por semana, entre sessões de musculação, pilates, corrida e bicicleta. Flávio é sedentário. Não costuma se exercitar nem mesmo nas horas de lazer com os dois filhos pequenos. A pedido de VEJA, ambos se submeteram a um teste de esforço na esteira com a supervisão de médicos do Hospital do Coração, em São Paulo, para avaliar seu condicionamento físico. Quanta diferença nos resultados.

Gabriel, o esportista, correu por treze minutos, completando as seis etapas do teste. Flávio, o sedentário, abandonou a esteira pouco depois da metade do exame. O consumo de oxigênio de Flávio foi inferior ao do primo, o que mostra que Gabriel está mais bem condiona-

do. Em repouso, a frequência cardíaca de ambos era de 78 batimentos por minuto. Ao final, a de Gabriel subiu para 192 batimentos, considerada ótima, enquanto Flávio atingiu o limite máximo de segurança antes de completar o teste. A pressão arterial do primo atleta inicialmente 12 por 7, aumentou para 16 por 7, dentro do esperado. "A pressão sistólica aumentou e a diastólica se manteve, o que significa que o coração bombeou o sangue para as artérias com mais intensidade e eficiência durante o exercício", diz o cardiologista Raul Santos, do Instituto do Coração. A pressão arterial cardíaca de Flávio subiu de 13 por 8, ligeiramente alta, para 18 por 9. "A pressão mínima e a máxima subiram, mostrando que o coração, embora tenha bombeado mais sangue para as artérias, precisou se esforçar muito para fazê-lo", diz Santos. Conclusão: o sistema cardiovascular do primo esportista teve uma resposta mais adequada ao exercício.

A receita de quem parece não envelhecer

Todo mundo conhece alguém que parece desafiar o calendário e aparentar menos idade do que registra a certidão de nascimento.

Qual o segredo desses felizardos? A ciência diz que diversos fatores concorrem para a aparência física, entre eles a predisposição genética, a alimentação e os níveis de stress. Há muitas outras variáveis, como o clima em que se vive e até os remédios que se tomam. Como cada um envelhece de uma maneira, não há receita única para preservar a aparência com o passar dos anos. A maioria das pessoas que parecem mais jovens do que são, no entanto, costuma cultivar hábitos que favorecem essa característica.

VEJA perguntou a seis personalidades de áreas diversas, todas com uma estampa surpreendente para a idade que têm, quais os segredos de sua juventude. Desse painel pode-se tirar uma lição: mesmo quando a genética é favorável, ela não faz milagre. É preciso empenho para suar a camisa nos exercícios físicos, tempo para cuidar da pele, cabeça no lugar para combater o stress e vontade de ser feliz. ■

Combate sem trégua ao stress

RAÍ DE OLIVEIRA, empresário e ex-jogador de futebol IDADE: 44 ANOS

A que atribui sua juventude: "Faço tudo para combater o stress. O futebol me ajudava a descarregar a ansiedade. Quando parei de jogar, busquei outras maneiras de combatê-la. Fiz terapia com psicólogo e comecei a escrever textos sobre meus sentimentos. Quando voltei ao Brasil, depois de um ano estudando em Londres, vendi o carro para não me estressar no trânsito. Ando de metrô, táxi, bicicleta e carona".

Quando começou a se cuidar: "Depois de deixar os campos, nove anos atrás. Decidi estudar e cuidar da cabeça, além de continuar exercitando o corpo".

Alimentação: "Reduzi a ingestão de carne vermelha a no máximo duas vezes por semana, evito refrigerantes, fast-food e guloseimas".

Atividade física: "Corro 45 minutos, três vezes por semana, e jogo tênis durante uma hora e meia, uma ou duas vezes por semana. Às vezes, passo um mês sem malhar".

Cuidados com a pele: "Nenhum cuidado específico".

Cirurgia plástica: "Nunca fiz".



LAILSON SANTOS

A GENÉTICA AJUDA,
MAS NÃO FAZ MILAGRE.
O VISUAL JOVEM
DEPENDE DE MUITOS
FATORES. AQUI, SEIS
EXEMPLOS DE PESSOAS
QUE CONSEGUEM
RETARDAR A PASSAGEM
DO TEMPO

Energia da família e dos amigos

CARLA MARINS, atriz | IDADE: 41 ANOS

A que atribui sua juventude: "Procuro cultivar bons pensamentos e viver um dia de cada vez. Ter meu primeiro filho, naturalmente, aos 40 anos, me renovou. A família e os amigos trazem muita energia boa. Devo muito da minha juventude ao contato com eles".

Quando começou a se cuidar: "Aos 17 anos passei a prestar mais atenção à alimentação e a praticar atividades relacionadas à consciência corporal. Nunca fumar".

Alimentação: "Fui vegetariana por sete anos, mas voltei a comer frango e peixe em 2001, para ter uma dieta

mais balanceada. Não como frituras e procuro ingerir alimentos naturais, sem conservantes ou agrotóxicos. Bebo um copo de suco de babosa e tomo suplementos alimentares orgânicos diariamente".

Atividade física: "Faço cinquenta minutos de musculação e quarenta minutos de corrida todos os dias".

Cuidados com a pele: "Uso filtro solar e cremes orgânicos de óleo vera para a região dos olhos e faço hidratação".

Cirurgia plástica: "Nunca fiz".



ERMANO D'ALMEIDA

Rigor na dieta

JOSÉ OTÁVIO MARFARÁ, empresário IDADE: 50 ANOS

A que atribui sua juventude: "Na minha família, quase todos aparentam ter menos idade. A genética me é favorável, mas sei que preciso ajudá-la. Tenho hábitos de vida saudáveis e gosto de ficar perto da natureza".

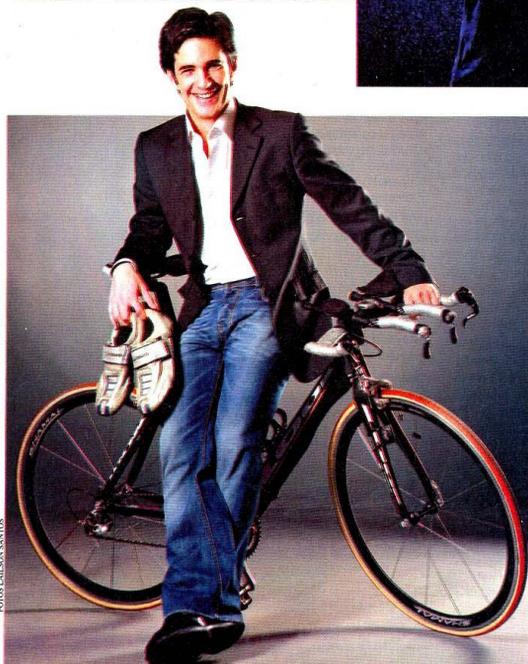
Quando começou a se cuidar: "Faço exercícios regularmente desde os 16 anos. Há dez, comecei a fazer atividades específicas para combater dores nas costas".

Alimentação: "Cortei a carne vermelha do cardápio. Como pouco carboidrato e gordura, mas sou menos rigoroso com a dieta nos fins de semana".

Atividade física: "Faço uma hora de musculação quatro vezes por semana. Três vezes por semana caminho ou corro por uma hora".

Cuidados com a pele: "Duas vezes por ano vou ao dermatologista. Uso hidratante no rosto, mas só aplico protetor solar quando vou à praia ou à piscina".

Cirurgia plástica: "Retirei bolsas sob os olhos dois anos atrás. Aos 17 anos, corrigi uma calosidade no nariz".



FOTOS: ALEX SANTIAGO

Força na malhação

ANUAR TACACH, empresário
IDADE: 35 ANOS

A que atribui sua juventude: "A prática regular de exercícios despertou meu interesse em pesquisar mais sobre o funcionamento do corpo. Gosto de entender tudo o que se passa no meu organismo e, dessa forma, aprendo os cuidados que preciso tomar para mantê-lo o mais jovem possível".

Quando começou a se cuidar: "Pratico exercícios desde criança. Há doze anos participo de maratonas em vários lugares do mundo. Costumo refazer a prova no ano seguinte para melhorar a performance".

Alimentação: "Tomo uma cápsula de multivitamínico diariamente, mas não sigo alimentação regrada".

Atividade física: "Faço uma hora de corrida ou bicicleta e musculação vigorosa, seis vezes por semana, mesmo quando viajo".

Cuidados com a pele: "Uso protetor solar".

Cirurgia plástica: "Nunca fiz".

A idade pode ser aliada

TOTIA MEIRELES, atriz: IDADE: 50 ANOS

A que atribui sua juventude: "Aceito os meus 50 anos e procuro manter o bom humor para diminuir o peso da idade. Acho que os personagens que interpreto ampliam minha visão do mundo e ajudam a ver os outros de maneira mais flexível".

Quando começou a se cuidar:

"Quando completei 40 anos, percebi que a idade é implacável e que precisava me cuidar mais. Comecei a cuidar da pele e da alimentação".

Alimentação: "Não como frituras nem janto.

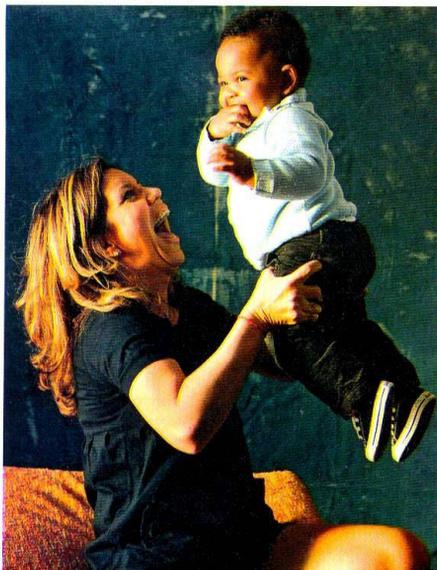
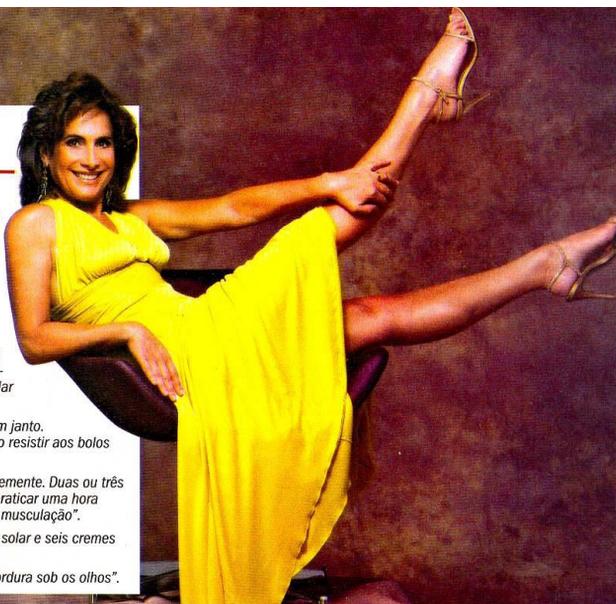
À noite, faço apenas um lanche. Tento resistir aos bolos caseiros, meu ponto fraco".

Atividade física: "Fiz balé até recentemente. Duas ou três vezes por semana, vou à academia praticar uma hora de exercício aeróbico e uma hora de musculação".

Cuidados com a pele: "Uso protetor solar e seis cremes para o corpo e o rosto".

Cirurgia plástica: "Tirei bolsas de gordura sob os olhos".

ERIANI D'ALMEIDA



O chip da felicidade

ASTRID FONTENELLE, apresentadora de TV IDADE: 48 ANOS

A que atribui sua juventude: "A vontade de ser feliz. Há pouco tempo, deixei para trás um trabalho e mudei de cidade, pois acreditei que minha felicidade estava ao lado de uma pessoa. Deu errado. Foi terrível, mas decidi não me entregar. Tive fé e corri atrás da minha felicidade de novo. Está dando certo. Adotei uma criança, Gabriel, de 11 meses, e vou reestrear meu programa na TV. Ser mãe me deixou mais feliz, bonita e até mais magra".

Quando começou a se cuidar: "Desde a adolescência presto atenção ao que como. Faço cursos e leio livros sobre temas diversos, como artes e religião, para exercitar a mente".

Alimentação: "Evito frituras, carne vermelha e feijão-preto. Não tomo refrigerante. Dou preferência a alimentos integrais e grelhados. Cachorro-quente e outras guloseimas só muito de vez em quando e, ainda assim, eu mesma as preparo, para evitar gordura em excesso".

Atividade física: "Corro ao ar livre, em média, quarenta minutos, três vezes por semana. Pratiquei ioga regularmente por cinco anos".

Cuidados com a pele: "Uso protetor solar, cremes antirugas, sabonete especial diariamente e Botox. Nunca durmo com maquiagem".

Cirurgia plástica: "Nunca fiz".

veja | 15 DE JULHO, 2009 | 87

LONGEVIDADE • VIVER MAIS E MELHOR

FOI-SE O TEMPO
EM QUE SE APOSENTAR
SIGNIFICAVA TROCAR
O BATENTE PELO
ÓCIO. CONTINUAR
TRABALHANDO É BOM
PARA O CORPO E A MENTE



7 razões para não vestir o pijama

A imagem convencional do aposentado que passa os dias descansando, vendo TV e improvisando pequenas atividades para matar o tempo está se tornando uma fotografia desbotada do pas-

sado. Com o aumento da expectativa de vida e os avanços da medicina, a maior parte dos brasileiros que hoje chegam à idade de se aposentar forma um contingente de pessoas bem-dispostas, saudáveis e com muito a oferecer ainda à sociedade. Passar o dia de pijama deixou de ser

um objetivo na vida da maioria das pessoas — e os estudos científicos comprovam que essa é a melhor opção para uma vida longa e com mais qualidade. Prosseguir trabalhando após a aposentadoria traz benefícios de ordem física, psicológica e prática. O mais evidente deles é

engordar o orçamento mensal. Mesmo que a remuneração na nova atividade não seja equivalente à recebida no auge da carreira, manter-se ativo faz com que o aposentado continue a se sentir útil e engajado no mundo. Além disso, segundo estudos médicos, manter a mente ativa é a

88 | 15 DE JULHO, 2009 | veja



es
tir

Raul Boesel, ex-piloto de Fórmula Indy, deixou as pistas de corrida e se tornou DJ: "Emocionante como correr as 500 Milhas de Indianápolis"

melhor prevenção contra a diminuição das capacidades cognitivas do cérebro e contra doenças degenerativas como Alzheimer.

A seguir, VEJA apresenta uma lista de bons motivos para evitar a aposentadoria, elaborada com a ajuda de especialistas de diversas áreas.



STEBAN

1 É A CHANCE DE MUDAR DE PROFISSÃO

Ao longo da vida, muitos projetos permanecem guardados por falta de tempo. O envolvimento integral com uma profissão torna impossível realizá-los. Os cabelos grisalhos podem ser a grande chance de pôr esses sonhos em prática. Uma pesquisa recente encomendada pela MetLife, empresa americana de previdência privada, mostra que a vontade de

experimentar um novo tipo de trabalho é o principal motivo pelo qual aposentados entre 60 e 65 anos voltam à ativa nos Estados Unidos. "No Brasil não é diferente", diz Matilde Bérna, diretora de transição de carreiras da consultoria profissional Right Management. "Muitos transformam um hobby antigo em trabalho", ela conclui. O curitibano Raul Boesel, ex-astro da Fórmula Indy, 51 anos, aposentou-se das pistas de corrida para estrear nas pistas das baladas noturnas. Aos 45 anos, Boesel começou a frequentar festas de música eletrônica e se apaixonou por esse estilo musical. Encantou-se com Ibiza, na Espanha, a meca dos DJs, e desde então vai todos os anos para lá. Há dois anos, virou DJ profissional e apresenta-se em casas noturnas todo fim de semana. Como corredor, Boesel estava acostumado a acordar às 7 e meia da manhã. Hoje, é comum que chegue do trabalho a essa hora. "Só me falta tocar em Ibiza", ele diz. "Deve ser emocionante como correr as 500 Milhas de Indianápolis."



2 MANTER A RENDA MENSAL

Para quem não tem poupança ou plano de previdência privada, a aposentadoria pode representar uma queda significativa no padrão de vida. Continuar trabalhando, desde que se tenha saúde e disposição, é uma boa saída para complementar o

orçamento. "Muita gente pensa que, quando se aposentar, vai gastar menos e, portanto, precisará de menos dinheiro. Mas algumas despesas aumentam com a idade, como os gastos com saúde", diz José Roberto Savoia, professor de finanças da Universidade de São Paulo. A professora paulista Vera Bruschi, de 55 anos, perdeu 40% de seu rendimento quando se aposentou, há dez anos. Prevendo a redução, decidiu investir na carreira. Fez um mestrado e hoje dá aulas de pedagogia. "Meus filhos ainda não eram independentes e, se não continuasse a trabalhar, não poderia ajudá-los com a faculdade", ela conta. Com a renda extra — o salário novo é o dobro do valor da aposentadoria —, ela planeja comprar um apartamento. "Se eu contasse apenas com o dinheiro do INSS, teria de me conformar com uma vida muito simples", conclui Vera.



O engenheiro gaúcho Paulo Bello (com a mulher, Maria Augusta) presta consultoria e mantém uma pousada na praia: "Assim, continuo a encontrar amigos com interesses comuns"



3 NÃO CHATEAR A FAMÍLIA

Manter alguma atividade profissional, mesmo diferente da que se teve durante toda a vida, evita que se passe mais tempo com a família do que é aconselhável. Muitos aposentados tornam mais frequentes as visitas à casa dos filhos e netos. O risco é que, baseados em

sua experiência de vida, eles acabem interferindo indevidamente na rotina familiar e na educação das crianças. "Aproveitar a companhia dos filhos adultos e dos netos que chegam pode ser muito gostoso, mas é preciso respeitar o espaço deles", adverte o psicólogo Hélio Deliberador, da PUC de São Paulo. Estadas longas na casa dos filhos costumam ser especialmente problemáticas. Muitos pais encontram dificuldade em entender que a casa dos filhos tem uma dinâmica própria. É mais provável que sua interferência produza — e não solucione — conflitos. Muitas vezes o desentendimento se instala na própria casa do aposentado. O cônjuge não está acostumado a conviver diariamente por tanto tempo com ele. Rugas que antes eram esquecidas ao longo do período em que o marido ou a esposa estava no escritório se reforçam.



4 NÃO PERDER SUA TURMA

Quem se aposenta se afasta dos colegas de trabalho de um dia para o outro. Isso significa perder os interlocutores com quem mais se tem afinidade de assuntos e interesses comuns. É questão de tempo para que o aposentado sinta falta das



OSCAR CABRAL

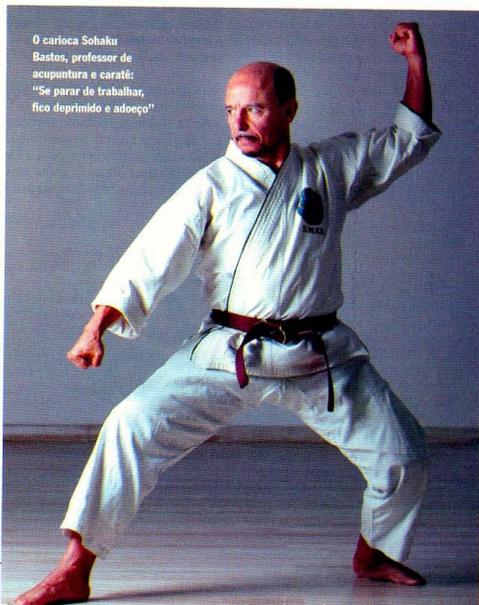
conversas sobre temas relacionados à profissão que exerceu durante décadas. O engenheiro gaúcho Paulo Bello, de 66 anos, e sua mulher, Maria Augusta, moravam nos Estados Unidos e costumavam vir em férias a Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. Quando Paulo se aposentou, passou a prestar consultoria em sua área, para não se afastar totalmente dos colegas de profissão. “Com as consultorias, eu me mantenho atualizado, sem ter de enfrentar a rotina massacrante de trabalho das grandes empresas”, ele diz. Além disso, o casal transformou a casa de Angra numa pousada, na qual hospeda os amigos de longa data — inclusive antigos colegas de Paulo. Diz Maria Augusta: “Acho que não vamos recuperar o investimento, mas não importa. O meu retorno é em vitalidade. Não quero ficar parada”.



5 TRABALHAR FAZ BEM À SAÚDE

A ideia de que se aposentar faz bem à saúde porque propicia mais tempo para o descanso é ultrapassada. Hoje a ciência tem como certo que manter o cérebro ativo é essencial para preservar suas funções cogniti-

vas. “Os circuitos do cérebro que são exercitados constantemente continuam saudáveis”, explica a neurocientista Suzanaerculano, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O carioca Sohaku Bastos, de 61 anos, acredita nisso. Especializado em acupuntura, durante décadas ele trabalhou doze horas por dia. Viajou diversas vezes a países do Oriente para se aperfeiçoar e chegou a ter como cliente a família do presidente do Sri Lanka. Seus serviços foram tão apreciados que hoje ele é cônsul daquele país no Brasil. Nos últimos anos, Bastos diminuiu o ritmo de trabalho, mas nem pensa em se aposentar. Ele mantém uma clínica no Rio de Janeiro onde, além de acupuntura, ministra caratê e dá orientação alimentar. “Se parar de trabalhar, fico deprimido e adoço”, diz Bastos.



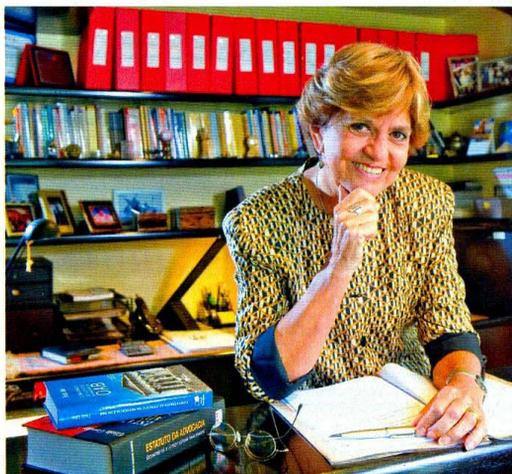
O carioca Sohaku Bastos, professor de acupuntura e caratê: “Se parar de trabalhar, fico deprimido e adoço”

OSCAR CABRAL



6 EVITAR A DEPRESSÃO

Ao se distanciar do ambiente de trabalho e da massa de novas informações que ele proporciona no dia a dia, o aposentado pode se sentir alijado da sociedade. Ler jornais ou assistir à TV dá a sensação de que, enquanto o mundo avança, ele se tornou um personagem do passado. Segundo os especialistas, esse tipo de sentimento é uma porta aberta para a depressão. “O aposentado corre o risco de se sentir velho e inútil, o que ele não é”, diz a psicóloga Anete Farina, da Universidade de São Paulo. Uma nova atividade, mesmo que não traga retorno financeiro, pode evitar essa armadilha. Após trabalhar por mais de quatro décadas



A advogada paulista Clemência Wolthers dá palestras e vai a congressos para se manter atualizada: “Estou a par de tudo o que acontece na profissão”

num dos maiores escritórios de advocacia do país, a advogada paulista Clemência Wolthers, 69 anos, nem pensou em descansar quando se aposentou. Montou um escritório em casa. Hoje representa uma organização de advogados, é conselheira da OAB, dá pales-

tras e frequenta congressos sobre direito. Diz Clemência: “Consigo dividir tudo o que aprendi nesses anos e me mantenho a par do que acontece. As mulheres de minha geração cresceram achando que virariam vovozinhas simpáticas. Eu não virei!”

STEFAN



7 NÃO DESPERDIÇAR A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Muita gente quer largar o trabalho por estar farta de horários, chefes e reuniões. Mas jogar fora a experiência de uma vida em determinado ramo profissional é um desperdício. O mais lógico é tirar partido desse conhecimento acumulado para ter horários mais flexíveis e agenda menos apertada. O primeiro passo é descobrir como fazer isso. “Não se deve pensar em quanto se vai ganhar, e sim em que áreas é possível ser

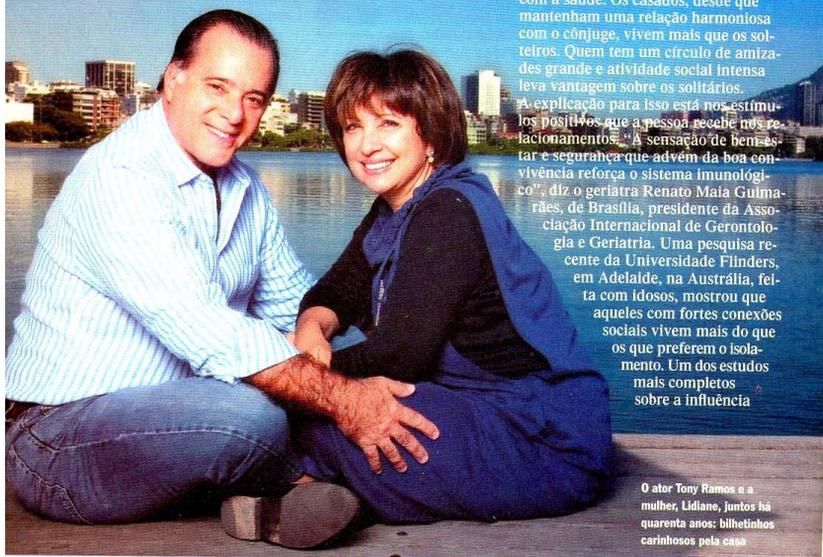
produtivo”, aconselha Matilde Berna, da consultoria Right Management. Isso porque dificilmente se conseguem rendimentos iguais aos do tempo em que se estava na ativa. Abrir uma consultoria ou prestar serviços para a antiga empresa são as alternativas mais comuns, mas não as únicas. Quando decidiu se aposentar, aos 56 anos, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a psicóloga Malvine Zalberg começou a dar palestras sobre psicanálise em centros culturais. Hoje viaja frequentemente pelo país para encontrar suas plateias. Dedicou-se também a escrever livros sobre o assunto — já está no terceiro. “Eu me aposentei de um trabalho, mas não da vida. Vejo essa fase como um momento de renovação”, afirma Malvine. ■

O afeto, um aliado poderoso

UM BOM CASAMENTO E MUITOS AMIGOS SÃO A RECEITA CERTA PARA CRIAR OS ESTÍMULOS POSITIVOS QUE, SEGUNDO PESQUISAS, CONTRIBUEM PARA A LONGEVIDADE

Estudos recentes que associam o modo de vida à longevidade mostram que as relações afetivas são tão determinantes para ganhar anos a mais no calendário quanto os cuidados com a saúde. Os casados, desde que mantenham uma relação harmoniosa com o cônjuge, vivem mais que os solteiros. Quem tem um círculo de amizade grande e atividade social intensa leva vantagem sobre os solitários.

A explicação para isso está nos estímulos positivos que a pessoa recebe nos relacionamentos. "A sensação de bem-estar e segurança que advém da boa convivência reforça o sistema imunológico", diz o geriatra Renato Maia Guimarães, de Brasília, presidente da Associação Internacional de Gerontologia e Geriatria. Uma pesquisa recente da Universidade Flinders, em Adelaide, na Austrália, feita com idosos, mostrou que aqueles com fortes conexões sociais vivem mais do que os que preferem o isolamento. Um dos estudos mais completos sobre a influência



O ator Tony Ramos e a mulher, Lidiane, juntos há quarenta anos: bilhetinhos carinhosos pela casa



Carlos Carriel, de 51 anos, com os colegas de faculdade: "Descobri que posso me apaixonar por novos assuntos"

do casamento na longevidade, feito por médicos da Universidade da Califórnia, analisou dados de 66.000 pessoas com idade entre 19 e 85 anos.

"Em todas as faixas etárias, observou-se que aqueles com um relacionamento amoroso estável tinham mais chance de chegar a uma idade avançada", disse a VEJA o geriatra Robert Kaplan, um dos autores do estudo.

O ator Tony Ramos e sua mulher, Lidiane, são protagonistas do tipo de casamento capaz de promover a longevidade. Em setembro eles vão comemorar, com um jantar e uma missa, suas bodas de rubi — o equivalente a quarenta anos de união. Ramos ainda presenteia a esposa com flores, deixa bilhetinhos carinhosos pela casa e, quando está gravando novelas, telefona pelo menos três vezes por dia para ela. "O amor acontece nas pequenas coisas, num toque, num carinho",

acredita o ator, que se define como um grande romântico.

No ano passado, cientistas da Universidade Harvard divulgaram os resultados de uma pesquisa feita ao longo de seis anos com um grupo de idosos cuja memória era testada periodicamente. O resultado mostrou que os mais integrados socialmente se saíram melhor nos testes. Foram usados no estudo três critérios para definir integração social: estado civil, trabalho voluntário e frequência do contato com a família e com vizinhos.

"Expor-se às novidades e aos desafios proporcionados pelo relacionamento social estimula o cérebro e a vontade de viver", explica o geriatra Fábio Nasri, do Hospital Albert Einstein, de São Paulo.

Foi em busca de novos estímulos que o engenheiro paulista Carlos Carriel, aos 47 anos, decidiu prestar vesti-

bular para a faculdade de direito. Formou-se no mês passado, aos 51 anos. Seu primeiro desafio na nova empreitada foi superar a diferença de idade com relação aos colegas, que o chamavam de senhor e com quem não tinha assuntos em comum. Rompidos os primeiros obstáculos, acabou fazendo amigos. "Com o tempo, a vida vai ficando entediante e descobri que posso me apaixonar por novos assuntos", ele conta. Entusiasmado com as novas amizades, Carriel decidiu se cuidar. Contratou uma personal trainer, consultou uma nutricionista e conseguiu perder 10 quilos. Neste mês, para comemorar a formatura, vai viajar para Machu Picchu — local que jamais havia cogitado visitar. Atitudes positivas como as de Carriel contribuem para uma vida mais longa e prazerosa. ■

Transfo em 5

OS EFEITOS DA IDADE NO ROSTO
PODEM SER ATENUADOS POR UM
BANHO DE SALÃO DE BELEZA

O rosto é a parte do corpo que mais evidencia os sinais da idade e que mais sofre com os efeitos do sol. Entre 30 e 40 anos, o ritmo de renovação celular diminui, o que faz com que a pele perca, aos poucos, o viço e o brilho. Depois dos 35 anos, a produção das fibras de colágeno e de elastina cai, levando a pele a ficar mais fina e mais seca, o que aumenta as rugas e os riscos de infecção. O ritmo de envelheci-

Antes

A PRODUÇÃO QUE REJUVENESCE

Apenas uma tarde (e nenhum recurso cirúrgico) foi necessária para promover mudanças profundas no visual da acupunturista carioca Márcia Cime. Antes de saber a idade de Márcia, tente adivinhar quantos anos ela tem, levando em conta primeiro a imagem da esquerda. Em seguida, faça a mesma avaliação baseando-se na segunda foto. A idade real de Márcia aparece no último bloco deste quadro

FOTOS: BRANCA ALMEIDA

O INÍCIO DA IDADE

OLHOS

A queda na produção de colágeno aumenta a flacidez da pele ao redor dos olhos e pálpebras, o que reduz a abertura dos olhos e compromete sua expressividade. Além disso, com a idade, o número de cílios diminui

A SOLUÇÃO

IMPLANTE DE CÍLIOS

Cerca de cinquenta cílios postiços são colocados um a um com uma cola especial que dura até um mês. Com isso, dá-se a impressão de que o olho é maior e mais amendoado, o que rejuvenesce

SOBRANCELHAS FINAS

A geração que hoje tem mais de 50 anos guarda no rosto uma das evidências dos tempos de juventude: as sobrancelhas finíssimas. O que era moda, no entanto, agora é mais um indicativo de idade

DESIGN DE SOBRANCELHA

Depois dos 40 anos, as sobrancelhas devem ser médias – nem muito finas nem grossas demais. Essa é a melhor estratégia para desviar a atenção da flacidez das pálpebras

rmiação horas

mento se acelera aos 50, com a diminuição na produção dos hormônios sexuais femininos.

Felizmente, a compreensão do mecanismo fisiológico do envelhecimento também permite que, mesmo sem bisturi ou cremes caríssimos, seja possível disfarçar as marcas do tempo. Recursos mais simples, como maquiagem e corte de cabelo, podem promover uma revolução na aparência.

A pedido de VEJA, a acupunturista carioca Márcia Cirne se entregou às tesouras, pinças e pincéis do cabeleireiro Tiago Parente, do Rio de Janeiro, e de sua equipe, que cuida das madeixas de famosas como Juliana Paes e Camila Pitanga. Márcia chegou ao salão por volta das 13 horas, com o visual que se observa à esquerda. Mudou cabelo, sobrancelhas e maquiagem. Às

6 da tarde, estava bem diferente, como se pode constatar à direita. "Pareço ter dez anos menos", disse ela, ao ver o resultado no espelho. "Acho que meu marido não vai me reconhecer." ■

Depois

RUGAS E FLACIDEZ

Os sinais no rosto que mais denunciam a idade são as rugas de expressão e a flacidez, que se acentuam após os 35 anos devido à redução das fibras de colágeno e de elastina

MAQUIAGEM

Preparar a pele antes da maquiagem melhora o resultado. Corretivos de olheiras podem ser usados nos sulcos que vão do nariz à boca e ao redor dos lábios. Aplicar blush marrom sobre a linha da mandíbula e sombra escura na curva da pálpebra disfarça a flacidez

COMPRIMENTO DO CABELO

O pescoço evidencia a idade, já que a flacidez local e o acúmulo de gordura, o papo, são difíceis de disfarçar. Cabelos curtos demais ou na altura dos ombros chamam atenção para essa região

CORTE

A altura ideal do cabelo fica entre o queixo e o ombro, pois disfarça a região do pescoço. Cortes que deem volume e leveza ajudam a chamar atenção para a moldura do rosto, e não para o rosto em si

COR DO CABELO

Os fios brancos aparecem não apenas por causa da idade, mas também por fatores como genética e stress. Ao tingi-los, deve-se evitar o uso de uma cor apenas, já que o cabelo jovem apresenta uma mistura natural de tons

TINTURA

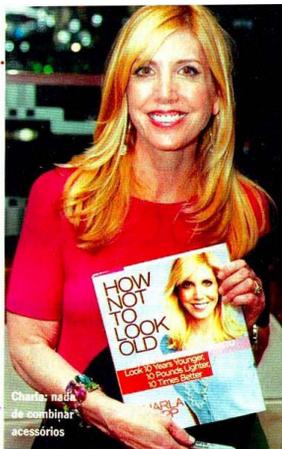
Mulheres acima de 50 anos, como Márcia, devem fugir de tons muito claros, pois deixam as rugas do rosto mais evidentes. Tampouco devem exagerar nos reflexos claros nas pontas e ao redor do rosto, o que pode evidenciar rugas

Fontes: Jardis Volpe e Sílvia Marcondes, dermatologistas; e Fashion Clinic

Márcia Cirne tem 54 anos
veja | 15 DE JULHO 2009 | 101

As 10 dicas de Charla Krupp

A CONSULTORA AMERICANA DE MODA, AUTORA DO BEST-SELLER "COMO NÃO PARECER VELHA" (*HOW NOT TO LOOK OLD*, NO ORIGINAL EM INGLÊS), DÁ CONSELHOS PRÁTICOS PARA SER JOVEM POR MAIS TEMPO



Charla: nada de combinar acessórios

NADA ENVELHECE MAIS UMA MULHER DO QUE...

...ÓCULOS DE ARO METÁLICO OU SEM ARO.

Armações coloridas ou grossas realçam a fisionomia de quem as usa

...CORRENTE PARA PENDURAR ÓCULOS NO PESCOÇO.

Nada lembra mais uma avó do que esse acessório

...CABELOS MUITO ESCUROS OU COM OS FIOS BRANCOS APARENTES.

Tons mesclados disfarçam a idade e têm aspecto mais natural

...SAPATO E BOLSA IGUAIS.

Nada mais anos 80 do que combinar acessórios

...MAQUIAGEM COM A DATA DE VALIDADE VENCIDA.

Base para rosto, por exemplo, só disfarça as rugas se a textura estiver adequada — nem muito rala nem muito espessa

...BATOM DE CORES ESCURAS.

Chamam atenção para as rugas ao redor dos lábios

...UNHAS SEM FAZER.

Além de aparentarem descuido, unhas manchadas ou de aspecto quebradiço evidenciam a idade

...USAR SAIA MUITO ACIMA OU MUITO ABAIXO DO JOELHO.

Em vez de alongar a silhueta, o resultado pode denunciar que a peça pertence ao armário da filha

...O JEANS ERRADO.

Calças muito justas ou com enfiates devem ficar bem longe do guarda-roupa

...EXCESSOS.

Isso vale para tudo: da maquiagem às roupas e unhas. Quanto mais natural é a aparência, mais jovial será a mulher

QUANTO MAIS IDADE, MELHOR

Duas atrizes que aprenderam a usar os truques da estética facial a seu favor



Bette Midler

A combinação de pele muito branca com cabelo loiro-claro a deixava envelhecida



Teri Hatcher

Seu novo visual prova que mulheres com mais de 40 anos também podem usar cabelos longos para ficar mais sensuais



Chega

A PLÁSTICA DO SÉCULO XXI

Rosto excessivamente esticado, denunciando a cirurgia, é coisa do passado

CORRIGEM-SE IMPERFEIÇÕES que surgem com a idade, mas algumas rugas são preservadas para que o rosto continue com seus traços originais

OS CORTES, próximos às orelhas, medem cerca de 5 centímetros, um quinto da extensão dos cortes de antigamente

A CIRURGIA é feita, em média, em duas horas, metade do que durava antes. Isso diminui o risco de complicações pós-operatórias

A RECUPERAÇÃO ocorre em cerca de dez dias, um terço do que demorava antes

PARA ESTICAR A PELE, repuxa-se o músculo facial. Antes a própria pele era descolada e puxada, o que costumava deixar os olhos e as sobrancelhas com aspecto artificial

A CIRURGIA É COMPLEMENTADA por tratamentos cosméticos, como o uso de toxina botulínica e preenchimentos



Sonia Braga hoje (foto maior) e nos tempos de *Dona Flor*, em 1976: beleza e feições preservadas

de puxa-estica

AS NOVAS TÉCNICAS DE
CIRURGIA ESTÉTICA
PRESERVAM PARTE DAS
RUGAS E DA FLACIDEZ.
O OBJETIVO É DEIXAR
O ROSTO MAIS NATURAL

Desde meados do século XX a cirurgia plástica é um poderoso aliado de quem pretende disfarçar as marcas do tempo.

Mas, na busca por uma imaginária juventude eterna, muita gente — mulheres, em esmagadora maioria — altera o rosto de forma tão radical, ou com tanta frequência, que acaba se tomando caricatura de si própria. Quem não se lembra de Barbara Eden, a protagonista do seriado de televisão *Jeannie É um Gênio* (na foto maior, à direita)? E quem consegue reconhecê-la na foto menor? Outras celebridades, como as cantoras Cher, Janet Jackson e Tina Turner, ganharam traços como olhos orientais, sobrancelhas quase no meio da testa e bochechas do boneco Fofão. A era das intervenções radicais, no entanto, está chegando ao fim. As cirurgias plásticas evoluíram. Hoje, elas são mais sutis e o resultado, mais natural. "Foi a vontade das pacientes que fez com que a plástica mudasse. Elas não querem alterar a fisionomia, querem apenas tirar o excesso que chama atenção", explica Luiz Eduardo Abla, cirurgião plástico da Universidade Federal de São Paulo.

Um bom exemplo dessa tendência é a atriz Sonia Braga, de 59 anos. Ela fez lifting no rosto e retocou os olhos, mas suas feições continuam bem parecidas com as que conquistaram o país no fil-

me campeão de bilheteria *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de 1976. Nos liftings de antigamente, faziam-se longas incisões, de orelha a orelha, nas quais se puxava toda a pele para cima, resultando em testas enormes e sobrancelhas fora do lugar. Nas técnicas mais modernas de lifting, os cortes são menores e associados a outros tratamentos, principalmente o Botox. Além disso, em vez de puxar a pele, puxam-se o músculo facial e estruturas gordurosas. A seguir, a pele se adapta ao novo contorno do músculo. Mas a principal diferença das novas plásticas com relação às antigas é de conceito. As incisões conservam no rosto parte das rugas e da flacidez, para que a diferença não resulte gritante. Pele lisa denuncia a plástica, e, como não

existe mulher sem rugas a partir de 50 anos, suavizá-las é a melhor opção. Os cortes menores, por sua vez, diminuem as cicatrizes e as deformidades.

A plástica nas pálpebras também foi aprimorada. É possível tirar as bolsas de gordura sem deixar cicatrizes, fazendo a incisão por dentro das pálpebras. "Com essa técnica não há risco de o paciente perder o contorno original. O resultado final são olhos jovens, descansados e com aspecto natural", conta Natale Gontijo de Amorim, da equipe de cirurgias de Ivo Pitanguy. As plásticas menores também propiciam uma recuperação mais rápida da paciente e diminuem o risco de complicações. Só há uma desvantagem: elas precisam ser refeitas a intervalos mais curtos, em média de cinco anos, em vez de dez, como nas plásticas convencionais. Para as mulheres vaidosas, não se trata de um empecilho.



A atriz Barbara Eden em *Jeannie É um Gênio* (à esq.) e hoje: irreconhecível depois das plásticas à moda antiga



VALCIR VOLTZ/ORBIS/ATVSTOCK

EVERETT COLLECTION/GRUPO KENSTONE

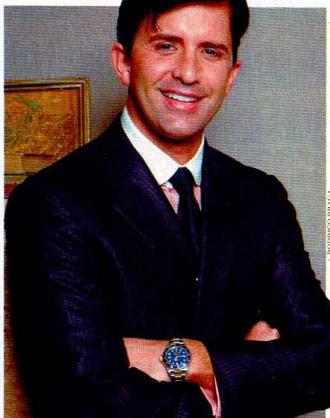
A hora certa da plástica

O cirurgião plástico Robert Rey, nascido em São Paulo há 47 anos, é dono de uma clínica em Los Angeles e faz sucesso na TV americana com um programa do tipo reality show sobre medicina estética, o *Dr. 90210*. Nesta entrevista à subeditora Gabriela Carelli, ele diz por que os procedimentos feitos na juventude adiam a necessidade de cirurgia plástica na maturidade.

A cirurgia plástica ainda é o melhor recurso para quem quer ter uma aparência jovem depois dos 50 anos?

Ao contrário do que acontecia há vinte anos, hoje a plástica não é a única solução para conseguir uma aparência mais jovial. É uma opção. Há inúmeros tratamentos dermatológicos que promovem melhora significativa da aparência e previnem o envelhecimento, postergando a necessidade de uma intervenção cirúrgica. Um exemplo é o laser usado para enrijecer a pele do pescoço, que se torna flácida com a idade. Se utilizado numa pessoa mais velha, já com alto grau de flacidez, o resultado não será tão bom quanto o da cirurgia. Mas, se o procedimento começa a ser feito aos 20, 30 anos, é bem possível que essa mesma pessoa nunca precise se submeter a tratamento cirúrgico. O mesmo acontece com quem usa Botox e faz preenchimento com ácido hialurônico desde cedo. Algumas dessas substâncias paralisam os músculos e evitam a formação de rugas profundas. No entanto, se o objetivo é prolongar as feições da juventude, a primeira coisa a fazer é adotar um estilo de vida saudável, evitar o cigarro, o café, exercitar-se e alimentar-se bem.

Fazer plástica demais pode ter um efeito contrário, ou seja, deixar a pessoa com uma aparência envelhecida, em vez de mais jovem? Sem dúvida.



ROBERTO BRAGA

Na sua opinião, as pessoas estão fazendo plásticas demais sem necessidade? Sim. Há uma espécie de loucura coletiva em torno da plástica. As mulheres querem fazer tudo e pagam o que for preciso, mesmo sem precisar de um retoque sequer. O que começou a salvar o mundo desse frenesi em torno da aparência foi a crise global. As pessoas foram obrigadas a pensar sobre o destino do seu dinheiro e também a refletir sobre o que estavam fazendo com o seu corpo. Bom para o bolso e para a saúde.

Quais avanços nas técnicas de cirurgia permitirão rejuvenescer rostos envelhecidos sem torná-los artificiais? Inúmeros. Não é

possível sequer comparar a plástica de hoje com a de quinze anos atrás. É como se fossem duas práticas médicas distintas. É só lembrar as lipoaspirações que deixavam ondulações e, muitas vezes, deformavam o paciente em vez de torná-lo mais bonito. Quem fazia a cirurgia clássica de rosto, puxando para cima tudo o que havia caído com a idade, ficava com uma cicatriz enorme no couro cabeludo. A aparência era estranhíssima e denunciava quem tinha feito o procedimento. Hoje, é possível esticar o rosto de forma suave, deixando algumas ruguinhas para ficar com aspecto natural, sem cicatrizar.

Qual o padrão de beleza que faz mais sucesso hoje? Ninguém quer mais ser Pamela Anderson e colocar próteses de 500 mililitros de silicone em cada seio. Da mesma forma, ninguém quer envelhecer e parecer um boneco de cera. Quem procura plástica hoje quer ser bonito e normal. As mulheres preferem ficar parecidas com a Gisele Bündchen ou com a Jennifer Aniston. ■

A tendência atual da plástica é a naturalidade. Ninguém mais quer ficar com o rosto totalmente repuxado. O ideal é parecer mais jovem, mas não negar totalmente a idade. A atriz Sonia Braga é um exemplo de quem usou a plástica a seu favor. Ela está perfeita, linda, bem natural. Quem exagera na plástica corre o risco de parecer uma pessoa muito velha querendo ficar muito jovem.

É possível saber quando a plástica é necessária e quando há um exagero?

Um médico tem de saber identificar se a cirurgia é necessária ou não, inclusive rejeitar o paciente. Eu fiz isso inúmeras vezes, para o bem do paciente. A busca pela juventude está fazendo muita gente enlouquecer. Um de cada seis pacientes que procuram um cirurgião plástico nos Estados Unidos sofre de dismorfia, ou seja, tem uma percepção alterada de sua aparência real. Quem tem dismorfia precisa de ajuda de um psiquiatra, não de um cirurgião.

A prova que faltava

A CIÊNCIA JÁ SABIA QUE A REDUÇÃO DE CALORIAS PROLONGA A VIDA DOS RATOS. AGORA, DESCOBRIU-SE QUE FAZ O MESMO COM OS PRIMATAS. AS EVIDÊNCIAS SÃO DE QUE TAMBÉM OS SERES HUMANOS PODEM SE BENEFICIAR DE UMA ALIMENTAÇÃO FRUGAL

MENOS COMIDA, MAIS VIGOR

A dieta de restrição calórica

Canto, aos 25 anos

O macaco rhesus Canto envelheceu bem. Sua pele conservou a elasticidade. O modo de caminhar permaneceu seguro e a postura continuou ereta. Na velhice, Canto manteve o comportamento enérgico e vigoroso típico dos primeiros anos de vida

445 calorias consumidas diariamente sob a forma de ração

(além da ração, o macaco recebe uma maçã por dia)

0 equivalente para seres humanos*

2 000 calorias consumidas diariamente**



CAFÉ DA MANHÃ
Grãos de soja fermentados



ALMOÇO
Salada de tofu, verdura cozida, cenoura e konnyaku (alimento gelatinoso preparado a partir de uma espécie de inhame)



JANTAR
Salsicha vegetariana, repolho, molho de tomate e salada

*O cardápio acima foi elaborado pelo empresário americano Mike Linksvayer, um dos principais entusiastas da restrição calórica

Os macacos de laboratório das frotas abaixo são idosos para sua espécie. Canto tem 25 anos e seu colega, Owen, 26. Enquanto o primeiro esbanja vitalidade, com seu corpo ereto, pelo brilhante e olhar alerta, o segundo tem o rosto enrugado, está ficando corcunda e sofre de artrite. Qual é o segredo da juventude de Canto? Sua dieta. Ele é alimentado apenas com o mínimo necessário para sobreviver, o equivalente a 445 calorias. Já seu parceiro de pesquisa tem liberdade para comer quanto quiser, e ele só se satisfaz depois de ingerir 885 calorias. Os dois são protagonistas de um estudo publicado na quinta-feira

passada pelo Centro Nacional de Pesquisas com Primatas, de Wisconsin, nos Estados Unidos, que reforçou a tese de que comer menos contribui para a longevidade. Dois grupos de macacos rhesus foram acompanhados por vinte anos. O resultado mostra que no grupo que comia menores quantidades a incidência de diabetes, câncer e doenças cardíacas e cerebrais foi menor.

Desde a década de 30 existem estudos que mostram que uma dieta com calorias reduzidas contribui para uma vida mais longa. Mais recentemente, essas pesquisas inspiraram a dieta de restrição calórica. Ela contém todos os nutrientes necessários para o bom funcionamento do organismo, só que com a redução de 30% das calorias diárias recomendadas — 2500 para os homens e 2000 para as mulheres. O responsável pela populari-

zação da dieta nos Estados Unidos, nos anos 90, foi o gerontologista Roy Walford, que descobriu suas vantagens acidentalmente. Em meio a uma experiência, ele e um grupo de cientistas permaneceram enclausurados num laboratório por dois anos, comendo apenas o que produziam no local. No fim, faltou comida e, ao racioná-la, perceberam que a saúde de todos melhorou. A pesquisa com os macacos é a prova que faltava para confirmar que, na alimentação, privação pode ser sinônimo de saúde.

Quando comemos, o corpo produz substâncias oxidantes, os radicais livres, que contribuem para o envelhecimento das células. Além disso, a ingestão de carboidratos estimula a produção da insulina, que, em quantidade excessiva, pode causar hipertensão e diabetes. "A dieta de restrição calórica, por si só,

A dieta normal

Owen, aos 26 anos

Owen come muito mais que Canto, e não envelheceu tão bem. Sua postura foi afetada pela artrite. Sua pele ficou mais enrugada. Frágil, ele se movimenta com dificuldade. Exames de sangue revelaram concentrações exageradas de glicose e triglicérides

885 calorias consumidas diariamente sob a forma de ração

além da ração, o macaco recebe uma maçã por dia)



FOTOS: JEFF MILLER/IN WISCONSIN/MAURSON

equivalente para seres humanos*

3 000 calorias consumidas diariamente**



CAFÉ DA MANHÃ
Ovos fritos, torradas com manteiga, bacon



ALMOÇO
Sanduíche com batata frita



JANTAR
Carne, purê de batata e milho

Bebidas, lanches e sobremesas não foram mostrados aqui. Dieta varia de acordo com o sexo, o biótipo e o grau de atividade física



INFOGRAFICO THE NEW YORK TIMES/ EDITADO POR KARINA PASTORE

não aumenta os anos de vida, mas evita que o corpo adoça e se degrade mais rápido”, explica o endocrinologista Freddy Goldberg Eliaschewitz, da Universidade de São Paulo. Ainda não há estudos conclusivos em humanos que comprovem uma relação direta entre uma alimentação pouco calórica e a longevidade, mas todas as evidências apontam nessa direção. “Um estudo desse tipo é muito difícil de realizar porque exigiria que voluntários ingerissem o mesmo cardápio durante anos, e as pessoas são suscetíveis a desejos e impulsos com relação à comida”, explica o biólogo gaúcho Emílio Jeckel. Após aplicar a dieta de redução calórica em ratos, Jeckel observou que o grupo que comia menos vivia 20% mais. Em busca do bônus sem o ônus, cientistas estão tentando desenvolver um medicamento que reproduza os efeitos da dieta de restrição calórica. Uma das substâncias pesquisadas é o resveratrol, encontrado no vinho tinto e que teria a capacidade de ativar enzimas que retardam o processo de envelhecimento das células.

O casal americano Paul McGlothlin e Meredith Averill, de Nova York, mostra que é possível driblar as tentações da

mesa. Seguidores da dieta há dezesseis anos, eles contam que ficam resfriados com menos frequência, têm mais energia e até a densidade óssea de ambos aumentou. Há um ano, escreveram um livro dando dicas de como transformar o martírio em prazer. “Escolho alimentos que estimulem a produção de serotonina. Fazer a última refeição à tarde e à base de carboidratos proporciona um corpo mais relaxado e feliz”, disse a VEJA McGlothlin. Com a ingestão de 900 calorias por dia, ele mantém seus 61 quilos distribuídos em 1,82 metro. Menos radical, o californiano Mike Linksvayer, de 39 anos, vice-presidente de uma empresa de tecnologia, é quase um guloso entre os seguidores da dieta da restrição calórica. Há nove anos ele come uma maçã e cereais pela manhã e vegetais e produtos à base de soja no almoço. Termina o dia com um lanche

leve à base de carboidratos, totalizando 2.000 calorias. Tem 1,83 metro e pesa apenas 60 quilos. “Faço a dieta pensando em ser mais saudável. Se ela me ajuda a viver mais, melhor ainda”, disse ele a VEJA.

A roteirista de TV carioca Andrea Rego, 46 anos, faz involuntariamente a dieta de restrição calórica. Diz que tem sorte porque não aguenta comer grandes porções. “Se como uma colher de leite condensado, não consigo comer uma fruta”, conta Andrea, que pesa 45 quilos e tem 1,57 metro de altura. Para garantir uma boa alimentação, ela dá preferência às comidas nutritivas. É impossível afirmar se os benefícios são consequência de sua dieta, mas Andrea não se lembra da última vez em que ficou gripada, nunca teve problemas de colesterol ou triglicérides altos e, enquanto seus amigos já usam óculos para corrigir a vista cansada, ela enxerga perfeitamente. “Indico a dieta de restrição calórica para os pacientes preocupados em envelhecer bem, mas as pessoas magras são as que têm mais facilidade de segui-la”, diz o endocrinologista carioca Alberto Serfaty, conhecido pela lista de clientes famosos, como Vera Fischer e Carolina Dieckmann. Os médicos alertam para o fato de que a redução drástica de calorias tem seus riscos. A falta de carboidratos prejudica a oxigenação cerebral e faz com que o corpo tire energia das proteínas, desgastando os músculos. “Uma dieta muito intensa prejudica a imunidade do corpo, deixando a pessoa mais suscetível a doenças”, explica o endocrinologista Alessandra Rascovski, do Hospital Albert Einstein, de São Paulo. Recomenda-se bom senso na hora de reduzir as calorias em troca de uma vida mais longa e saudável. ■

MAÇÃS E CEREAIS NO CAFÉ DA MANHÃ

O californiano Mike Linksvayer, de 39 anos, há nove come pouco nas três refeições diárias: “Faço a dieta pensando em ser mais saudável. Se ela me ajuda a viver mais, melhor ainda”

JIM WILSON/THE NEW YORK TIMES



O TROFÉU QUE ENCOLHEU

O Japão, país cuja população envelhece mais rapidamente no mundo, economiza na festa anual que homenageia os centenários

Todo ano o governo japonês homenageia os cidadãos que completam 100 anos de idade. Em setembro, eles são convocados para o Hakusai-Shosho, a premiação dos longevos, na qual recebem um troféu — uma taça de prata para saquê. Em 1963, quando a festa foi realizada pela primeira vez, 153 cidadãos tomaram-se centenários. Neste ano, nada menos de 20.000 japoneses estão habilitados à homenagem. O governo está preocupado com os gastos que a celebração implicará e já anunciou que vai reduzir o tamanho da taça. Ela será feita com 63 gramas de prata, 31 a menos do que antes.

A prosaica questão da taça de saquê mostra como o aumento do número de idosos se tornou uma questão central na sociedade japonesa. O Japão é o país cuja população envelhece a ritmo mais acelerado no mundo. Hoje, as pessoas com mais de 65 anos representam 23% da população e, em duas décadas, serão

um terço. A expectativa de vida das mulheres, de 86 anos, é a maior do mundo. A dos homens, de 79 anos, fica atrás apenas da da Islândia e de Hong Kong. Há hoje 37.000 japoneses com 100 anos ou mais. A proporção de idosos no Japão dobrou entre 1980 e 2005. Na França, isso levou 115 anos para ocorrer, e, na Alemanha, quarenta anos. A explicação para isso, além do aumento da expectativa de vida, está na acentuada queda na taxa de fecundidade das japonesas. O número de filhos por mulher caiu de 2,05 no início dos anos 70 para 1,34 hoje. Quando a taxa de fecundi-

dade de um país cai abaixo do patamar de 2,1, a população cresce em ritmo cada vez mais lento e, depois de duas ou três décadas, passa a diminuir de tamanho.

Ao contrário do que costuma ocorrer nos países ocidentais, no Japão a maioria das mulheres para de trabalhar depois de ter o primeiro filho. Como elas estão cada vez mais inseridas no mercado de trabalho, acabam por adiar a maternidade. Junte-se a isso a estagnação econômica que o país vive há mais de uma década e o resultado são casamentos tardios e com menos crianças. Nas últimas três décadas, o número de japonesas solteiras entre 30 e 34 anos subiu de 7% para 32% e o de homens solteiros, de 14% para 47%. Disse a VEJA o economista Michael Smitka, diretor do Centro de Estudos do Leste Asiático da Universidade Washington and Lee: "O governo japonês não tem feito muita coisa para aumentar a natalidade no país. Equilibrar trabalho e família continua difícil para as mulheres, uma lei de paridade entre os sexos no mercado de trabalho não teve resultados e não há creches suficientes". As festas de premiação dos longevos exigirão cada vez mais taças de prata.



TOKU HANAMITSUMI

CORTE DE GASTOS

Japonesa na festa dos que fazem 100 anos e a taça de saquê (abaixo): prêmio com menos prata

A TURMA DOS LONGEVOS

O número de japoneses que chegam aos 100 anos não para de crescer



RENATA MORAES E NATHÁLIA BUITI

Beleza

Chegar aos 50 com corpinho, e o resto, de 30? Recursos estéticos não faltam. Difícil mesmo é não passar dos limites

SUZANA VILLAVERDE

Vamos começar pela verdade inconveniente: é impossível conseguir a aparência das mulheres que aparecem nas fotos ao lado, todas, inacreditavelmente, na faixa do fim dos 40 e começo dos 50. Mas existe um bocado de coisas que dá para fazer, mesmo no caso de quem nasceu sem o equipamento genético de beldades como as atrizes americanas Demi Moore e Sharon Stone, a ex-modelo australiana Elle MacPherson ou a editora francesa Carine Roitfeld. Algumas custam caro, como buscar excelentes profissionais do ramo da estética. Outras exigem autodisciplina feroz — não engordar é um dos mandamentos mais básicos de quem quer combater a aparência envelhecida. Existe, por fim, um recurso que não custa nada e pode ser até engraçado para quem dispõe de suficiente distanciamento crítico: mentir, mentir sempre sobre as magias (e os sacrifícios) do rejuvenescimento. No máximo, reconhecer um retoquezinho aqui e ali.

Mas não dá para dizer que fez só um pequeno preenchimento e aparecer com a aparência excessivamente plastificada que caracteriza os exageros da busca da autopreservação. A ex-mulher de Silvio Bertusconi, Veronica Lario, e a estilista Donatella Versace, ambas italianas, são exemplos de mulheres pós-50 que extrapolaram na conservação da juventude — um resultado nada incomum entre as loucas por Botox. Por que, dispondo de vastos recursos e acesso aos maiores es-



BRIAN ZALOSTRA/PIRELLA GÖTTSCHE LOWE

KEVIN MAZUR/MEDIA/PIRELLA GÖTTSCHE LOWE

Elle MacPherson 46 anos
Demi Moore 46 anos

Sharon Stone 51 anos

ELAS SÃO UM ÓTI



JOHN SHARKEY/PURE IMAGE

**Carine
Roitfeld
54 anos**

pecialistas, umas conseguem e outras não? Para começar, retomando as verdades básicas, continua linda aos 50 quem já nasceu linda. “Um lifting pode refrescar o rosto, mas não transforma uma mulher feia em uma mulher linda. Ela ficará muito melhor, mas a beleza natural ajuda 200% no envelhecer bem”, constata, realista, o cirurgião plástico Ricardo Marujo, de São Paulo.

Também pesam outros fatores genéticos, que vão desde o tipo de pele até a ossatura facial. “Rostos mais quadrados, com o maxilar mais alto e a mandíbula mais larga, seguram melhor a pele”, explica o cirurgião plástico Carlos Fernando Gomes de Almeida. Ele cita como exemplo a atriz Susana Vieira, de incrivelmente bem conservados e muito bem esticados 67 anos. Ter as maçãs do rosto naturalmente altas, como as ex-modelos Sharon Stone e Elle MacPherson, é meio caminho andado para as intervenções estéticas sutis que caracterizam os bons cirurgiões plásticos. “O conceito anterior de esticar tudo foi amadurecendo e sendo substituído pela ideia de repor os tecidos onde eles estavam”, diz o cirurgião paulista Fabio Carramaschi. “Na hora de fazer uma plástica, a ideia não é esticar a pele flácida, mas sim reestruturar camadas profundas de gordura e músculos e dessa forma repor o volume da face. É como se o cirurgião levasse tudo o que caiu para o andar de baixo de volta para o andar de cima”, compara. É por causa da mão leve dos ases do bisturi que as belas mentem na cara, digamos, não dura, mas bem reestruturada. Demi Moore, com um conhecido histórico de aprimoramentos, incluindo a reformulação da linha da mandíbula, os seios e o pescocinho de adolescente, recentemente proclamou: “Nunca fiz plástica”. Carine Roitfeld, editora da *Vogue* francesa e ícone do mundo da moda, excepcionalmente conservada aos 54 anos, também diz que nunca,

jamais, fez coisa alguma. “Tenho sorte de manter o mesmo corpo que tinha aos 20 anos”, esnoba. “E, à medida que envelheço, vou descobrindo novos truques.” E quais seriam? Pilates todo dia, nunca franzir a testa e frequentes “massagens faciais”. Concordamos todas que está dentro da regra universal de não entregar o ouro.

Cada mulher, evidentemente, envelhece à sua maneira, mas de forma geral existe um protocolo seguido pelos cirurgiões responsáveis. Se uma paciente na faixa dos 45 anos pedir para entrar na faca, será confrontada com propostas alternativas. “Eu colocaria preenchimento no chamado bigode chinês e Botox no vinco entre as sobrancelhas, dois procedimentos que deixam o rosto natural e fazem uma grande diferença”, diz Carramaschi. “No máximo, faria a cirurgia de pálpebra, a blefaroplastia, que dá um ar descansado.” Aos 50, continua o médico, o preenchimento pode se estender à região das bochechas, para dar mais volume ao rosto. Também é nessa faixa que se pode considerar um primeiro lifting parcial, a cirurgia plástica feita para rejuvenescer o pescoço e remover a pele flácida na linha da mandíbula. “O lifting aos 50 não precisa ser total e dá ótimos resultados para a mulher que pensa 24 horas nas suas rugas”, diz Ricardo Marujo. Quem chega aos 55 sem mexer em nada precisa pensar grande: os cirurgiões recomendam af o lifting facial completo, em que o rosto todo é reposicionado, na linguagem elegante dos plásticos. “Se já tiver sido feito embaixo, é hora de mexer na parte superior”, recomenda Carramaschi.

Como a música que é feita de sons e silêncio, os médicos precisam se preocupar tanto com o que fazem quanto com o que deixam de fazer. O exagero estraga rostos naturalmente bonitos e acaba com os que nunca foram muito privilegiados. Veronica, a ex de Berlusconi, é considerada um catálogo ambulante de excessos. “Ela é o cúmulo da mal operada: encheu demais os lábios, fez os olhos, mas não re-

10 EXEMPLO...

...E ELAS, NEM TANTO ASSIM



O EXCESSO DO EXCESSO

Veronica, Donatella e Cristina: maquiagem demais, boca demais, pele lisa demais. Sem falar no cabelo

tirou direito as bolsas, pode até ter feito um lifting, mas já caiu tudo. O rosto está murcho e há preenchimento em excesso", analisa o cirurgião Farid Hakme, do Hospital da Plástica, no Rio de Janeiro. Mexer na boca e adjacências é um dos procedimentos em princípio mais fáceis — e, portanto, passível de absurdos. Muitas vezes, as pacientes querem contornos que não condizem com o resto das feições. Até a magnífica Elle MacPherson diz que inflou e se arrependeu. "Fiquei ridícula. Mas todo mundo estava fazendo", justifica. "Já atendi uma senhora de 73 anos que chegou com uma foto da Angelina Jolie e pediu lábios iguais", espanta-se Marujo. "Cirurgia plástica não é supermercado, em que se pede 1 quilo disso ou daquilo", diz Almeida. "O cirurgião tem de ter bom senso estético e saber o que fica bom ou não naquele rosto. Pode ter certeza: se não ficou bom, a culpa é do médico."

Ao bocão das exageradas se somam a maquiagem excessiva e o cabelo, loiro-branco ou, pior ainda, avermelhado. Ou, em duas palavras, Cristina Kirchner, a presidente da Argentina, 56 anos e mão pesadíssima, em todos os sentidos. "Os tons de vermelho são muito fortes e acabam denunciando a pele manchada e as rugas. Além disso, dão sombra ao rosto", diz Juha Antero, finlandês radicado em São Paulo, onde fez fama como especialista em sofisticadas tinturas de cabelo. "A mulher de 50 deve buscar uma cor suave, natural ou que, pelo menos, exista na natureza. O ideal é a cor de cabelo que ela tinha quando criança", recomenda.

Da mesma forma que existe excesso de bisturi, pode haver também de procedimentos temporários em rostos que já passaram da fase em que funcionam bem. "O que uma cirurgia plástica corrige não se resolve só com injeções. Quando o rosto está muito flácido, qualquer Botox, qualquer preenchimento fica muito aparente", diz Hakme. Outra recomendação dos

médicos é que quem faz plástica para rejuvenescer deve se concentrar nesse efeito, e não incluir no pacote outras correções. "Não é a hora certa de constatar problemas que sempre incomodaram. O que mais deforma uma pessoa é a correção exagerada", avisa Almeida. A pele esticada como tamborim também contribui para a aparência artificial, ainda mais quando contrastada com a de outras partes, não esticáveis, do corpo, como colo e mãos. "Na busca de um rosto natural, algumas ruguinhas são desejáveis. A pessoa de 50 anos tem de ter um mínimo de marcas", diz Hakme. O.k., mas bem mínimo, pois chegar aos 50 com corpinho, e o resto, de 30 é uma aspiração universal das mulheres que entram no que se chamava, num passado merceditamente remoto, de meia-idade. "Elas não querem ter uma aparência que não condiz com o modo como se veem", diz Aguinaldo Silva, autor da série *Cinqüentinha*, com estreia prevista para outubro. "São mulheres que se cuidam e não querem se aposentar da vida. Não têm a idade que têm." ■

VOCÊ QUER ENVELHECER

Quem pode e gosta de cuidar da aparência consegue cruzar os 60 muito bem — desde que respeite seus limites

SILVIA ROGAR

Cada vez mais precisa, sutil e natural, a cirurgia plástica anti-envelhecimento tornou-se recurso indispensável para quem vive da boa aparência ou simplesmente gosta de esconder a idade que tem e dispõe dos recursos para isso. Aliada a cremes e procedimentos estéticos cada vez mais sofisticados, a mulher que já passou dos 60 pode muito bem continuar bonita, viçosa e elegante — com certo empenho, claro, mas pode. O mais difícil mesmo, a essa altura da vida, é achar o perfeito equilíbrio entre, de um lado, não fazer nada e ficar velha — opção de Brigitte Bardot, a beladade francesa que hoje, aos 75 anos, expõe todas as rugas e manchas de quem não passou pelo bisturi — e, de outro, fazer tudo e virar outra pessoa — a triste escolha de Ursula Andress, beleza fulgurante que embasbou James Bond e que agora, aos 74 anos, causa espanto por motivos bem diversos. Encontrar um meio-termo, ou seja, recorrer às providências disponíveis sem mudar de expressão, é fato raro e louvável; palmas, portanto, para a inglesa Helen Mirren, que aos 64 anos muito bem vividos não mostra a idade que tem, nem pretende mostrar uma idade que há muito tempo não tem. “Da mesma forma que a maneira de se vestir fica mais discreta com a idade, as intervenções na face têm de ser mais sutis. Senão, podem ser tão perigosas quanto sair de minissaia ou barriga de fora aos 70 anos”, compara a chefe da equipe de cirurgia plástica da Clínica Ivo Pitanguy, Bárbara Machado.

O maior risco, para a mulher que acumula plástica em cima de plástica e procedimento atrás de procedimento, é aos poucos ir se concentrando nos detalhes, perdendo a visão do conjunto (veja o quadro na pág. 120). “Quando as maçãs estão murchas, ela só presta atenção naquela parte e exagera no vo-

lume. Ou, tipicamente, extrapola no tamanho dos lábios. Se o médico sugere alguma alteração, porque o conjunto fica grotesco, ela resiste”, diz o cirurgião plástico Volney Pitombo. Na opinião dos médicos, existe uma cota máxima para o estica e puxa ao longo da vida. Em nome de certa naturalidade, eles não recomendam mais do que três liftings, com intervalos de dez anos entre cada um. Quem começou aos 40 e repetiu a dose aos 50 terá, no máximo, uma única chance nas décadas seguintes. Nas pálpebras, alvo preferencial das fãs da plástica (“Só uma puxadinha de nada”), recomenda-se mexer com cautela. “Em casos extremos, quando se tira pele demais, a mulher dorme com os olhos praticamente abertos”, adverte Bárbara. Especialistas apresentados a fotos de Helen Mirren são unânimes em elogiar seu lifting (sim, ela evidentemente fez um, ou mais de um), que resultou num pescoço rejuvenescido e na linha da mandíbula bem definida — coisa que nem genética privilegiada, nem terapias com laser e cremes poderosos proporcionariam na idade que tem. “Apesar de ter um pouco de rugas na região dos olhos, as bolsas em torno deles foram muito bem retiradas. E o melhor: existe harmonia entre colo e face. Os dois estão com a pele num estado muito similar”, analisa o cirurgião Paulo Müller, do Rio de Janeiro. Além disso, Helen sabe realçar o que tem de melhor, valorizando com cores fortes os lábios — cheios na medida certa — e não usando tons escuros nos olhos, o que pode deixar a expressão mais pesada.

Outro aviso dos especialistas a quem já cruzou a linha dos 60: Botox e preenchimentos deixam de fazer milagres. A toxina botulínica tem efeitos limitados numa musculatura sujeita a décadas de estresse, e a injeção em excesso do produto resulta em uma aparência artificial, paralisada, sem ex-



...ASSIM



COMENDELE CHARBONNIERE/GETTY IMAGES
ENZO ANGILERI/STEF



**MAIS OU
MENOS LISO**
*Variações
sobre o bisturi:
Brigitte, que
nunca usou,
Ursula, que
usou demais, e
Helen, que fez
a coisa certa*

...ASSIM

...OU ASSIM?

Os exageros mais comuns

Concentrar esforços em um único ponto, esquecendo o resto do rosto, pode piorar a aparência

Boca

Exagero: inflar até tirar toda e qualquer ruguinha

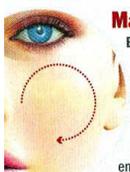
Resultado: lábios desproporcionais aos ossos da face, que já perderam projeção nessa idade



Maços do rosto

Exagero: volume demais, com preenchimentos e reposicionamento de gordura

Resultado: projeção malar que chama atenção num rosto que, em geral, perdeu gordura



Pálpebras

Exagero: retiradas sucessivas de pele

Resultado: os olhos ficam tão puxados que às vezes não se fecham ao dormir



Testa

Exagero: puxar demais em liftings e ainda aplicar Botox

Resultado: a linha capilar sobe, dando a impressão de perda de cabelo



pressão. Um rosto assim de Ursula Andress, com sua testa lisa como a de um bebê e ainda por cima gigantesca, sinal da tração de plásticas consecutivas, e seus lábios na medida de Angelina Jolie — nada que lembre a primeira e inimitável Bond Girl saindo do mar, de biquíni, em *007 Contra o Satânico Dr. No*. “O preenchimento a que Ursula se submeteu é incompatível com sua faixa etária, principalmente porque ela tem

papada e um contorno feio da mandíbula”, diz Paulo Müller. Bárbara acrescenta: “Uma testa como essa deveria passar por um implante de cabelos. Tiraria um pouco do estigma das plásticas”. Em faixa semelhante de idade, Raquel Welch, 70 anos em setembro, também se reformulou ao longo dos anos, mas com muito mais critério e atenção às proporções. Jura de pezinhos juntos que nunca fez plástica. “Cirurgia não funciona. Indispensável é um programa de exercícios. Faço ginástica todo dia”, informa aos descrentes. Rosto lisinho, pele sedosa, cabelo bem cuidado, dentes revestidos de porcelana, ela parece uma mocinha, e se mostra muito satisfeita com essa improvável condição. “Raquel se comporta como a maioria das mulheres que está satisfeita com o próprio vi-

sual: eleva o queixo e o nariz e tem uma postura mais atrevida. Postura, aliás, é fundamental. As que não toleram o envelhecimento adotam uma atitude mais acanhada e evitam muitas expressões faciais”, aponta Paulo Müller. Solenemente indiferente a toda essa movimentação, Brigitte Bardot, bem resolvida e irreconhecível ativista na defesa dos animais, mostra a idade a quem quiser ver. Ainda bem, porque, se um dia acordasse mais preocupada com as rugas do que com a pele de raposas e chinchilas, o bisturi não conseguiria fazer muito. “O resultado nunca seria tão bom quanto o de uma plástica feita aos 50 anos. Na idade dela, não é possível remover tanta flacidez, e certas características não podem mais ser recuperadas”, diz a cirurgiã Bárbara. ■



BARBIE AOS 69 Raquel: postura de quem gosta do que vê no espelho

CHRIS FIZZELL/AP

UM BRINDE À VIDA LONGA

INSTITUTO VITIVINO

Abstêmios morrem antes

Por duas décadas, pesquisadores americanos acompanharam 1.800 pessoas com idade entre 55 e 65 anos para investigar a relação entre o consumo de álcool e a expectativa de vida.

O resultado é surpreendente: a taxa de mortalidade se mostrou maior entre os abstêmios.

Taxa de mortalidade

Abstêmios
(não consomem
álcool)

69%

As medidas do álcool

14

gramas de álcool
correspondem a...



1 TAÇA DE VINHO

O mais longo estudo já feito sobre o consumo de álcool produz a estatística de que os bebedores vivem mais do que os abstêmios. Isso não é sinal verde da medicina para encher a cara. É um enigma que vai merecer ainda muita pesquisa

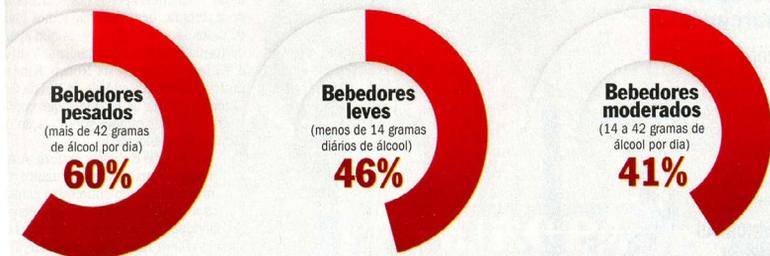
CAROLINA ROMANINI

Um ponto ainda sem consenso na literatura médica é a persistência de pesquisas cuja conclusão é que o álcool ajuda a prolongar a vida. Como isso pode ser verdade, se os efeitos devastadores do álcool no organismo humano são cientificamente comprovados? Essa controvérsia acaba de alcançar um novo patamar com a publicação do mais longo estudo já realizado sobre o assunto. Sua conclusão: a expectativa de vida dos abstêmios, aqueles que não põem uma gota de álcool na boca, é menor até que a dos bêbados contumazes. Já quem não se priva de um copo de vinho no almoço ou de um uísque no fim da tarde — ou seja, bebe com moderação — vive por mais tempo. E, talvez se deva acrescentar, com maior prazer.

A pesquisa, que durante duas décadas acompanhou um grupo selecionado de americanos, não é excepcional apenas pe-

la duração, mais longa que a de qualquer estudo anterior. Os resultados são reforçados pela metodologia adotada pelos seis pesquisadores das universidades do Texas e Stanford responsáveis pelo trabalho. Eles procuraram eliminar todas as variantes imagináveis que poderiam explicar os óbitos. Disse a VIEJA o psiquiatra Rudolf Moos, da Universidade Stanford, coautor da pesquisa: "Em outros grupos estudados, não ficava claro se os participantes tinham sua expectativa de vida reduzida pela bebida. Havia indícios de que as causas de morte eram doenças crônicas, como diabetes e pressão alta, e questões psicológicas, como divórcio e dificuldades financeiras. Ao excluirmos esses fatores para chegar a um resultado, conseguimos comprovar que o álcool interfere diretamente na longevidade".

O grupo estudado reuniu 1 824 homens e mulheres com idade inicial entre 55 e 65 anos. A taxa de mortalidade durante esses vinte anos de acompanhamento mostra, de forma difícil de contestar, que, de fato,



 OU 
DE CERVEJA 1/2 DOSE DE UÍSQUE

42
gramas de álcool correspondem a...


4 TAÇAS DE VINHO

 OU 
2,5 LATAS DE CERVEJA 2 DOSES DE UÍSQUE

Os malefícios do excesso de álcool...

CÉREBRO

Estudos com bebedores abusivos mostram atrofia em várias áreas e redução no fluxo sanguíneo para o cérebro, o que contribui para a demência. A degeneração do cerebelo provoca tremores, perda da coordenação motora e de memória. Os efeitos tóxicos do álcool podem afetar as funções cognitivas

ESTÔMAGO

O álcool irrita a mucosa, provocando o aumento da secreção de suco gástrico. Com o tempo, formam-se feridas, que, inflamadas, causam gastrite

FÍGADO

O esforço para metabolizar o álcool sobrecarrega o fígado. A decomposição dos ácidos graxos se torna mais vagarosa e propicia o acúmulo de gordura no órgão. Essa é uma das principais causas da inflamação do fígado, condição que desencadeia a cirrose

...e os benefícios de beber com parcimônia

CORAÇÃO

O álcool aumenta o nível de colesterol bom e previne a formação de placas de gordura, que podem obstruir as artérias

PÂNCREAS

Pesquisas sugerem que o álcool melhora a ação da insulina, substância responsável pela metabolização do açúcar

quando excluídos fatores externos e consumido com parcimônia, o álcool é benéfico à saúde e aumenta a expectativa de vida. De cada grupo de 100 abstêmios, morreram 69. De cada grupo de bebedores, foram sessenta. Entre os bebedores moderados, o número de mortos foi expressivamente mais baixo: apenas 41. Um bebedor moderado, na definição dos pesquisadores, é quem consome de 14 a 42 gramas diárias de bebidas alcoólicas. Essa é a quantidade encontrada em uma a quatro taças de vinho, uma ou duas latas e meia de cerveja ou uma a duas doses de destilados. "O ingrediente em comum entre todas as bebidas alcoólicas, com exceção do vinho, é o álcool", diz Moos. "Logo, quando excluímos a possibilidade de morte causada por fatores externos, sabemos que o consumo correto de álcool é o motivo pelo qual os bebedores moderados vivem mais."

Os efeitos do álcool no organismo são bem conhecidos no que diz respeito aos estragos causados pelo excesso. Mas ninguém sabe exatamente como o consumo moderado ajuda a prolongar a vida. Os especialistas sabem que o álcool tem a capacidade de proteger o coração de uma série de doenças. Ele é capaz de afinar o sangue e de romper placas de gordura já formadas, que podem obstruir a passagem pelas artérias. "Sabemos apenas que o álcool na dose certa faz bem, mas não temos ideia de quais são os componentes que agem de forma benéfica no organismo", disse a VEJA o cardiologista Robert Kloner, professor da Universidade do Sul da Califórnia e autor de uma tese que copia os principais estudos sobre a ação do álcool no coração.

O vinho é a única certeza. A estrela de sua boa performance no organismo é um antibiótico natural chamado resveratrol, produzido pela videira para proteger os cachos de uva contra fungos e a umidade. Em experiências com a molécula de resveratrol isolada, os efeitos benéficos vão ainda mais longe. Ele inibe o desenvolvimento de tumores, protege os neurônios, é um forte antioxidante, ajuda a combater vírus e é um potente anti-inflamatório. Um estudo mostrou que o

Longevidade

O efeito não é o mesmo para todos

Vários fatores influenciam na maneira como o álcool é absorvido e processado no organismo



Gênero

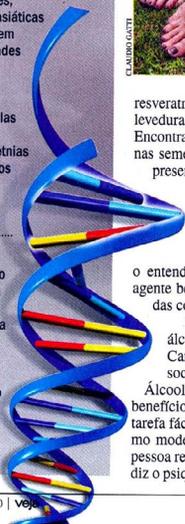
Devido a um índice mais alto de gordura corporal, o volume de sangue na mulher é menor. Isso faz com que o álcool seja absorvido com mais rapidez e de forma mais concentrada. As doenças decorrentes do alcoolismo matam duas mulheres para cada homem

Etnia

Algumas populações, especialmente as asiáticas e indígenas, possuem pequenas quantidades da enzima álcool desidrogenase, responsável pela quebra das moléculas de álcool. Por isso, indivíduos dessas etnias podem ficar bêbados com quantidade relativamente pequena de álcool

Genética

O histórico de abuso de álcool na família aumenta em quatro vezes o risco de uma pessoa se tornar dependente. Os cientistas estimam que a predisposição genética para o alcoolismo seja de **50% a 60%**



CLAUDE/GETTY

HÁBITO SAUDÁVEL

A carioca Carla Godinho começou a beber vinho há onze anos, quando se casou com um francês. Hoje, ela toma uma taça todos os dias depois do jantar. "É o momento de relaxar", diz

resveratrol aumentou a longevidade de leveduras, vermes e moscas em 70%. Encontrado principalmente na casca e nas sementes da uva, o resveratrol está presente em maior quantidade nos vinhos tintos e quase não aparece nos brancos e espumantes, feitos apenas com a polpa da fruta. De certa forma, isso complica ainda mais o entendimento, visto que o principal agente benéfico do vinho não é, no fim das contas, o álcool.

"É perturbador pensar que o álcool faz bem", diz o psiquiatra Carlos Salgado, presidente da Associação Brasileira de Estudos do Alcool e Outras Drogas. Distinguir benefícios e malefícios do álcool não é tarefa fácil. A linha que separa o consumo moderado do vício é tênue. "Cada pessoa reage à bebida de uma maneira", diz o psiquiatra Ronaldo Laranjeiras, da

Universidade Federal de São Paulo. "O gênero, a genética, a idade, além de outras variáveis biológicas, interferem na forma como o álcool é metabolizado pelo organismo", explica. Nas mulheres, os efeitos são potencializados. Por uma determinação genética, o organismo feminino secreta menos enzimas capazes de metabolizar o álcool do que o masculino. Isso faz com que ele seja absorvido com mais rapidez e de forma mais concentrada. Devido à menor quantidade de água na composição corporal, os mais velhos também são mais suscetíveis à bebida. A situação agrava-se quando há histórico de abuso de álcool na família. Os cientistas acreditam

SOBRE A AUTORA



Maria Lima de Santana é professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Piauí. Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (2012). Licenciada em Letras pela UFPI (1999). Especialista em Língua Portuguesa UFPI (2000). É membro do Núcleo de Estudos Africanos e Indígenas do Instituto Federal do Piauí e membro do Núcleo de Estudos Hispânicos da Universidade Estadual do Piauí-NUEHIS. Autora do artigo “Um olhar sobre a construção da imagem do idoso em textos publicitários”, que integra o livro “Articulações e (re)apresentações linguísticas: uma reflexão sobre língua e discurso em processo”, EDUFPI, 2017.



Esta obra procura identificar como as noções de envelhecimento e as imagens de idosos são propostas pelas revistas *Veja* e *Época*, mostrando como as abordagens sobre o envelhecer contribuem, num contexto socio-cultural, para a construção de identidades na sociedade contemporânea. Partimos da hipótese de que os meios de comunicação, enquanto aparelhos ideológicos, são responsáveis pelos imaginários sociodiscursivos acerca do envelhecimento, ressignificando as formas de dizer. Recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discursos a fim de confirmarmos que a linguagem funciona como uma arena na qual ocorre a produção, circulação e disputa de sentidos, podendo culminar em mudanças de comportamento.